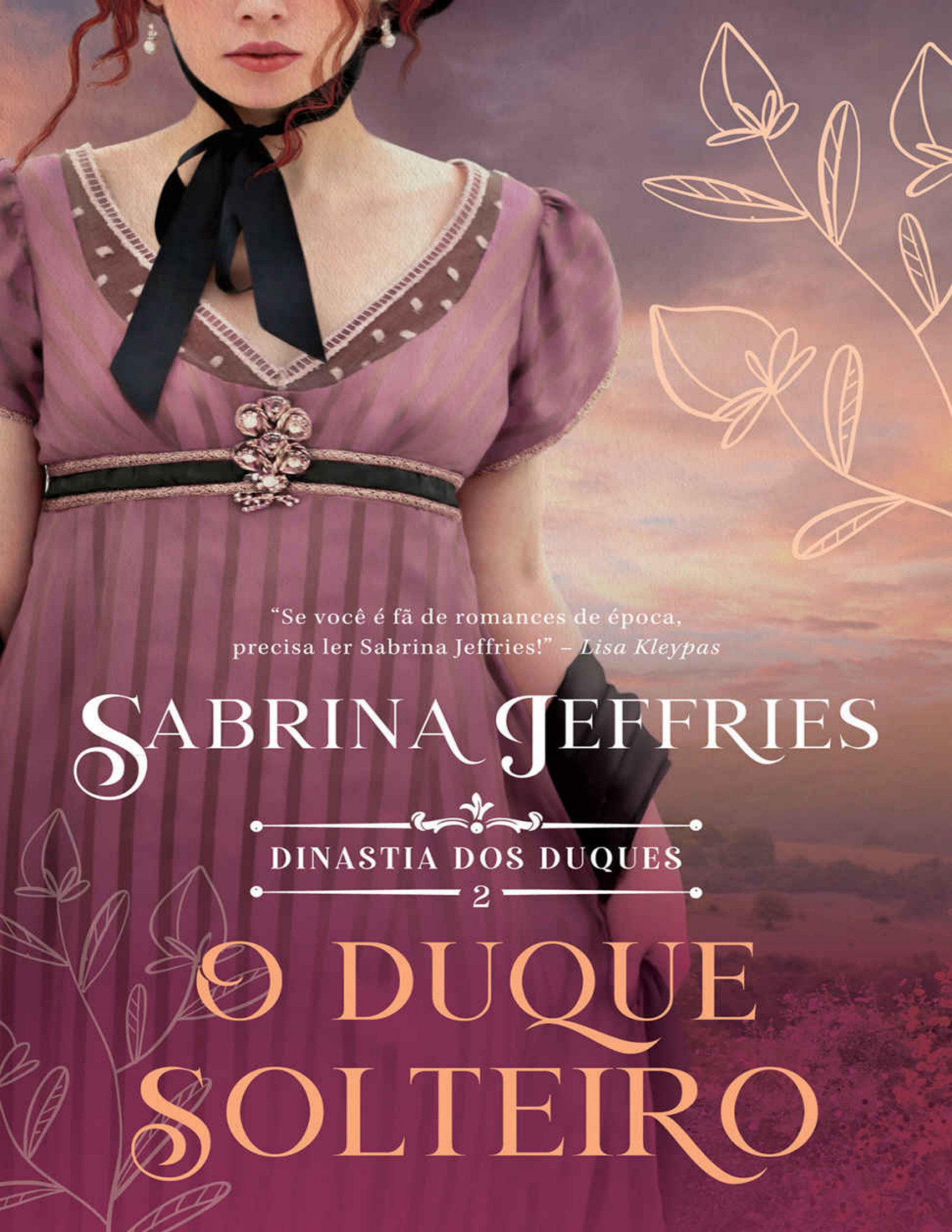


"Se você é fã de romances de época, precisa ler Sabrina Jeffries!" – *Lisa Kleypas*

SABRINA JEFFRIES

DINASTIA DOS DUQUES

2

O DUQUE SOLTEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.



O DUQUE SOLTEIRO



O Arqueiro

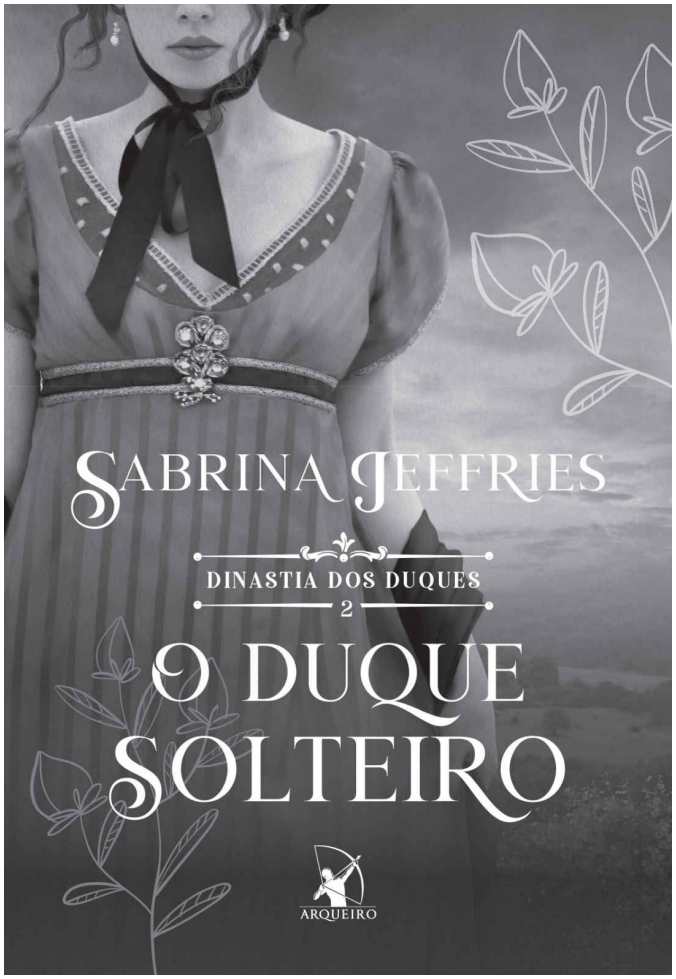
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


SABRINA JEFFRIES
DINASTIA DOS DUQUES
2
O DUQUE SOLTEIRO
ARQUEIRO

Título original: *e Bachelor* Copyright © 2020 por Sabrina Jeffries, LLC.

Copyright da tradução © 2021 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado em acordo com a Bookcase Literary Agency e Kensington Publishing.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Os direitos morais da autora estão assegurados.

tradução: Michele Gerhardt MacCulloch *preparo de originais:* Marina Góes *revisão:* Camila Figueiredo e Tereza da Rocha *diagramação:* Abreu's System *capa:* Miriam Lerner | Equatorium Design *imagem de capa:* © Ilina Simeonova / Trevillion Images *adaptação para e-book:* Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J49p

Jeffries, Sabrina, 1958—
O duque solteiro [recurso eletrônico] / Sabrina Jeffries; [tradução de Michele Gerhardt MacCulloch]. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2021.
recurso digital (Dinastia dos duques; 2) Tradução de: e bachelor Sequência de: Projeto duquesa
Continua com: Quem quer casar com um duque?
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5565-171-3 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. MacCulloch, Michele Gerhardt. II. Título. III. Série.

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

21-71010

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia 04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Starbucks,
Sem o qual esta história nunca teria sido contada

SUMÁRIO

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

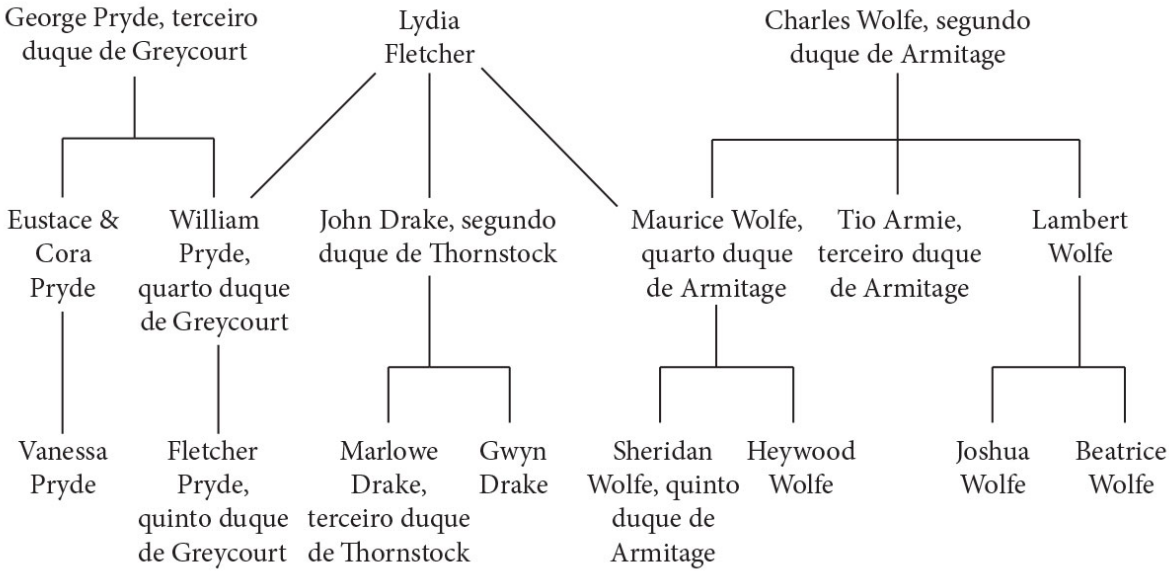
Capítulo vinte e quatro

Epílogo

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro

Maridos e filhos de Lydia



Diário da Sociedade Londrina GÊMEOS DA DUQUESA DE ARMITAGE SURPREENDEM LONDRES

Mais uma vez, queridos leitores, descobri uma novidade para deleitá-los. Todos imaginavam que a duquesa de Armitage fosse esperar o ano de luto chegar ao fim para então apresentar sua filha, lady Gwyn Drake, à sociedade, mas a duquesa viúva, mais uma vez, demonstrou uma chocante falta de respeito com as regras da sociedade. A jovem será apresentada à corte *nesta temporada*. As línguas vão tagarelar e sem dúvida a jovem dama dará muito assunto para isso, porque é impossível não esperar que lady Gwyn se mostre encantadora. Pelo menos sua mãe é sábia o suficiente para seguir *algumas* das regras de decoro para viúvas que perderam o marido há apenas *seis* meses. Ouvi dizer que ela não acompanhará a filha aos eventos sociais. Em vez da mãe, lady Gwyn terá a companhia de uma amiga íntima da duquesa, lady Hornsby, dama de imaculada virtude.

Decerto a idade avançada de lady Gwyn – 30 anos – é o que motiva a pressa de sua mãe em colocá-la no mercado casamenteiro como se fosse o prêmio de uma corrida de cavalos puro-sangue de Derby, mas dizem que a jovem é infinitamente mais atraente. Quem vos escreve também ouviu falar que é tão bem-humorada quanto seu irmão gêmeo, o duque de ornstock. Quando souberem o prêmio que os espera, poucos cavalheiros reclamarão de sua idade.

Para animar ainda mais as coisas, o meio-irmão de lady Gwyn, o duque de Greycourt, também apresentará sua nova *esposa* durante a temporada. Todos especulam

que tipo de mulher escolheria se casar com um homem tão arrogante. Também espera-se a presença do despreocupado irmão gêmeo de lady Gwyn. Os salões de baile de Londres estarão fervilhando de familiares da duquesa, que incluem *dois* duques elegíveis, se contarmos com o mais novo duque de Armitage, Sheridan Wolfe. As jovens damas ficarão em polvorosa para conquistar um deles. Será uma temporada *muito* interessante.

CAPÍTULO UM

Abril de 1809
Armitage Hall, Lincolnshire

Lady Gwyn Drake andava de um lado para o outro na ponte, como uma tigresa enjaulada. Quando a pessoa que está nos chantageando se atrasa, o que isso significa? Certamente não era um bom presságio para as negociações que ela esperava iniciar.

Talvez estivesse no lugar errado.

Gwyn tirou o bilhete do bolso e o releu:

Lady Gwyn,

Se quiser garantir meu silêncio, amanhã às quatro da tarde me entregue 50 guinéus na ponte que cruza o rio da propriedade Armitage. Caso contrário, me sentirei livre para contar segredos sobre nós dois que irão arruinar sua reputação. A senhorita sabe que sou capaz.

Capitão L. Malet

Não estava no lugar errado, então. Aquela ponte era a única na propriedade que passava por cima de um rio. Será que ele não percebera que a casa ocupada pelo belo guarda-caça de Armitage, o major Joshua Wolfe, ficava bem perto dali? Ou será que simplesmente não se importava?

Gwyn fez cara feia. Da última vez que vira "L." Malet, dez anos antes, ele era só um aspirante do exército e ela tinha apenas 20 anos. Se ele esperava encontrar a mesma garota tola e impressionável, teria uma surpresa.

Após amassar o bilhete, ela o jogou no rio. Então enfiou a mão em seu regalo para tocar a pistola que pegara no armário do irmão gêmeo, orn, o duque de ornstock. Embora não estivesse carregada – ela não fazia a menor ideia de como disparar uma arma, muito menos carregar uma –, era reconfortante sentir o cabo de marfim esculpido. Seria o suficiente para impressionar e refrear um covarde como Lionel Malet.

Escutou rodas estalando sobre o cascalho a tempo de vê-lo descer da carruagem. Para ter um veículo como aquele, Lionel provavelmente contraíra muitas dívidas, mas ninguém diria isso ao vê-lo andar sem a menor preocupação na direção da ponte.

Difícil acreditar que ela arriscara tudo, anos antes, por aquele par de olhos azuis, aquele sorriso presunçoso e aqueles cachos negros. Mesmo usando um mero uniforme de aspirante, Lionel era incrivelmente atraente para uma jovem cercada pelos amigos mais velhos do padrasto e pelo irmão e os meios-irmãos implicantes.

Mas agora, vestido de forma ainda mais impressionante com seu traje de cavalheiro, Lionel não tinha mais poder sobre ela. Como Gwyn não vira a verdade naquela época? Que ele era um homem sedutor e esperto, o tipo que entra sem permissão na vida de uma mulher inocente para envenená-la e estragar seu futuro com apenas um golpe? Se ao menos ela tivesse percebido isso...

Não importava mais. Gwyn enfim reconhecia o verdadeiro caráter dele. Tanto que, enquanto ele se aproximava, exalando total autoconfiança, ela sacou a pistola de orn e apontou para ele.

– Não chegue mais perto, milorde.

Ele riu da ameaça.

– Está pensando em atirar em mim?

– Se for preciso...

– Não será – disse ele, balançando a cabeça de forma despreocupada. – Só precisa pagar o meu preço. Cinquenta guinéus é uma quantia razoável para o meu silêncio, não acha?

As mãos dela estavam trêmulas. Torcia para que ele não pudesse ver.

– Fiquei surpresa por pedir tão pouco, considerando o que conseguiria

se casasse comigo.

– Ainda está interessada?

Como Gwyn apenas o fitou com raiva, Lionel deu de ombros e acrescentou:

– Imaginei. Uma pena. O casamento seria adequado para nós dois.

– Tenho certeza de que ajudaria nas suas finanças, mas não vejo de que forma poderia me beneficiar – disse ela, com frieza.

Lionel olhou para ela de cima a baixo.

– A senhorita não é mais tão jovem. Em breve será considerada uma solteirona e não conseguirá marido algum.

– Bom, para mim isso está perfeito.

Por mais estranho que pudesse parecer, essa era a verdade.

– Temo que o senhor tenha me levado a perder a fé nos homens – acrescentou Gwyn, e isso também era verdade (ao menos em parte). – Não sou mais uma menina ingênua que vai voltar a cair nas suas armadilhas.

– Então por que precisa de um revólver?

– Meu irmão ficou com medo que tentasse me sequestrar, assim como fez com Kitty Nickman no Natal, aqui mesmo nesta propriedade.

A menção ao plano fracassado pareceu deixá-lo nervoso.

– Pensei nisso. Mas conheço ornstock. Se eu a sequestrasse, ele deserdaria você e nós dois ficaríamos pobres. Ele fez essa ameaça anos atrás.

A lembrança dessa traição pesou em seu peito e Gwyn ficou furiosa ao perceber que isso ainda tinha o poder de feri-la.

– Ele estava tentando me proteger, como qualquer bom irmão faria.

Ainda doía o irmão gêmeo ter sido capaz de ler tão bem o caráter de Lionel, ao contrário dela.

– Bem, a julgar pela sua tentativa de me chantagear, ele teve razão em fazer isso.

– Não foi uma tentativa – disse Lionel, dando um passo à frente. – Meu objetivo é sair daqui com o meu dinheiro.

Ela apontou a pistola para ele.

– Não tenho essa quantia.

Ele cruzou os braços.

– Então serei obrigado a contar ao mundo sobre nós, começando pelo seu irmão.

Gwyn foi tomada pelo medo ao pensar em orn, ou qualquer outra pessoa, descobrindo a verdade.

– Prometo conseguir a quantia assim que partir com a minha família para a temporada em Londres, em poucos dias. Você certamente pode esperar.

– E por que eu faria isso?

– Porque se eu pedir 50 guinéus para orn em Londres, ele não vai se importar, considerando a facilidade com que eu poderia gastar essa soma em uma joia ou em roupas. Mas aqui no campo, onde não tenho com o que gastar, o pedido vai parecer suspeito e ele vai pedir explicações. Não existe nenhuma mentira plausível que eu possa contar a ele. E se eu disser a verdade, orn vai querer matá-lo.

Lionel riu.

– Isso quer dizer que você não contou ao seu irmão idiota o que nós fizemos?

– É claro que não. E sei que você também não. Não estaria aqui, tentando me chantagear, se tivesse contado. orn teria matado você anos atrás.

– Verdade.

A animação desapareceu daquele rosto de beleza cruel, deixando apenas o brilho frio nos olhos. Aquele era o Lionel Malet que ela conhecia e odiava.

– Felizmente, agora estou mais preparado para enfrentar seu irmão. Não foi à toa que treinei como soldado. E, sem dúvida, ornstock deve ter ficado mais manso com a idade.

– Bem, estou vendo que não teve contato com ele recentemente.

– Seja como for – disse Lionel, ignorando o comentário dela –, eu não tenho a menor intenção de esperar pelo meu dinheiro. Se não pode me pagar agora, terei que pegar alguma outra coisa como compensação.

Ele avançou pela ponte na direção dela, e, embora Gwyn tenha se movido com rapidez, ele a alcançou antes que ela conseguisse ir longe. Só

quando lhe arrancou a pistola da mão foi que Gwyn percebeu que ele não estava atrás dela, e sim da arma.

– Você não vai ficar com isso! – gritou, o coração afundando no peito. – Esse revólver é do orn! Não posso dar uma coisa que não é minha!

A arma, parte de um par, era a mais recente aquisição do irmão, que estava muito afeiçoado ao objeto. orn nunca a perdoaria por tê-la roubado.

– Não me importo.

Lionel examinou a pistola, então bufou quando percebeu que não estava carregada.

– Isso vai me render alguma quantia em Londres enquanto espero o restante – disse ele, enfiando a pistola no bolso do sobretudo. – Ah, o preço do meu silêncio acabou de subir. Agora são 100 guinéus.

Quando ele se virou para ir embora, ela o agarrou pelo braço, tentando evitar que fugisse com a arma de orn.

– Eu vou conseguir o seu maldito dinheiro, mas você não pode ficar com a pistola!

Ela quase havia tirado a arma do bolso dele quando ele a segurou pelo braço e a sacudiu.

– Eu vou pegar o que quiser de você, pode ter certeza. Então, lady Gwyn, se quiser que eu guarde seus segredos...

Um tiro soou sobre a cabeça dos dois. Assustados, ela e Lionel olharam na direção do estrondo, no topo da colina onde ficava a casa de contradote.

O inquilino, o major Wolfe, fez alguma coisa com o cano da própria arma, então mirou no peito de Lionel. Honestamente, ela nunca ficara tão feliz em ver o taciturno ex-soldado.

– Afaste-se da dama! – gritou o major Wolfe.

Ele descia a colina em direção à ponte, de alguma forma mantendo a arma apontada para Lionel à medida que caminhava pela superfície irregular da margem do rio com sua bengala.

Lionel desdenhou dele.

– Senão o quê? Certamente um mero guarda-caça não ousaria atirar no filho de um visconde.

Gwyn franziu a testa.

– Como você sabe que ele é um guarda... Ah, certo.

Ela havia esquecido que o major Wolfe ajudara a impedir o sequestro orquestrado por Lionel no Natal. Não que isso fizesse diferença.

– O major é neto do duque e excelente atirador. Ele não apenas ousaria atirar em você como não erraria.

O olhar do major Wolfe se desviou para ela. Ele pareceu surpreso com o comentário, embora ela não soubesse por quê. Gwyn flertara com ele o suficiente para deixar claro o que pensava a seu respeito, mas parou depois de receber algumas respostas rudes. Nenhum homem a faria de boba. Ela dera essa chance a Lionel e a situação havia terminado de forma desastrosa.

O major continuava mirando em Lionel.

– O senhor está nas minhas terras, tentando agredir um membro da família para a qual eu trabalho. Então é melhor soltar a dama, senão eu juro que vai se arrepender. Nenhum juiz do condado me condenaria por atirar em um homem armado dentro da minha propriedade.

– Não estou armado – mentiu Lionel.

Quando o major Wolfe apontou para o bolso do casaco, onde ainda era possível ver o cabo de marfim da pistola de orn, o sujeito ficou pálido.

– Não está carregada – afirmou ele, embora tenha tido o bom senso de soltar Gwyn.

– Sem mencionar que a arma não é sua – disse Gwyn, e então olhou para o major Wolfe. – É do meu irmão, major. O capitão Malet a tomou de mim.

Wolfe levantou uma sobrancelha escura para ela.

– E o que a senhorita pretendia fazer com uma pistola descarregada?

– Não importa. Estou apenas dizendo que a quero de volta.

Wolfe fez um gesto com sua arma.

– O senhor escutou a dama. Devolva a arma a ela.

Lionel estreitou os olhos e o coração de Gwyn quase parou. E se ele decidisse revelar o segredo dela para o major? Era exatamente o tipo de coisa que ele faria para se vingar. E Gwyn ficaria mortificada, o que era bastante significativo, já que poucas coisas a deixavam mortificada atualmente.

Ela se aproximou ainda mais de Lionel.

– Me devolva – disse, baixando a voz para um sussurro. – Eu prometo que terá seu dinheiro assim que eu chegar a Londres. Mas se disser a ele uma só palavra sobre o nosso passado, não verá dinheiro algum.

Lionel olhou da arma do major Wolfe para o rosto sombrio de Gwyn.

– Eu vou fazer com que cumpra a sua promessa – murmurou.

Lionel devolveu a pistola de orn e saiu da ponte, se dirigindo para sua carruagem. Wolfe, que observara a conversa deles com atenção, felizmente não perguntou sobre o que falaram. Gwyn tinha quase certeza de que ele não conseguira ouvi-los acima do som do rio que passava abaixo, mas tremia só de pensar que escapara por pouco.

E continuaria tremendo enquanto Lionel estivesse por perto.

– Eu queria que você tivesse matado aquele homem – murmurou ela enquanto o major Wolfe se aproximava, de olho em Lionel, que se afastava.

Quando Lionel subiu na carruagem e foi embora, Wolfe relaxou. Então enfiou a pistola grande e estranha no espaçoso bolso do sobretudo surrado que ela sempre o via usar enquanto estava trabalhando pela propriedade.

– Vou acompanhar a senhorita de volta à casa principal.

Quando ela abriu a boca para protestar, ele acrescentou:

– Para o caso de Malet estar escondido pelas redondezas, esperando para se aproveitar da senhorita de novo.

Ah. Fazia sentido.

– Obrigada por vir em meu socorro.

Ele assentiu, taciturno como sempre, e fez um gesto para ela passar na frente. Os dois cruzaram a ponte e subiram a colina, permanecendo em silêncio enquanto Gwyn lançava olhares furtivos para ele a cada poucos passos. Deus do céu, como aquele homem era bonito. Uma beleza fora de moda, com o cabelo preto preso por um simples cordão de couro, mas bonito de toda forma.

Alguns poderiam dizer que o maxilar era saliente demais e os lábios eram muito finos para ele ser considerado atraente, e talvez isso fosse verdade. Gwyn, no entanto, achava a combinação surpreendente. Mas eram os olhos cor de avelã que o distinguiam de qualquer outro homem que ela

conhecia, até mesmo Heywood, que também tinha olhos castanhos. Os do major eram como melado, um tom de dourado tão raro que ela poderia ficar olhando para eles o dia todo.

Não que tivesse muitas chances. Quando Beatrice, irmã do major, morava na propriedade, Gwyn o via com mais frequência. Mas depois que Bea se casou, o major parecia determinado a não se relacionar com ninguém que morasse em Armitage Hall.

Isso não impedia que as empregadas falassem dele: como ele era, o que dizia, o que fazia. Uma até afirmara que se casaria com ele sem nem pensar duas vezes, fosse ele manco ou não. Mas Wolfe parecia não fazer ideia do seu poder de atração sobre o sexo feminino, caso contrário já teria escolhido uma esposa. Segundo a irmã, ele já tinha 31 anos.

– O que Malet queria? – perguntou o major finalmente.

Ela ficou feliz por ter uma explicação plausível na ponta da língua.

– Queria me obrigar a ir com ele. Por isso apontei a arma.

O major Wolfe escrutinou o rosto dela.

– Desde quando a senhorita carrega um revólver em Armitage?

– Desde que Malet disse a Heywood que tinha a intenção de me sequestrar como vingança por algo que Heywood e um amigo dele fizeram enquanto estavam fora do país – respondeu ela.

– Malet fez essa ameaça quatro meses atrás – destacou o major Wolfe. – É estranho que tenha esperado até agora para agir.

– Talvez ele estivesse esperando que baixássemos a guarda – sugeriu ela. – Ou talvez tenha tentado cortejar alguma herdeira que não sabia de suas intenções malignas e, uma vez que esta não se mostrou tão disposta, ele tenha decidido retomar o plano.

– E a senhorita estava andando pela propriedade com a arma descarregada do seu irmão por acaso quando Malet apareceu querendo sequestrá-la.

Ela sabia perfeitamente que o major Wolfe não era ingênuo o suficiente para acreditar *naquilo*. Então teve uma ideia.

– orn ouviu dizer que ele estava rondando por Sanforth, então me avisou que ficasse de olho.

– Seu irmão está em Armitage Hall?

– Está, sim, foi ele quem me deu a arma, para me proteger.

– Uma pistola valiosa e descarregada que ele não lhe ensinou a carregar nem a usar? Isso parece negligência, e nunca achei seu irmão negligente.

– O senhor ficaria surpreso – resmungou ela.

Maldito major Wolfe e sua mente militar. Isso não estava indo bem.

– Ainda por cima, parecia que a senhorita e Malet se conheciam bem, ou pelo menos o suficiente para trocar confidências.

– Hã?! Não seja tolo! O que quer que o senhor tenha visto não é o que está pensando.

– Bem, se a senhorita está dizendo...

Wolfe se movia pela trilha do bosque com uma agilidade surpreendente, considerando sua perna ferida.

– De qualquer forma, por que seu irmão está aqui? Ele não tem a própria propriedade para administrar?

– Tem, mas decidiu nos acompanhar, a mim e nossa mãe, na temporada em Londres. Serei apresentada à corte e farei meu debute.

– Estou ciente – disse ele, parecendo tenso.

Mas o que diabo esse comentário significava?

Bem, talvez ele estivesse pensando em Bea e no fato de que ela também seria apresentada, só que como a esposa de Grey, a duquesa de Greycourt.

– Felizmente – continuou ele –, o incidente de hoje vai mostrar ao seu irmão a importância de manter a senhorita e seus pretendentes em Londres sob vigilância.

A afirmação era tão tipicamente masculina e arrogante que Gwyn estava prestes a dar-lhe um sermão para ele deixar de ser presunçoso, até que percebeu o que as palavras dele implicavam.

– O senhor não está pensando em contar a orn sobre o ocorrido.

Wolfe levantou uma sobrancelha.

– É claro que estou. Ele precisa saber, para que possa se organizar para acompanhá-la a todos os lugares.

Ela parou diante dele para bloquear seu caminho.

– Você não pode fazer isso! Não quero orn se intrometendo nos meus

assuntos pessoais. Já foi o suficiente crescer com ele em Berlim.

Na penumbra do bosque, os olhos do major pareciam tão escuros e tão duros quanto um tronco de carvalho.

– A senhorita não pode esperar que eu fique em silêncio sobre esse assunto.

– Por que não? Não é da sua conta. Sou uma mulher adulta. Posso lidar com tipos como o Sr. Malet quando estiver em Londres. Lá eu nunca fico desacompanhada.

– *Nunca?* Nem mesmo na propriedade da família na cidade? Ou ao sair para uma varanda para pegar um ar fresco durante um baile? Ou...

– Eu vou tomar cuidado em todos os lugares, posso garantir. De qualquer forma, não haverá nenhuma oportunidade para ele me sequestrar sem chamar atenção.

E haveria muito menos se o major contasse a orn sobre Lionel e seu irmão decidisse seguir seus passos para todos os lados. Então ela nunca conseguiria se encontrar com Lionel sozinha para entregar o dinheiro.

E ela também não podia contar a orn sobre a chantagem. Ele mataria Lionel na mesma hora e acabaria na cadeia, ou desafiaria Lionel para um duelo e acabaria na cadeia. Não, orn nunca poderia saber o que o capitão estava planejando.

– Por favor, major Wolfe, não conte ao meu irmão...

– O seu irmão talvez faça todas as suas vontades, lady Gwyn, mas eu não. Ou a senhorita conta a ele na minha presença ou eu mesmo conto. Mas, de um jeito ou de outro, ele vai ficar sabendo sobre Malet. Ponto final.

Deus do céu, o homem parecia um cachorro agarrado a um osso. E agora, graças a ele, a possibilidade de pagar Lionel e colocar fim naquela loucura tinha se tornado muito menor.

CAPÍTULO DOIS

Joshua não podia acreditar que ele e lady Gwyn estavam tendo aquela discussão. Nem a sua irmã seria tão irresponsável a ponto de flertar com o perigo daquela forma.

Beatrice teria escondido o perigo de você. *Como fez antes de se casar com Greycourt.*

Talvez lady Gwyn e a irmã tivessem mais em comum do que ele imaginava.

Não importava. Não estava disposto a guardar os segredos de lady Gwyn. E sabia, pela reação dela às suas perguntas, que ela definitivamente tinha segredos. Ele reconhecia uma pessoa fingindo indignação quando via uma.

O fato de ela não querer envolver o irmão dizia muito também. Provavelmente tinha relação com a ida de Malet à propriedade. Wolfe pensou que não contar a ornstock sobre o encontro seria realmente imprudente. E se Malet a machucasse por conta da omissão dele?

Não, ele não correria esse risco. A ideia de Malet a maltratando quase fez seu coração parar. Não porque gostasse de lady Gwyn: sentir qualquer coisa além de uma simples preocupação pela irmã rica de um duque seria um absurdo. Embora, segundo Beatrice, lady Gwyn tivesse 30 anos, não parecia ser mais velha do que a própria Beatrice. Quando chegasse a Londres, poderia escolher o homem que quisesse. Era melhor Wolfe se lembrar disso antes de se deixar levar por algo tolo como desejá-la.

Ele a examinou e percebeu que ela ficara um pouco pálida, um feito e tanto para uma mulher cuja pele era branca daquele jeito. Ela provavelmente

usava algum cosmético, como aqueles que Beatrice estava sempre experimentando, embora só Deus soubesse qual deles poderia dar aos lábios aquele tom de pêssego e aos olhos aquele tom provocante de verde. Verde-esmeralda, ele diria; na verdade, brilhavam mais do que a pedra preciosa em si.

Droga, ele já estava pensando coisas melosas a respeito dela. Era melhor tomar cuidado. Wolfe podia ser neto de um duque, mas seu pai era o caçula, além de ser um vagabundo. Por berço, o major não era elegível para a mimada – e, sim, belíssima – filha de um duque. Muito menos agora que recebia apenas uma pensão da marinha depois de ferir a perna e ficar impossibilitado de perseguir suas ambições de fuzileiro real.

Além disso, se não podia servir ao país, preferia viver o mais longe possível da chamada "boa" sociedade.

– A senhorita ficou muito quieta de repente – comentou ele, inexplicavelmente irritado por isso.

Ela fungou.

– Não vejo sentido em falar se o senhor se recusa a escutar.

– Eu estou escutando, mas isso não significa que vou seguir suas ordens, e é isto que a está deixando furiosa: o fato de eu me recusar a fazer a sua vontade quando qualquer outro cavalheiro não pensaria duas vezes.

Ela parou para encará-lo.

– orn não faz todas as minhas vontades, nem meus meios-irmãos.

– A palavra mais importante aqui é "irmãos". Irmãos homens sempre veem uma irmã com mais clareza do que outros cavalheiros.

– Ah, é? O senhor nunca poderia imaginar que sua irmã se tornaria duquesa. E estava errado.

Ele ficou incomodado com tanta sinceridade, mas ainda assim ela continuou: – E, caso não tenha percebido, o capitão Malet não estava exatamente fazendo a minha vontade lá na ponte.

– Eu percebi, sim. E é por isso que a senhorita deveria tomar mais cuidado com ele, para não acabar sendo arrastada para dentro de uma carruagem e levada a Gretna Green para se casar às pressas.

Ela colocou as mãos nos quadris.

– Decida-se, major Wolfe. Ou eu sou mimada porque tenho todos os homens aos meus pés ou estou em perigo porque não tenho.

Maldita fosse por apontar sua falta de lógica. Lady Gwyn confundia o raciocínio de Wolfe, era quase impossível argumentar de forma racional com ela. E ele não queria examinar muito de perto o motivo disso.

– O senhor só me viu com os meus irmãos e o Sr. Malet. Não faz ideia de como me comporto com outros cavalheiros e, ainda assim, está fazendo suposições sobre o meu caráter – disse Gwyn, em seguida endireitou os ombros e continuou andando. – Deveria se envergonhar.

Ele balançou a cabeça. A mulher tinha a capacidade de usar a língua para esfolar um homem quando as coisas não eram feitas do seu jeito. Mas Wolfe não iria morder a isca.

Como ele não respondeu na mesma hora, ela bufou.

– Eu nunca entendi por que Bea estava sempre frustrada com o senhor. *Agora* entendo.

O comentário sobre a irmã dele o irritou mais do que qualquer outra coisa.

– A senhorita faz suposições a respeito do caráter das pessoas, mas nem sequer conhece a minha irmã o suficiente para saber que ela não gosta de ser chamada de Bea.

O silêncio profundo provocado pelas palavras dele se estendeu por tanto tempo que Wolfe olhou para lady Gwyn, depois desejou não ter olhado. O constrangimento estampado no semblante dela era tão intenso que ele teve vontade de retirar o que havia dito.

– É verdade? – perguntou ela, mortificada. – Ou... você só está dizendo isso para me aborrecer?

Ele pensou em mentir, apenas para apagar aquela expressão do rosto dela.

– Me desculpe, lady Gwyn. Beatrice me mataria por ter falado isso.

– Por que *ela* não nos contou? Nós nunca a chamaríamos assim de propósito... Sempre achamos que... Bem, não tem desculpa. Minha mãe a chama assim desde o começo porque era assim que seu tio Armie se referia a ela nas cartas.

Joshua não podia imaginar por que ela não contara. O tio deles, ex-detentor do título de duque de Armitage, menosprezava Beatrice de todas as formas, a ponto de lhe dar um apelido do qual ela não gostava. Era o jeito perverso dele de forçá-la a fazer o que ele queria. Felizmente, o desgraçado morreu antes de conseguir realizar o pior de seus planos.

Mas lady Gwyn não tinha como saber disso. E, apesar de tudo, a forma como ela ficou mortificada por chamar Beatrice por esse apelido fez com que Wolfe amolecesse em relação a ela. Era claro que ela gostava da irmã dele e se arrependia de chamá-la por um apelido que não a agradava.

– Ainda assim, nós devíamos ter perguntado a ela como gostaria de ser chamada. Foi muito errado da nossa parte não fazer isso.

Lady Gwyn voltou a ficar um pouco corada.

– Mas isso explica por que Grey sempre a chama de Beatrice. Eu presumi que ele estivesse sendo o duque formal de costume, mas ela deve ter dito a ele que não gosta do apelido. Só não entendo por que não contou para todos nós.

Ele suspirou.

– Ela queria ser aceita, queria que a senhorita e sua família gostassem dela. Então não quis estragar tudo contando a todos, principalmente ao nosso tio, que não gostava do apelido.

– Bem, então – disse Gwyn, calmamente – vou me desculpar com ela assim que formos para Londres, depois de amanhã. Sei que Bea... que *Beatrice* não é sangue do meu sangue, mas a considero como se fosse. E quero que ela se sinta bem-vinda na nossa família tão diversa.

Agora ele estava se sentindo mal por ter trazido o assunto à tona. Principalmente porque gostava da tia e sabia que ela nunca teria feito aquilo com a intenção de ofender.

Lydia, a mãe de lady Gwyn, tinha entrado para a família Wolfe depois que o pai de lady Gwyn morrera. Tia Lydia se casara com tio Maurice, que logo após o casamento assumira um cargo na Prússia e acabara se tornando embaixador.

Por isso fazia pouco tempo que Joshua e Beatrice tinham conhecido a tia e os dois filhos que ela tivera com Maurice. A família havia retornado para a

propriedade depois que Armie morrera, com Maurice já tendo assumido o título de duque que recebera de herança.

Até que Maurice também morrera e Sheridan, primo deles, se tornara o novo duque de Armitage. Agora era o irmão mais novo de Sheridan, Heywood, quem herdaria o título se Sheridan não tivesse filhos homens.

Sendo filho do Wolfe caçula, Joshua só herdaria o título se Sheridan e Heywood morressem sem deixar herdeiros. Como ambos eram jovens e saudáveis, não era provável que isso acontecesse.

Não que ele quisesse ser duque. Vendo a dificuldade de Sheridan para quitar as dívidas da propriedade, Joshua não queria fazer parte daquilo. O que queria era sair da reserva e voltar para os Fuzileiros Reais. Infelizmente, o estado da sua perna tornava isso pouco provável, ainda mais quando o secretário de Estado da Guerra e das Colônias nem sequer respondia às suas cartas.

De repente, Joshua percebeu que lady Gwyn estava falando com ele.

– Hum? – perguntou ele.

– Chegamos.

Ele olhou para a imponente Armitage Hall e suspirou.

– Certo.

Hora de ter uma conversa desagradável com o duque de ornstock, que mal conhecia. Entraram na residência e foram informados de que o duque estava no escritório. Joshua se perguntou como ornstock estaria usando o espaço apertado, onde só cabia uma escrivaninha e uma estante com almanaques antigos. Por algum motivo, duvidava que o homem estivesse lendo. ornstock não parecia ser do tipo que lê.

Acabou descobrindo que o duque encontrara um excelente conhaque que ficava guardado no local. Mas também estava empenhado em escrever, embora não parecesse feliz com o resultado, porque o chão estava coberto de bolas de papel amassado.

– Não me diga que está escrevendo uma peça, como seu xará, Marlowe – disse lady Gwyn. – Mamãe ficará orgulhosa.

Foi a única vez que Joshua escutou o nome de batismo de ornstock,

que, ao que parecia, fora escolhido em homenagem ao dramaturgo Christopher Marlowe. Um dos preferidos de Joshua.

ornstock levantou a cabeça e fez uma careta para a irmã.

– Duques não escrevem peças, lembra? Mas escrevem muitas cartas, isso sim.

Joshua notou que o duque guardou a carta que estava escrevendo na gaveta de cima da escrivaninha.

Com um sorriso debochado para o irmão, lady Gwyn apontou para as bolas de papel.

– Pelo visto, deve ser uma carta muito importante, para precisar de tantos rascunhos.

Lady Gwyn estava implicando com ornstock, como de costume. Os dois tinham um relacionamento conflituoso, como o de Joshua e Beatrice antes de ela se casar. Só que o dele e Beatrice ainda tinha como combustível o desespero da situação em que se encontravam, enquanto lady Gwyn e o irmão eram ricos. Qual seria o combustível da animosidade entre *eles*?

Não, ele não se importava. Lady Gwyn não era problema dele.

ornstock levantou-se para cumprimentar Joshua com um aceno de cabeça.

– Então, o que leva o guarda-caça de Sheridan e minha irmã favorita a me agraciarem com suas presenças?

– Favorita? Você tem alguma outra irmã que eu não conheça? – perguntou lady Gwyn maliciosamente.

– Espero que não. Só consigo lidar com uma.

Joshua já tinha visto os gêmeos passarem horas se alfinetando. Não estava com paciência para isso.

– Perdoe a intromissão, Vossa Graça, mas acabamos de encontrar Lionel Malet na propriedade.

– *O quê?* – perguntou ornstock, e correu para a janela. – Onde? Faz quanto tempo?

Lady Gwyn se aproximou de Joshua para cochichar.

– Você poderia ter sido mais cuidadoso ao falar.

– Ao contrário de vocês dois, eu não tenho o dia todo – respondeu

Joshua, e encarou o duque. – Malet abordou sua irmã na ponte perto da casa de contradote. Felizmente, eu os vi e coloquei o sujeito para correr antes que ele pudesse fazer mais alguma coisa. Garanto que ele saiu da propriedade, mas não posso garantir que não irá voltar.

Lady Gwyn fungou.

– Não vai fazer diferença se ele voltar. Estaremos em Londres.

– Mais um motivo para ficarem de olho nele – disse Joshua.

A mulher era mais teimosa do que uma mula.

Com a testa franzida, ornstock voltou para a escrivaninha.

– Malet estava armado?

– Não que eu tenha visto – respondeu Joshua. – Mas ele tentou roubar a pistola que o senhor deu a lady Gwyn para se proteger.

ornstock fuzilou a irmã com o olhar e um músculo se contraiu em sua mandíbula. Estava claro que ela mentira sobre a arma do irmão.

– Você por acaso carregou a arma que *dei* a você, Gwyn? – perguntou o duque, enfatizando a palavra "dei" com sarcasmo.

Ela olhou para o irmão de forma desafiadora.

– É claro que não. Para carregar a arma, eu precisaria saber como usá-la, e você não se deu o trabalho de me ensinar.

Joshua ficou impressionado com a capacidade de lady Gwyn de transformar seu ato de imprudência em um erro do irmão. Graças a Deus, Beatrice não tinha essa habilidade.

– Certo – respondeu ornstock, calmamente. – Nesse caso, você pode me devolvê-la, pois não é muito prudente usar uma arma sem estar preparada para isso.

– Exatamente o que eu disse a ela – comentou Joshua.

ornstock sorriu para ele.

– Acho que o senhor está percebendo que minha irmã raramente escuta o que lhe dizem.

– Olhem só, vocês dois... – começou ela.

– Sem mencionar – interrompeu ornstock, ignorando-a – que essa pistola vale uma fortuna.

– Bem, então fiz bem em não permitir que Malet a roubasse – disse

Joshua.

– Com certeza – concordou ornstock, lançando um olhar enigmático para a irmã. – Pode me entregar, Gwyn.

Ela sorriu.

– Não seria melhor se você simplesmente me ensinasse a atirar?

– Estremeço só de pensar em você indo para Londres armada – disse ele, e estendeu a mão. – Entregue, maninha.

– Que seja... – resmungou ela, batendo com a arma na mão dele com tanta força que ele estremeceu.

ornstock estreitou os olhos para fitar a irmã.

– Major Wolfe, o senhor poderia me deixar a sós com minha irmã por alguns minutos?

Joshua fez uma reverência, feliz por finalmente deixar os gêmeos resolverem os seus problemas.

– Fiquem à vontade, tenho trabalho a fazer.

Mas quando ele se virou para a porta o duque disse:

– Na verdade, Wolfe, gostaria que esperasse até que eu termine a minha conversa com Gwyn.

Ela ficou pálida.

– Por quê?

Joshua se perguntou a mesma coisa, mas teve o bom senso de não dizer nada.

ornstock ignorou a irmã.

– Se não se incomodar em esperar, é claro.

Joshua não era idiota de dizer a verdade ao duque: que a perspectiva de continuar perto de lady Gwyn por mais tempo tiraria até um santo do sério.

– Certo.

– Prometo não demorar.

ornstock foi até a porta para abri-la.

Assentindo brevemente, Joshua saiu. Estava tenso. Não tinha certeza do que era pior: ser tratado como um criado por um homem da sua idade ou ter de esperar na mesma casa em que a bendita lady Gwyn se encontrava.

Não que fizesse diferença. Homens pobres, especialmente os mancos,

não tinham alternativa. Mais uma razão para dar logo um jeito em sua vida. Sua permanência em Armitage se tornava mais intolerável a cada dia.



Gwyn encarou o irmão.

– Você não precisava ser rude com ele.

– Eu fui rude? – perguntou ornstock, e então acrescentou: – Ah, você está apenas tentando mudar de assunto, mas não vou cair nessa.

– Você me pegou – mentiu ela.

Porque nunca conseguiria explicar ao irmão gêmeo a raiva que sentira quando ele praticamente fechara a porta na cara de Joshua.

orn apontou para a única outra cadeira no pequeno cômodo.

– Sente-se – ordenou enquanto se acomodava atrás da escrivaninha. – Quero que me conte a verdade sobre o que aconteceu entre você e Malet.

– Eu já contei.

Os olhos dele ficaram de um tom cinza como a tempestade.

– Não a verdade toda, suspeito.

Maldito fosse orn por conhecê-la tão bem. A bênção (e a maldição) de ter um irmão gêmeo era a incapacidade de esconder alguma coisa do outro.

Pensando no que dizer para convencê-lo, Gwyn ficou se remexendo na cadeira. orn *não* podia, de forma alguma, saber "toda a verdade". Uma versão da verdade seria suficiente, ainda mais se fizesse com que ela parecesse uma tola. Os homens sempre consideram as irmãs tolas, e orn claramente achava isso dela desde o dia em que subornara Lionel em Berlim.

– Recebi um bilhete do Sr. Malet hoje de manhã – explicou Gwyn. – Ele falava sobre retomarmos nossa antiga amizade.

orn ficou de pé.

– E você achou que não haveria problema em encontrá-lo? O que a motivou a fazer algo tão tolo *sabendo* que ele já tentou sequestrar você antes?

– Eu peguei a pistola emprestada. Achei que ficaria segura assim.

orn se aproximou da cadeira dela.

– Obviamente, não ficou.

– E é exatamente por isso que você precisa me ensinar a usá-la – disse ela.

– Nem por cima do meu cadáver – falou ele, furioso.

– Quem sabe do meu, então.

O rosto dele ficou vermelho.

– Eu nunca vou ensinar a você uma coisa dessas, Gwyn. Pode ir tirando isso da cabeça!

– Então não se surpreenda se eu arranjar problemas em Londres.

Parecendo estupefato, orn começou a andar de um lado para outro no escritório, até que parou bem na frente dela.

– Problemas com Malet, você quer dizer.

– É claro que não. – Não o tipo de problema em que orn estava pensando, pelo menos. – Posso lhe garantir que não sinto mais nada pelo Sr. Malet há anos.

orn parecia cético, o que era irônico, porque ela estava sendo sincera.

– Então por que você foi encontrá-lo sozinha?

– Para dizer a ele o que eu acabei de dizer a você: que não quero mais nada com ele e que desejo que me deixe em paz. Eu sabia que se não fosse enfática e não dissesse isso pessoalmente, ele poderia achar que você estava me forçando a fazer isso e continuaria me perseguindo. Então fui até ele e fui bem clara. Ele só não gostou muito do que ouviu.

orn cruzou os braços.

– Então o que você estava querendo dizer quando falou sobre arranjar problemas em Londres?

– Bem, sendo eu uma herdeira e vocês, homens, sendo essas criaturas imprevisíveis e imprudentes, posso passar por algumas dificuldades durante meu debute. E ter uma arma para me proteger resolveria essa questão.

– É mais provável que a minha presença resolva essa questão – afirmou ele.

O coração dela parou de bater por um segundo.

– É claro que não.

Se orn ficasse o tempo todo andando atrás dela, Gwyn nunca conseguiria pagar o Sr. Malet. Ela se levantou para encarar o irmão.

– Você não pode ficar me rondando o tempo inteiro durante o debute, orn. Você não só vai espantar meus pretendentes como vai ficar entediado e irritado com todo esse universo casamenteiro. Prefiro ter companhias mais agradáveis quando for aos bailes. Muito obrigada.

 orn abriu a boca, então pensou melhor e, em vez de falar, soltou um suspiro.

– O que vou fazer com você, *Liebchen*?

O apelido carinhoso não a dissuadiu de seu propósito.

– Seja meu irmão, não meu pai – disse ela baixinho. – Já tenho uma mãe intrometida; é o suficiente. Eu tenho 30 anos, orn. Você não acha que está na hora de parar de ficar me rondando como uma matrona?

Embora tenha se retesado com a comparação insultuosa, ele disse:

– Eu gostaria de *conseguir* parar, acredite em mim.

– Talvez se você confiasse em mim, para variar...

– Eu confio em você. Não confio nesses caça-dotes imbecis da sociedade. Homens como Malet. E, falando nele, Wolfe ouviu o suficiente da conversa para saber que você quase ficou noiva do desgraçado?

– Acho que não. O major não estava perto o bastante para isso.

 orn soltou o ar.

– Graças a Deus. Não seria bom se a alta sociedade descobrisse que você já teve algum envolvimento com esse sujeito. Os boatos sobre ele ter sido expulso do exército e o porquê já estão correndo soltos, e Malet é considerado *persona non grata* em todos os círculos sociais. As pessoas poderiam começar a especular coisas erradas se ficassem sabendo que você quase se casou com o canalha dez anos atrás.

Ela piscou para orn.

– Expulso do exército? Não fiquei sabendo disso. O que aconteceu?

Uma sombra cruzou o rosto de orn.

– Pergunte a Heywood ou a Cass se quiser saber a história toda. Mas basta dizer que Malet não é nem minimamente aceitável como pretendente para uma jovem.

– Se me lembro bem, você se certificou de que eu mesma percebesse isso – comentou ela.

Pelo menos o irmão dela teve a decência de parecer culpado.

– Você ainda está com raiva de mim por causa disso?

– Não seja ridículo. São águas passadas. Você me salvou do destino terrível de me casar com o capitão Malet.

Não importa se quase destruiu meu futuro ao fazer isso.

– Mentirosa – disse o irmão calmamente.

Como ela não repetiu o que dissera, ele suspirou e prosseguiu:

– Em todo caso, não vamos contar a Wolfe sobre o seu envolvimento com Malet. Vamos deixar que ele continue supondo que Malet estava tentando sequestrá-la hoje por causa do desentendimento com Heywood. Certo?

– Tudo bem.

A ideia de o major Wolfe saber a tola que ela tinha sido na juventude deu um nó em seu estômago, embora Gwyn não entendesse o porquê. Não veria muito o antigo oficial a partir de agora. Ela iria para Londres em poucos dias, e ele continuaria em Armitage Hall.

– Que bom que concorda. Sinceramente, não acho que Wolfe seja do tipo fofoqueiro, mas quanto menos falarmos sobre o assunto, melhor.

– Com certeza.

Quando o irmão foi até a porta e a abriu, Gwyn se lembrou tardiamente de que o major Wolfe os aguardava no corredor. Mas por quê? Será que orn queria oferecer a ele uma recompensa por tê-la salvado mais cedo?

Ela esperava que não. O major era orgulhoso como um leão, e rosnava duas vezes mais alto.

– Entre, major – disse orn. – Tenho uma proposta a lhe fazer.

Ah, não. Isso não estava cheirando bem.

A julgar pela expressão preocupada do major Wolfe ao entrar novamente no escritório, ele concordava com ela.

– Que tipo de proposta? – perguntou ele.

Ela deu de ombros, impotente. Não fazia ideia do que o irmão estava tramando.

– Como o senhor deve saber – disse orn –, toda a nossa família irá para Londres em poucos dias. Partiremos no dia seguinte à Páscoa.

– Estou ciente – respondeu o major, cruzando os braços.

– Gostaria que se juntasse a nós.

– Não há necessidade de um guarda-caça na casa de Londres – respondeu o major Wolfe, com desconfiança.

– Verdade, mas eu não preciso do senhor para isso. Preciso que seja o guarda-costas de Gwyn.

CAPÍTULO TRÊS

Inferno. Por *essa* Wolfe não esperava.

Lady Gwyn sabia dos planos do irmão? A expressão incrédula dela dizia a Joshua que não.

– Embora eu concorde que, nessas circunstâncias, um guarda-costas seria útil para sua irmã – disse Joshua –, certamente a presença do senhor seria suficiente para afugentar Malet.

O duque tamborilou com os dedos na escrivaninha.

– Minha irmã disse que não me quer "rondando-a" porque isso vai "espantar" os pretendentes que vierem a cortejá-la – disse o duque com amargura. – Mas a maioria das pessoas não sabe da sua conexão com a nossa família. Então, o senhor poderia ficar de olho nos pretendentes sem que as pessoas percebam.

Lady Gwyn ficou tensa.

– Não preciso de babá no meu debute, orn.

ornstock arqueou uma sobrancelha.

– Eu não chamaria um fuzileiro real de babá. Proteger você será uma tarefa entediante para ele, acredito. Felizmente, não me importo de pagar muito bem por esse serviço.

O dinheiro seria útil, mas, considerando sua baixa tolerância a barulhos altos, Wolfe sentia calafrios só de pensar em Londres.

– Existem outras coisas a levar em consideração, Vossa Graça. Como a minha inabilidade para perseguir Malet a pé rapidamente se ele tentar fugir com ela. Talvez o senhor prefira contratar alguém mais capacitado.

– O senhor sabe atirar, não sabe? – perguntou ornstock. – E usar uma

faca? Grey disse que o senhor derrubou um dos capangas de Malet no Natal com tanta destreza que ele mal conseguiu andar depois. E me parece que também sabe lutar. Aparentemente, correr é a *única* coisa que o senhor não consegue fazer.

– Sim, eu sei atirar, usar uma faca e dar uns socos, mas essa não é a...

– Para mim é suficiente – interrompeu o duque, em seguida olhou de esguelha para a irmã. – Contanto que proteja lady Gwyn usando todos os meios que tiver à disposição, fico satisfeito.

Joshua começou a considerar que, apesar das dificuldades que poderia enfrentar, a chance de ir a Londres poderia ser útil. Suas cartas claramente não estavam chegando ao secretário de Guerra, mas talvez, se fosse ao escritório dele pessoalmente, conseguisse convencer o homem a aceitá-lo de volta nos Fuzileiros Reais, com o pagamento integral.

Antes mesmo que Joshua pudesse responder a quaisquer perguntas ou mesmo concordar com a proposta, lady Gwyn pigarreou.

– Suponho que eu não tenha direito a opinar nesse assunto.

– É claro que tem – respondeu ornstock. – Você pode escolher entre ter a mim a tiracolo ou Wolfe, que vai fazer isso de forma discreta. Mas um de nós *vai* acompanhá-la durante seu debute. A você só cabe decidir quem prefere.

– Não tenho muita alternativa – reclamou Gwyn.

Ela lançou um olhar para o major que ele considerou impossível de ler. Sobressalto? Raiva? Atração? Ele riu da última hipótese. Gwyn flertava com ele de vez em quando, mas isso não significava que o desejava. Ela estava se preparando para seu debute havia meses. Praticar o flerte era, sem dúvida, parte da preparação. Ainda assim, prendeu a respiração enquanto ela parecia analisar as possibilidades. Queria que ela o escolhesse, mas só porque ele precisava ir a Londres.

Não tinha nada a ver com quão bonita ela estava em um vestido colorido depois de meses usando apenas preto. Nem com a forma como a luz que vinha da janela deixava seu cabelo mais vermelho que uma chama, ou com o jeito como o lábio inferior, cheio, se mexia enquanto considerava a proposta do irmão.

Meu Deus. Wolfe seria um tolo se cometesse esse erro. Ir a Londres já era um desastre em potencial apenas pela possibilidade de ter uma experiência desagradável da qual poderia nunca se recuperar. Mas assumir esse risco com ela por perto ainda por cima? Wolfe podia muito bem imaginar o momento em que talvez reagisse a algum som repentino na rua e Gwyn assistisse de camarote a uma demonstração de seu péssimo temperamento.

Wolfe estava prestes a negar a proposta de ser guarda-costas dela, mas Gwyn falou primeiro.

– Muito bem. Escolho o major.

As palavras dela o surpreenderam tanto que ele quase não percebeu a satisfação no rosto do duque. O que ornstock estava planejando e por que ele queria que Joshua participasse? Com certeza, o duque era conhecido por ser um libertino, mais preocupado com a devassidão do que com debutes. Mesmo que acompanhar a irmã significasse diminuir sua diversão, ele iria preferir fazer isso pessoalmente a confiar em um estranho.

Quanto a lady Gwyn...

Não adiantava tentar entender o raciocínio *dela*. Ele raramente a compreendia. Ela gostava de fazer compras: às vezes ele a via em Sanforth carregando sacolas. Gostava de implicar com as pessoas e deixá-las felizes – havia tentado fazer isso com Joshua algumas vezes. Mas quando se tratava do irmão ela parecia não sentir nada além de raiva. O duque devia ter feito alguma coisa a ela em algum momento e ela ainda o punia por isso.

Wolfe deveria encarar aquilo como um aviso. Lady Gwyn era do tipo que guardava rancor, até mesmo do irmão gêmeo. Ele não poderia baixar a guarda perto dela. Não é sábio deixar a jugular à mostra para o inimigo.

O duque se dirigiu a ele:

– O senhor também concorda com o plano, major?

Se não concordasse, poderia muito bem acabar tendo que viver o resto da vida no campo. E, embora fosse um lugar tranquilo, o que era melhor para seu temperamento, Wolfe preferia estar na guerra, onde ninguém se importava com isso.

– Concordo.

– Excelente – disse ornstock. – Então só precisamos acertar os detalhes. Espero que tenha roupas adequadas para usar nos eventos da alta sociedade – disse ele, lançando um olhar crítico ao major.

– orn! – exclamou lady Gwyn. – Não seja grosseiro.

– Não fui grosseiro – defendeu-se ornstock. – Você não quer que ele chame mais atenção do que o necessário, quer?

Gwyn fez um beicinho.

– Só pensei que...

– Eu não me ofendi – disse Wolfe.

Ele achou divertido o fato de ela estar tentando defendê-lo. A pergunta do irmão era razoável, considerando a aparência surrada de seu sobretudo.

– Ainda tenho minhas fardas, uma formal e uma informal, que seriam adequadas para os eventos sociais.

 ornstock pareceu surpreso.

– Achei que tivesse deixado os Fuzileiros.

– Estou na reserva, é diferente de estar reformado. Tecnicamente, ainda sou oficial e ainda posso ser convocado para servir. Embora um homem com as minhas dificuldades provavelmente viesse a ser deixado de lado em uma convocação de reservistas.

– Entendo – disse ornstock. – Contanto que o senhor possa usar a farda de modo legítimo, tudo bem por mim. E as damas costumam achar oficiais fardados atraentes, não é, maninha?

Algo faiscou nos olhos dela.

– Foi o que ouvi dizer.

O duque sorriu antes de continuar seu interrogatório.

– E roupas comuns? O senhor não vai querer andar fardado ao acompanhar Gwyn quando for fazer compras, por exemplo.

– Ah, meu Deus do céu! – exclamou Gwyn. – Ele também vai me acompanhar nessas ocasiões?

– Enquanto Malet for uma ameaça, irei com a senhorita a todos os lugares – disse Wolfe, e então voltou sua atenção para o duque. – Tenho roupas comuns que devem ser perfeitamente adequadas.

Algumas delas deviam estar comidas por traças e fora de moda, mas não

admitiria isso para ornstock.

– Se precisar de um alfaiate – ofereceu o duque –, me avise. Posso lhe recomendar um.

Joshua se esforçou para não rir na cara dele. Um alfaiate. ornstock sem dúvida nem imaginava como era ter problemas financeiros, senão perceberia como sua oferta era absurda. Não ter um alfaiate era o menor dos problemas de Joshua.

– Obrigado.

Como se lady Gwyn tivesse adivinhado o motivo da resposta concisa de Joshua, ela disse:

– Se o senhor preferir, um dos meus meios-irmãos pode lhe emprestar algumas peças.

– Agradeço também – disse ele.

A conversa estava começando a aborrecê-lo e uma coisa que ele não podia fazer na frente dos dois era perder a cabeça. Isso arruinaria a sua chance de ir a Londres com eles.

– Vossa Graça, onde vou me hospedar enquanto estiver na cidade?

 ornstock franziu a testa.

– Suponho que o senhor possa ficar em Armitage House com nossa mãe e Gwyn. Sabendo que estará lá para cuidar delas, ficarei aliviado. E como nossa mãe também é sua tia, seria perfeitamente respeitável. E Sheridan também estará lá de vez em quando.

– Por que o major Wolfe não pode ficar com *você*? – perguntou lady Gwyn.

Ela estava corada? Impossível. Ao contrário de Beatrice, lady Gwyn nunca ficava corada. Ainda assim, suas bochechas estavam vermelhas e, só de pensar nisso, uma faísca levou o sangue do major a ferver.

– Em primeiro lugar, porque *eu* não quero – respondeu o duque.

Ela lançou um olhar calculista para o irmão.

– É claro que não. Como fui boba em pensar que você abriria mão de seus hábitos de solteiro por um ou dois meses.

– Típico de você achar que esse é o motivo – disse o duque calmamente,

embora seus olhos estivessem gelados. – A verdade é que Wolfe não poderá protegê-la como deve se estiver morando em outra casa.

– Seria melhor mesmo que eu me hospedasse com a senhorita e sua mãe, lady Gwyn – concordou Wolfe. – Embora eu ainda não conheça a propriedade.

– Eu não estou nem aí para a propriedade – desabafou lady Gwyn. – O que me incomoda é a ideia de ter alguém vigiando cada passo meu!

– Farei o possível para dar privacidade à senhorita enquanto estivermos dentro de casa – disse Joshua. – Mas quando estivermos em público devo sempre acompanhá-la, para que Malet nem pense em fazer qualquer coisa.

Gwyn não soube como responder.

– Concordo com Wolfe – disse ornstock. – Mudando de assunto, o senhor tem outra arma que não seja aquele revólver de pederneira que vi saindo do bolso do seu sobretudo?

– Na verdade, é um revólver pimenteiro de sete canos.

– Meu Deus, nunca vi um desses, embora saiba que exista. Posso dar uma olhada? – pediu ornstock, estendendo a mão.

Wolfe entregou a arma. Havia sido comprada de um fuzileiro aposentado e Wolfe tinha muito orgulho dela.

 ornstock estava admirado.

– É uma arma e tanto. Não é de admirar que tenha espantado Malet. Suponho que tenha que mudar os canos manualmente?

Wolfe assentiu e ornstock devolveu a arma a ele.

– Infelizmente, o senhor não pode ficar andando com isso em meio à alta sociedade. As damas vão desmaiar se virem uma arma enorme como essa.

Lady Gwyn bufou.

– Homens... Nós não desmaiamos por tudo!

– *Você* não – concordou ornstock –, mas você não é uma dama comum.

Era verdade. Ao enfiar sua arma de volta no bolso do sobretudo, o major sorriu.

– Em todo caso, o revólver será útil quando não estivermos em eventos

sociais. Embora pareça bem velho, ainda é muito eficiente.

– De qualquer forma, precisa de uma arma de fogo para quando estiver em eventos sociais – comentou o duque. – Nada de espadas. Talvez não saiba, mas atualmente os oficiais não podem mais entrar nos eventos com elas.

– Levo minha própria espada para todos os lugares sem que seja descoberta – disse Wolfe, em seguida apertou um botão na bengala, abrindo o punho e revelando a lâmina embutida. – Como eu sempre preciso da minha bengala, é melhor que tenha um propósito duplo.

ornstock assoviou baixinho.

– Que perspicaz. Estou impressionado, Wolfe. Está preparado para qualquer situação.

– Fiquei sabendo que também fazem bengalas com armas de fogo pequenas no punho. Espero comprar uma em Londres.

Mais um bom motivo para aceitar a oferta de ornstock.

– Pode usar a *minha* arma enquanto isso. Faz parte de um par, então cada um de nós pode ficar com uma.

O duque pegou a pistola de bolso que deixara em cima da escrivaninha poucos minutos antes.

– O que ela não tem em agilidade é compensado pela facilidade de usar. Mas não sei se é possível esconder dentro da farda.

Wolfe fitou com cobiça o cano de ouro da arma e seu cabo esculpido em marfim.

– Confie em mim, eu darei um jeito de escondê-la.

Certamente ele conseguiria, só precisava colocar as mãos nela.

– Mas me parece muito valiosa para ficar sendo levada por aí, Vossa Graça.

– Realmente, paguei duzentas libras por ela no mês passado.

Deus do céu. Era o equivalente ao salário de cinco anos de Joshua na propriedade.

ornstock entregou a pistola a ele.

– Suponho que posso confiar em você para mantê-la em segurança.

Ele deveria recusar o artigo valioso. Só Deus sabia o que poderia

acontecer se a bendita arma se mostrasse mais bela do que útil. Mas não conseguiu resistir.

– Farei o possível para devolvê-la intacta – respondeu ele ao pegá-la.

ornstock levantou uma sobrancelha.

– Poderá ficar com ela como pagamento pela tarefa de proteger Gwyn, contanto que devolva minha irmã intacta.

Wolfe ainda estava zonzo com a oferta incrivelmente generosa quando lady Gwyn disse, de forma altiva:

– Eu não sou um objeto, orn. Nem sou propriedade sua para emprestar ao major em consignação.

– Uma pena – resmungou o duque. – Seria mais fácil manter você na linha.

Joshua não opinaria sobre essa declaração nem por todo o ouro e o marfim da Inglaterra.

Faíscas saíram dos olhos de lady Gwyn ao encarar o irmão gêmeo.

– E você ainda se pergunta por que tem tantos problemas com mulheres respeitáveis...

– Eu lido perfeitamente bem com mulheres *casadas* – disse ornstock de forma arrastada. – As solteiras que querem me prender é que me deixam louco.

– Então terminamos essa discussão altamente inadequada sobre como lidar comigo em Londres? – perguntou Gwyn.

– Duvido que existam muitos homens que conseguiriam "lidar" com você, *Liebchen*. Eu nem tentaria – disse ele, sorrindo.

– Ótimo. Porque se tentasse, eu colocaria as suas bolas em uma caixa.

Deus do céu, nem Beatrice falaria uma coisa dessas. Lady Gwyn tinha uma língua e tanto, uma língua que ele não se importaria em explo...

Nem pense nisso, homem. É se meter em encrenca.

– Só precisamos tratar de mais um assunto, Wolfe – disse ornstock. – Não diga à nossa mãe o verdadeiro motivo pelo qual está viajando conosco.

– Por mais que eu odeie concordar com meu irmão, ele está certo – disse Gwyn, muito séria. – Ela vai ficar muito preocupada se achar que meu...

futuro possa estar ameaçado. E ela está tão frágil desde que nosso padrasto morreu...

Estreitando os olhos, Joshua olhou de um gêmeo para o outro, certo de que não estavam sendo sinceros sobre o motivo pelo qual queriam esconder o esquema de sua tia. Ele só não fazia ideia do porquê.

– O que eu vou dizer a ela? Ela vai achar estranho eu deixar o meu posto na propriedade sem nenhuma razão.

– Diga a ela que quer ver Bea – disse Gwyn, e corou de novo. – Digo, Beatrice. Diga a mamãe que deseja ir ao baile em que sua irmã será apresentada como a duquesa de Grey.

Gwyn bateu palmas de empolgação.

– Sim, é perfeito! Mamãe ficará encantada com isso!

– Mas Beatrice vai desconfiar. Ela sabe que não gosto de ambientes cheios.

O sorriso de lady Gwyn ficou insolente.

– Deixe sua irmã comigo. Vou contar como o senhor sentiu falta dela depois que ela foi embora, como ficou terrivelmente solitário na casa de contradote e como *queria* vê-la em seu momento de esplendor.

– Beatrice vai rir da sua cara se falar essas coisas pomposas. Ela me conhece bem.

Embora *estivesse* solitário e *sentisse* falta dela, não admitiria isso para lady Gwyn. Nem para Beatrice.

– Está bem – disse lady Gwyn. – Vou me esforçar para fazer com que isso pareça mais másculo. Deus nos livre de um homem sentir saudade da irmã.

O sorriso dela se apagou.

– Certo, orn?

– Pare com isso, sua megera. Não quero assustar Wolfe antes mesmo de ele começar.

– E sobre esse assunto – comentou lady Gwyn friamente –, eu vou me retirar. Tenho que arrumar minhas malas e o major, sem dúvida, tem questões a tratar com os funcionários e com Sheridan. Ah, major Wolfe – disse ela, virando-se para Joshua –, gostaria de uma palavra em particular

com o senhor antes de voltar para a casa de contradote, sim? Por aqui, por favor.

Assentindo, ele a seguiu até o vestíbulo.

Depois de entrar no salão azul, ela fez um gesto para que ele entrasse e fechou a porta.

Wolfe ficou pensativo.

– Acredito que isso seja um pouco mais particular do que o adequado, Vossa Graça.

– Besteira, só vai levar um minuto, e não quero que meu irmão interfira mais do que já interferiu. A propósito, quando o senhor diz "Vossa Graça" dessa forma, soa terrivelmente sarcástico.

– Da próxima vez tentarei soar mais respeitoso – disse ele, embora não tenha conseguido não soar sarcástico dessa vez.

– Não foi isso que eu quis dizer! – protestou ela. – O senhor sabe perfeitamente que não é meu criado.

– Não vejo diferença. Seu irmão se referiu a mim como guarda-caça, não uma, mas duas vezes.

Como Gwyn se encolheu, ele amansou o tom.

– A *senhorita* pode não me ver sob essa ótica, mas ornstock certamente vê, e por uma boa razão. Eu de fato sou o guarda-caça. E, graças ao acordo que acabei de aceitar, serei seu guarda-costas em Londres. Então, obviamente, não me importo em trabalhar para a sua família.

Uma mentira deslavada. Ele se importava, sim. Queria fazer algo que tivesse mais valor do que cuidar do canil e do bosque da propriedade do duque.

Gwyn suspirou.

– Se está dizendo... Mas não é esse o assunto que eu gostaria de discutir. Quando chegarmos a Londres, quero que me ensine a atirar.

Ele praguejou baixinho.

– Porque seu irmão sabiamente se recusa a fazer isso?

Ela balançou a mão, afastando a ideia.

– Ele está apenas sendo superprotetor, como sempre. Mas o senhor ensinou a Beatrice, então não vejo por que não poderia ensinar a mim.

Ele cruzou os braços.

– Eu ensinei a Beatrice por necessidade, porque às vezes ela precisava ficar sozinha na casa de contradote e eu queria que soubesse se proteger. De alguma forma, duvido que colocar uma arma carregada na sua mão vá deixar alguém seguro, inclusive a senhorita.

– Então tenho uma surpresa, major – respondeu ela, com um movimento de cabeça. – A não ser que me ensine a atirar, vou voltar para aquele escritório e dizer ao meu irmão que prefiro que *ele* seja meu acompanhante em Londres. Porque o senhor só me será útil se fizer o que eu pedir, pelo menos nesse caso.

Droga. Ela parecia determinada a insistir nesse ponto. Wolfe poderia lavar as mãos em relação a ela neste momento e se recusar a entrar no jogo, mas assim perderia a chance de ir a Londres com a bênção de Sheridan.

Ou ele poderia tentar outra velha tática: se esquivar.

Hum. Aquilo *poderia* dar certo. Um plano surgiu em sua mente.

Ele assentiu, como se aceitasse a derrota.

– Tudo bem, aulas de tiro, então.

CAPÍTULO QUATRO

No dia seguinte à Páscoa, o grupo partiu para Londres na confortável carruagem de orn, com Gwyn e a mãe de um lado e orn e o major Wolfe do outro. orn estava se esforçando, tentando entreter a mãe com charadas.

Gwyn estava mais interessada em observar o major Wolfe. A verdade era que ela estava com medo do debute até orn contratar o major para acompanhá-las. Naquele dia, no escritório, ela o desafiara e tinha sido tão divertido que mal podia esperar por mais. Sempre que ela implicava com o major, a expressão dele ficava menos séria e ele se tornava sarcástico. Isso significava que ela o afetava mais do que ele deixava transparecer, o que a surpreendeu.

E naquele dia ele a surpreendera de novo. Depois de toda a conversa sobre roupas aceitáveis, Gwyn achou que ele viria fardado. Mas, embora o traje de viagem dele estivesse fora de moda – poucos cavalheiros usavam sobretudo cinza-claro ou calça cinza-escuro atualmente –, ele estava tão belo que isso não importava.

Mesmo sem farda, cada centímetro daquele homem gritava "oficial", desde as abotoaduras de ébano até as luvas cinza e as botas de couro pretas.

Ah, as botas eram de mais para ela. Não ajudava o fato de a ponta do pé direito, por necessidade, encostar em sua saia. Aparentemente, o major não conseguia dobrar muito bem aquele joelho por causa do ferimento. Ela gostaria de ser ousada o suficiente para encostar a ponta de sua bota na ponta da bota dele. Talvez isso o provocasse a esticar os pés *por baixo* da saia dela, ao menos o suficiente para que o toque fosse mais... íntimo.

Talvez assim ele *finalmente* olhasse para ela. Wolfe já estava com o olhar fixo para fora da janela havia uma hora, embora Gwyn não fizesse ideia do que ele achava tão fascinante na paisagem. Como a Páscoa tinha sido cedo naquele ano, a temporada também começaria mais cedo, mesmo que a primavera ainda não tivesse desabrochado. Botões de flores apareciam em algumas árvores, mas o clima estava tão úmido e frio, mesmo dentro da carruagem, que nem seu manto de lã era capaz de mantê-la aquecida. Ela estremeceu, e a mãe estendeu o braço para pegar sua mão enluvada.

– Ah, querida – disse Lydia –, seus dedos estão congelando. *Precisamos* comprar um manto mais pesado para você em Londres. Este é lindo, com certeza, mas...

– É um manto perfeitamente adequado para a primavera, mamãe – afirmou Gwyn, não querendo reforçar a opinião do major de que ela era mimada. – Além disso, eu nem tinha tido a oportunidade de usá-lo por causa do luto. Não vou perder esta chance só porque hoje está um pouco frio.

– Bem, quando pararmos para trocar os cavalos – disse a mãe –, vou pedir que nos tragam tijolos aquecidos. Sempre achei que aquecendo o pé, conseguimos aquecer todo o resto.

– Não temos tempo para isso, mãe – intrometeu-se orn, irritado. – Estão esperando por nós na hospedaria O Carvalho Dourado, em Cambridge, ao anoitecer, e quero chegar na hora. Além disso, não estou com frio. E o senhor, major Wolfe?

– Estou bem – respondeu ele, sem nem se virar da janela.

– Ah, é claro que *Joshua* está bem. Provavelmente ele já enfrentou todos os tipos de clima quando era soldado.

– Creio que sim – concordou orn. – O senhor não estava na gloriosa Batalha do Nilo, major Wolfe?

Finalmente, ele afastou o olhar da janela.

– Estava. E, acredite em mim, ela não foi nem um pouco gloriosa.

orn se mexeu no assento para encarar o major.

– Os britânicos tiveram uma vitória e tanto, não? Eu diria que isso é glorioso.

Major Wolfe fez uma careta.

– Nós perdemos quase dois mil homens no nosso navio, a maioria fuzileiros, como eu. Então me perdoe se minha lembrança da batalha estiver manchada pelo sangue que vi escorrendo nos deques do *Majestic*. Em determinado momento, nosso navio ficou entre dois navios franceses, e assim perdemos nosso capitão e dois mastros, sem mencionar os danos severos ao casco. Não pareceu glorioso na hora.

– Ainda assim – insistiu orn –, Sheridan me contou ontem à noite que o senhor é um herói de guerra. Que foi promovido a capitão devido ao excelente desempenho nessa mesma batalha. Eu não sabia disso.

Nem Gwyn. O fato de ter sido rebaixado a guarda-caça devia chateá-lo. Não era de admirar que ele estivesse sempre resmungando.

Ansiosa para escutar qualquer coisa que ele pudesse contar sobre o tempo em que foi fuzileiro real, Gwyn perguntou:

– Foi assim que o senhor se feriu?

Um leve sorriso levantou os cantos da boca dele.

– Considerando que a Batalha do Nilo aconteceu dez anos atrás, não. Não estou definhando em Sanforth há tanto tempo, Vossa Graça.

– Perdoe-me – murmurou Gwyn. – Não sei muito sobre a guerra contra a França.

– Claramente – comentou orn.

– Para ser franca, eu morava em Berlim na época – replicou Gwyn.

– E todos sabemos que não existem jornais em Berlim – disse orn com ironia.

A mãe lançou um olhar furioso para os dois, depois voltou sua atenção para Wolfe.

– Sabe, Joshua, você não precisa ser tão formal conosco. Como meu sobrinho, você é da família.

– Ah, sim, meu bom camarada – acrescentou orn –, eu ia lhe dizer isso ontem. O senhor vai se destacar como um novato na sociedade se continuar usando "Vossa Graça". Sei que eu e Gwyn não somos exatamente seus parentes, mas, como a mamãe disse, somos da mesma família, ainda mais agora que sua irmã se casou com nosso meio-irmão. Além disso, o

senhor é neto de um duque. Então pare de usar esses títulos honoríficos, pelo amor de Deus.

– Eu tentei dizer isso a ele dois dias atrás – comentou Gwyn –, mas ele não me escutou.

O major ergueu uma sobrancelha.

– Perdoe-me, lady Gwyn, mas era difícil acompanhar todas as instruções que estava me dando e todos os pedidos que estava fazendo.

Ele chegou perigosamente perto de mencionar o desejo dela de aprender a atirar. A julgar pelo brilho nos olhos do major, Gwyn percebeu.

– Pode chamá-la de Gwyn – disse orn. – E ela é assim, está sempre dando instruções às pessoas.

– Eu?! – exclamou Gwyn, cruzando os braços. – Foi você que ficou perguntando sobre as roupas dele.

– Quietos, os dois! – ordenou a mãe. – Não quero escutar essa chateação até a hospedaria.

 orn revirou os olhos.

– Nós não somos mais crianças, mãe. Há muitos anos.

– Não parece – disse ela. – Meu sobrinho é o único que se comporta com algum decoro.

– Acho que nunca tinha sido acusado de me comportar com decoro, tia – comentou o major. – Nem pela minha irmã.

A mera menção de Wolfe à sobrinha favorita de Lydia foi suficiente para deixá-la mais calma.

– Eu queria mesmo falar sobre ela. Que gentileza a sua comparecer ao baile de Beatrice. Ela sabe que está indo?

Wolfe lançou um olhar inquisitivo para Gwyn. Quando ela balançou discretamente a cabeça, ele respondeu:

– Não, é uma surpresa.

– Melhor ainda! – exclamou a mãe. – Mal posso esperar para ver a cara dela quando o vir andando pela nossa casa em Londres.

– Bem, vou *tentar* andar se isso for agradá-la, tia – disse ele, sem rancor, embora não tenha olhado para Gwyn.

Lydia não notou o comentário, tão animada que estava com a

perspectiva de surpreender Beatrice, mas Gwyn percebeu na mesma hora. Seu coração ficou partido por ele. Quantas vezes por dia as pessoas falavam esse tipo de coisa sem o menor cuidado? Com que frequência ele precisava fingir que não notava esses deslizes?

– É uma pena que você não possa comparecer à apresentação dela à corte também – disse Lydia –, embora talvez Grey possa conseguir um convite para você se falar com as pessoas certas.

– Por favor, não peça isso a ele – retrucou Wolfe, em um tom que soou mais como uma ordem do que um pedido. – Comparecer ao baile de debute de Beatrice é mais do que suficiente para mim.

Gwyn estremeceu. Devia ser uma tortura para ele ser forçado a frequentar a sociedade sem a menor vontade. Mas poderia ser bom para ela. Talvez conseguisse convencê-lo a ficar na casa da cidade uma ou duas vezes enquanto ela fosse a algum evento da sociedade com as amigas. Amigas das quais conseguiria se livrar facilmente. Um encontro era tudo de que precisava para entregar o dinheiro a Lionel.

– O que fez com que decidisse vir a Londres conosco? – perguntou Lydia. – Bea tinha certeza de que você não viria mesmo se ela pedisse.

Ele desviou o olhar para Gwyn por um breve momento antes de responder objetivamente:

– Estou com saudades dela.

Gwyn prendeu a respiração e viu que orn estava se segurando para não rir.

Lydia levantou o olhar para encarar orn.

– Ah, que adorável! Eu adoraria que os gêmeos fossem amigos. Mas orn nunca perdoou Gwyn por não voltar com ele para a Inglaterra quando ele veio reivindicar seu título.

– *Mãe* – disse orn com a voz magoada.

– O quê? É verdade.

– Talvez, mas isso não é do interesse do major, tenho certeza – interrompeu Gwyn. – Ele não quer saber sobre as nossas rixas de família.

– Pelo contrário – negou o major Wolfe –, sou todo ouvidos.

E olhos também, aparentemente, já que agora estava observando Gwyn

com uma intensidade que provocava sensações estranhas dentro dela.

– Tudo começou quando Gwyn arrumou um pretendente particularmente problemático – explicou a mãe.

Gwyn lançou um olhar suplicante para orn, mas pela primeira vez na vida ele parecia sem palavras.

– Eu esqueci o nome do sujeito – continuou ela. – Era Hazle-alguma coisa?

Hazlehurst fora outro pretendente de Gwyn. Graças aos céus, a mãe tinha uma péssima memória e Gwyn tinha um longo histórico de ser cortejada por homens com quem acabara não se casando.

– Sim, mamãe, era Hazlehurst – disse Gwyn, mentindo com toda a sua capacidade.

– De toda forma – acrescentou a mãe –, acho que orn foi desagradável com ele, e por isso ele foi embora e entrou para a marinha. E Gwyn nunca o perdoou.

– Nunca perdoou Hazlehurst? – perguntou Wolfe, buscando a resposta no rosto de Gwyn. – Ou ornstock?

– Ambos – respondeu a mãe. – Ela lavou suas mãos.

– E quem pode me culpar? – questionou Gwyn, fungando. – orn não tinha o direito de afugentar Hazlehurst, e Hazlehurst não tinha o direito de se permitir ser afugentado por orn.

– Principalmente por algo tão trivial quanto seu irmão ser desagradável com ele – disse o major. – Se o tal do Hazlehurst não conseguiu se manter firme nessa circunstância, a marinha deve ter lhe ensinado uma boa lição.

– Com certeza – disse orn, aparentemente conseguindo se acalmar, *enfim*. – Ouvi dizer que os castigos são comuns durante a guerra. É verdade, major?

Joshua deu de ombros.

– Depende do capitão. Eu vi acontecer muito em alguns navios e não acontecer em outros.

 orn parecia ter finalmente encontrado um assunto que interessava ao major, já que entraram em uma discussão sobre como os fuzileiros eram

tratados nos navios de guerra durante as batalhas em que o major Wolfe estivera, e todos os tipos de assuntos militares, muito masculinos.

Em outras circunstâncias, Gwyn também teria achado a conversa fascinante. Hoje, porém, escutou sem muita atenção, incapaz de se concentrar em nada exceto o alívio pelo desastre que fora evitado.

Mas por quanto tempo? E se a mãe revelasse mais alguma coisa sobre o passado que a forçasse a mentir? Ou será que a mãe estava satisfeita agora que dera sua opinião sobre o assunto?

Claramente, o debute de Gwyn seria mais cheio de perigos do que imaginara. A última coisa que ela queria era que o major Wolfe – ou qualquer outra pessoa da família – soubesse a verdade sobre seu passado com Lionel Malet.

CAPÍTULO CINCO

Eles pararam para trocar os cavalos de hora em hora e, em algumas dessas ocasiões, as damas desembarcaram por um momento. Mas nunca era tempo suficiente para Joshua sair e exercitar sua perna ferida. Em uma situação normal, ele não precisaria do exercício até que parassem para o pernoite, quando poderia alongar a perna o suficiente para evitar cãibras.

Infelizmente, sentado em frente a lady Gwyn era impossível se esticar. Ele não podia enfiar a bota por baixo do elegante vestido verde de viagem que ela usava. Primeiro, porque não queria sujar o vestido nem o manto evidentemente caro que estava por cima dele. Segundo, porque, mesmo se ela não o interpretasse mal, ele temia que a simples ideia da bota por baixo da saia dela atiçasse sua imaginação, levando-a para lugares proibidos.

Mas, por mais que ele tentasse dar um jeito de se sentar em frente à tia, que provavelmente não se importaria se ele invadisse um pouco de seu espaço pessoal, ele sempre acabava em frente a lady Gwyn. Ou Lydia ou ornstock – ou os dois – estava por trás disso. Não podia imaginar que lady Gwyn tivesse alguma coisa a ver. Ela estava quieta desde que ele e ornstock começaram uma conversa sobre assuntos militares.

Após um tempo, Gwyn adormeceu. Só então ele ousou esticar a perna e permitir que a bota entrasse embaixo da saia dela, mas muito pouco. Então, quando pararam na frente da hospedaria, ele praticamente pulou para fora da carruagem na ânsia de escapar do confinamento. Tudo o que ele queria era uma curta caminhada para voltar a sentir sua perna, uma boa refeição, um copo de conhaque e a chance de se sentar em frente a uma lareira, com o pé e a canela ruins mergulhados em água quente.

Estava satisfeito por poder fazer tudo isso sozinho se assim desejasse, pois o duque lhe informara que teria seu próprio quarto. Ser um "herói de guerra" tinha suas vantagens, ao que tudo indicava.

– Aonde você vai, Gwyn? – perguntou Lydia.

– Vou dar uma caminhada, mamãe. Preciso de um pouco de ar fresco. Não vou demorar.

Droga, a mulher já estava se dirigindo para o quintal da hospedaria, passando pelo arco que eles tinham acabado de cruzar, com seu manto e seu chapéu elegantes. ornstock, que já estava levando tia Lydia para dentro, parou apenas para assentir para Joshua. Obviamente, o trabalho como guarda-costas começava agora.

Praguejando baixinho, ele foi atrás da jovem.

– Lady Gwyn! – chamou ele.

Ela parou para olhar para trás, surpresa.

– Não precisa vir comigo, major. Tenho certeza de que o senhor quer uma caneca de cerveja tanto quanto orn.

– A senhorita não pode andar por uma cidade estranha desacompanhada, milady.

– Por que não? – perguntou ela, se virando para continuar. – Eu ando sozinha pelo campo todos os dias. E nem está escuro ainda.

– A noite já vai cair. Mas, escuro ou não, Malet pode ter nos seguido durante todo o trajeto, esperando apenas uma chance para sequestrá-la.

– Duvido disso...

Gwyn parou, como se tivesse percebido que estava prestes a dizer algo que não deveria. Então puxou mais o manto sobre si.

– Tudo bem, major. Mas tenho a intenção de ver a Igreja de Santa Maria, a Grande, antes de voltar. Esta caminhada comigo não vai... hum... ser ruim para a sua perna?

Ele considerou se deveria falar a verdade, e finalmente decidiu que não tinha nada a ganhar mentindo.

– *Não* caminhar é o que a faria doer depois de uma viagem tão longa. Eu sinto cãibras se passo muito tempo sentado.

– Ah, nossa – disse ela, soando genuinamente tocada. – Eu não fazia

ideia. Tem alguma coisa que possamos fazer para ajudar?

Amanhã posso esticar meu pé embaixo da sua saia? Faria uma massagem com essas mãos lindas até eu pegar no sono?

Droga.

– Não – respondeu ele, concisamente. – Já estou acostumado.

– Bem, espero que nos diga se pudermos ajudar.

– Pode deixar.

Hora de mudar de assunto antes que a imagem dela "ajudando" de diversas formas lascivas levasse sua mente a viajar por terrenos perigosos.

– Estou curioso sobre uma coisa. O que exatamente seu irmão fez ou disse para esse tal de Hazlehurst que levou o homem a fugir para a guerra em vez de ficar e se casar com a senhorita?

– Primeiro, não sabemos se Hazlehurst teria se casado comigo se tivesse ficado.

– A senhorita já era herdeira na época?

– Já.

– Então ele teria.

No minuto em que as palavras saíram de sua boca, ele percebeu que soaram como um insulto.

– Meu Deus, não foi o que eu...

– Para sua informação – destacou ela –, eu não quis dizer se *ele* teria escolhido se casar *comigo*. Mas sim se *eu* teria escolhido me casar com *ele*.

– Claro, me desculpe, lady Gwyn. Quando o assunto é casamento ou coração, tendo a ser cético. O que faz com que todas as palavras que saem da minha boca sejam igualmente céticas.

O silêncio foi a única resposta que ele teve. Tentou de novo.

– Nem precisa dizer que a escolha será sua, mas acho que qualquer homem seria um tolo por não se casar com uma mulher tão bonita e inteligente, ainda mais havendo uma fortuna envolvida. A senhorita e seu irmão já deixaram claro que esse Hazlehurst não tinha o menor senso...

– Ah, pare, major. Não estou magoada a ponto de cair nessa bobagem que está dizendo. Sei perceber quando alguém está me bajulando.

Isso o surpreendeu. Embora o tom de voz de Gwyn parecesse rabugento,

ela não soava ofendida. Já era ruim o suficiente ele ter bajulado uma mulher que certamente recebia elogios o tempo todo. Wolfe não iria admitir que cada uma daquelas "bobagens" ditas por ele era sincera.

Caminharam por algum tempo em silêncio, passando pelas cocheiras e pelos estábulos até chegarem à rua principal de Cambridge. A hospedaria ficava em uma parte menos populosa da cidade, portanto estavam praticamente sozinhos em sua caminhada.

Ele entendia a preocupação de Gwyn com a perna dele, mas ele caminhava grandes distâncias na propriedade todos os dias. A única diferença é que fazia isso mais devagar. Quando estavam entrando na área onde ficava o campus universitário, eles se aproximaram de dois homens que descarregavam baús de uma carruagem em frente a uma taverna, rindo e brincando enquanto levavam um baú para dentro. Era o tipo de cena idílica que poderia acontecer em qualquer cidade da Inglaterra.

Joshua e Gwyn tinham acabado de passar pela carruagem quando escutaram um som alto atrás deles.

No mesmo instante, foi como se Joshua tivesse sido jogado de volta ao deque do *Amphion*, durante a explosão que estraçalhou o cordame... e muitos homens dos dois lados. O instinto fez com que se abaixasse e, inconsciente do que fez, ele pegou a pistola e a engatilhou. Levou alguns segundos para perceber o baú aberto com várias canecas espalhadas pelas pedras do pavimento.

Os dois camaradas que deixaram o baú cair congelaram ao ver a arma. Ele também congelou, desorientado.

De repente, Joshua sentiu a mão de Gwyn cobrir a sua.

– Acho que não precisamos da arma agora – disse ela.

A vergonha tomou conta dele. Inferno, o que ele estava fazendo?

– Levante a mão, por favor – disse ele com firmeza. – Preciso desengatilhar a arma.

Quando ela obedeceu, ele se levantou e fez todo o complicado processo de desengatilhar a arma de forma segura.

Então ele chamou a atenção dela.

– Pelo amor de Deus, nunca toque a mão de um homem que segura uma

arma engatilhada!

Ela engoliu em seco.

– Eu... sinto muito. Só...

– Eu poderia ter atirado neles – disse Joshua, ainda nervoso. – Eu poderia ter atirado na *senhorita*. Se eu tivesse virado...

– Mas não virou – interrompeu ela, embora seu rosto corado mostrasse que ela aprendera a lição.

Ela pegou o braço dele e o afastou dos dois homens, que agora os observavam com curiosidade.

– Está tudo bem.

– Não está *nada* bem – disse ele, ainda abalado pelo que poderia ter feito. – É melhor voltarmos para a hospedaria.

Ainda segurando o braço dele, ela continuou seguindo para Cambridge.

– Não até o senhor se acalmar.

Joshua a acompanhou, mesmo com o coração martelando no peito.

– É por isso que eu não deveria estar indo para Londres nem deveria trabalhar como guarda-costas de ninguém, droga. Preciso de lugares tranquilos, de preferência sem ninguém por perto.

Ou então voltar para os Fuzileiros Reais, onde seu comportamento pareceria normal.

– Bobagem. O senhor percebeu rapidamente o que estava fazendo. Nada de mau aconteceu.

Ele levantou uma sobrancelha.

– A senhorita ainda está agarrada ao meu braço como se quisesse me impedir de machucar alguém.

Quando ela o soltou, ele disse:

– Agora entende por que o povo de Sanforth fica longe de mim?

Principalmente as mulheres, que ficavam alarmadas sempre que ele ia à cidade.

Mas Gwyn não estava fazendo isso.

– O senhor já teve esse tipo de reação antes? Quero dizer, em Sanforth ou na propriedade?

– Infelizmente, sim.

– Com que frequência?

Ele cerrou os dentes, embora ela tivesse o direito de saber.

– Algumas vezes.

– Já atirou em alguém? Feriu alguém?

– Ainda não. Mas...

– Então o senhor está lidando com isso da melhor forma possível. Eu também pulei de susto quando aqueles dois deixaram o baú cair.

– Sim, mas você não atirou em ninguém.

Gwyn sorriu.

– Nem o senhor. Agora, vamos mudar de assunto e terminar nossa caminhada.

– A senhorita é bem autoritária para uma mulher.

– *Conhece* a minha família, não conhece? Quando estamos juntos, é a batalha dos duques, todos lutando para as coisas serem feitas a seu modo. Eu aprendi que se quiser que minhas vontades sejam consideradas, preciso mergulhar de cabeça na briga, de igual para igual.

Apesar de tudo, isso levou Joshua a sorrir. A declaração de Gwyn reforçou a impressão que ele tinha da família dela.

Andaram um pouco mais.

– O pôr do sol está magnífico, não acha? – perguntou ela, aparentemente determinada a animá-lo.

Ele não havia notado, mas se forçou a prestar atenção no lugar onde o sol mergulhava à direita deles, tingindo o céu com tons de rosa, laranja e roxo.

– Está mesmo – disse ele, e apontou para um prédio impressionante. – É esta a igreja que a senhorita queria ver?

– Sim. Toda vez que passamos por aqui, tento visitá-la. Sempre admirei o estilo gótico perpendicular da Igreja de Santa Maria, a Grande. Gosto das linhas claras, da simetria e da ausência de vitrais. E justamente por esse último motivo, o que eu mais gosto nela é o modo como o sol poente cria essa impressão de labaredas nas janelas de vidro simples.

Ele conseguiu murmurar uma resposta.

– Às vezes eu esqueço que o pôr do sol é mais do que um mero

indicador do tempo no mar. Como diz o ditado: "À noite céu vermelho, deleite do marinheiro; de manhã céu vermelho, toma cuidado, marinheiro." Essas coisas.

– Considerando seus anos a bordo de um navio, é verdade isso, do céu vermelho?

– Geralmente.

Ela suspirou.

– Eu gostaria de ser capaz de pintar um pôr do sol, mas o resultado que alcanço nunca faz jus.

– Nenhum resultado faz. A natureza tem o monopólio do pôr do sol. Ainda não vi uma pintura que não parecesse forçada.

– Um juízo bem extremo esse, não acha?

– Talvez. Eu não vi muitos quadros e... Não sabia que a senhorita é artista.

Ela riu, pesarosa.

– Digamos que me chamar de "artista" é o mesmo que dizer que meu manto é a vela de um navio. Sei rascunhar, mas pintar uma aproximação razoável desta igreja, por exemplo? Não tenho nem esperanças.

– Ah, sim, esqueci que a senhorita se interessa por arquitetura.

– Isso é porque o senhor nunca vai nos visitar – comentou ela. – Minha mãe já o convidou para jantar várias vezes, mas o senhor nunca aparece. Pense em quantas conversas excelentes perdeu. Na semana passada mesmo, Sheridan e nossa mãe entraram em uma longa discussão sobre como deve ser o nó de uma gravata.

Sombrio, Joshua balançou a cabeça. Sua vida parecia estar a quilômetros de distância da deles.

Ela enfiou um cacho para dentro do elegante chapéu.

– Então, agora que se lembrou do meu amor pela arquitetura, pode me dizer quais são os seus interesses? Porque, de alguma forma, eu duvido que seja ir atrás de caça e criar cães, ou o que quer que um guarda-caça faça além disso.

– Isso é o que a senhorita supõe?

– Bem, não foi muito difícil. O senhor está sempre tão taciturno que só

posso supor que é porque não gosta do trabalho.

– Meu trabalho não é o problema. É que...

– Não é isso que achou que faria pelo resto da sua vida – completou ela.

– Exatamente.

– Mas ainda assim continua nesse trabalho porque tem medo de machucar alguém se fizer qualquer outra coisa – insistiu ela.

– Exatamente.

Surpreso pela perspicácia dela, ele lhe lançou um olhar soturno.

– Achei que fôssemos mudar de assunto.

– Certo – concordou ela, sorrindo. – Então quais eram seus planos para a vida?

– Achei que estaria liderando homens em batalhas. Discutindo estratégias com outros oficiais, viajando para novos lugares que fossem... fossem...

– O mais longe possível da Inglaterra – concluiu ela. – Sei como é. Eu mesma não queria voltar para a Inglaterra, embora esteja começando a me conformar. Com a guerra acontecendo e toda a minha família morando aqui, é improvável que algum dia eu consiga voltar para Berlim, por mais que eu sinta falta de lá.

– Esse é o verdadeiro motivo de não ter voltado quando ornstock pediu? A senhorita não queria deixar Berlim e seus pais?

Ela respirou fundo.

– Em parte. O outro motivo era porque orn estava voltando por conta de uma propriedade, um título e muita riqueza. Enquanto eu estaria voltando para...

– Nada. Exceto para a posição de irmã de um duque com uma propriedade, um título e muita riqueza.

– Falando assim, parece que eu sou uma garota mimada – reclamou ela. – Não foi isso que eu quis dizer.

Inferno, toda vez que abria a boca, Joshua a insultava. Ele pensou por um momento, tentando escolher as palavras com cuidado.

– Todo mundo quer alguma coisa que seja individualmente sua. Se a senhorita tivesse voltado com seu irmão, teria vivido na sombra dele, do

mesmo jeito que eu vivo na sombra da minha família. Se tem alguém no mundo que entende por que não voltou, esse alguém sou eu.

Parecendo grata pelas palavras, Gwyn deu o braço a ele. O sangue dele esquentou com o toque. Que Deus o ajudasse, como gostaria de não reagir a ela dessa forma.

Então, mais uma vez, ele se sentiu assustadoramente mais calmo. Sem dúvida a conversa e a presença daquela dama tinham a ver com isso.

Joshua se permitiu aproveitar o momento enquanto caminhavam pela rua, com o som da bengala estalando nas pedras de forma rítmica.

– Ora, ora, estou vendo um sorriso nesses lábios? Ah, agora eu realmente gostaria de saber pintar. Adoraria capturar a imagem do sorriso do major Wolfe na natureza. Porque acho que ninguém acredita que ele exista.

– Sorriso do *Joshua* na natureza.

Ele permitiu que seu sorriso se abrisse ainda mais ao fitá-la.

– A senhorita escutou o que sua mãe disse sobre não precisarmos ser tão formais.

Os olhos dela brilharam como a paisagem verde que os cercava.

– Então você deve me chamar de Gwyn.

Ele não tinha falado realmente sério, mas agora que pronunciara as palavras até que gostava da ideia de chamá-la pelo primeiro nome. E eles eram um pouco como família.

Não, talvez não. Eles não o tinham visto agir como agira mais cedo na rua.

– Mas nada de usar o primeiro nome em público – avisou ele.

– Certo – concordou ela, com uma suavidade indescritível na voz. – Apenas em particular.

A palavra "particular" fez com que o coração dele acelerasse. A ideia de Gwyn estar em particular com ele acelerou o sangue em suas veias.

Aquilo era uma *imprudência*.

Então, como se para lembrá-lo de que desejá-la era loucura, seu estômago roncou.

– Acho que está na hora de voltarmos para a hospedaria – disse ela,

rindo. – Você já está mais calmo. E talvez seja justamente esse o motivo da sua reação tão... violenta. Um homem alto e musculoso como você não pode ficar muito tempo sem uma boa refeição.

– Verdade – concordou ele, mas, apesar da fome, Joshua não queria voltar.

Eles se viraram e partiram na direção da hospedaria.

– Sabe – começou ele –, você ainda não me disse o que seu irmão gêmeo fez para espantar o tal Hazlehurst.

Ela franziu a testa.

– Verdade, eu não disse.

– Gwyn, me conte. Eu quero saber.

Por um momento, ela ficou em silêncio. Então respirou fundo e deu mais alguns passos.

– Muito bem. orn pagou para que ele fosse embora de Berlim. Pelo que sei, pagou para ele entrar no... na... marinha também.

Joshua assoviou baixinho.

– Se eu tentasse fazer isso com Beatrice, ela teria, para usar a sua frase, "colocado as minhas bolas em uma caixa".

– Eu *deveria* ter feito isso – disse Gwyn, alegre.

Embora ela parecesse indiferente, Joshua percebeu que seu rosto ficou mais corado.

– Certamente, seu irmão deve ter tido alguma razão sensata para pagar para o homem desaparecer – disse ele, se imaginando em tal posição. – Quando aceitou esse dinheiro, o sujeito provou ser um caçador de fortunas, e você não ia querer um homem assim como marido, certo?

– É claro que não. Ainda assim, foi presunçoso da parte do orn.

– De fato. Mas seu irmão deve ter oferecido uma grande quantia de dinheiro para levar Hazlehurst a desistir de tentar pôr as mãos no seu dote.

– Para ser sincera, não foi só o dinheiro, orn só ofereceu alguns milhares de libras. Mas orn também disse a ele que se... hum... se Hazlehurst *tentasse* fugir comigo para nos casarmos, ele me deserdaria.

– Ah. Você acha que ele teria feito isso mesmo?

A postura de Gwyn relaxou.

– Não importa. Hazlehurst não quis arriscar perder a minha fortuna, então preferiu ficar com um pássaro na mão e foi embora o mais rápido que pôde.

Gwyn olhou para Joshua.

– *Você* se julga cético em relação a amor e casamento, mas saiba que eu mesma já ultrapassei a barreira do ceticismo. Saber que a maioria dos homens me vê como um banco ambulante é uma forma de evitar que eu goste deles.

– Então é por isso que tem 30 anos e ainda não se casou. Eu me perguntava o porquê. Pois você parece exatamente o tipo de mulher que os cavalheiros da sociedade desejam.

Ela riu com amargura.

– Claramente, você não frequenta a sociedade há um bom tempo, senão saberia que eu não chego nem perto do tipo de mulher que os cavalheiros desejam. Eles preferem esposas que entregarão o dote sem jamais tentar opinar sobre a forma como o dinheiro será usado. Eles querem mulheres sem nenhum tipo de opinião importante, que simplesmente responda "Sim, querido", "Como quiser, querido", "Você é meu senhor e mestre, querido".

– Ah, eu duvido que seja assim – opinou Joshua. – Eu não gosto mais da alta sociedade do que você, mas Grey parece escutar o que Beatrice diz, e isso é impressionante, considerando que Beatrice é a mulher mais imprudente que eu conheço.

– Mais do que eu? – perguntou Gwyn, olhando para ele, ansiosa.

Inferno.

– Eu... acredito que seria mais sábio não comparar vocês duas. Não consigo ver nenhuma situação em que a minha resposta possa agradar. E, embora você não saiba atirar, esse grampo saindo do seu chapéu me parece bem letal.

Como ele esperava, isso fez com que ela desse uma gargalhada.

– Ora, ora, Joshua, você sabe ser bem charmoso quando quer.

– Não vá se acostumando. Segundo a minha irmã, só consigo esse feito uma vez por mês, mais ou menos.

– Com certeza consegue ao menos umas duas vezes por mês – afirmou

ela com um sorriso.

Mas Joshua não estava mais escutando.

– Aquele sujeito à nossa frente parece suspeito.

– Que sujeito?

– Não olhe agora – disse ele, pegando a mão de Gwyn. – Vamos passar direto pelas cocheiras. Olhe para mim e continue falando.

– Sobre o quê?

– Não importa. Acho que ele não consegue nos escutar. Só preciso de uma desculpa para olhar na direção dele enquanto passamos para ver o que ele está fazendo lá dentro.

Ela olhou para ele.

– Não acha que está desconfiado demais? Talvez ainda esteja reagindo ao que aconteceu mais cedo.

– Não, não. O sujeito que entrou nas cocheiras não está usando o uniforme da hospedaria, e, se fosse funcionário do lugar, teria corrido para ajudar os cavalos daquela carruagem que acabou de passar pelo arco. Além disso, antes de entrar ele ficou olhando em volta para ver se algum dos rapazes da estrebaria ou os cavalariços estavam por perto.

– Eu não percebi nada disso.

– É o que acontece quando se é um fuzileiro real. Eu percebo tudo.

– Ele nos viu?

– Não, ele estava olhando para o arco, não para a rua onde estávamos. Acho que estava ocupado demais se certificando de que nenhum funcionário da hospedaria pudesse vê-lo.

Joshua sorriu para ela, embora seus olhos estivessem escrutinando dentro das cocheiras.

– Agora, dê uma gargalhada, mas natural.

– Então me conte uma piada para eu rir.

– Seu chapéu está de trás para a frente – disse ele.

Ela deu uma gargalhada.

– Não está, e isso não foi uma piada.

– Mas fez com que você risse, não fez?

Ele olhou para trás, mas, sem nenhum lampião aceso dentro da

cocheira, estava escuro demais para enxergar qualquer coisa.

– Volte para a hospedaria e fique com sua família enquanto dou uma olhada no que o sujeito está fazendo lá dentro.

– De jeito nenhum – respondeu ela. – Além disso, dois pares de olhos são melhores do que um.

– Verdade. Exceto que eu terei que segui-lo quando ele sair.

– Por quê?

– Para descobrir para quem ele trabalha.

– Certo.

Mas ela parecia não entender por que ele estava tão determinado a descobrir quem era o rapaz.

Joshua, no entanto, entendia. O instinto lhe dizia que não devia confiar no sujeito. E aprendera nas batalhas a nunca duvidar de seu instinto.

Depois de terem passado totalmente pela cocheira, ele a puxou para a lateral da entrada e olhou pela beirada. Felizmente, a carruagem de ornstock tinha sido a última a entrar, então estava perto. Infelizmente, embora Joshua pudesse ver que o suspeito estava mexendo no equipamento, não conseguia identificar exatamente o que fazia. Teria de voltar mais tarde para examinar a carruagem com cuidado, depois de segui-lo.

Então, em questão de segundos, o sujeito correu para a entrada. Maldição, o homem estava saindo naquele exato momento. Joshua não tinha onde se esconder e nem tempo suficiente para fugir. Em poucos segundos, o homem os veria e se perguntaria por que estavam tão perto das cocheiras, uma vez que tinham passado vários minutos antes.

Joshua olhou para ela, com o pensamento acelerado. Então fez a única coisa que esconderia o rosto dos dois e tornaria crível estarem tão próximos.

– Entre no jogo – sussurrou ele.

E, puxando-a para si, colou os lábios aos de Gwyn.

CAPÍTULO SEIS

Gwyn ficou petrificada. Joshua a estava beijando. *Beijando*. Embora, pensando melhor, ele não estivesse realmente beijando, mas encostando os lábios nos dela. A boca não se movia e a mão livre estava pousada gentilmente em sua cintura. Além disso, ambos estavam de olhos abertos, o que era diferente de todos os outros beijos que tinha trocado com qualquer outro homem.

Por isso conseguiu ver o sujeito que estavam vigiando passar, parar e olhar para eles. Com o coração disparado, ela fechou os olhos e enroscou os braços no pescoço de Joshua.

Gwyn tinha feito isso só para espantar o estranho ou porque talvez quisesse um beijo de verdade? De qualquer forma, tudo mudou naquele momento. Foi como se Joshua tivesse se esquecido do real motivo daquela cena, porque deixou escapar um gemido e começou a mexer os lábios em um beijo voraz.

O pulso de Gwyn acelerou. Joshua tinha cheiro de mel, sabonete e couro. Ela não esperava que a mistura de aromas fosse tão sedutora.

Ou que ele beijasse tão bem. Não era um beijo delicado, era profundo, tinha a voracidade de um homem tentando conquistá-la. E quando ela abriu os lábios, ele aceitou o convite, enfiando a língua em sua boca, explorando-a e deixando um rastro de arrepios ao fazer isso.

E então ela experimentou *realmente* a sensação de ser beijada. Algo que poderia ter esperado de qualquer outro homem, menos daquele.

Quando se deu conta, Joshua a estava encostando na parede e soltara a

bengala para abraçá-la com as duas mãos. E por que estar presa contra a parede pelos braços dele fazia com que Gwyn derretesse feito manteiga?

Ela não sabia e não se importava. Só queria mais. O beijo de Joshua era um banquete glorioso que ela devorava avidamente. A maciez surpreendente da boca dele contrastava com a aspereza do maxilar roçando em sua pele.

As primeiras investidas ferozes da língua dele se transformaram em movimentos mais lentos e sedutores e Gwyn sentiu as pernas bambas. Ela se agarrava ao pescoço dele como neve no topo da montanha. Ele moveu uma das mãos para baixo do manto dela, perto das costelas, então começou a subir e descer em um movimento sensual. Uma torrente de sensações a percorreu. Gwyn desejou ser tocada em outros lugares mais íntimos.

Meu Deus, o homem sabia como beijar uma mulher, como *segurar* uma mulher. Que surpresa deliciosa.

Então, quando ele finalmente se afastou, ela sentiu na garganta a ardência da decepção. Joshua avaliou cada centímetro do rosto dela sob o crepúsculo que os escondia de qualquer pessoa que se aproximasse da hospedaria.

– Ele foi embora, não foi? – perguntou Joshua, rouco.

O cérebro dela estava tão anuviado pelo prazer que ela quase perguntou "Ele quem?", mas conseguiu se lembrar a tempo.

Ela olhou para a rua à frente deles e torceu para que Joshua não percebesse como sua voz estava abalada quando respondeu:

– Acho que sim.

Franzindo a testa, ele olhou para o caminho vazio.

– Inferno. Tenho que alcançá-lo... eu esqueci... – disse ele, e se abaixou para pegar a bengala. – Deixa pra lá. Perdi a oportunidade.

– Oportunidade?

– De ir atrás dele.

– Ah, certo.

Ela se esforçou para esconder a mágoa que as palavras furiosas dele causaram.

Como uma tola, ela acreditara que o beijo deles realmente tinha

significado alguma coisa para ele. Que tola, não é? Para o major Wolfe, tudo era uma missão militar, até mesmo canecas quebradas no meio da rua. O beijo fora apenas um meio para chegar a um fim.

Mas ela não podia estar tão errada sobre o efeito que causou nele, podia? Ela fora beijada vezes suficientes para saber distinguir um gesto verdadeiro de um falso. O beijo deles tinha sido de verdade. E o fato de Joshua ter intensificado o beijo e feito aquelas carícias...

Dizia muito.

Assim como a forma com que ele estava evitando o olhar dela agora.

– Espere aqui – ordenou ele – enquanto eu entro na cocheira para descobrir o que ele fez na carruagem do seu irmão.

Ela fez uma careta. Era óbvio que ele não queria falar sobre o beijo nem sobre o que ele significava. Era óbvio que não tivera a intenção de beijá-la, mesmo que tenha reagido com tanto prazer. Gwyn aprendera cedo que os homens eram assim. Podiam desfrutar um beijo sem que aquilo necessariamente tivesse um significado. Lionel certamente se enquadrava nessa descrição.

Muito bem, se ele queria ignorar o beijo apaixonado deles, ela faria o mesmo. Mas não permitiria que o major passasse por cima dela no processo.

– Você é tão autoritário quanto eu, Joshua, mas não sou um dos seus soldados para receber ordens, está bem? Vou entrar com você.

Quando parecia que ele estava prestes a protestar, ela acrescentou:

– Não há ninguém por perto para ver. E, afinal, depois do risco que corremos nos escondendo para vigiá-lo, acho que mereço saber o que ele estava fazendo.

Viu, major "que quer mandar em tudo" Wolfe? Gwyn também sabia agir como se o beijo não tivesse significado nada.

Os olhos dele brilharam para ela, refletindo a lua que já subia no céu.

– Tudo bem.

– Bom.

Virando-se, ele entrou na cocheira.

– Nosso cocheiro guarda material inflamável para acender os lampiões

da carruagem no compartimento embaixo do assento dele – disse ela ao segui-lo.

– Como você sabe? – perguntou Joshua.

Ela deu de ombros.

– Você percebe o perigo, eu percebo onde os criados guardam as coisas que um dia podem me ser úteis.

Ele balançou a cabeça como se isso não fizesse o menor sentido, depois tentou abrir o compartimento. Não cedeu facilmente, então ele puxou com força, e o assento balançou.

– Espere – disse ele, observando com desconfiança. – Pode ter sido justamente isso que o sujeito fez.

Ele examinou os parafusos que prendiam o assento à carruagem.

– Inferno! Os parafusos estão frouxos o suficiente para que o assento caísse assim que a carruagem estivesse se movendo com velocidade.

– Que horror! – exclamou Gwyn, chocada.

– Não só um horror, é perigoso.

Joshua mexeu no compartimento até encontrar a caixa de ferramentas que ficava ali.

– Quando o assento se desprendesse e o cocheiro caísse, os cavalos ficariam assustados e desorientados. Poderíamos facilmente acabar em uma carruagem desgovernada.

Ele encontrou a chave de fenda e apertou os parafusos.

– Mas agora que você descobriu, vai ficar tudo bem, certo?

– Depende.

Ele guardou a chave de fenda na caixa de ferramentas e colocou-a de volta no compartimento.

– Porque estou supondo que nosso criminoso esperasse ter uma chance de sequestrá-la na confusão.

Gwyn ficou arrepiada.

– Você acha que Malet está por trás disso?

Ele limpou as mãos, batendo uma na outra.

– Isso ou algum batedor de estrada está querendo assaltar ornstock. É difícil um duque viajar sem ser notado pelos criminosos.

– O que você acha mais provável?

Encarando-a, ele deu de ombros.

– Provavelmente Malet, se ele ainda estiver planejando sequestrá-la.

Lionel não estava planejando isso, mas talvez pudesse estar pensando em assaltar orn, para se vingar da família pelas desfeitas contra ele. Ou, talvez, ele achasse que seria um jeito mais rápido de conseguir seu dinheiro.

– Fizemos tudo que podíamos hoje – declarou Joshua –, mas acho que devo viajar junto ao cocheiro amanhã, caso estejamos mesmo na mira de algum batedor de estrada e seus comparsas.

– Achei que fosse raro encontrar batedores hoje em dia.

– E é, o que me leva a crer que Malet planejou isso para conseguir levá-la.

– Mas como ele poderia saber quando a carruagem iria quebrar?

– Bem, ele teria que nos seguir. Assim como qualquer bandido. De toda forma, minha pimenteira vai estar pronta e seu irmão poderá mantê-la segura dentro da carruagem.

Gwyn escondeu a decepção. Estava ansiosa para viajar no pequeno espaço com ele de novo. Teria tido a chance de perguntar um pouco sobre seu passado: como fora ferido, se já se apaixonara e o que o deixara tão sombrio e propenso a surtos de raiva que o levavam a sacar uma arma para dois rapazes da cidade.

– É melhor entrarmos na hospedaria – sugeriu ele. – Sua família deve estar se perguntando aonde nós fomos. E preciso atualizar ornstock da situação.

Ela assentiu. Então era isso. Nada a comentar sobre o beijo. Claramente tinha sido fruto de sua imaginação ele ter sentido alguma coisa. Perceber que ele não sentira – ou ao menos não o suficiente para fazer alguma coisa a respeito – foi a maior das decepções. Mas era melhor assim. Ela nunca seria feliz casada com alguém tão temperamental. E quando um homem rígido com ele soubesse a verdade sobre seu passado, algo que ela não conseguiria esconder para sempre, jamais desejaria se casar com ela, de toda forma.

Não importava quanto ela havia gostado daquele beijo, Gwyn teria

simplesmente que considerá-lo como nada mais do que um erro da parte de ambos.

Na manhã seguinte, com o consentimento de ornstock, Joshua assumiu seu posto ao lado do cocheiro. Primeiro, o homem, que se chamava Peabody, pareceu irritado com a presença dele. Só respondia aos comentários do major com grunhidos.

O que não era suficiente para afastar da mente de Joshua o beijo entre ele e Gwyn no dia anterior. Já passara metade da noite revivendo-o em sua cabeça, não queria passar o dia todo também, se perguntando o que o havia possuído para ser tão imprudente.

Ele no mínimo deveria ter pedido desculpas por apalpá-la como um cão faminto. Na hora, parecera mais sensato fingir que nada tinha acontecido. Fingir *para ela*, a qualquer custo. O problema é que não dava para fingir para si mesmo. Ainda sentia o cheiro do perfume de limão dela, ainda saboreava os gemidos de prazer que ela emitira... ainda sentia o gosto de sua boca, mais suave do que ele imaginara.

Agora que experimentara a sensação de ter aquele corpo perfeito em seus braços, Joshua a *desejava* ainda mais. E ela provavelmente sabia disso. Com certeza usaria isso para convencê-lo a fazer o que ela bem entendesse. Inferno.

Para o alívio de Joshua, Peabody escolheu aquele momento para falar.

– Sua Graça me disse que o senhor quis viajar aqui para o caso de encontrarmos algum ladrão na estrada – disse ele, parecendo ter algo engasgado. – Mas, como informei Sua Graça, é pra isso que serve meu Brown Bess.

O cocheiro colocou a mão para trás para dar tapinhas no que parecia um mosquete.

– Dou conta de qualquer ladrão ou malandro sozinho. Então o senhor não carece de se preocupar, major.

Joshua não imaginara que sua interferência poderia deixar Peabody

ressentido, mas, pensando bem, fazia sentido.

– Não é trabalho nenhum. Para ser honesto, prefiro ficar aqui fora no vento e na chuva o dia todo. Uma carruagem apertada com uma duquesa, um duque e a irmã de um duque não é lugar para um sodado como eu.

– Eu também já fui soldado, sabe? – disse Peabody, cujo ressentimento pareceu ter diminuído um pouco.

– Ah, é mesmo? Exército ou Marinha?

– Exército. Eu era sargento do Décimo Nono Regimento de Infantaria até me acertarem com um monte de balas no peito e no ombro e eu quase morrer.

– Parece que você conseguiu se sair bem no final – comentou Joshua. – Deve ser um homem de ferro.

Peabody deu de ombros.

– Meu peito dói às vezes, no inverno então... Mas pelo menos não perdi um braço nem uma perna.

Nem foi ferido de forma irrevogável, pensou Joshua.

O cocheiro se remexeu no assento.

– O senhor era dos Fuzileiros Reais, certo?

– Ainda sou.

– Ah. Então recebe pensão. Que sorte.

Só oficiais podiam receber pensão, então Joshua podia supor que *tinha* sorte. Nunca pensara nisso dessa forma.

Peabody estalou a língua para os cavalos.

– Eu ia estar passando maus bocados se Sua Alteza não tivesse me dado este trabalho. Ele é um bom homem. Pra um duque.

Joshua riu.

– De fato.

Eles seguiram viagem em silêncio por algum tempo.

– Peabody, me diga uma coisa, creio que você tenha passado por este caminho várias vezes, agora que a mãe de Sua Alteza mora em Armitage Hall.

O homem guiou os cavalos com habilidade em uma curva fechada.

– Sim, várias.

– Já encontrou algum batedor?

– Já faz alguns anos que não, senhor. Por isso achei estranho quando Sua Graça me falou isso, já que nunca tinha se preocupado antes.

Joshua pensou se deveria ou não contar a verdade para o cocheiro, mas achou que devia isso a ele.

– Na verdade, ontem à noite eu vi um homem mexendo aqui no seu assento. Só não sei quem ele era nem por que estava fazendo isso. Ele... fugiu antes que eu pudesse descobrir.

Como Peabody pareceu alarmado, Joshua logo acrescentou:

– Não precisa ter medo, eu apertei os parafusos que ele soltou. Mas é melhor você ficar de olho sempre que trocarmos os cavalos.

Peabody assentiu.

– Mas o senhor acha que foi um ladrão? Eles não costumam agir assim. Como eles iam saber onde a gente pretendia parar?

– Suponho que o criminoso ia simplesmente nos seguir a uma certa distância até que acontecesse o acidente. Está tão seco ultimamente que a poeira que levantamos esconde qualquer um atrás de nós.

– Verdade.

– Em todo caso, *alguém* queria parar a carruagem ou causar um acidente. Mas não sabemos quem nem por quê... Diga, você já ouviu Sua Graça comentar sobre um sujeito chamado Malet?

O cocheiro franziu a testa, pensativo.

– Não lembro. O senhor acha que ele está por trás disso?

– Talvez, mas, seja como for, precisamos ficar mais atentos – disse Joshua, dando um tapinha no bolso do sobretudo. – Minha pimenteira está aqui para mandá-los para o inferno. Com ela e seu Brown Bess, ninguém vai se aproximar desta carruagem para fazer qualquer mal.

Peabody estufou o peito.

– Sim, senhor. Temos o nosso próprio exército aqui.

Pelas horas seguintes, Joshua e Peabody conversaram sobre suas carreiras militares. Felizmente para Joshua, Peabody tinha uma garrafinha de bolso com conhaque para mantê-lo aquecido, e se mostrou disposto a

dividir. Mas Joshua notou que o camarada apenas bebericava para se manter alerta de qualquer ameaça à carruagem e aos seus ocupantes.

Para alívio e surpresa de Joshua, não houve motivos que justificassem tanto cuidado. Se alguém estava escondido esperando por eles, não apareceu. Talvez tenha se cansado de comer poeira à espera do acidente.

Ou, o que seria infinitamente pior, talvez o sujeito não tivesse a intenção de segui-los. Talvez só quisesse causar um acidente para matar todos os envolvidos.

Um arrepio desceu pela espinha de Joshua. Parecia improvável. Quem ia querer matá-lo, por exemplo? Mas também quem poderia ter imaginado que o terceiro e o quarto duques de Armitage morreriam com uma diferença de meses, ambos assassinados, segundo a hipótese de Sheridan?

Quando chegaram aos arredores de Londres, ficou claro que o que quer que o criminoso tivesse planejado fora em vão. Então, por enquanto, Joshua não conseguiria detê-lo. Ele torcia para ter outra chance em Londres. Não gostava da ideia de Gwyn e sua família estarem vulneráveis a um ataque.

À medida que foram entrando na cidade, Joshua começou a relaxar. Além disso, percebeu que Londres mudara muito em dez anos, desde a última vez que estivera ali. Como era de esperar, o crescimento a tornara mais suja. Ainda assim, havia progressos animadores, como o lampião a gás em Pall Mall, do qual ouvira falar mas ainda não tinha visto.

E na área de Mayfair, rodeada pela Park Lane, várias mansões elegantes haviam sido construídas. Em pouco tempo entraram em uma via semicircular diante de uma dessas mansões, que Peabody disse se chamar ornclif e que, claramente, pertencia ao Ducado de ornstock.

– Majestosa, não é? – comentou o cocheiro com óbvio orgulho. – Sua Graça supervisionou a reforma. Não há de longe uma tão majestosa assim.

Joshua olhou para a suntuosa arquitetura paladiana em mármore e sentiu um nó no estômago.

"Majestosa" nem começava a descrevê-la. Magnífica, talvez. Palacial até. Mas, definitivamente, não era a residência de um homem que deixaria sua irmã se casar com um fuzileiro real manco com tendência a acessos de raiva injustificáveis.

Não que Joshua ainda não tivesse percebido que estava abaixo de Gwyn, mas isto... Ele nunca pertenceria a um lugar como aquele. Ele nunca pertenceria ao mundo *dela*.

ornstock saiu da carruagem.

– Pode ocupar meu lugar na carruagem, Wolfe – disse o duque jovialmente para Joshua. – Peabody vai levar vocês três para Armitage House, que fica um pouco mais ao sul.

Joshua recusou a oferta. Não queria descer de seu assento sob o olhar de ornstock. Ainda tinha um pouco de orgulho, caramba. Mas, enquanto Peabody guiava a carruagem para fora, Joshua percebeu que agora teria que descer enquanto *Gwyn* assistia. O que seria ainda pior.

– Estamos longe de Armitage House? – perguntou ele ao cocheiro.

– Vamos contornar o Hyde Park, pegando aquela esquina logo à frente. É um quilômetro mais ou menos, seguindo pela lateral do parque.

Joshua olhou para trás, aliviado ao ver que ornstock já tinha entrado.

– Você se incomodaria em parar para eu descer? Preciso esticar a minha perna antes de chegarmos lá.

– Claro, major. Eu entendo.

Como Joshua levou alguns minutos para desembarcar usando a bengala, tia Lydia e Gwyn já estavam colocando a cabeça para fora quando ele chegou ao chão.

– O que houve? – perguntou sua tia.

– Nada – respondeu ele, cordialmente. – Só pensei em caminhar o restante do caminho.

– Eu vou com você – disse Gwyn.

Antes que ele pudesse dissuadi-la, ela chamou o criado que ficava no banco traseiro da carruagem para abaixar o degrau para que ela pudesse sair.

– Chegaremos logo depois de você, mamãe – avisou Gwyn, e acenou quando a carruagem começou a se afastar.

– Eu também estou precisando me exercitar – comentou ela ao se juntar a ele. – Assim que entrarmos, minha mãe vai querer desfazer as malas imediatamente, depois teremos que descer para o jantar e vou perder a chance de falar com você em particular.

Droga. Conversas particulares com ela nunca acabavam particularmente bem.

– Sobre o que deseja conversar comigo?

– Você sabe. Nossas aulas.

Joshua se fez de desentendido.

– Nossas aulas de *tiro*. Quero saber quando vamos começar.

– Depois do que aconteceu ontem nas ruas de Cambridge você ainda quer aprender a atirar?

– Bem, quero, sim – respondeu ela, e então uma ruga de preocupação apareceu em sua testa. – Quero dizer, só se você não... só se você não... você sabe, tiver problemas com isso.

Ele pensou em mentir e dizer que ensinar a ela seria muito perturbador, mas não parecia uma boa ideia que Gwyn pensasse que ele era um soldado meio maluco ou um covarde que não conseguia aguentar o som de uma arma sendo disparada.

Além disso, já tinha bolado um plano para lidar com as "aulas". Era melhor prosseguirem com aquilo do que correr o risco de Gwyn procurar outro professor, um marquês ou um duque alto e bonito que não tivesse o temperamento explosivo e não recebesse apenas uma pensão da marinha.

Essa linha de raciocínio o deixou alarmado. Implicava ciúme, algo que ele certamente não era tolo o suficiente para sentir.

– Não terei problemas com isso. Se já estou ciente de que o som vai vir, não é um problema.

Ela inspirou longamente.

– Espero que possamos começar amanhã, então.

– *Amanhã?*

Droga, isso mudava seus planos.

– Sim, eu e Beatrice seremos apresentadas à corte em poucos dias, e quando isso acontecer teremos uma série de eventos para ir. Festas, bailes, musicais, e aí eu não terei mais tempo.

Ela achava que ele poderia ensiná-la a atirar em um dia? Bem, quem estava meio doida era ela. Isso ou Gwyn achava que ele era mágico.

Mas ele achou a pressa dela curiosa.

– Você não me contou por que quer aprender a atirar. Suponho que não tenha arma e, como seu irmão me contratou para protegê-la, não precisa de uma. Então, por que insistir nesse absurdo?

Ela ficou tensa.

– Não se preocupe com isso. É problema meu, não seu.

Colocando-o bem em seu lugar, hein? Se Joshua estava começando a se sentir culpado pela forma como estava planejando frustrá-la no dia seguinte, a resposta de Gwyn esmagou sua culpa. Ela não queria confiar nele? Queria usar sua posição social para esconder a verdade?

Tudo bem.

– Podemos nos encontrar amanhã às dez. Apenas diga à sua mãe que vamos sair para uma cavalgada. O que de fato teremos que fazer para praticar tiro. Precisa ser no campo.

– Suponho que você providenciará a arma?

– Providenciarei tudo – respondeu ele.

Mas ela não ficaria feliz quando visse o que ele providenciou. No momento, porém, ele não se importava. Nem um pouco. De forma alguma.

– A propósito – disse ela –, você viu alguma coisa estranha durante a viagem hoje? Quero dizer, em relação àquele sujeito que achou que poderia nos seguir?

– Não. Eu o procurei, mas, mesmo se ele estivesse tentando nos pegar em um momento de distração, eu não teria conseguido vê-lo, com os cavalos levantando tanta poeira. E como a nossa carruagem não quebrou...

– Ele provavelmente desistiu antes de chegarmos a Londres.

– Exatamente.

– Mudando de assunto – disse ela –, há uma coisa que eu gostaria que você soubesse sobre Armitage House antes de chegarmos lá. Sheridan está tentando evitar precisar alugá-la antes do final da temporada, então, no momento, a propriedade se encontra completamente bagunçada. A maioria dos cômodos não está aberta, por exemplo.

– Assim como em Armitage Hall.

– Exatamente. Mas, ao mesmo tempo que isso economiza dinheiro do

ducado, torna difícil se localizar dentro da casa. Precisei de uma semana para descobrir onde ficavam os aposentos dos criados.

Era óbvio que aquela referência velada era para ele.

– Suponho que seja onde ficarei hospedado.

Ela piscou.

– Não seja ridículo. Você é sobrinho da mamãe, ficará em um quarto no andar de cima, provavelmente na ala onde fica o quarto de Sheridan, onde acredito que serão os únicos.

Uma ala inteira? Inferno, outra mansão. Ele esqueceu que o ducado datava do início do século XVIII.

– Eu estava me perguntando se Sheridan viria para a temporada.

– Não temos certeza – disse Gwyn, afastando o olhar. – Em algum momento ele vai precisar de uma esposa. Seria bom se começasse a procurar agora, mas ele não parece estar com a menor pressa.

– E quem pode culpá-lo? Pensando na perspectiva de avaliar todos os, como você mesma disse, "bancos ambulantes" da sociedade, ele provavelmente não está ansioso para começar a tarefa. Poucos homens gostam de caçar fortunas, apesar do que pensam as mulheres.

Ela lhe lançou um olhar cheio de curiosidade.

– Se você diz... Suponho que você mesmo não... não se veja como um caçador de fortuna, certo?

– Como eu poderia? Diferentemente do seu irmão, eu não tenho nenhuma propriedade para manter.

E isso era tudo que Joshua diria. Ela não precisava saber sobre a sua esperança de reingressar nos Fuzileiros Reais. Ele sabia esconder segredos tão bem quanto ela, até melhor. Logo ela descobriria isso.

Após mais um momento olhando para ele, ela suspirou.

– Felizmente, não precisaremos oferecer nenhum evento, porque minha mãe ainda está de luto. Isso vai impedir que as pessoas comecem a fofocar sobre por que muitos cômodos de Armitage House estão fechados, mesmo durante a temporada.

Ele assentiu. Não estava com humor para ficar de conversa fiada com ela. *Você está sendo o rabugento que ela sempre o acusa de ser.*

Sim, ele era. Que inferno. Que Gwyn fosse para o inferno.

CAPÍTULO SETE

Gwyn acordou muito cedo. Sempre acontecia isso no seu primeiro dia em Londres. A animação por estar na cidade era tão palpável, que ela mal conseguia dormir. Mas tinha ainda mais motivos naquele dia. Finalmente ela aprenderia a atirar! Sua vontade era gritar isso bem alto. Em vez disso, pulou da cama e vestiu sua roupa preferida de montaria, tendo o cuidado de dizer para sua criada que sairia para cavalgar com o major Wolfe e que um cavalariço os acompanharia. Então desceu a escada para tomar café da manhã bem antes das nove. Para sua surpresa, o criado que servia à mesa lhe informou que Joshua não apenas já tinha comido como saíra para uma caminhada.

– Também fiquei surpreso, milady – confidenciou o criado. – Não achei que o major fosse querer caminhar com a perna daquele jeito.

– Na verdade, ele gosta bastante de caminhar – explicou ela. – Parece que ajuda a soltar os músculos da panturrilha.

Quando o criado olhou para ela com um espanto velado, ela acrescentou:

– Pelo menos, foi o que a irmã dele mencionou.

– Isso me lembrou, milady, que a duquesa nos fez uma visita ontem e deixou um recado para a senhorita e para a madame. Ela pretende visitá-las hoje à noite com o duque. Devo enviar um bilhete, se for conveniente para a senhorita.

– É perfeitamente conveniente, obrigada.

O criado assentiu, então começou a servir o desjejum.

Seus pensamentos voltaram a Joshua. Que curioso ele ter saído para uma

caminhada quando certamente precisava poupar forças para a cavalgada. Na verdade, ela ficara surpresa no dia anterior ao descobrir que ele *podia* cavalgar, pois nunca o vira em um cavalo na propriedade. Mas, se uma dama podia cavalgar sentada de lado na sela, fazia sentido que Joshua conseguisse montar com apenas uma perna. O princípio era o mesmo.

– Ah, Gwyn – chamou sua mãe da porta –, que bom que já está de pé. Eliza queria dar bom-dia antes de sair para fazer compras.

Gwyn se levantou, como sempre encantada por receber uma visita da condessa de Hornsby, também viúva, a responsável pela apresentação de Gwyn e Beatrice em seus debutes. Embora Gwyn detestasse o fato de sua mãe não poder fazer isso, lady Hornsby era a segunda melhor opção.

– Gwyn querida – disse lady Hornsby ao entrar com Lydia na sala. – Que maravilha finalmente vê-la usando uma cor que não seja preto ou cinza. Você está absolutamente radiante com esse tom de amarelo!

– Obrigada.

Gwyn beijou as bochechas perfeitamente maquiadas de lady Hornsby. Ela esperava que Joshua achasse sua nova roupa de montaria atraente. Ainda não conseguia entender como ele podia tê-la beijado e depois parecer tão indiferente quanto antes em relação a ela.

Lady Hornsby deu tapinhas no cabelo grisalho, que estava cuidadosamente penteado em um conjunto de cachos que saíam de seu turbante cor de rosa, a cor da moda.

– Como eu gostaria de ter cachos naturais como você. Minha criada leva uma eternidade para criar os meus.

– Sim, mas imagino que não deseje que tivessem a cor escandalosa do meu cabelo.

– Em vez de grisalho? Com certeza, sim – disse ela, e seus olhos azuis brilharam. – Além disso, como sua mãe pode confirmar, as ruivas se divertem mais. Principalmente na cama.

– Eliza! – exclamou a mãe.

– O quê? Gwyn não é mais uma garotinha! Tenho certeza de que, com um irmão como orn, ela já ouviu algumas histórias indecentes. E já conheceu alguns cavalheiros indecentes também.

– Não gosto nem um pouco quando isso acontece – respondeu Gwyn. – orn age como se eu fosse uma freira que nenhum cavalheiro pudesse macular. Ele certamente nunca me apresentaria a alguém indecente.

E o duque não havia pensado duas vezes antes de afugentar o único cavalheiro indecente que ela conhecera. Mas, por mais que odiasse admitir, provavelmente tinha sido o melhor a fazer.

– Que pena – comentou lady Hornsby. – Para que servem os irmãos se não para dar uma amostra às irmãs do comportamento dos cavalheiros?

A mãe revirou os olhos.

– Estou começando a me arrepender de ter lhe pedido que apresente minha filha, Eliza. Eu tinha esquecido como você pode ser... desavergonhada.

– Quanta formalidade – disse lady Hornsby. – Quando era jovem você cantava músicas obscenas tanto quanto todas as outras, Lydia, e você sabe muito bem disso.

Gwyn ficou boquiaberta.

– Mamãe? Cantando músicas obscenas?

Lady Hornsby deu um tapinha na mão de Gwyn.

– Eram outros tempos, minha querida. Todas nós, de vez em quando, cantávamos algumas, não é, Lydia?

– Ah, meu Deus... – murmurou Lydia, com as bochechas coradas.

– Prometo não contar a ninguém – disse Gwyn –, se você prometer que vai cantar algumas para mim.

– Se ela não cantar, eu canto – disse lady Hornsby, e então acrescentou em voz baixa: – A propósito, vocês já sabem da última?

Ela fez uma pausa para imprimir um efeito dramático e Gwyn teve que engolir o riso. Lady Hornsby não tinha a menor vergonha de ser fofoqueira e, apesar dos protestos de Lydia dizendo que não aprovava, a mãe escutava cada palavra.

Lady Hornsby levantou uma sobrancelha.

– Lady Winslow está esperando outro filho. Quantos são agora? Dez?

– Meu Deus – exclamou Lydia. – Eu mal consigo dar conta dos meus cinco. Não consigo imaginar como seria lidar com o dobro. Pobre mulher.

– Enquanto isso – disse lady Hornsby –, sua filha não consegue imaginar nem lidar com um.

Em resposta à gargalhada da mulher, Gwyn abriu um sorriso tímido. Ah, mas ela *podia* imaginar, sim... E já havia imaginado várias vezes. Esse era o problema.

Lady Hornsby ainda estava rindo quando Joshua entrou na sala de café da manhã.

– Joshua! – exclamou Lydia. – Você chegou a tempo de conhecer minha boa amiga, Eliza Brock, Condessa de Hornsby.

Gwyn ficou tensa quando lady Hornsby se virou para analisar Joshua com um olhar crítico. Mais uma vez, os trajes dele eram antiquados: um casaco marrom que estivera na moda anos antes, um colete inclassificável e calça de montaria de camurça. Mas se a condessa aguçasse sua língua para julgá-lo com base no que estava vestindo, Gwyn nunca a perdoaria. Ele era bonito, independentemente do que vestisse.

E se lady Hornsby quisesse criticar suas sequelas de guerra... Bem, Joshua não merecia ser julgado por ser manco, embora claramente esperasse por isso, pois aquele seu olhar criado para manter as pessoas à distância estava presente.

– Lady Hornsby – disse Gwyn, rapidamente –, este é o major Joshua Wolfe. Ele é sobrinho da mamãe, pelo último casamento.

Para o alívio de Gwyn, a condessa abriu um lindo sorriso.

– Então este é o cavalheiro contratado para ser guarda-costas de Gwyn. Posso ver que será um acréscimo bem charmoso ao nosso grupo.

Quando ela o olhou de cima a baixo de novo com mais interesse, Gwyn ficou pasma. Ela estava *flertando* com Joshua? Ora, a condessa devia ter o dobro da idade dele!

Joshua claramente percebeu que a mulher estava flertando, pois relaxou a postura rígida.

– Posso assegurar, lady Hornsby, que ninguém nunca disse que eu era charmoso.

– Exceto eu – contradisse Gwyn.

Ele encontrou o olhar dela, e seu sorriso raro causou uma onda de

arrepios nela.

– Perdão, lady Gwyn, mas a senhorita disse que eu era "*quase* charmoso". Existe um vasto oceano entre isso e "charmoso".

Gwyn sentiu o peso do olhar da mãe sobre ela.

– Verdade. Isso porque sempre que o vejo, o senhor está ranzinza.

– Bem, admito que ranzinza é meu nome do meio – confessou ele. – Então permita-me corrigir meus modos elogiando seu traje.

Antes que ela pudesse fazer algo além de sorrir, ele acrescentou:

– Tem mais tranças douradas do que toda a minha farda.

– Major! – exclamou Gwyn, dividida entre rir e repreendê-lo. – Exceto pela cor, é a cópia exata de um vestido que a rainha da Prússia usou. A trança é hussarda, algo que o senhor, dentre todos aqui, deveria reconhecer.

– Acho que a senhorita se confundiu. Os hussardos são soldados de cavalaria e, portanto, lutam montados. Eu, como fuzileiro real, servi sempre em navios. São classes militares diferentes.

– Eu sei disso e...

Gwyn então percebeu o brilho nos olhos dele e bufou.

– Ah, vejo que está implicando comigo. Isso é tão atípico de sua parte, senhor...

Claramente, ele mal escondia a alegria com os lábios contraídos.

– Eu disse que queria melhorar os meus modos.

– Bem, caçoar de mim não é uma boa forma de começar.

– Muito bem – disse ele, e fez uma leve reverência. – A senhorita está extremamente adorável, lady Gwyn, com trança dourada ou sem trança dourada. Perdoe-me por sugerir algo diferente.

Então ele se virou para lady Hornsby.

– Prazer em conhecê-la, madame. Agora, com sua licença, prometi levar lady Gwyn para uma cavalgada esta manhã, e já estamos atrasados para nosso compromisso.

– Não quero prender nenhum de vocês dois – disse a condessa, com um brilho nos olhos. – E, Gwyn, não consigo entender como não acha o major charmoso. Ele me parece absolutamente encantador.

Isso foi porque lady Hornsby nunca vira Joshua sendo rude, agressivo ou

arrogante.

A mãe ainda estava analisando a expressão de Gwyn.

– Onde está a sua criada, Gwyn?

– Um dos cavalariços vai nos acompanhar, tia – apressou-se em informar Joshua.

– Suponho que seja adequado, então – concordou Lydia. – Só se certifique de estar de volta a tempo para a visita de Bea e Grey, sim? Espero convencê-los a ficar para o jantar.

– Sim, mamãe – disse Gwyn.

Ela se dirigiu para a porta, sem querer esperar nem mais um minuto para suas aulas de tiro. Após fazer uma reverência para as duas damas, Joshua saiu também.

– O que o deixou de tão bom humor esta manhã? – perguntou ela enquanto desciam a escada. – Não é típico de você.

– Tem certeza? – respondeu ele, com a voz arrastada. – Lady Hornsby disse que sou "absolutamente encantador".

– O que ela quis dizer é que acharia "perfeitamente encantador" ter você na cama dela – comentou Gwyn, ácida.

Joshua lançou um olhar incisivo para ela.

– Você não pode estar falando sério.

– Ah, acredite em mim, ela é famosa por escolher amantes mais jovens, agora que o marido se foi.

E até aquele momento Gwyn a admirava por isso. Afinal, por que uma mulher de idade avançada não poderia ter amantes mais jovens?

– A condessa tem certa predileção por oficiais, hussardos ou não. Pelo menos, foi o que ouvi falar.

– Hum – disse ele, de forma indolente. – Perdão, mas você me pareceu enciumada...

Ela fungou enquanto descia a escada.

– E eu diria que você está sendo um idiota. Não me importo com quem você leva para a cama, Joshua. Para mim, não tem a menor importância se você se deitar com metade das viúvas de Londres.

– Eu precisaria de mais energia do que tenho para isso – comentou ele. –

Já vou ter problemas suficientes tendo que aturar as suas artimanhas.

– Que artimanhas? – perguntou ela, de forma mordaz.

– Por exemplo, me forçar a ensiná-la a atirar.

Bem, isso ela não poderia negar. Gwyn desceu a escada às pressas para montar o cavalo que seguravam para ela ao lado da apeadeira. Depois de montar, enquanto o cavalariço puxava seu cavalo, ela olhou para Joshua, que descia a escada ainda mais lentamente do que de costume, olhando para a rua ao fazer isso.

Ah, meu Deus, será que ele tinha algum problema para montar? Talvez estivesse temendo o momento de fazer isso. Mas, para sua surpresa, assim que chegou à rua, ele subiu na apeadeira, avaliou a égua e se colocou na sela em poucos segundos.

Ela ficou impressionada. Quantas outras proezas físicas ele seria capaz de realizar apesar da perna ferida? Ela mal podia esperar para descobrir. Mas só depois que ele a ensinasse a atirar.

Ele cavalgava em um ritmo bom, e ela foi atrás, observando-o com interesse. A égua respondia bem aos comandos do major e, pouco depois, Gwyn estava tendo dificuldade em acompanhá-lo. Mas, ao virar na rua em que ele entrara, ela percebeu que havia se perdido. Como, meu Deus?

O cavalariço, que vinha atrás deles mantendo uma distância respeitável, se apressou para ficar ao lado dela.

– Você sabe para onde estamos indo? – perguntou ela.

– Sim, milady. Estive no local com o major hoje de manhã.

Então era o lugar aonde Joshua fora tão cedo.

– Onde ele está? Foi na frente?

– Não, milady. Ele está verificando se não há ninguém nos seguindo. Não olhe, mas eu o vi no final do beco que acabamos de passar.

Ela prendeu a respiração. Joshua estava esperando Lionel. Dependendo do que Lionel fizesse quando Joshua o pegasse, poderia ser bom ou ruim. Em todo caso, não havia nada que ela pudesse fazer a respeito naquele momento.

Os dois não tinham andado nem meio quilômetro quando ela escutou cascos de cavalo logo atrás e avistou Joshua cavalgando rapidamente para

alcançá-los. Quando ele se aproximou dela, assentiu para o cavalariço, que se afastou.

– Viu alguém nos seguindo? – perguntou ela, com o coração na garganta.

– Não. Eu tinha certeza de que Malet aproveitaria esta oportunidade para vir atrás de você, mas ele deve ter outros planos para hoje. Só queria saber quais.

Ela também queria. Porque não fazia ideia de como entrar em contato com Lionel para dizer quando e onde o encontraria para lhe entregar o dinheiro. Ora, ela ainda nem tivera a chance de pedir o dinheiro a orn. Teria que fazer isso logo.

Um pouco depois, chegaram a um campo perto de um bosque na área rural a noroeste do Hyde Park. Quando Gwyn viu o alvo posicionado, seu pulso acelerou. Ela realmente aprenderia a atirar!

Joshua controlou a montaria. Ela percebeu que havia uma apeadeira ali também.

– Onde estamos? – perguntou ela enquanto o seguia.

– Acredite se quiser, em uma propriedade que pertence a Greycourt. Eu perguntei a ele onde poderia praticar tiro e seu meio-irmão recomendou esta propriedade, que eu já conhecia da minha juventude.

– Era onde você estava hoje de manhã, Joshua? Na casa de Grey?

– Na verdade, ontem à noite.

Ele desmontou do cavalo, usando a apeadeira.

– Hoje de manhã, eu vim aqui para me certificar de que tudo estava adequado às nossas necessidades.

Nesse momento, o cavalariço se aproximou deles, e só então Gwyn percebeu que havia um grande embrulho amarrado na lateral do cavalo dele. Com a curiosidade atiçada, ela desmontou. O embrulho parecia longo e grosso demais para conter uma pistola. Seria um mosquete? Essa seria a arma que ela usaria?

Ela não poderia carregar um mosquete por Londres. Mas bem no momento em que ela ia perguntar a Joshua de que se tratava, ele pegou o embrulho do cavalariço e o abriu, revelando um arco e várias flechas.

Mas que diabo...?

Ela levou um minuto para perceber por que ele trouxera aquilo e, quando percebeu, explodiu de raiva e apontou, com um dedo trêmulo:

– Você *disse* que me ensinaria a atirar, seu maldito! Não que ia me ensinar a... a...

– Atirar? – perguntou ele, com um convencimento irritante. – Eu não especifiquei *qual* arma usaria para ensinar, eu disse simplesmente que ensinaria e *você* supôs que seria uma arma de fogo.

Ela o fitou, boquiaberta, enquanto digeria as palavras. Que dissimulado! Então era por *isso* que ele estava de tão bom humor. Estava antecipando a armadilha que montara para ela.

Ela ficou com mais raiva ainda ao perceber que não poderia sequer acusá-lo de mentir, pois ele não fizera isso.

– Você sabia o que eu queria, e ignorou de propósito.

– É verdade, e não vou me desculpar por isso.

Ele mandou que o cavalariço segurasse os cavalos, então se aproximou dela.

– Uma mulher como você não deve andar por aí carregando uma pistola para se proteger.

Ah, que audácia!

– Uma mulher como *eu*? Uma herdeira, você quer dizer? Filha de um duque? Uma jovem dama? Para mim, esses são ótimos motivos para que eu carregue uma arma ao andar por uma cidade famosa pela criminalidade.

Gwyn cruzou os braços.

– A não ser que você estivesse falando de outra coisa ao dizer "uma mulher como você". Talvez ache que sou idiota demais para saber quando devo sacar uma arma.

Ele estreitou os olhos para fitá-la.

– Se você prefere pensar assim, o problema é seu. Mas sabe muito bem que eu não a considero idiota.

– Então por que eu não deveria ter uma pistola, se eu souber como usá-la adequadamente?

– Nem homens costumam carregar pistolas, ainda mais para o tipo de

eventos a que iremos.

– Mas *você* vai levar uma arma.

– Para protegê-la, porque esse é o meu trabalho.

O tom de voz dele era calmo, como se Joshua estivesse discutindo com uma criança, e isso a deixou ainda mais furiosa.

– ornstock está me pagando muito bem, então, por favor, me deixe fazer com que ele não gaste dinheiro à toa.

– E quando voltarmos para Armitage Hall? Você pretende me proteger pelo resto da sua vida?

Isso pareceu abalar a calma dele.

– É claro que não. Até porque, depois desta temporada, você terá um marido para protegê-la. E Malet não estará mais tentando sequestrá-la, porque não será mais uma herdeira, apenas uma esposa rica.

Ela não podia revelar que não tinha intenção de se casar. Mesmo se ousasse contar a ele seus motivos, ele nunca entenderia. Ele não era mulher.

– Você parece muito certo de que vou arranjar um marido nesta temporada. Gostaria de ter a mesma certeza. Com a minha idade, nem um dote considerável pode garantir um casamento rápido.

– Você vai arranjar um marido, confie em mim.

A amargura na voz dele a surpreendeu. Sugeria que ele estava com...

Não, não Joshua. Recusando-se até mesmo a reconhecer o beijo que trocaram, ele deixara claro o que sentia em relação a ela. E, como ele mesmo dissera antes, Joshua era um homem cético em relação ao casamento.

Não que importasse o que ele sentia ou deixava de sentir por ela. Ele não ia querer uma "mulher como ela" quando soubesse exatamente o que isso significava.

O cavalariço voltou depois de amarrar os cavalos, efetivamente colocando um ponto final naquela conversa particular.

– Então – perguntou Joshua –, vai querer aprender a atirar com arco e flecha? Ou subimos nos cavalos e voltamos para a cidade?

O sorriso irônico e a sobrancelha erguida demonstravam que ele esperava ouvir um não e que Gwyn fosse embora, indignada. Mas, àquela altura, ela não podia mais ameaçar escolher orn em vez de Joshua como

guarda-costas. Porque isso não lhe traria nenhum benefício além de seu irmão vigiando cada passo seu, impedindo-a de resolver a questão com Lionel.

Ela e orn brincavam muito de pique-esconde quando eram crianças, um conhecia os truques do outro. Gwyn tinha mais chance de passar despercebida com Joshua do que jamais teve com orn. Mas isso significava que precisava levar o major a baixar a guarda, ou seja, precisava descobrir seu ponto fraco. Aulas de arco e flecha seriam uma ótima oportunidade para isso.

Embora tivesse começado a se perguntar se ele tinha *algum* ponto fraco. Até agora, só descobrira um: a dificuldade com sons altos. Mas usar *isso* contra ele seria cruel.

– O que acha disso? – perguntou ele. – Atirar com arcos não é muito diferente de atirar com pistolas, em matéria de mira. Você poderá usar o que aprender aqui quando for aprender a mirar com uma pistola. Arco e flecha também é bom para fortalecer os braços e os ombros, o que é bom para conseguir segurar o tranco da pistola. Se você se sair bem com o arco, talvez, apenas *talvez*, eu possa considerar ensiná-la a atirar com uma pistola algum dia. Em um futuro distante.

Ele realmente estava tentando convencê-la a ficar balançando na frente dela o prêmio que a princípio ele mesmo negara? Bem, Gwyn simplesmente *precisava* ver aonde isso ia levar. Só não estava disposta a deixá-lo perceber como estava ansiosa para fazer isso.

– Ah, muito bem, se você insiste – disse ela, friamente. – Já que estamos aqui e arco e flecha é um passatempo supostamente popular e respeitável para damas hoje em dia, por que não?

De fato, por que não? Ela faria com que o major "Arrogante" Wolfe lhe ensinasse tudo sobre arco e flecha, até ele não aguentar mais e ela ser uma arqueira proficiente. Era a única forma de ela fazer o feitiço virar contra o feiticeiro.

CAPÍTULO OITO

Joshua não demorou a perceber o grande erro na escolha de sua estratégia. Era uma agonia dar aulas a Gwyn. E não porque ela fosse muito ou pouco apta a aprender arco e flecha.

– Eu sei que estou segurando o arco de modo errado. Minhas flechas não chegam nem perto do alvo.

– Eu já falei, não tem nada a ver com a forma como segura o arco. É porque você fica tentando puxar a corda muito para trás.

– Ah, tudo bem. Então me mostre de novo como devo fazer, prometo que vou prestar mais atenção desta vez.

Cerrando os dentes, Joshua se colocou atrás dela e passou os braços ao redor de Gwyn para posicionar uma das mãos no arco e a outra sobre a mão dela que segurava a corda.

– Não precisa usar tanta força. Você vai conseguir lançar as flechas mais longe e mais rápido quando tiver força suficiente no braço para sustentar a puxada ao mesmo tempo que mira.

Ela estava mesmo interessada em aprender a usar arco e flecha? Ou estava deliberadamente fazendo com que ele a abraçasse só para atormentá-lo por causa da armadilha que ele fizera para ela?

Se fosse essa a estratégia, estava funcionando. Tão perto assim, ele conseguia sentir o perfume da colônia de limão e os cachos sedosos roçando em seu pescoço.

Que Deus o ajudasse, mas encostar naquele corpo exuberante fazia com tivesse vontade...

Pare com isso, homem. Concentre-se. Não deixe que ela leve a melhor

sobre você.

– Puxe assim – disse ele. – Viu? Não precisa ser muito. Não é para dobrar o arco em dois.

– Droga! Agora eu soltei a flecha.

Ela se abaixou para pegá-la, e para ele foi como se tivesse morrido e ido para o céu. Seria tão fácil colocar as mãos naquelas nádegas perfeitamente esculpidas...

Inferno. Joshua se afastou. Precisava manter certa distância, senão acabaria fazendo coisas das quais se arrependeria. Infelizmente, agora que estava ao lado de Gwyn, ele conseguia ver que, enquanto se concentrava em colocar a flecha no arco, ela estava com a pontinha da língua para fora.

Aquela língua que poderia estar enroscada na dele, aquela língua cujo sabor Joshua queria sentir.

– Isso é mais difícil do que parece – murmurou ela. – Quem diria que manter uma flecha na posição certa em um arco fosse tão difícil?

– Tente abrir os lábios...

Ele bufou quando ela lhe lançou um olhar surpreso.

– Perdão, os dedos, quero dizer. O indicador tem que ficar por cima da haste da flecha e os outros dedos devem ficar embaixo. Os dedos ficam divididos. Você até pode colocar todos embaixo, mas é mais fácil manter a flecha no lugar da outra maneira.

– Tudo bem – disse Gwyn.

Ela reposicionou os dedos e soltou a flecha. Dessa vez ela realmente acertou a beirada do alvo. Com o sucesso, Gwyn sorriu para ele.

Ao ver aquele sorriso iluminado, ele poderia dizer que ela acertou na mosca. O prazer dela era palpável e agitava os pensamentos dele de um jeito perigoso. Joshua imaginava, por exemplo, ver esse prazer se espalhar por todo o seu rosto na cama. Na cama *dele*. De preferência, logo.

Deus, ela o estava enlouquecendo, o que, sem dúvida, era o objetivo dela.

– Por favor, me dê outra flecha – pediu ela.

Ele entregou a flecha que tirou da aljava, mas, antes de pegá-la, Gwyn notou a luva e franziu a testa.

– Você poderia ter me dito o que iríamos fazer hoje. Eu teria colocado

luvas melhores, mais grossas, não estas, que estão gastas. Agora a luva da mão da puxada está ficando puída por causa da corda.

– Deixe-me ver.

Joshua enfiou a flecha debaixo do braço para que pudesse olhar a mão dela.

Quando ele tirou a luva dela, ela ficou surpresa.

– O que está fazendo?

Ele tirou as próprias luvas.

– Pode usar as minhas. São mais resistentes.

– Certo – concordou ela, tirando a outra luva.

Mas, antes de entregar suas luvas, ele examinou a mão de puxada dela para se certificar de que não estava cortada. Ela respirou fundo e, de repente, ele ficou ciente da intimidade de segurar a mão nua de alguém. A de Joshua era calosa e áspera. A dela, não. A delicadeza da pele macia o deixou fascinado, e ele desejou poder senti-la no rosto, no peito, no membro...

Droga.

Ele soltou a mão dela e lhe entregou as luvas.

– Veja se servem.

Gwyn vestiu as luvas e soltou uma gargalhada, vendo as mãos desproporcionais, como as de um palhaço.

– Estão enormes.

Ele tentou não rir.

– Mas você consegue atirar?

– Acho que sim.

Gwyn posicionou outra flecha na corda, mais uma vez colocando a língua para fora.

Dessa vez, porém, passou a língua pelos lábios. Ele gemeu quando seu corpo reagiu àquele simples ato. Joshua estava desnorteado. Até parecia que nunca tinha estado perto de uma mulher atraente.

– Estou fazendo algo errado? – perguntou ela, que claramente escutara seu gemido.

– Não, mas tente pôr o polegar aqui.

Ele colocou o próprio polegar na posição para mostrar como se fazia.

– O que acha?

Ela soltou a flecha, então se vangloriou por quase acertar na mosca.

– Muito bem, viu só? Já está pegando o jeito.

– Só porque você está me ajudando.

Desta vez, ela mesma pegou uma flecha na aljava.

– Mas ainda tenho a impressão de que não sei o que estou fazendo.

Ele escutou um suspiro vindo da sua direita. Olhou nessa direção e viu o cavalariço entediado, sentado com as pernas cruzadas no chão.

Joshua foi levar uma libra para o jovem.

– Pegue – ofereceu ele, dando a moeda de ouro. – Não tem por que você ficar aqui sofrendo durante a nossa aula enquanto poderia estar tomando uma cerveja naquela taverna pela qual passamos no caminho.

O cavalariço ficou de pé em um pulo.

– Milady? A senhorita se importa?

Gwyn nem olhou para ele, dispensando-o com a flecha na mão antes de posicioná-la na corda.

– De forma alguma. Considerando quanto eu sou ruim nisto, ainda ficaremos um bom tempo aqui.

– Obrigado, milady. Obrigado, major.

O cavalariço foi embora correndo e Joshua voltou para o lado dela.

– Como aprendeu tanto sobre atirar com arco e flecha? Ninguém mais usa isso para caçar, nem nas batalhas. Ou usa?

– Não. Mas meu avô era membro da Sociedade Real de Toxofilita em Londres. Toxofilita significa...

– Eu sei o que significa, Joshua. É uma palavra bonita para "arqueiro habilidoso" – disse ela, levantando uma sobrancelha. – Como bem disse a sua irmã uma vez, eu *sei* ler.

– Desculpe – disse ele, friamente. – Eu não estava questionando sua capacidade.

– Não precisa ficar rabugento por isso. Eu só estava destacando que você não é o único que sabe alguma coisa sobre livros.

Gwyn posicionou a flecha no arco e lançou-a longe do alvo.

– Pode continuar falando sobre seu avô, o velho duque.

Ele balançou a cabeça para ela, a única mulher que conhecia que nunca se irritava com o mau humor dele.

– Bem, meu avô era um arqueiro e tanto e me ensinou tudo que sei. Foi assim que conheci este lugar, onde aconteciam os campeonatos da Sociedade Real de Toxofilita. Eu participei uma vez antes de embarcar para o Continente.

– Quantos anos você tinha quando embarcou?

– Dezesseis.

Antes de a perna ficar ruim para sempre. Parecia ter sido em outra vida.

– Tão novo assim?

Ele deu de ombros.

– Bem, meu pai morreu em um duelo escandaloso por causa da reputação de uma dama, então eu tive sorte de meu avô estar disposto a comprar a comissão ainda assim. E 16 é a idade normal para ingressar nos Fuzileiros Reais. Pelo menos, não foi na marinha, onde o ingresso é aos 12.

Gwyn apoiou o arco no peito e ficou pensativa.

– Não consigo nem imaginar mandar um filho para a guerra aos 12 anos.

– Mas você o mandaria para Eton sem pensar duas vezes?

– É diferente. Não há canhões apontados para você em Eton – disse ela, e pigarreou. – Então este arco era do seu avô?

– Na verdade, é da Beatrice. Eu mandei fazer quando ela encontrou os arcos antigos do nosso avô e me pediu para aprender. Acho que ela queria fazer com que eu me interessasse por alguma coisa, qualquer coisa, depois que finalmente consegui me levantar da cama.

– Depois de ter sido ferido em batalha, você quer dizer.

Mas Joshua *não* queria falar sobre esse assunto com ela. Não suportava ver a compaixão em seus olhos.

– Exatamente, mas, seja como for, eu fui à mansão Greycourt ontem à noite para pegar o arco emprestado com ela. Contei que você queria aprender a atirar.

Joshua soube que tinha falado demais quando ela estreitou os olhos.

– Então você está me dizendo que já havia planejado esta armadilha

quando chegamos a Londres? Que você contou a verdade a Beatrice e ela nem ficou surpresa?

O olhar de indignação dela o deixou perturbado.

– Ela não teve culpa, eu... hum... não contei *exatamente* a verdade. Ela não sabe que você queria aprender a atirar com uma pistola.

– Ah, então você também mentiu para ela? Bem, saiba que da próxima vez que eu a vir pretendo contar toda a verdade – disse Gwyn, encarando o alvo com uma expressão sombria.

Joshua estava começando a ficar irritado por Gwyn não conseguir entender seus motivos.

– Vá em frente. Ela vai lhe dar razão nisso, tenho certeza. Mas ouso dizer que Greycourt vai ficar do meu lado.

– Eu não apostaria nisso se fosse você – murmurou ela.

Talvez ela estivesse certa. Greycourt era diferente dos outros duques que ele conhecia. Afinal, o homem se casara com Beatrice, o que exigia, no mínimo, uma mente aberta em relação ao tipo de mulher que seria uma boa esposa.

Gwyn seria uma boa esposa para qualquer homem que não se importasse com o que a sociedade pensava. Um homem como ele, pensando bem.

Ele fez uma careta ao se dar conta dessa ideia extraordinária e impossível.

– Vamos treinar um pouco a mira.

A mudança abrupta de assunto fez com que ela olhasse para ele.

– Achei que já estivéssemos fazendo isso.

– Não, estávamos treinando puxar a corda.

– Então você vai ter que ser bem didático, porque não sei se consigo melhorar a mira mais do que isso.

Ele *realmente* a tinha irritado.

– Você só precisa puxar a flecha até a altura da bochecha. Ela deve ficar diretamente alinhada abaixo do seu olho, como mostrei agora há pouco. Agora, alinhe a extremidade da haste com a ponta da flecha e o meio do alvo...

– Como vou fazer isso se a outra ponta está encostada na minha bochecha? – reclamou ela. – Não faz sentido.

O braço dela tremeu um pouco, deixando claro que estava perdendo a força. Puxar a corda de um arco era bem mais difícil do que a maioria das pessoas imaginava, principalmente da forma como *ela* estava tentando.

– Talvez seja melhor continuarmos em outra hora.

Joshua se juntaria feliz ao cavalariço para tomar uma cerveja.

– Só mais um pouco. Eu estou bem, sinceramente. Quero conseguir mirar direito pelo menos uma vez antes de irmos embora. Se você pudesse me mostrar...

– Tudo bem.

Ele se posicionou atrás dela de novo, dessa vez tentando colocar mais energia na puxada do arco e menos em *abraçá-la*.

Não deu certo, principalmente porque ele não estava usando luvas. Colocar a mão sobre a mão de puxada dela significava também encostar em seu rosto. Na pele macia da bochecha.

Praguejando por dentro, Joshua posicionou a flecha da forma como havia descrito e soltou as mãos dela. Gwyn lançou a flecha, que passou bem longe do alvo.

– Por que não funcionou? – perguntou ela.

– Porque é praticamente impossível para mim mirar direito quando não encosto a ponta da haste na bochecha.

– Ah! Tem toda razão. Aqui.

Gwyn colocou o arco na mão dele e puxou mais uma flecha da aljava.

– Por que você não mira e eu observo como se faz?

Graças a Deus ela não queria que ele a tocasse de novo.

Joshua jogou o peso do corpo na perna boa para conseguir ficar ereto. Quando puxou a corda, Gwyn examinou de perto o arco e a flecha dele de um lado. Depois do outro. Finalmente, tirou as luvas e se posicionou atrás dele.

Ao fazer isso, tentou cobrir as mãos dele com as suas, e, com isso, encostou os seios nas costas dele e o quadril em suas nádegas. Para ele foi o suficiente.

Soltando o arco e a flecha, ele se virou para ela.

– Droga, Gwyn! O que você está fazendo?

– Estou tentando aprender a mirar – respondeu ela, parecendo confusa.

Ele não era ingênuo para acreditar nisso e se recusava a cair no joguinho dela.

– Você não está fazendo só isso, admita.

– Sinceramente, não faço ideia do que você está falando.

Bufando, ele pegou a bengala e apontou para ela.

– Você está se aproximando de mim. Como se não bastasse me forçar a colocar o braço à sua volta para atirar, agora está encostando seu corpo no meu, o que é pior ainda. E acho que isso tudo é para me seduzir e me levar a tomar alguma atitude impensada, só para me castigar por ter enganado você sobre as aulas de tiro.

– Por que eu castigaria você dessa forma? – perguntou ela, andando para trás até bater em um vidoeiro. – Você já deixou bem claro que não me considera atraente nesse aspecto.

Isso o pegou de surpresa.

– Pelo amor de Deus, quando foi que eu deixei *isso* claro?

Ela ergueu o queixo.

– Quando se recusou a comentar sobre o nosso beijo. Quando fingiu que nunca aconteceu, como se tivesse sido alguma coisa... estúpida à qual você se submeteu por causa da sua "missão" de me proteger.

Será que ela realmente não tinha a menor consciência de como ele a desejava? Ela estava falando sério?

Joshua apoiou o braço na árvore em que ela estava encostada.

– Por acaso ocorreu a você que talvez a minha "missão" tenha a ver com *não* fazer coisas como beijá-la?

– Por quê? Não é como se você tivesse feito algo pouco cavalheiresco comigo. Ambos sabemos que você não se sente atraído por mim, me acha uma mulher boba e mimada que...

Então Joshua a beijou.

Foi mais forte do que ele. Gwyn estava falando absurdos e ele precisava

interrompê-la. Era fazer isso ou perder a cabeça com ela por imaginar que ele pensava aquelas coisas.

E quanto mais a beijava, mais queria beijá-la. Os lábios dela eram tão receptivos, tão tentadores. Poderia passar o dia inteiro ali, com a mão na cintura dela, o joelho roçando no dela através do vestido.

Deus, em que momento ele havia soltado a bengala para tocá-la? Não importava. Ele não ia parar a não ser que ela o obrigasse. Gwyn tinha gosto de ambrosia. O néctar dos deuses, o fruto proibido. Não importava o nome que dessem.

– Isso deixa clara a minha atração por você? – sussurrou ele.

Os lábios deles estavam tão próximos que era possível sentir a respiração acelerada dela. Joshua podia usar a língua para contornar o arco perfeito do lábio superior dela.

– Não tenho certeza – respondeu ela, com a voz baixa e rouca –, me mostre de novo.

Era tudo de que ele precisava para tomar seus lábios outra vez, mas agora movendo a língua com mais força e intensidade. Quando ela gemeu baixinho, o desejo dele beirou o insuportável.

Joshua ficou duro. Estava excitado por uma mulher que com uma palavra podia arruinar a sua reputação como oficial e cavalheiro.

– Você precisa parar de fazer isso comigo – murmurou ele, com a voz rouca.

Aqueles lábios deliciosos de Gwyn... Ela mordeu o inferior. De leve. Levando-o à loucura.

– Então é culpa *minha* se você não consegue se controlar? – disse ela.

– Você também não consegue se controlar.

– Verdade, mas isso era esperado – disse ela, lançando um olhar que era pura sedução. – Sou uma mulher... fraca e impotente nos braços de um homem, à mercê dos meus desejos lascivos.

Mesmo se não tivesse percebido o sarcasmo na voz dela, Joshua não teria acreditado naquele absurdo.

– Eu percebi como você é fraca quando puxou a corda do arco até o final. Agora, sobre estar à mercê dos desejos...

Joshua a beijou de novo e dessa vez passou a mão pelo seio dela, só para ver como Gwyn reagiria.

Certo. Como se fosse *só* esse o motivo, não porque ele quisesse muito, porque precisasse, porque não conseguisse se segurar.

O seio dela era farto e macio. Deus, o que ele não daria para prová-lo. Mas, por ora, Joshua iria se contentar em acariciá-lo, massageá-lo... imaginando-o em sua boca. Ele, claramente, perdera a cabeça.

Se Gwyn estava usando suas artimanhas femininas para manipulá-lo, era tarde demais para impedi-la. Ele já havia se deixado manipular e iria para onde quer que ela quisesse... contanto que tivesse a chance de tocá-la sem parar.

De repente, Gwyn se afastou.

– Você acha isso sensato?

Os olhos dela estavam arregalados, o verde brilhando em um tom mais escuro e mais intenso no bosque.

Ele era capaz de ler naqueles lindos olhos o que ela desejava. Ou talvez fosse apenas o que ele queria ler...

– Não, é totalmente insensato. Mas eu não me importo. E você?

– Nem um pouco – sussurrou Gwyn.

Então ela colocou a mão sobre a dele e a última gota de sanidade de Joshua evaporou.

CAPÍTULO NOVE

Gwyn não esperava voltar a sentir aquilo com um homem. Certamente, não deveria permitir tal coisa. Mas Joshua... ah, a sensação das mãos dele em seus seios era o paraíso. Não era um gesto invasivo nem bruto... apenas exploratório. E quando ele roçou os polegares em seus mamilos, as sensações mais deliciosas a percorreram e Gwyn gemeu.

– Joshua... – sussurrou ela. – Isto é tão... tão *bom*...

– Com certeza.

Eram carícias minuciosas, lentas, como se ele estivesse testando o que mais dava prazer a ela. Diferentemente de Lionel.

Lionel não importava. Mas quem teria imaginado que o major fosse tão bom em tocar uma mulher intimamente quanto o capitão era em enganar as ingênuas?

Traçando um caminho de beijos até a orelha dela, ele sussurrou:

– Isso é o que acontece quando você... seduz um homem até ele perder a razão. Ele faz coisas que não deveria.

– Pela última vez, eu não estava tentando seduzir você – disse Gwyn, sentindo que precisava deixar isso claro. – E você pareceu resistir bem... à minha "sedução" na cocheira da hospedaria.

– Aquilo me pegou de surpresa – admitiu ele antes de mordiscar o lóbulo da orelha dela. – *Você* me pegou de surpresa.

– Porque você gostou do nosso beijo?

– Porque *você* gostou do nosso beijo – murmurou ele. – Eu não esperava.

A barba dele arranhando seu rosto a lembrou de que estava ali com um homem cujo corpo ela adoraria explorar.

Ela passou a mão por dentro do casaco e do colete dele, de forma que pudesse sentir seus músculos através da camisa.

– Não consigo imaginar por que eu não teria gostado, Joshua. Você beija muito bem.

Ele se afastou um pouco para encará-la com um olhar ardente.

– E *nisto*? Também sou bom?

Ele acariciou o seio dela com tanta habilidade que ela gemeu.

– Você... também é muito bom nisto – disse ela, com a voz presa. Ele também estava sem fôlego.

– E você gosta...

– Muito.

Gwyn não resistiu quando ele desabotoou o casaco de seu traje de montaria. Sem o menor pudor, ela até o ajudou a soltar os ganchos que prendiam o casaco à saia, que não eram fáceis de abrir.

Então Joshua fitou a *chemisette* e tentou afastá-la, mas o tecido não cedeu. Ele logo percebeu que não era uma blusa de verdade.

– Pelo amor de Deus, o que é esta coisa e como faço para abrir?

Embora ela estivesse tão frustrada quanto ele, não pôde deixar de rir também.

– Está achando engraçado um pedaço de pano me impedir, é? – perguntou ele, fazendo uma careta.

– *Jamais* – respondeu ela, fingindo estar séria.

Mas Gwyn logo riu do olhar dele e colocou o braço para trás.

– Tem botões aqui, mas quem vai ter que fazer isso sou eu.

– Me mostre – pediu ele, ecoando perversamente o que *ela* mesma vinha pedindo a ele durante a aula de arco e flecha.

Gwyn conduziu a mão dele até o único botão que alcançava. Mas, aparentemente, era o suficiente para Joshua, que desabotoou com habilidade cada um deles e desamarrou as fitas, removendo a *chemisette*.

Joshua tinha, enfim, o que queria. Ele fitou a parte de cima dos seios dela com um olhar faminto que a fascinou. E embora ela não devesse se importar, porque sabia que ele nunca se casaria com ela se soubesse a verdade, Gwyn sentiu uma onda de prazer.

Mas ele não tinha acabado ainda.

– Quero sentir o seu gosto.

Fique à vontade. Mas ela disse apenas:

– Se você deseja...

Foi o bastante para que Joshua desamarrasse o espartilho e o baixasse o suficiente para deixar seus seios nus. O olhar que ele lançou era incandescente, demonstrava admiração e desejo. Então Joshua se inclinou e pegou um seio com a boca e o outro com a mão.

Uma sensação selvagem tomou conta de Gwyn, levando-a a gemer e empurrar o seio na direção dele, pedindo mais. Ele sugou um seio como um homem faminto diante de um banquete enquanto acariciava o outro com toques leves que a cada segundo deixavam Gwyn cada vez mais quente e úmida. Ela soltou um gemido de puro prazer. A única coisa melhor do que aquilo seria se ele a acariciasse naquele ponto mais abaixo, que já latejava.

Será que Joshua conseguia perceber que ela já trocara carícias íntimas com outro homem? Bem, não *tão* deliciosas quanto aquelas. Lionel era impaciente demais para ser tão atencioso. Ou sensível. Mas, para a surpresa dela, Joshua era a paciência personificada. Enquanto abocanhava o outro seio, lambendo cada centímetro, também explorava o outro mamilo úmido e entumecido que acabara de sugar. Gwyn apertou os ombros dele e deixou o prazer tomar todo o seu corpo, mesmo que por um breve momento.

A lembrança de quão breve era aquele momento de ousadia a levou a querer mantê-lo com ela. Afundando as mãos no cabelo dele, ela arqueou as costas ao segurá-lo contra seu corpo. O rabo de cavalo de Joshua a frustrou, e ela o desfez para que seus dedos pudessem deslizar pelas mechas sedosas.

E ter Joshua daquela forma – sentir vontade de tocá-lo, acariciá-lo – colocava abaixo todas as barreiras que ela tão cuidadosamente construíra para si. Que Deus não permitisse que alguém passasse por ali enquanto estavam se comportando de forma tão imprudente e insana.

Como se tivesse lido os seus pensamentos, ele disse:

– É melhor eu parar. É melhor *nós* pararmos.

Gwyn concordou, embora desejando que pudessem continuar ali para sempre. Esquecer o passado de ambos e simplesmente fazer... aquilo.

Mas Joshua já estava se endireitando para puxar o espartilho dela e amarrá-lo.

Ainda sem se sentir pronta para abrir mão daquele prazer, ela se agarrou aos ombros dele.

– Muitas pessoas conhecem este lugar?

– Acho que só os membros da Sociedade, mas eles só vêm para as competições e para a prática em grupo – disse ele, e a encarou com seus olhos azuis muito sérios. – Mas como Greycourt é o dono da propriedade, e sabe que estamos aqui juntos, é melhor não darmos sorte ao azar.

Ela suspirou e afastou o olhar.

– É.

Com o coração a mil, ela o ajudou a recolocar a própria roupa e então calçou as luvas. O que Joshua faria agora? Fingiria mais uma vez que eles não tinham se beijado? Ignoraria essas carícias incríveis das quais ela jamais se esqueceria?

– É melhor irmos.

Joshua evitou o olhar dela enquanto calçava as luvas e refazia o rabo de cavalo.

Quando ele começou a se afastar, ela segurou seu braço.

– Não, Joshua.

Ele ficou tenso.

– Não o quê?

– Não aja como se nada tivesse acontecido. Nós precisamos conversar sobre...

Ele a fitou com uma expressão estoica.

– Por quê? Você por acaso quer se casar comigo?

A pergunta tão direta a pegou desprevenida. Com medo de se revelar para ele, ela tentou, em vão, usar o bom humor.

– Não se você subestimar nossas intimidades toda vez que acontecerem.

– Responda à pergunta, e sem fazer piada.

– É que...

– Se você está precisando procurar uma resposta, então eu já sei qual é – disse Joshua, e começou a se virar.

– Volte aqui, major Rabugento. Por que *você* não responde à pergunta? *Você* quer se casar *comigo*?

– Eu não vou me casar com uma mulher que usaria seus poderes de sedução para me iludir. Para conseguir o que quer.

– De que você está falando?

– Eu sei que não me deseja de verdade – disse ele, fechando a cara. – Você só quer que eu esteja na palma da sua mão para poder agir como quiser enquanto estivermos em Londres: não me avisar aonde vai, não permitir que a acompanhe, sair para caminhar e cavalgar sem escolta além do cavalariço.

Ela o fitou boquiaberta.

– É isso que você pensa de mim? Você me acha o pior tipo de mulher, que flertaria para manipular um homem usando meus "poderes de sedução" para conseguir o que eu quero? Bem, se é assim que você me vê, não é de espantar que não queira se casar comigo, e é exatamente por isso que eu também não quero me casar com um sujeito desconfiado como *você*, Joshua Wolfe!

Gwyn começou a seguir em direção ao cavalo. O homem era impossível, inacreditável! Ela se recusava a tolerar aquele tipo de suspeita infundada. Imagine se Joshua soubesse o *verdadeiro* motivo da hesitação dela!

– Maldição, Gwyn! – praguejou ele, e tentou correr atrás dela apoiado na bengala. – Espere, pelo amor de Deus!

Que bom que ela conseguia montar sem a ajuda dele. Tão logo se acomodou na sela, Gwyn saiu galopando, deixando-o sozinho.

Reclamando da velocidade com que ela saiu, ele conseguiu montar no cavalo usando a apeadeira, depois saiu galopando atrás dela. Quando a alcançou, estava claramente lívido.

– Você não pode sair correndo assim. Malet pode estar nos vigiando.

– Não acho que o Sr. Malet seja o problema neste momento – disse ela em um tom de voz frio. – Ouso dizer que são as suas ideias distorcidas sobre as mulheres. Como elas se comportam, como *devem* se comportar.

– Isso não tem nada a ver com comportamento. Você é filha de um duque muito rico e irmã de outro. Já eu não passo de um soldado da reserva,

pensionista e, pior, um soldado ferido. A lógica diz você tem que perceber essa diferença.

– Então agora você acha que é *lógico* supor que estou brincando com os seus sentimentos? É isso? Ou você simplesmente não gosta da ideia de uma mulher como eu ter voz quando se trata dos próprios desejos?

Não que Joshua pensasse de modo diferente das outras pessoas. Até orn a desprezaria se soubesse tudo que aconteceu anos atrás com Lionel.

Joshua continuou em silêncio, provando que era como os outros homens. Gwyn, por sua vez, se endireitou e saiu galopando e, dessa vez, ele deixou que ela fosse.

Ela cavalgou furiosamente, lutando contra as lágrimas. Como ele ousava despertar seu... desejo depois dizer que era *ela* quem estava brincando com *ele*!? Era ele quem estava brincando. Assim como Lionel, ele também só queria se aproveitar dela. Homens!

Quando já estavam perto da taverna para onde ele mandara o cavalariço, ele a alcançou mais uma vez.

– Precisamos parar aqui. Não podemos voltar para Armitage House sem o cavalariço.

De fato, caso contrário haveria perguntas que nenhum dos dois estava disposto a responder.

– Tudo bem – concordou ela e diminuiu a velocidade para parar.

Joshua desmontou e amarrou a montaria. Como Gwyn permaneceu na sela, ele foi até ela e disse:

– Ou nós dois entramos ou nenhum de nós entra. Não sei quanto a você, mas não pretendo ficar aqui o dia todo.

Bufando, ela desmontou e seguiu para a taverna. Joshua, mancando, foi atrás. Mas, antes mesmo que ela pudesse procurar o cavalariço, o jovem veio correndo até eles.

– Graças a Deus a senhorita chegou, milady – disse ele. – Quase voltei ao local onde estavam, mas achei melhor não levar o cavalheiro até lá. Então fiquei aqui esperando que chegassem logo.

Joshua ficou em alerta na mesma hora. Isso estava claro para Gwyn pela forma como se endireitou, agarrou a bengala e olhou para ela.

– Que cavalheiro? – perguntou ele ao cavalariço.

– Ele não disse o nome, mas uma das criadas o chamou de "capitão". Ele disse que era amigo da minha patroa. Disse o nome dela de forma adequada e tudo.

Só podia ser Lionel, inferno. Maldito homem! Ela nunca conseguiria dar o dinheiro se ele continuasse chamando a atenção de Joshua.

– Não sei como ele chegou aqui – disse o major, passando a mão no queixo. – Ele definitivamente não nos seguiu.

– Ele disse que pegou informações com o mordomo, mas não acredito nisso – explicou o cavalariço. – Nosso mordomo não fala nada pra ninguém que não conheça.

Joshua franziu a testa.

– Existem muitos criados para quem ele pode ter perguntado, mas ainda assim ele não teria ficado sabendo de nada, porque eu fui cuidadoso com o que disse.

– E os criados da casa de Grey? – perguntou Gwyn. – Você disse que foi até lá ontem. Alguém pode ter escutado.

O cavalariço fez que não.

– O cavalheiro falou que disseram a ele que Vossa Graça queria praticar arco e flecha em um lugar perto daqui.

– É, ele não teria descoberto isso em Armitage House – concluiu Joshua. – Mas Greycourt mencionou a taverna quando me disse que conhecia um lugar.

Joshua olhou para Gwyn.

– Seu irmão claramente tem um criado que fala mais do que deveria.

– Talvez. Mas não me parece o tipo de pessoa que Grey contrataria.

– O cavalheiro e a dama gostariam de uma bebida? – ofereceu uma criada rechonchuda. – Temos a melhor cerveja por estas bandas de Londres e uma mesa aqui atrás, se quiserem privacidade.

Ela apontou para o fundo da taverna.

– Sim, por favor – respondeu Joshua.

Quando Gwyn o fitou de forma questionadora, ele murmurou:

– Preciso saber tudo que Malet disse para o seu cavalariço antes que ele

se esqueça.

Claramente, Joshua tinha voltado para seu modo alerta. Gwyn só esperava que Malet tivesse sido discreto o suficiente para não demonstrar ao criado quanto sabia do passado dela.

Assim que eles se sentaram e a criada anotou os pedidos, Joshua voltou ao interrogatório.

– Agora me diga palavra por palavra dessa conversa com o tal capitão.

– Bem – disse o cavalariço, erguendo os olhos para o teto como se consultasse sua memória nas vigas. – Primeiro, ele veio até mim, todo cheio de si, e me perguntou onde estava minha patroa. Eu achei que ele estivesse incomodado por eu estar sentado em uma mesa sozinho, então eu disse que não era da conta dele onde Sua Graça estava. Então ele ficou todo simpático e disse que conhecia minha patroa, que reconheceu meu uniforme e que por isso estava perguntando sobre ela.

Um arrepio percorreu o corpo de Gwyn. Se Lionel reconhecera o uniforme de Armitage sem estar perto da casa, devia estar familiarizado. Embora isso não a surpreendesse, a deixava desconfortável.

A julgar pela expressão sombria de Joshua, ele sentia o mesmo. Assim que as canecas de cerveja chegaram e a criada se afastou, ele tomou um grande gole e se debruçou sobre a mesa.

– E o que você disse para o sujeito?

– Eu disse que ela estava no final da rua, aprendendo a atirar com arco e flecha com o major Wolfe. Ele não pareceu muito satisfeito quando escutou o *seu* nome, senhor.

– Imagino que não – comentou Joshua. – Ele deve ter pensado que a encontraria sozinha. É difícil sequestrar uma mulher na presença de um oficial provavelmente armado.

– Sequestrar! – exclamou o cavalariço. – Ele queria sequestrar Vossa Graça? Que bom que não falei onde estavam.

– Que bom mesmo. E fique à vontade para espalhar sobre o caráter de Malet entre seus amigos criados, caso Malet os procure – instruiu Joshua.

Gwyn ficou tensa.

– Se ele contar aos criados, minha mãe vai descobrir. E você prometeu

que isso não iria acontecer.

Ele bateu a caneca na mesa com tanta força que espirrou cerveja para fora.

– Droga, Gwyn, como posso proteger você se tudo tem que ficar em segredo?

– Não sei – disse ela, com sinceridade. – Mas creio que vai dar um jeito.

O cavalariço, que assistia à conversa com ávido interesse, arriscou uma opinião:

– Não precisa temer, milady. Posso dizer aos outros que um marginal chamado capitão Malet está atrás do major Wolfe, então eles vão avisar ao major se o homem for atrás deles.

– Isso pode funcionar. Não acha? – perguntou Joshua, olhando para ela.

– *Agora* você quer a minha opinião? – perguntou Gwyn, mas, percebendo que tinha sido grosseira, suspirou e disse: – Tudo bem, pode ser.

Ela tomou um gole da cerveja, mas mal conseguiu engolir. O dia não estava sendo como tinha esperado.

Joshua virou-se para o cavalariço.

– Malet disse mais alguma coisa depois?

– Não, senhor. Apenas foi embora, bem irritado. Agora estão entendendo por que não voltei para onde o senhor e milady estavam? Não podia arriscar que o sujeito me seguisse.

– Ótima tática, obrigado.

Joshua tomou um longo gole. Gwyn sorriu para o cavalariço e pegou a carteira.

– Também lhe devo meus agradecimentos – disse, dando a ele um guinéu. – Você foi muito esperto ao ter cuidado com o que falava.

Ele aceitou o guinéu, com os olhos arregalados.

– Se algum dia precisar de ajuda, milady, é só falar comigo – disse animadamente.

– Eu me lembrarei – respondeu, e olhou para Joshua: – Podemos ir?

– Claro.

Ele se levantou e colocou alguns xelins sobre a mesa. Então apontou para a caneca dela.

– Você mal tocou a sua cerveja.

– Estou satisfeita.

Joshua ofereceu o braço a Gwyn, mas ela não aceitou. A briga recente ainda estava fresca na memória dela. Mas ela precisava se certificar de uma coisa, então pediu:

– Por favor, não comente nada com orn.

– Não tinha mesmo a intenção de fazer isso – concordou ele enquanto se dirigiam para a porta.

– Por que não? – perguntou ela, surpresa.

– Primeiro, porque quero descobrir como Malet ficou sabendo onde procurar você. Isso vai me dar uma pista do esconderijo dele em Londres. Depois eu conto para o seu irmão, e aí ele mesmo vai poder resolver a situação.

Por que ele tinha que ser um guarda-costas tão bom?

– Ah, faz sentido.

– Por que você quer *tanto* que eu não conte a ele?

– Porque orn vai querer me seguir para todos os lados também, e aí eu vou ter que andar com dois cães de guarda em vez de um. O que vai dificultar a missão de conseguir pretendentes.

– Não entendo o motivo dessa preocupação – disse Joshua. – Em todos os lugares a que vai, você conquista alguém. Primeiro Malet e agora o cavalariço. E nem debutou ainda.

– Percebi que você não se incluiu na minha lista de conquistas. Aparentemente, sou péssima em usar meus poderes de sedução, não é? Parece que você me viu direitinho.

– Gwyn – disse ele –, eu não quis...

Gwyn não ficou para escutar a desculpa esfarrapada que ele daria, *se* é que daria alguma. Rapidamente ela começava a entender por que Beatrice tinha um relacionamento conturbado com o irmão.

Apesar das louváveis habilidades como guarda-costas, Joshua às vezes podia ser um patife.

CAPÍTULO DEZ

No dia seguinte em Armitage House, Joshua desceu tarde para tomar café, o que nunca acontecia quando estavam na residência de campo. Ele esperava que o barulho constante na rua tornasse difícil dormir, mas, por algum motivo, estava acontecendo o contrário. O que não fazia sentido nenhum.

Joshua ainda refletia sobre isso quando entrou na sala de café da manhã e encontrou ornstock lendo jornal. Normalmente, isso seria estranho, já que o duque tinha sua própria casa na cidade, mas ornstock estava ali porque acompanharia Gwyn e lady Hornsby na apresentação da irmã à corte. Na verdade, praticamente a família toda logo estaria reunida ali, já que Greycourt acompanharia Beatrice, e tia Lydia queria ver os trajes de todos antes que partissem.

Alguns anos antes, a esposa do rei Jorge III, a rainha consorte Carlota, impusera regras sobre os trajes para apresentações na corte. Os homens precisavam usar perucas brancas e calças, e as damas tinham de usar vestidos ridículos com caudas e anáguas com arcos, sem mencionar as muitas penas na cabeça. As mulheres solteiras deviam vestir branco. Mulheres casadas com membros da realeza sendo apresentadas pela primeira vez podiam usar a cor que quisessem, mas esperava-se que todas se enfeitassem com o máximo possível de joias caras.

Ou, pelo menos, era o que Joshua havia lido. Ainda não tinha visto Gwyn e Beatrice com seus vestidos, mas ornstock certamente parecia pouco confortável com sua peruca.

– Wolfe! – chamou o duque quando Joshua sentou-se à mesa com seu

prato com torradas e salsicha. – Não ouviu o que eu disse? Já acabei de ler o *Diário*, quer?

– Desculpe – disse Joshua –, eu estava distraído com essa ovelha enorme na sua cabeça.

O duque riu enquanto entregava o jornal para Joshua e pegava uma gazeta.

– Vou me lembrar dessa! Talvez seu comentário deva ser levado a Sua Majestade, quem sabe ela perceba que as perucas saíram de moda dez anos atrás. Nem meus lacaios e cocheiros as usam mais, pelo amor de Deus.

Cuidadosamente, o duque enfiou um dedo por baixo da peruca.

– Eu tinha esquecido que coçava também. Ou talvez seja o talco. Não consigo acreditar que usávamos essa coisa maldita o tempo todo.

Joshua deu uma mordida na torrada.

– Mas de fato está com uma aparência muito distinta.

ornstock deu uma gargalhada seca.

– Se você diz... Em todo caso, agradeça por não precisar ir à corte hoje.

– Uma das vantagens de não ser da realeza.

Ele costumava ver *apenas* vantagens nisso. Mas os sonhos eróticos com Gwyn da noite passada fizeram com que Joshua repensasse sua opinião. Em seus sonhos, ele levara Gwyn para a cama várias vezes, de todas as formas que um amante poderia fazê-lo.

Ou um marido. Um homem que teria mais chances com ela se fosse da realeza.

Maldição, qual era o problema dele? Gwyn estava destinada a coisas grandiosas, algo que ela obviamente percebia em seus momentos de lucidez, quando não estava deixando que ele a...

Ele precisava parar de pensar naquilo.

ornstock se serviu de café, depois ergueu o bule com um olhar questionador.

Joshua empurrou a xícara para ele.

– Obrigado.

– Fico surpreso que você tome café – comentou o duque enquanto servia a xícara de Joshua. – A maioria dos ingleses prefere chá.

– Passei a adorar café quando era fuzileiro – contou Joshua, acrescentando uma quantidade generosa de leite à xícara antes de beber.

– Meus amigos acham estranho que eu goste mais de café, mas criei esse hábito em Berlim – disse o duque, suspirando. – E eu preciso do máximo de energia possível, já que hoje serei o guarda-costas de Gwyn no seu lugar.

Joshua tomou um gole da bebida estimulante.

– Eu me solidarizo.

ornstock estreitou o olhar para Joshua.

– Ela está lhe causando problemas?

Imagine, mas não da forma que ornstock provavelmente achava.

– Os de sempre – respondeu Joshua, evasivo.

Ele só precisava de um tempo longe de Gwyn para controlar seus desejos.

– Bem, duvido que qualquer cavalheiro questionável vá se aproximar de Gwyn dentro do palácio, até porque duvido muito que sequer *conseguisse* diante daquele vestido enorme que ela estará usando. Vou até desarmado. Se Malet aparecer, o que é muito pouco provável, darei uma surra nele e pronto. Já estou com vontade de fazer isso há um bom tempo mesmo.

Joshua ficou tenso. Apesar de toda a indolência, ornstock era um duelista habilidoso que frequentava o ginásio Gentleman Jackson's e tinha aulas com o famoso pugilista em pessoa. Então o duque podia certamente dar mesmo uma surra em Malet. E se ornstock sequer imaginasse como Joshua tinha agido com Gwyn...

Não. Isso não podia acontecer. O pai de Joshua morrera em um duelo escandaloso e absurdo que deixara Beatrice devastada e resultara na ida de Joshua para a guerra. Não que ele se arrependesse de ter se tornado um fuzileiro real, mas sua vida teria sido muito diferente se seu pai não tivesse morrido e deixado os filhos sem um centavo. Joshua não estava disposto a duelar com ornstock. Não se pudesse evitar.

– De toda forma – disse o duque –, fiquei sabendo que essas coisas levam horas, portanto não devemos voltar antes do anoitecer. Felizmente, o baile que Grey está dando para Gwyn e Beatrice será na casa dele, então

Sheridan não precisa se preocupar em fazê-lo aqui. Eu vou passar lá brevemente, e espero que esteja presente quando chegarmos à casa de Grey.

– Claro. Supõe-se que seja para isso que eu esteja em Londres, certo? Para comparecer ao baile de debutante da minha irmã?

– Verdade, tinha me esquecido disso – disse ornstock, bebendo um gole de café. – Malet não foi convidado, obviamente, mas ele pode tentar alguma coisa mesmo assim, então é melhor estarmos preparados.

– Concordo. O homem é imprevisível.

Como prova disso, havia o fato de o desgraçado ter aparecido na taverna no dia anterior.

A mais pura raiva tomava conta de Joshua sempre que pensava em quão perto de Gwyn aquele sujeito estivera. Chegava a desejar que o cretino aparecesse à noite, assim teria uma desculpa para atirar nele.

Ele ainda não conseguia entender como Malet soubera a respeito das aulas de arco e flecha. Na noite anterior, Joshua interrogara os criados da casa e da mansão de Greycourt. Nenhum deles tinha falado com Malet. Ou melhor, nenhum deles *admitira* ter falado com Malet.

Isso fez com que se lembrasse de sua suspeita inicial de que Malet e Gwyn já se conheciam muito antes de tudo aquilo.

– Falando em Malet, sabe dizer se ele e Gwyn já tinham se encontrado antes da tentativa de sequestro em nossa propriedade?

Com uma expressão sombria, ornstock endireitou o jornal com movimentos cuidadosos.

– Se isso aconteceu, não fiquei sabendo.

Maldito seja ornstock. O duque estava mentindo. Joshua pensou em mencionar o fato de Malet ter aparecido na véspera, mas o duque já sabia que Malet estava tentando sequestrar Gwyn. Isso não seria suficiente para levá-lo a se abrir.

E sempre havia a possibilidade de Joshua estar errado, de aquilo que ele interpretara como conspiração entre os irmãos ser apenas cumplicidade entre gêmeos. Não havia razão para levantar as suspeitas de seu benfeitor à toa.

– Como só serei necessário à noite, Vossa Graça se importa se eu sair

assim que as damas mostrarem seus vestidos? – perguntou Joshua. – Tenho um compromisso ao meio-dia na Secretaria de Guerra e, como todas as carruagens irão para o palácio, acho melhor eu não demorar a sair.

– Pode ir agora, se quiser.

– Sem ver Beatrice toda arrumada? Ela jamais me perdoaria.

O duque ficou pensativo.

– De vez em quando eu penso que gostaria que Gwyn tivesse por mim o mesmo carinho que Bea claramente tem por você.

– Não gostaria, não, confie em mim. Beatrice já está planejando me apresentar a metade das damas no baile hoje. Quando digo que vou estar lá a trabalho, ela só acena com a mão e ignora – disse Joshua, bufando. – Ela não para de tentar me arranjar uma esposa. Aparentemente, ela acha muito mais importante eu me casar do que conseguir me sustentar.

– Meu Deus, não consigo imaginar nada pior do que Gwyn tentando escolher uma esposa para mim. – ornstock tomou um pouco do café e acrescentou: – A propósito, por que tem uma reunião hoje na Secretaria de Guerra?

Acostumado a guardar seus assuntos para si, Joshua hesitou.

– Preciso resolver um detalhe a respeito da pensão.

– Ah. Claro, às vezes esqueço que ainda é um oficial.

– Falando nisso, preciso me vestir. É uma visita formal, então espera-se que eu vá fardado.

– Claro, claro – disse ornstock, tirando o relógio do bolso. – Ouso dizer que as damas ainda vão demorar pelo menos uma hora para descer.

Joshua subiu para o quarto. Em pouco tempo o camareiro de Sheridan surgiu para ajudá-lo a vestir a farda, embora Joshua tenha percebido que a gandola estava apertada, e a calça, larga. Era isso que dava depender tanto dos braços para compensar a perna ferida. Um bom lembrete de que ele não era como os outros homens. Nunca seria.

Quando desceu, Beatrice e Greycourt já tinham chegado. Greycourt estava muito parecido com o irmão, mas Beatrice...

– Se você rir – avisou ela –, eu juro que vou bater na sua cabeça com o leque.

– Estou morrendo de medo – implicou Joshua. – Principalmente se o leque for tão grande quanto esse vestido e essas penas.

Greycourt riu. Beatrice olhou feio para ele, o que fez com que ele parasse na mesma hora.

– Você está parecendo um anjo, meu amor – disse ele, para acalmá-la.

– Só se as asas do anjo forem roxas e saírem da cabeça – acrescentou Joshua, e ornstock caiu na gargalhada.

– Bem, e *você* parece um... um...

Beatrice bufou.

– Ah, que se dane... Você está lindo de farda.

– Obrigada, patinha. Mas, sendo honesto, ornstock diz que todas as damas acham oficiais fardados atraentes.

– Eu não disse *todas* as damas – corrigiu ornstock. – E certamente nem todo oficial fica bem de farda. Prinny, por exemplo, parece uma salsicha.

– Porque ele não é oficial – disse Joshua. – É quase um membro da família real.

– Que falta de cavalheirismo de vocês – disse Lydia da escada. – Que vergonha, Joshua. Você deveria estar apoiando sua irmã no grande dia dela.

– A senhora está certa, tia.

Joshua se virou para Beatrice.

– Desculpe, patinha. Você está linda. Só que... bem... você fica ainda mais linda quando não está parecendo um bolo gigante com glacê roxo.

ornstock e Greycourt caíram na gargalhada, o que fez tia Lydia revirar os olhos. Mas era impossível não rir de um vestido com cintura alta e anáguas enormes em arco que faziam com que a mulher parecesse estar sendo devorada por uma bola de tecido.

– Deixe esses dois para lá, Beatrice – disse Gwyn com sua voz cadenciada, do alto da escada. – Seremos bolos gigantes cobertos de glacê juntas.

– Gwyn! – exclamou Beatrice, ao se aproximar da escada. – Eu *disse* a Grey que você ficaria adorável de qualquer forma.

Adorável? Ela estava magnífica, pensou Joshua, mesmo com cinco penas

de avestruz enormes saindo do cabelo. Sem falar no vestido branco que começava abaixo dos seios, abrindo-se em forma de balão e escondendo o que ele sabia ser um corpo feminino perfeito.

Ela parou na escadaria para encará-lo.

– Então? Vá em frente, major. Diga o que quiser para que meus irmãos também possam rir de mim. Eu sei que estou ridícula.

Todos os olhos se voltaram para ele e Joshua precisou recorrer a algum elogio que não revelasse seu desejo fervoroso de entrar embaixo daquela saia e beijar a pele nua que tantas anáguas escondiam dos outros homens.

– Você está parecendo Luna, deusa da lua e rainha das estrelas.

Maldição. *Aquilo* certamente revelava bastante do efeito que ela causava nele.

Gwyn sorriu e disse:

– Em outras palavras, estou grande, redonda e branca.

– E brilhando à noite – comentou lady Hornsby, que veio descendo a escada atrás de Gwyn, usando um vestido parecido, verde-claro e cor-de-rosa com penas combinando nos mesmos tons. – Vocês duas brilham. Ou, pelo menos, vão brilhar quando colocarem seus vestidos de baile, bem mais bonitos.

– Ora, e lembrem que todas as outras damas estarão vestidas da mesma forma, então não haverá ninguém rindo de vocês – disse Lydia. – Tenho certeza de que as duas vão deixar todas as outras para trás. Estão muito belas, minhas queridas.

– Ela está certa, Beatrice – disse Gwyn com firmeza ao se aproximar dela. – Vamos mandar meus irmãos para o inferno. E o seu.

– Lady Gwyn – protestou lady Hornsby –, por favor, não fale a palavra "inferno" no palácio.

– Eu já disse a ela para tomar cuidado com o linguajar umas vinte vezes – comentou Lydia –, mas ela não me escuta.

– Mamãe – respondeu Gwyn –, a senhora sabe que eu nunca xingaria em público.

– Mas aqui nós *já* estamos em público – contradisse lady Hornsby, obviamente exasperada. – Normalmente, eu não me importaria nem um

pouco com esse linguajar atrevido. Mas nós estamos falando de um debute, portanto vocês devem ao menos *tentar* agir como jovens damas que estão começando a carreira social.

– Mesmo que eu esteja mais perto do fim do que do começo? – perguntou Gwyn. – Enfim, eu entendo o que a senhora está dizendo e vou seguir seu conselho. Até me casar, pelo menos – disse ela, sorrindo.

Lydia soltou um suspiro alto, mas lady Hornsby deu um tapinha no braço de Gwyn e disse:

– Esse é o espírito da coisa. Espere até se casar, depois vai poder despejar tudo no seu marido.

– Ah, então é *isso* que Beatrice tem feito comigo... – comentou Greycourt. – E eu esse tempo todo achando que a má influência era eu.

– Mas você *é* – disse Beatrice, de forma afetuosa. – É exatamente por isso que eu amo você. Podemos ser maus juntos.

Joshua se virou para esconder a inveja que devia estar estampada em seu rosto. O que sua irmã tinha com Greycourt era o que ele queria e temia estar destinado a nunca possuir.

– Então o que a senhora ficará fazendo hoje, mamãe? – perguntou ornstock.

– Vou ter uma reunião com o Sr. William Bonham, que cuidava dos negócios de Maurice. Sheridan ainda está a caminho e o Sr. Bonham tem algumas perguntas que não podiam esperar sobre as contas do padrasto de vocês. Não sei se algum de vocês chegou a conhecê-lo.

– Eu o conheci – respondeu Greycourt. – Uma vez, eu e Sheridan conversamos com ele sobre a propriedade. Pareceu um homem decente.

– E bonito também... Para um homem de 60 anos – disse lady Hornsby, cutucando Lydia. – Não que Lydia se importe com isso.

A condessa lançou um olhar frustrado para a amiga.

– Chega de tentar bancar o cupido, Eliza. Ainda estou de luto, lembra? Além disso, não tenho a menor vontade de me casar de novo.

– E duvido que mamãe vá querer se casar com um homem de negócios – disse Greycourt.

Joshua ficou tenso. O assunto estava chegando muito perto da realidade

dele, para seu desconforto. Ele pigarreou.

– Bem, agora que já vi os trajes extravagantes de todos, preciso ir. Tenho um compromisso.

– Com quem? – perguntou Beatrice.

– ornstock pode explicar – respondeu Joshua. – Não quero me atrasar.

Ele podia mentir para o duque sobre seus planos, mas não para Beatrice. Ela o encheria de perguntas até que ele admitisse o que estava indo fazer ou desse uma resposta atravessada. A primeira opção tomaria muito tempo e a segunda estragaria o dia dela, coisa que, apesar de toda a implicância, ele não queria fazer. Joshua se aproximou dela e pegou sua mão coberta pela luva, já que quase não conseguia alcançar seu rosto.

– Você está linda, patinha – disse ele baixinho. – Tenho certeza de que vai impressionar todos.

A irmã sorriu para ele.

– Obrigada, querido. Vejo você à noite?

– Eu não perderia a ocasião por nada neste mundo.

Quando Joshua se virou para sair, viu um lacaio cochichando no ouvido de Gwyn, que ficou muito corada e depois disse alguma coisa para o serviçal e o seguiu até o salão ao lado.

Joshua se certificou de passar pela porta do salão ao sair. Uma rápida olhada mostrou um jovem de pé, esperando enquanto Gwyn lia um bilhete. Um mensageiro? De quem? Trazendo que recado?

Ele se demorou um pouco ali para ver se conseguia descobrir alguma coisa. Com uma expressão lúgubre, Gwyn enfiou o bilhete em sua bolsinha e pediu ao rapaz que esperasse. Então foi até a escrivaninha e começou a escrever. Era uma resposta à mensagem que acabara de receber, que ela entregou ao rapaz junto de uma moeda e instruções.

Joshua considerou entrar e exigir ver o bilhete, mas não tinha motivos para acreditar que ela lhe mostraria. Ela estava escondendo segredos dele, então por que os revelaria? E, se ela não mostrasse, ele teria exibido o seu trunfo.

Talvez fosse melhor tentar descobrir alguma coisa de forma furtiva. Talvez não fosse nada importante. Um amigo doente, talvez. Alguém da

família. Não, não podia ser. Todos da família estavam presentes. E se fosse sobre Sheridan, ela contaria aos outros.

Ele saiu pela porta da frente para que ela não o visse. Talvez fosse melhor tentar descobrir alguma coisa junto ao mensageiro. Ainda tinha alguns minutos antes de precisar sair.

Poucos minutos depois o rapaz saiu.

Com um guinéu na mão, Joshua o cercou assim que ele desceu a escada.

– O bilhete que está levando, rapaz. Dou um guinéu para ver.

O rapaz arregalou os olhos para a farda informal de Joshua. Não era tão impressionante quanto a formal, mas a gandola vermelha tinha botões dourados e ombreiras, o chapéu bicorne estava suficientemente polido e os coturnos brilhavam de tão lustrados.

– O senhor é do exército? – perguntou o rapaz.

– Sou fuzileiro real. Major Joshua Wolfe.

– Desculpe-me, major, mas o bilhete está selado. Se eu entregar para meu patrão com o selo rompido, serei açoitado.

– Nós não queremos isso, não é? – questionou Joshua.

Mas percebeu que o rapaz não tirava os olhos gananciosos do guinéu.

– Vamos fazer assim. – Joshua levantou o guinéu. – Você responde às perguntas que souber sobre essa troca de bilhetes e eu lhe dou o guinéu. Certo?

O rapaz balançou a cabeça.

– Quem é o seu patrão?

– Sr. Pritchard. Dono de uma hospedaria em Chelsea.

Não era o nome que Joshua esperava ouvir.

– Por que seu patrão está escrevendo bilhetes para lady Gwyn?

– Não é meu patrão quem está escrevendo. O Sr. Pritchard está enviando em nome de um capitão que está hospedado lá.

Aquilo era o que Joshua esperava. Ou melhor, temia.

– Qual é o nome do capitão?

– Não sei. Faz pouco tempo que ele está lá.

– Me diga como ele é.

Quando o rapaz fez uma descrição precisa de Malet, Joshua sentiu um

aperto no peito. Por que Gwyn se comunicaria com o homem que queria sequestrá-la?

Joshua franziu a testa. A não ser que a história não fosse só essa. A não ser que ela e Malet fossem amigos sem que ornstock imaginasse. Afinal, a família dela vivia viajando da Inglaterra para a Prússia. Talvez tivessem conhecido o sujeito em uma dessas viagens.

Embora ela não tenha parecido feliz ao receber o bilhete. E Joshua tenha quase certeza de que o duque havia mentido ao ser questionado sobre a amizade prévia entre Gwyn e Malet.

Qualquer que fosse o motivo da comunicação, não podia ser bom. E Joshua odiava ser colocado nessa posição. Será que Gwyn estava flertando com ele para afastar as suspeitas do que poderia haver entre ela e Malet? A possibilidade o rasgava por dentro.

– Major? – perguntou o rapaz.

– Onde fica exatamente essa hospedaria?

O rapaz deu a ele o endereço, depois estendeu a mão.

– Ah, certo. Seu guinéu. Obrigado.

– De nada, senhor. E se algum dia precisar de um garoto para ser seu criado, é só perguntar por Dick Ligeirinho. Todo mundo sabe que sou o mais rápido da parte oeste de Londres.

– Obrigado de novo. Vou guardar seu nome.

Joshua não teve coragem de dizer ao rapaz que a chance de vir a ter um criado era muito pequena. Ele nem sequer sabia se conseguiria voltar a receber seu salário em vez de viver de pensão.

Falando nisso, era melhor se adiantar se não quisesse perder o compromisso. Ainda assim, ficou observando enquanto o rapaz saía correndo pela rua. Se Joshua tivesse tempo, iria atrás dele e confrontaria Malet pessoalmente.

Mas o capitão teria que esperar.

CAPÍTULO ONZE

O visconde de Castlereagh, o inteligente irlandês que ocupava o cargo de secretário de Estado da Guerra e das Colônias, tinha a sólida reputação de dirigir o Gabinete de Guerra com braço firme. Ou, pelo menos, era assim que os soldados, e Joshua, o viam.

Mas algo devia ter acontecido para desequilibrar aquele grande homem, porque, quando Joshua chegou para o compromisso marcado, o secretário de Guerra tinha pouco a dizer. Apesar das tentativas de moderação do subsecretário, outro irlandês, chamado Lucius Fitzgerald, Castlereagh foi frio ao informar Joshua de que a Inglaterra precisava de homens totalmente capazes na guerra contra Napoleão, não de homens pela metade, recebendo salários pela metade.

Castlereagh também deixou claro que examinara a situação de Joshua e ouvira falar sobre seus acessos de raiva, motivo de fofoca em Sanforth. O secretário disse que a última coisa que Joshua deveria fazer era ir para a guerra, onde não havia lugar para homens destemperados.

Quando Castlereagh terminou de proferir todos os seus insultos, Joshua estava fervendo. Nunca quis tanto estrangular um homem, mesmo sabendo que isso não ajudaria em nada a sua situação. Então Joshua apenas falou algumas palavras cordiais para encerrar o encontro e saiu do prédio. Na rua, bateu a bengala em um poste com tanta força que a madeira quebrou.

Arrependeu-se na mesma hora. Seria difícil encontrar outra bengala capaz de camuflar uma espada tão bem quanto aquela. Ficou ali parado, olhando para a bengala quebrada e xingando a si mesmo. Talvez Castlereagh

estivesse certo: ele não servia para mais nada além de ir atrás de ladrões de araque e alimentar cães de caça na propriedade do seu avô.

Então, do nada, Fitzgerald, o subsecretário que testemunhara a humilhação de Joshua, surgiu ao seu lado.

– Maldição... Parecia ser um acessório bem útil.

Joshua juntou os pedaços, na esperança de conseguir consertá-la de alguma forma.

– O que *o senhor* quer? – questionou ele. – Chutar cachorro morto?

Fitzgerald o encarou com os olhos azuis.

– Na verdade, quero oferecer um cargo a você, Wolfe, mas não como fuzileiro real. Eu gostaria que trabalhasse para mim.

Isso o deixou desorientado.

– E que cargo seria esse? – perguntou Joshua, com cautela. – Não sou político, senhor, como deve saber.

– Sim, isso é dolorosamente óbvio.

Fitzgerald chamou sua carruagem, que parecia estar esperando no final da rua.

– Mas o que estou lhe oferecendo é mais discreto, por trás dos panos, se é que me entende.

A carruagem de Fitzgerald parou na frente deles.

– Para onde, senhor? – perguntou o cocheiro.

– Apenas uma volta no parque – disse Fitzgerald, erguendo uma sobrancelha preta para Joshua. – Poderia me acompanhar, major, para podermos conversar um pouco mais sobre o assunto?

Como Joshua hesitou, ele acrescentou:

– Ouvir a minha proposta não vai doer, vai?

– Creio que não – respondeu Joshua.

Quando ambos estavam dentro da carruagem, Fitzgerald disse:

– Primeiro, aceite minhas desculpas pelos insultos de Castlereagh. Desde o fiasco em Corunha, o trato com ele ficou difícil. Mas ele não pode deixar isso ditar seu comportamento.

– Não precisa se desculpar – disse Joshua. – Estou acostumado a insultos.

– Está mesmo? Porque eu acho que não, considerando a forma como reagiu. Quantas vezes o senhor perde a cabeça a ponto de quebrar a própria bengala?

– Essa foi a primeira – disse Joshua, cruzando os braços. – Mas eu *quebrei* um jarro na cabeça de um homem que me chamou de "cavalinho de pau de Armitage" porque denunciei o filho ladrão dele ao administrador da propriedade.

Fitzgerald olhou fixamente para Joshua.

– E o seu confronto com o sujeito que estava chutando um cachorro? E com o outro que puxou sua bengala e fez com que você caísse? Pelo que fiquei sabendo, o senhor quebrou mais do que uma jarra na cabeça *deles*.

Inferno, o homem fizera uma investigação completa sobre ele e seus acessos de raiva. Joshua não sabia exatamente o que responder.

– De fato. Mas acho que todo homem que maltrata um cachorro merece que quebrem seu nariz. O sujeito que chutou a minha bengala quebrou o pulso sozinho. Eu caí em cima dele e ele tentou impedir a queda usando a mão. Eu diria que não sou responsável em nenhum dos dois casos.

– Talvez, mas não posso admitir esses acessos de fúria se aceitar o cargo que estou lhe oferecendo. Então preciso saber: o senhor acha que é capaz de controlar sua raiva?

Direto ao ponto.

– Bem, para falar a verdade, eu não tenho certeza.

Às vezes a ira o dominava com tanta força que Joshua sentia que ia morrer sufocado. Nesses momentos, precisava se afastar, ficar sozinho, ler um livro... socar uma parede.

Fitzgerald levantou um dedo.

– Bem, pelo menos o senhor é honesto em relação a isso – disse ele e, depois de refletir por um momento, acrescentou: – Serei igualmente honesto. Eu sei por que está em Londres e a mando de quem.

– Como...

– O duque de ornstock é meu amigo. Quando estava no Brooks's ontem à noite, orn me contou sobre Lionel Malet e sobre a necessidade de manter o sujeito longe de lady Gwyn.

Droga, se o duque tivesse falado naquela manhã que conhecia o subsecretário, ele teria pedido que o apresentasse.

– E o que o cargo que está me oferecendo tem a ver com Malet?

– Estou procurando alguém para espionar o sujeito.

Por essa Joshua não esperava.

– O senhor acha que Malet está envolvido com outros crimes além de tentar sequestrar lady Gwyn?

– Possivelmente. O homem está desesperado atrás de dinheiro. É por isso que está tentando sequestrar uma herdeira para se casar. E, para piorar, talvez ele esteja vendendo informações para os franceses.

Joshua se endireitou no banco.

– Maldito seja. Que tipo de informação?

– Sendo sincero, não temos certeza. Mas já suspeitávamos que ele vinha fazendo perguntas às tropas na Península. Provavelmente está descobrindo muitas coisas, porque está falando diretamente com soldados, que o veem como um camarada, não como o traidor desgraçado que ele é.

– Suponho que a notícia sobre a degradação dele ainda não tenha chegado aos soldados em Londres.

– Exato, e é por isso que ele ainda está conseguindo alguma coisa. Estamos receosos de que ele esteja tentando conseguir uma cópia do memorando que o tenente-general Wellesley enviou para Castlereagh, em que propõe que os portugueses ajudem a liderar a campanha contra os franceses. Wellesley está, inclusive, a caminho de Portugal, mas em qual cidade ele pretende estabelecer a base e como planeja agir são informações secretas. Se alguém colocar as mãos nesse memorando...

– Os franceses poderiam atacar o tenente-general e seus homens antes mesmo de eles chegarem a terra firme. Ou logo depois.

– Esse é o nosso medo.

Joshua viu Fitzgerald com novos olhos. Inteligente e astuto, claramente era ele o homem forte que fazia o trabalho sujo enquanto Castlereagh apenas apertava mãos e levava as propostas de Fitzgerald ao Parlamento.

– E é aí que o senhor entra – informou Fitzgerald. – Queremos que descubra com quem Malet está se encontrando e o que está tentando vender.

– Por que eu?

– Por duas razões. Primeiro, o senhor ainda deseja servir ao seu país apesar dos ferimentos de guerra. Isso é raro e, apesar do que Castlereagh pensa, é louvável.

– Ah, sim – disse Joshua. – E a outra razão?

– O senhor ainda é um fuzileiro real com experiência em reconhecimento de campo. Tem as habilidades necessárias para seguir Malet sem ser visto.

– Mas não se eu tiver um "acesso de raiva".

Fitzgerald sorriu.

– Exatamente.

Coçando o queixo, Joshua refletiu sobre a proposta do homem.

– E, perdoe minha franqueza – continuou Fitzgerald –, o fato de o senhor ser manco também é bom.

– Por que diz isso? – perguntou Joshua.

– O senhor diria que as pessoas evitam olhar em sua direção?

– Às vezes.

– Isso é porque elas se sentem desconfortáveis em ver um soldado ferido. A visão suscita uma culpa reprimida, a de que não estamos fazendo o suficiente por esses soldados. Então a tendência é desviar o olhar, fingir que vocês não existem. Em muitos aspectos, sua bengala o torna invisível para o mundo.

– Mas não sou invisível para Malet – destacou Joshua. – Ele me conhece.

– Quantas vezes vocês se encontraram? orn me disse que umas duas.

Joshua piscou.

– Talvez devesse contratar o *duque* como espião. Ele parece bom nisso.

– Ou talvez a sua família, a família de *ornstock*, tenha uma tendência a falar sobre assuntos que as pessoas em geral evitam.

– Isso também é verdade, mas, ainda assim, meus dois encontros com Malet foram confrontos diretos. Ele não vai se esquecer do meu rosto.

– Mas ele não espera que o senhor vá segui-lo. Acredito que ele nem saiba que está em Londres.

– Infelizmente, o senhor está errado. Ele descobriu, por meio de um

criado de lady Gwyn, que eu estava com ela ontem.

– Isso não quer dizer que ele saiba que está trabalhando como guarda-costas dela. O senhor poderia estar cortejando-a, por exemplo.

Nos meus sonhos, talvez.

– Seja como for – prosseguiu Fitzgerald –, o assunto é discutível. Como bem sabe, um soldado treinado em reconhecimento de campo é perfeitamente capaz de se esconder do inimigo, mesmo que o inimigo o conheça. Eu confio totalmente na sua capacidade de seguir Malet sem que ele perceba. Afinal, Malet nunca foi um bom soldado. E agora que está desesperado por dinheiro, vai assumir riscos que um homem prudente não assumiria.

– Talvez.

– Falando em precisar de dinheiro, se o senhor estiver disposto a fazer isso por nós, estamos dispostos a voltar a pagar seu salário integral, mas secretamente. E com a condição de que o senhor trabalhe como espião aqui em Londres, não embarcado em um navio.

Joshua refletiu sobre o assunto. Era uma boa oferta.

– ornstock sabe que o senhor tem a intenção de me pagar para seguir Malet?

– Não. Como eu disse, isso deve ser mantido em segredo.

– Entendo. Mas meu trabalho para o duque deveria vir primeiro, pois já tínhamos um acordo.

– Tenho certeza de que se eu falar com ele, orn vai estar disposto a...

– Não – disse Joshua.

Como o subsecretário levantou uma sobrancelha, Joshua acrescentou:

– Eu fiz uma promessa e sou um homem de palavra. E se quebrá-la for o preço para trabalhar com o senhor, eu respeitosamente terei que recusar.

Porque, se quebrasse a promessa que fez a ornstock, teria de deixar Armitage House, em Londres, e ir para outro lugar, onde talvez não conseguisse evitar que Malet se aproximasse de Gwyn. Não podia arriscar isso.

– Muito bem – disse Fitzgerald, impressionado com a integridade de

Joshua. – O senhor tem alguma objeção em aceitar esse cargo? Algum outro impedimento em cumpri-lo adequadamente?

Joshua sabia que deveria contar a Fitzgerald sobre sua reação a barulhos altos, mas o homem estava oferecendo uma rara oportunidade de fazer o que ele queria: servir ao país. Não podia perder essa chance.

Além disso, esse problema parecia ter diminuído um pouco desde que chegara a Londres. O clamor das ruas dia e noite misturava os ruídos em uma cacofonia que o acalmava, como o barulho do mar ou de marinheiros trabalhando em um navio.

Sem contar que nas duas noites que passara na cidade dormira muito melhor do que em casa. Se realmente fosse útil para Fitzgerald, ele poderia muito bem morar na cidade em vez de ficar em Lincolnshire. Assim poderia ver Beatrice com frequência.

E não ver Gwyn depois que a temporada acabasse. Só por isso a mudança já seria válida. Porque vê-la sem poder tocá-la ou falar com ela era um sofrimento que ele não queria ter de suportar para sempre. Se ela ficasse em Lincolnshire e ele viesse para Londres, ou se ela se casasse e fosse para um lugar totalmente diferente na Inglaterra...

A ideia não descia bem. E, estranhamente, isso não o assustava. Na verdade, era o motivo que o fizera aceitar a oferta de Fitzgerald, ao menos em parte.

– Não tenho nenhuma outra objeção. Na verdade, fico feliz em espionar um canalha como Malet se isso significa mandá-lo para a prisão, que é o lugar dele – disse Joshua, e respirou fundo. – Mas preciso de um tempo para pensar se posso aceitar o cargo de forma permanente.

– Claro – respondeu Fitzgerald, como se já esperasse essa resposta. – Será melhor mesmo, assim podemos ver se o senhor atende aos nossos requisitos.

– E se consigo controlar a minha raiva – completou Joshua, passando os dedos nos pedaços da bengala quebrada que segurava.

Fitzgerald riu.

– Isso também.

Sem aviso, o cavalheiro pegou os pedaços da mão de Joshua e jogou para

debaixo do banco.

– Não faça isso. Eu estava pensando em levar para alguém consertar, ou talvez usar a espada em uma nova bengala.

– Não será necessário.

Fitzgerald abriu o painel e pediu ao cocheiro que voltasse para a Secretaria de Guerra, e de lá levou Joshua a um certo endereço na readneedle Street.

– Bennett e Lacy, fabricação de espadas e armas. Eles darão a você o que precisar. Apenas diga para colocarem na conta da Secretaria de Guerra.

Fitzgerald procurou embaixo do banco e puxou uma bengala.

– O senhor pode usar esta por enquanto, mas Bennett e Lacy devem ter alguma bengala com espada do seu agrado. Caso contrário, eles farão uma de acordo com suas especificações.

A carruagem parou onde os havia pegado.

– Se não se incomodar em esperar – Fitzgerald continuou –, vou entrar e escrever uma carta lhe dando crédito.

Bem, isso era algo com que podia se acostumar.

– Parece que vou gostar muito desse cargo.

– Que bom, porque acho que você é perfeito para ele.

Fitzgerald colocou a mão no bolso e tirou um pedaço de papel.

– Ah, antes que eu me esqueça, rastreei Malet neste endereço, quando planejava eu mesmo segui-lo, mas Castlereagh prefere que eu trabalhe em outras áreas. Com a Inglaterra em guerra...

– Eu entendo.

Joshua pegou o papel e leu. O endereço era em Chelsea. O que confirmava que Gwyn escrevera um bilhete para Malet. Maldição. Como ele lidaria com isso?

– Vou ver o que consigo descobrir.

Fitzgerald estendeu a mão.

– Excelente. Fico feliz em tê-lo conosco, major.

Joshua apertou a mão dele.

– Fico feliz de estar com vocês, senhor. Não o decepcionarei.

Era uma promessa para Fitzgerald e para si mesmo. E Joshua tinha a

intenção de cumpri-la, a qualquer custo.

O que significava que precisava ter ainda mais cuidado com Gwyn. Se ela estava realmente envolvida com Malet, podia estar tentando "resolver" o fato de Joshua estar de guarda-costas da mesma forma que aparentemente resolvia a vida de todos ao seu redor. Até onde ele sabia, ela podia até mesmo estar usando Joshua para acobertar um caso com o homem que ela *realmente* queria. A ideia de Malet e Gwyn rindo nas suas costas...

Droga. Joshua não queria acreditar que Gwyn faria uma coisa dessas, mas a única forma de se certificar da conexão com Malet era deixar que ela seguisse com seus planos até que ele descobrisse exatamente o que estava acontecendo. Mas, quando descobrisse, Joshua teria de estar preparado para revelar suas descobertas não apenas para orn, como possivelmente para Fitzgerald. E isso significava não sucumbir ao desejo louco que sentia por ela.

CAPÍTULO DOZE

Gwyn deveria estar em êxtase ao entrar no salão de baile da casa de Greycourt. Sua apresentação na corte tinha sido melhor do que o esperado. Ela não tropeçara no vestido, não dissera nada estúpido para Sua Majestade e até conseguira apreciar as conversas com orn.

Além disso, Grey não poupara recursos para ela e Beatrice naquela noite. Os recém-adquiridos lustres Argand deixavam o salão com uma iluminação aconchegante, e o aroma de mais de cinquenta ramos de laranjeira fazia com que todos se lembrassem de que era primavera, e que o salão estava cheio de jovens damas à espera de conhecer seus futuros maridos. Uma orquestra contratada para a ocasião tocava maravilhosamente.

Mas Gwyn só conseguia pensar no bilhete que Lionel mandara para a casa dela! Cobrando o dinheiro. De novo. E dizendo que se ela não se encontrasse com ele no dia seguinte para pagá-lo, ele procuraria algum jornaleco de fofocas para contar tudo o que sabia a seu respeito. Isso deixaria sua família mortificada. E seria a ruína dela.

Gwyn não tivera alternativa a não ser marcar um encontro. Seria arriscado. Ela não queria encontrá-lo em nenhum lugar perto de Mayfair, onde a família ou os criados poderiam vê-la. Então elaborara um plano. Ela e a mãe já tinham planejado sair para fazer compras na tarde do dia seguinte, então instruiu Lionel a encontrá-la por volta das três horas em um beco ao lado da sua loja preferida de luvas. Ela lhe entregaria o dinheiro e rezaria para que isso bastasse para mantê-lo longe para sempre.

Faltava conseguir 100 libras com orn. E escapar de Joshua para conseguir ir ao encontro de Lionel.

– Está se divertindo?

Ela deu um pulo, certa de que o major lera sua mente. Mas era apenas orn.

– Você quase me matou! – reclamou ela, batendo na mão do irmão com seu leque. – Nunca se aproxime de uma mulher dessa forma sorrateira!

Típico de irmão, ele apenas riu.

– Vim dizer que estou indo embora.

– Mas você acabou de chegar – protestou ela.

– E já estou morrendo de tédio.

Quando Gwyn levantou uma sobrancelha, ele acrescentou:

– Você sabe, maninha, que não sou do tipo casamenteiro. Além disso, já não cumpri minha missão hoje acompanhando você em sua apresentação?

– Cumpriu, sim. Muito obrigada.

Gwyn cedeu e pensou que aquele talvez fosse um bom momento para pedir o dinheiro. Ela se aproveitaria do fato de orn se sentir culpado por estar indo embora e de Joshua estar do outro lado do salão conversando com Beatrice.

– A propósito, amanhã eu e mamãe vamos fazer compras. Preciso de 100 libras.

– Para *quê*? – perguntou ele, franzindo testa. – Tenho linha de crédito em todas as lojas na Bond Street, Gwyn. Basta usá-la. É perigoso você andar com tanto dinheiro assim.

– E para que serve Joshua? De qualquer forma, o aniversário da mamãe é na semana que vem. Tem sido um ano difícil para ela, com a morte do papai, as preocupações com a propriedade, fora o fato de ela não poder me acompanhar nas atividades do meu debute. Eu queria comprar um presente especial para animá-la, mas terei de ser discreta. É melhor pagar na hora em vez de ter que esperar registrarem a venda, *etc.*

Uma expressão de horror cruzou o rosto de orn.

– Meu Deus, eu tinha me esquecido completamente do aniversário da mamãe.

– Não se preocupe, eu cuido de tudo. Vou comprar alguma coisa e dizer que é um presente de nós dois.

E usaria o crédito dele para isso, assim poderia dar as 100 libras para Lionel. Quando orn descobrisse, Lionel já estaria fora da sua vida para sempre.

Ou ao menos esse era o plano.

– Obrigado, maninha! Amanhã de manhã mando entregarem o dinheiro.

– Você é um querido.

Gwyn deu um beijo no rosto dele. Quando orn olhou para ela, desconfiado, ela percebeu que tinha ido longe demais.

– Agora, vá para a casa de libertinagem que você costuma frequentar antes que eu comece a apresentá-lo para todas as jovens solteiras do salão.

Ele não esperou para ver se ela realmente faria isso e desapareceu.

Assim que ficou sozinha novamente, um cavalheiro se aproximou, convidando-a para a primeira dança. O baile começara oficialmente. E agora que tinha conseguido o dinheiro para Lionel e começava a bolar um plano para fugir de Joshua, poderia se divertir. Qual lugar melhor para fazer isso do que um baile em sua homenagem?

Mas depois de horas dançando, mal tendo uma chance de respirar, ela havia mudado de opinião. Gwyn amava dançar, mas os *homens*... Bem, recebera elogios vazios sobre seus olhos serem duas estrelas e as bochechas parecidas com pêssegos. Sinceramente, será que algum desses sujeitos tinha algum pensamento original dentro da cabeça?

E o fato de não serem elogios nem remotamente sinceros só piorava tudo.

Ela conseguia perceber isso pelas perguntas que faziam sobre as conexões de sua família e a razão pela qual ela havia esperado tanto para se casar. Só estavam interessados em sua fortuna. Gwyn já esperava por isso, mas ainda assim se magoava. Era muito difícil suportar aqueles cretinos.

Uma pena que não era permitido que dançasse com os irmãos. Era um baile de debutante, afinal de contas. Todos esperavam que ela dançasse com cavalheiros com quem poderia se casar.

Mas Gwyn já atingira sua cota naquela noite. Ela nunca se casaria com

um daqueles homens. Depois de mais algumas danças, foi para o salão dos refrescos para fugir deles.

Lá, um criado lhe ofereceu uma taça de champanhe, que ela aceitou na hora, então tomou um gole e ficou observando o que estava sendo servido. Para beber, além de champanhe, havia ponche com frutas, chá e outros drinques. Para comer, todos os tipos de aperitivos deliciosos estavam espalhados pela mesa: ovos à escocesa, salsichas, sopa, frios e queijos fatiados, sanduíches e muito mais. E para quem gostasse de doces havia outra mesa cheia: bolos de damasco, pãezinhos de lavanda, tarteletes de limão, biscoitos napolitanos e afins. Havia até pirâmides de uvas, pêssegos e outras frutas da estação. E isso tudo era só para matar a fome antes do jantar! Grey não fazia nada pela metade.

Ainda assim, Gwyn não arriscaria comer um pêssego e estragar seu vestido de debutante, que ela vestira no segundo em que chegara em casa depois de sair do palácio. E seu guarda-costas, onde estaria? Gwyn foi até a porta para procurá-lo. Será que ela conseguira escapar de Joshua ao vir para cá? Aparentemente não, pois assim que a pergunta surgiu na sua cabeça ela o avistou deixando seu posto do outro lado do salão de baile e abrindo caminho até ela.

Meu Deus, ele estava lindo de farda. Das ombreiras douradas às calças muito brancas e aos coturnos lustrosíssimos, tudo em Joshua compunha uma bela visão masculina. Tranças douradas enfeitavam a gandola vermelha, a cruz branca mostrava que ele era oficial e a gorjeira envolvia seu pescoço. Mas, como sempre, a expressão dele era taciturna. O homem simplesmente não sabia se divertir. Sentindo-se travessa, ela pegou outra taça de champanhe e foi até ele.

– Aceita umas borbulhas, Joshua? – perguntou ela ao lhe oferecer a taça. – Ou você não pode beber?

– Não sei por que eu não poderia.

Ele pegou a taça da mão dela e bebeu. Um longo gole.

– Talvez eu tenha mesmo que beber para sobreviver a esta noite de horrores.

– Que maravilha ver o major Rabugento debutar no *meu* baile de

debutantes – disse ela, rindo. – Só de curiosidade, por que está achando esta uma noite de horrores?

Ele a olhou de forma desconfiada.

– Gente de mais e inteligência de menos, para começar. Ouso dizer que ninguém aqui leu um livro no último mês.

– Eu li um livro no último mês – disse ela, implicando com ele.

– De que tipo? Espere, não me diga. Um romance. Ou alguma compilação de poesias românticas.

– Nenhum dos dois. Eu li *Ensaios sobre arquitetura gótica*.

– Ora, uma leitura sensata – disse ele, tomando mais um gole do champanhe. – Estou impressionado.

– Está? – questionou ela, ignorando o insulto ao seu gosto literário. – Qual livro você leu no último mês?

– Eu li quinze. Quer que eu enumere quais?

– Céus, não. Levaria a noite toda.

Ele estreitou os olhos para ela.

– O livro de arquitetura foi a sua única leitura do mês?

– De forma alguma. Também devorei a última edição da revista *La Belle Assemblée*, por exemplo. Continha pouca informação sobre arquitetura, mas trazia lindas ilustrações de vestidos. Todos com legendas. Quer que eu enumere algumas?

– Poupe-me, por favor.

Mas ela notou um sorriso se formando nos lábios dele. Sempre ficava encantada quando conseguia levar Joshua a achar graça de alguma coisa. E no dia em que conseguisse fazer com que ele soltasse uma gargalhada de verdade, consideraria isso um triunfo pessoal. Ela estava prestes a contar uma história particularmente espirituosa quando duas jovens se aproximaram. Ela fora apresentada às moças mais cedo no palácio. Quais eram seus nomes? Ah, certo, lady Hypatia e Srta. Clarke.

– Lady Gwyn – disse a Srta. Clarke, lançando um olhar velado para Joshua. – Eu e lady Hypatia estávamos comentando agora mesmo como ficamos impressionadas com a sua apresentação para a rainha hoje. A senhorita não deu um único passo em falso. Já eu quase deixei meu bracelete

cair no colo da rainha, e lady Hypatia pisou na cauda do vestido quando se afastava.

– Quase – frisou lady Hypatia, e olhou para Joshua com nítida curiosidade. – Consegui me corrigir a tempo. A senhorita, por outro lado, era o equilíbrio em pessoa, lady Gwyn.

Estava claro que as duas buscavam um artifício para serem apresentadas a Joshua. Gwyn não achou isso tão divertido quanto pensava que seria, provavelmente porque as duas vinham perguntando sobre ele a noite toda. A situação estava ficando um tanto irritante.

Ela considerou deixar as duas tagarelarem mais um pouco, mas lhe pareceu cruel. Então apresentou-as a Joshua, que conseguiu esboçar algo *parecido* com um sorriso, o melhor que um desconhecido poderia esperar dele.

– O senhor está dançando esta noite, major? – perguntou lady Hypatia.

Gwyn prendeu a respiração. Meu Deus, qual era o problema daquela garota? Será que não percebia como a pergunta era rude? Os únicos homens que tinham permissão para usar bengala em um salão de baile eram aqueles que realmente precisavam. Obviamente, Joshua se enquadrava nesse grupo.

– Infelizmente, não – respondeu ele, entre dentes. – Estou aqui a serviço.

Joshua se apoiou na bengala, mas as duas jovens ou estavam apaixonadas demais por sua beleza e seu uniforme para notar qualquer outra coisa ou simplesmente não sabiam para que serve uma bengala.

– A serviço! – disse a Srta. Clarke examinando o salão de jantar, e então perguntou baixinho: – O senhor está tomando conta de algum convidado?

Ele pareceu surpreso. Então um brilho travesso cruzou seu olhar quando encontrou o de Gwyn.

– Estou, sim.

Gwyn o encarou. Ele certamente não *ousaria* dizer de quem. Se o boato de que ela tinha um guarda-costas se espalhasse, seria um prato cheio para fofocas e sua mãe não ficaria nada feliz.

– O senhor poderia nos dizer quem é? – perguntou lady Hypatia, olhando furtivamente pelo salão. – Deve ser alguém muito importante. Um duque, talvez?

– Talvez – repetiu ele.

A Srta. Clarke olhou para ele, desconfiada.

– Acho que o senhor está zombando de nós. Não está mesmo a serviço, está, major?

– Não posso confirmar nem negar – respondeu ele.

Lady Hypatia se aproximou.

– Então só nos conte uma coisa. O senhor lutou em muitas batalhas?

– Várias, na verdade. Estive na Batalha de Berlim, na Batalha da Prússia, na Batalha de Constantinopla, entre outras.

Gwyn revirou os olhos. Era um enigma para ela como ele conseguia manter a expressão séria enquanto falava tantas besteiras.

– Foram sangrentas? – perguntou lady Hypatia, com os olhos arregalados.

Joshua terminou seu champanhe.

– Foram, sim. Eu vi o inimigo arrancar o coração de um dos nossos fuzileiros reais e comê-lo ali mesmo.

As duas damas ficaram sem ar, o que pareceu encorajá-lo mais.

– Havia morte para onde quer que se olhasse. O oceano estava tingido de sangue.

– Que horror! – exclamou a Srta. Clarke, em um tom de voz que mostrava que ela achava aquilo fascinante.

Já irritada pelo olhar de adoração das duas, Gwyn decidiu que era hora de dar um basta.

– Não deem ouvidos ao major Wolfe. Ele está inventando tudo isso. Essas batalhas não existiram e, certamente, nenhuma incluiu os Fuzileiros Reais.

Joshua lançou um olhar fingindo ultraje.

– Ora, a senhorita está *duvidando* de mim, lady Gwyn? Estou profundamente magoado.

– O senhor deve estar mal da cabeça – respondeu ela. – Porque Berlim fica cercada por terra, o que torna impossível que o senhor tenha lutado em uma batalha marítima lá. E, como a Prússia é um país, teria que ter sido uma batalha realmente grande.

Ele contorceu os lábios de novo. Estava, claramente, se segurando para não rir.

– E Constantinopla? A senhorita está dizendo que não houve uma Batalha de Constantinopla?

– De forma alguma, é claro que houve. Mas isso foi há mais de seiscentos anos. Então, a não ser que tenha encontrado o segredo para a imortalidade, o senhor não pode ter lutado nela. Como a Srta. Clarke disse, o senhor *está* zombando de nós. Eu o desafio a negar.

– E se eu disser que não estou mentindo? O que a senhorita vai fazer comigo? – perguntou ele, com os olhos brilhando agora. – Vai me enviar à corte marcial? Vai me mandar para a prisão?

– Vou prendê-lo no armário de casacos até que fique sóbrio – respondeu Gwyn. – Porque só um homem bêbado diria esses absurdos.

Ele riu abertamente.

– Ninguém consegue enganá-la, não é, lady Gwyn?

– Alguns conseguem, confesso. Mas poucos, e certamente não oficiais. Aprendi muito cedo a não confiar em homens na sua posição. Vocês tendem a exagerar.

O comentário pareceu deixá-lo sóbrio. Joshua teve a impressão de que ela estava falando de Lionel. Ou de Hazlehurst, que viera antes de Lionel.

As duas damas pareciam decepcionadas. Como tinham acreditado em cada palavra das histórias dele, agora claramente se sentiam tolas. Considerando que tudo havia começado com as duas sendo rudes o bastante para perguntar se Joshua dançava, Gwyn não estava disposta a facilitar as coisas para elas.

Não porque estivesse com ciúme. Com certeza não estava. Aquelas duas podiam ficar com ele, se quisessem. Talvez uma delas tivesse mais sucesso em conquistar o coração dele. Se é que ele tinha um.

Felizmente, dois cavalheiros se aproximaram naquele momento convidando lady Hypatia e a Srta. Clarke para dançar. As damas ficaram mais do que felizes em aceitar, deixando Gwyn com Joshua.

Assim que elas se afastaram, ela se virou para ele.

– Você é quase tão impossível quanto orn! Batalha de Berlim! Eu

nunca pensaria nisso.

Dando de ombros, ele deixou que um criado pegasse sua taça vazia.

– Eu precisava me livrar delas de alguma forma. Elas não iam embora. Mas confesso que não achei que fossem tão ingênuas.

Ela colocou as mãos nos lábios.

– E por que estava tão ansioso para se livrar delas? As duas estavam flertando com você. Não fica lisonjeado?

Ele fixou o olhar cintilante nela.

– Está tentando arranjar um casamento para mim, milady? Você e Beatrice estão trabalhando juntas agora para garantir minha felicidade?

De repente, o salão de jantar pareceu silencioso demais.

– Não com aquelas duas. Como você mesmo disse, elas não são muito espertas. Você merece alguém mais inteligente – disse Gwyn, e então se obrigou a prosseguir. – E existem muitas mulheres inteligentes aqui. Algumas já me fizeram perguntas sobre você.

Isso pareceu surpreendê-lo.

– Agora é você quem está tentando me enganar?

– Estou falando sério. Elas querem saber se é um bom partido, por que parece tão sério e se pretende se casar – disse, e então seu tom ficou ácido, por mais que tentasse esconder. – Ah, e estão curiosas sobre por que você fica me vigiando. Elas acham que é porque nós dois temos um acordo.

– E o que você disse a elas?

– Eu disse que, sendo neto de um duque, você claramente é um bom partido, que parece muito sério porque de fato é um homem sério, e que só pretende se casar se encontrar uma mulher que combine com você.

O que, obviamente, não era o caso dela.

– Eu estava querendo saber o que você falou para elas sobre um possível "acordo" entre nós.

– Ah. A verdade, é claro. Disse que não temos nenhum.

Ele levantou uma sobrancelha.

– Então como explicou por que eu a vigio?

Ela se esforçou para manter o rosto neutro.

– Eu disse que você estava apaixonado por mim, mas não era

correspondido, é claro.

– É claro – repetiu ele friamente.

Irritada por ele ter acreditado que ela mentiria sobre esse assunto, ela decidiu continuar desenrolando a história para ver até onde ele acreditaria.

– Eu disse a elas que você acreditava que se ficasse me seguindo como um cachorrinho, um dia eu... Inferno!

– Transformaria a minha vida em um? – perguntou ele.

– Aquele almofadinha está vindo na nossa direção. Desculpe, mas preciso fugir. Ele ainda não me viu.

Gwyn foi para o outro lado do salão de jantar, para perto das portas francesas, e Joshua foi atrás dela.

– Para onde você for, eu vou. Principalmente se for lá para fora, onde seria mais fácil para Malet pegá-la.

– Tudo bem, mas não chame a atenção daquele almofadinha. Podemos nos esconder nos jardins até ele se cansar e voltar para o salão de baile.

Os dois passaram pelas portas francesas e saíram para a varanda. Gwyn caminhou em direção aos poucos degraus que separavam a estrutura dos jardins. Joshua ia em seu encalço, escrutinando o local com atenção.

– Greycourt certamente sabe como gastar bem o dinheiro dele. Nunca vi uma propriedade tão grande em Londres.

Gwyn levantou a saia enquanto descia a escada. Joshua a seguiu, em um passo mais lento.

– É a especialidade dele. Comprar propriedades e transformá-las em algo ainda mais grandioso com sua administração competente e bons investimentos. Sua irmã se casou muito bem.

– Pode ter certeza de que eu sei disso. E ele realmente deve amá-la. É a única explicação para que tenha decidido se casar com uma mulher sem posses.

– Ele não se importa com o que ela tem ou não, ele se importa com *ela*.

Como se percebesse que estavam desviando para um assunto delicado, ele perguntou:

– Por que você está tentando evitar aquele sujeito?

– Porque ele se acha muito esperto e fica falando sobre minhas

bochechas rosadas e meus cachos dourados.

Joshua piscou.

– Mas seu cabelo é ruivo.

– Eu sei! Para ser justa, é difícil distinguir cores à luz de velas...

– Não é *tão* difícil. Meu Deus, qual é o problema desse sujeito?

– Aparentemente, o de *todos* os que dançaram comigo esta noite.

Gwyn olhou mais uma vez em direção à varanda, mas nem sinal do almofadinha. Ficou grata por isso.

– A julgar pelas besteiras que falaram, parece que eles não têm nada na cabeça.

Joshua riu e, embora odiasse reprimi-lo – era a segunda gargalhada que arrancava dele naquela noite –, Gwyn disse:

– Shh! Não quero que ele nos escute. Ele vai vir aqui embaixo e me chamar para dançar. E você conhece as regras: só posso dizer não se quiser passar o resto da noite sentada. O que não seria má ideia. A minha família fica me empurrando parceiros de dança, torcendo para que algum dê certo, mas minha mãe e meus irmãos têm um péssimo gosto para homens.

– Vou lhe dizer uma coisa: se o almofadinha nos encontrar aqui, eu digo que você já *me* prometeu a próxima dança.

Ela fez uma pausa, fixando o olhar em Joshua.

– Você dançaria comigo?

– Não seja ridícula. Eu faria papel de bobo. Mas se ele for tão observador quanto lady Hypatia e a Srta. Clarke, e me parece que é, nem sequer vai perceber que não posso dançar de bengala.

A ideia de dançar com Joshua mexeu com ela, mas Gwyn não quis examinar a fundo por quê.

– Eu diria que você talvez conseguisse dançar o minueto. É um passo lento e o homem tem que ficar com as mãos abaixadas. Você poderia usar a bengala sem parecer *muito* estranho.

– Obrigado, mas prefiro não ficar mancando pela pista de dança sob o olhar de todo mundo. Além disso, já dançaram o minueto e, se me lembro bem, só se dança o minueto uma vez em um baile.

Ela ergueu a cabeça.

– Você dançava antes do acidente?

– Sim, mas tive poucas oportunidades para isso. Não há muitas mulheres a bordo de um navio de guerra. Eu só podia dançar quando estávamos em algum porto.

– E você gostava?

– Geralmente, sim. Depois de ficar confinado em um navio por semanas com um monte de marinheiros e fuzileiros fedorentos, era maravilhoso chutar os calcanhares de uma mulher perfumada. Mas por que a pergunta?

– Porque, agora que você mencionou a possibilidade de dançar, pensei em desafiá-lo para uma dança. Afinal, estamos aqui fora, então ninguém vai se importar se nossa dança está ou não perfeita.

– Gwyn... – avisou ele.

– Acho que a valsa pode dar certo – disse ela, dando tapinhas com um dedo no próprio queixo.

– Que diabo é uma valsa?

– É uma dança de compasso ternário muito popular em Berlim e Viena. E, ao contrário de muitas danças inglesas, permite segurar o parceiro com as duas mãos o tempo inteiro. Seria a melhor escolha, eu acho, mas não aqui, porque o terreno é desnivelado.

Gwyn pegou Joshua pela mão e seguiu por uma vereda que cortava os jardins paralelamente à casa.

– Você ousa vir comigo? Vou ensiná-lo a valsar.

CAPÍTULO TREZE

Que diabo ela ia fazer? Conforme serpenteavam pelos jardins, Joshua rezou para que Gwyn não saísse da propriedade. Considerando o bilhete que ela enviara para Malet mais cedo, Joshua teria que ser firme em não permitir que ela se aventurasse para qualquer lugar fora do terreno de Greycourt. Mas, naquele momento, ele não queria começar uma discussão com ela.

Gwyn estava segurando sua mão, reclamando dos pretendentes. Duas coisas que agradavam a Joshua mais do que deveriam, principalmente depois de uma noite em que havia sido forçado a assisti-la dançando com todos os idiotas da face da terra. Depois de tanto esforço para manter o ciúme sob controle quando tudo que queria era dar um soco na cara de cada um deles.

O que provaria para Fitzgerald que ele não estava à altura da tarefa de espionar ninguém.

Inferno! Tinha prometido a si mesmo que não se apaixonaria por ela. Qual era o problema dele? Ele *devia* ser mais inteligente que isso. Joshua precisava ter cuidado, não podia permitir que Gwyn o manipulasse a participar de seus planos, quaisquer que fossem. Às vezes não parecia, mas *ela* não era a patroa dele. ornstock era o patrão. E Fitzgerald também, se tudo desse certo.

– Para onde estamos indo? – perguntou ele, com a voz mais rouca do que era sua intenção.

– Para a estufa.

Joshua foi tomado de alívio. Beatrice comentara sobre a estufa de Greycourt, uma construção anexa com entrada pelo jardim e pela casa.

– Lá teremos privacidade e um bom piso de pedra – explicou Gwyn.

Ele resmungou. A última coisa de que precisava era ter privacidade com ela. Seu histórico nisso não era muito bom até o momento. Não sabia o que era pior: ter Gwyn em seus braços enquanto estivessem a sós ou tentar dançar e cair de cara na frente dela.

Que Deus o ajudasse, porque de toda forma a perspectiva de abraçá-la por uma dança inteira era um tormento. Saber que ela estava se correspondendo secretamente com Malet não matava seu desejo por ela. Ele precisaria usar esse momento de privacidade a seu favor.

Afinal, os dois podiam jogar o jogo dela. A ideia de Gwyn era enganá-lo para ele fazer o que ela quisesse? Tudo bem, ele deixaria. Talvez essa fosse a única forma de descobrir o que estava acontecendo entre ela e Malet. Se perguntasse diretamente, Joshua sabia que ela não responderia, afinal Gwyn já tivera muitas chances de contar a ele sobre o bilhete. Mas se Joshua aumentasse a intimidade entre eles, talvez ela começasse a confiar mais nele para lhe confidenciar o que estava acontecendo.

Ele bufou. Agora estava mentindo para si mesmo. O que ele realmente queria era ficar íntimo de Gwyn. Só pensar nisso já o deixava excitado.

Inferno, era melhor chegarem à estufa logo, antes que encontrassem um dos pretendentes ou, pior ainda, um dos irmãos de Gwyn. Os homens poderiam perceber a protuberância no meio das pernas dele.

Ele precisava parar de desejá-la.

– Me diga, quais foram os outros "absurdos" que os cavalheiros falaram para cortejar você esta noite?

– Ah, você sabe, o de sempre. Que meus olhos são como esmeraldas...

– Realmente são.

– E meus lábios como cerejas...

– Mais uma vez, eles realmente são. Até agora não posso repreender esses elogios.

– Não me venha com essa – disse ela, irritada. – Não vai me dizer que você recorreria a essas tolices sem graça.

– Não, eu apenas a chamaria de uma coisa "grande, branca e redonda".

– De que você está falando?

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Se lembra de hoje de manhã? Quando eu a chamei de Luna, deusa da lua e rainha das estrelas? É isso.

Ela se encolheu.

– Ah, meu Deus, aquilo foi muito feio da minha parte. Quando pensei melhor e percebi que você não estava me comparando ao formato da lua em si, eu até gostei do elogio. Nenhuma mulher pode reclamar de ser chamada de deusa e rainha – disse Gwyn, mas logo seu tom ficou ácido. – Certamente é melhor do que ouvir que tenho ancas adoráveis, muito boas para parir.

– Alguém realmente disse isso? – perguntou ele, incrédulo.

– Enquanto dançava comigo. Juro.

Ele balançou a cabeça.

– Até eu tenho o bom senso de não dizer algo assim ao cortejar uma mulher.

– Espero que sim.

Gwyn deu um sorriso capaz de derreter pedra e Joshua sabia que não era tão imune a isso quanto deveria.

Chegando à estufa, entraram pelo acesso do jardim e Gwyn se apressou até o fogão que mantinha o local aquecido e aconchegante mesmo em uma noite gelada de primavera. Depois de acender um graveto no fogão, Gwyn saiu acendendo velas. Ele teria preferido que permanecessem no escuro, mas o comentário poderia assustá-la.

Claramente nervosa, Gwyn falava sobre as maravilhas arquitetônicas da estufa. Sobre como Greycourt substituíra o telhado de ardósia por vidro e como ele usava os fogões em vez de fogueiras para prover aquecimento no inverno, porque era melhor para as laranjas.

Joshua mal escutou. Estava ocupado demais se deliciando com a imagem dela naquele vestido que provavelmente era um pouco sério demais para uma jovem de 18 anos, mas que combinava perfeitamente com uma mulher da idade dela. Apesar do branco virginal, o corpete era muito sedutor, suficientemente decotado para mostrar o volume dos seios. E havia uma fita dourada, um bordado ou alguma coisa que caía diagonalmente por baixo do

seio direito e terminava na bainha esquerda do vestido, onde dava duas voltas.

Gwyn parecia um presente de Natal embrulhado em papel branco e finalizado com uma fita dourada. Joshua só precisava desfazer o laço para abrir o presente como uma flor e revelar tudo que havia dentro. Era isso que ele queria fazer: desembrulhar cada parte dela e ver o que se escondia por baixo.

– Podemos começar? – perguntou ela, e o tom de voz rouco apenas apimentava ainda mais as fantasias dele.

Ela está falando sobre a dança, seu tolo, não tem nada a ver com as suas fantasias. Pense com a cabeça.

– Já vou logo avisando – disse ele enquanto ela se aproximava –, talvez isso não dê certo.

– Precisamos tentar para descobrir – respondeu ela baixinho.

Joshua apoiou a bengala em um sofá de vime branco e, nesse momento, Gwyn notou o objeto.

– Essa bengala é nova!

Ele ficou surpreso por ela ter percebido.

– Um amigo me deu depois que eu quebrei a minha hoje.

Ela prendeu a respiração.

– Que amigo?

– O subsecretário de Guerra.

– Ah, certo, eu tinha me esquecido do seu compromisso de hoje mais cedo. Correu tudo bem?

– Digamos que sim.

Ele certamente não tinha nada a reclamar da bengala com espada embutida que encontrara à pronta entrega na Bennett & Lacy, além das duas pistolas que lhe seriam mais úteis do que a arma ornamentada do duque. E o armeiro faria uma bengala com uma pistola escondida no punho, também, mas ainda levaria uma semana.

– Parece bem mais robusta do que a antiga – comentou ela. – Também tem uma espada escondida aí dentro?

– Tem, por quê? Está querendo aulas de esgrima hoje?

Quando percebeu a animação surgindo nos olhos dela, Joshua logo acrescentou: – Era brincadeira.

– Podemos trocar aulas – sugeriu ela com um sorriso atrevido. – Eu ensino você a dançar valsa e você me ensina a usar uma espada.

– Não vamos nos precipitar. Não sei nem se vou *conseguir* dançar a valsa.

– Vamos lá, esta é a primeira posição...

Gwyn começou a se aproximar dele.

Joshua se sentia desequilibrado sem sua bengala.

– Um minuto. São quantas posições?

Ela evitou o olhar dele enquanto tirava as luvas e as jogava sobre as almofadas.

– Apenas nove.

– *Nove!* Você ficou maluca?

– Vamos tentar apenas a primeira, está bem?

– Se você insiste...

Depois que Gwyn tirou as luvas, Joshua fez o mesmo.

Posicionada, Gwyn colocou o braço esquerdo nas costas dele e o braço direito dele nas costas dela, o que o ajudou a se equilibrar. Talvez ele *conseguisse* fazer isso.

– Agora, deixe seu pé esquerdo apontando para a frente e o direito perpendicular a ele. Assim.

Joshua encarou o V perfeito formado pelos pés dela e sentiu a derrota tomar conta dele.

– Sinto muito, meu bem, mas meu pé e minha canela do lado direito não vão ficar nessa posição.

– Claro que sim, é só você... Ah. Você disse que eles não *conseguem* ficar nessa posição?

– Exatamente. Eles estão meio que congelados na posição atual.

Quando levantou o olhar para fitá-lo, suas bochechas estavam vermelhas.

– Eu não tinha percebido que em praticamente todos os passos da valsa os pés do homem e da mulher precisam ficar nessa posição... É, a valsa não vai dar certo. Sinto muito.

– Eu não sinto nem um pouco.

Aliviado por não ter caído de cara no chão para provar que não conseguia dançar, ele a girou e a puxou para seus braços.

– Assim posso ter você em meus braços sem precisar me preocupar com os passos nem contar as batidas.

– Podemos tentar outra dança – sussurrou ela, embora tenha passado os braços em volta da cintura dele no mesmo instante.

– Podemos? – perguntou ele, dando um beijo na testa dela. – Eu prefiro muito mais abraçar você.

Ela cheirou o pescoço dele.

– Prefere? Bem, isso é muito escandaloso, sabia?

– Não tão escandaloso quanto algumas coisas que nós já fizemos.

Joshua começou a deixar um rastro de beijos na testa dela.

– E, definitivamente, menos escandaloso do que minhas intenções.

Gwyn estremeceu levemente e Joshua sentiu sua pulsação acelerada com os lábios que estavam colados em suas têmporas. Gwyn não tentou empurrá-lo. Certamente ela também *o* desejava, pelo menos um pouco.

– Mais cedo, você disse que tinha bom senso ao cortejar uma mulher – disse ela, com a voz rouca. – O que *você* diria se, por exemplo, quisesse me cortejar?

– Hum.

Ele pensou por um momento enquanto continuava deixando um rastro de beijos, descendo até a orelha dela.

– Eu diria que um homem poderia se afogar no verde desses olhos que são como um lago na floresta. Que você tem um perfume cítrico e ao mesmo tempo doce, o que o torna ainda mais delicioso.

Ele sentiu em seu rosto a respiração dela acelerando quando passou a língua em sua orelha.

– Quem anda lendo poesia por aqui, hein?

– Posso continuar? – perguntou ele.

– Tem mais?

– Ah, querida, sempre tem mais a experimentar com você. Mais humor, mais surpresas... mais *disto*...

Então, incapaz de evitar, Joshua a beijou. Ela estava tão disposta a se entregar que era como se esperasse que ele viesse abrir seu presente.

Em segundos o beijo ficou mais quente até que tocá-la fosse a única coisa em que ele conseguia pensar. Mas ele não conseguiria fazê-lo se continuasse apoiado nela para se equilibrar. Então ele se sentou no sofá ao lado da bengala e a puxou para seu colo.

Ela ofegou e envolveu o pescoço dele com seus braços.

– Não estou machucando você, estou?

– Não, de jeito nenhum. E, mesmo se estivesse, eu aguentaria só para ter a chance de abraçá-la assim.

Ele apoiou Gwyn contra o sofá e beijou seus seios, cujo sabor ele cobiçava desde que a vira no salão de baile, por cima do vestido. Sabia que não ousaria abrir o vestido para sugá-los da maneira que queria. Ambos teriam que voltar para o baile, e ele não tinha certeza se conseguiria fechá-lo do jeito certo.

Mas havia outra coisa igualmente prazerosa que ele podia fazer, sem precisar abrir o vestido. Levantando um pouco a saia dela, ele deslizou as mãos por baixo e percorreu suas coxas macias, por cima da liga. Gwyn soltou o ar e estremeceu, o que atiçou ainda mais o desejo dele.

– Tão macia... – murmurou ele, rouco, ao acariciá-la. – Sua pele é delicada e suave como o cetim... Me dá vontade de fazer isto.

Ele a levantou do seu colo e colocou-a ao seu lado no sofá. Então, posicionando-se melhor, afastou as pernas dela de forma que uma ficou no sofá e a outra no chão. Bastava levantar a saia dela para ter uma visão de tudo que desejava.

– Joshua! O que você...

Então ele se debruçou para beijar a coxa dela.

– Ah, meu Deus... Isso é loucura.

As mãos dela, porém, agarraram os ombros dele como se para mantê-lo no lugar e ela não fez o menor esforço para fechar as pernas. Joshua interpretou aquilo como um sinal de que podia continuar.

Com o coração acelerado, ele beijou e lambeu a coxa dela, subindo até

chegar ao prêmio que estava ansioso por conquistar: os pelos crespos no meio de suas pernas que escondiam a carne tenra que ele queria provar.

Gwyn já exalava o cheiro de sua excitação. Que Deus o protegesse, porque Joshua estava totalmente fora de si!

– Está tentando me seduzir, senhor?

Havia um timbre de alarme na voz dela agora.

– Eu quero que você sinta prazer – disse ele, sendo honesto. – Se você permitir...

Ele mal conseguia ver os olhos dela sob a luz da vela, mas podia jurar que tinham brilhado, antecipando o que estava por vir. Embora dissesse para si mesmo que tudo isso era parte da campanha para fazer com que ela confiasse nele, no fundo Joshua sabia que era muito mais do que isso. Ele a desejava, estava prendendo a respiração enquanto aguardava a resposta dela.

Então ela sorriu como um gato lambuzado de mingau.

– Por favor...

Era só o que ele precisava ouvir.

CAPÍTULO CATORZE

Apesar de ter permitido que ele fizesse isso, Gwyn não esperava que ele olhasse para *aquela parte* dela. Deveria ser uma situação constrangedora, mas, em vez disso, Gwyn achou a coisa mais... *carnal* que já havia experimentado. Sentia o sangue pulsar e não conseguia deixar de se contorcer sob o olhar ardente dele.

Ela se contorceu ainda mais quando ele usou o polegar para afastar os pelos e tocar sua carne...

– Você está molhada para mim, querida. Quente, molhada e exalando o perfume de uma flor de primavera se abrindo para o sol depois de uma tempestade.

E lá estava aquele afeto, aquelas palavras doces. Quem poderia imaginar que Joshua tinha esse lado poético?

E então... e então aconteceu algo ainda mais surpreendente. Joshua se curvou e começou a beijá-la. *Lá embaixo!* E, pela forma como lambia e sugava a pele sensível... bem, era óbvio que ele estava gostando tanto quanto ela.

Ela não podia imaginar como, pois nunca experimentara nada tão delicioso. Ela sentia um fogo correndo nas veias, e Joshua alimentava esse calor a cada movimento da língua. Ele podia não ter sentimentos românticos por ela, mas certamente a desejava. Com certeza, um homem não faria essa... coisa estranha em uma mulher que não desejasse.

Ela nunca experimentara uma explosão tão intensa de sensualidade. A boca, a língua e os dedos de Joshua a excitavam onde ela menos esperava, e a sensação...

Ah, era *extraordinária*. Gwyn ouviu o som da própria respiração entrecortada e seus gemidos, mas os sons pareciam vir de outro lugar. Porque ela certamente não faria aqueles sons.

– Joshua... eu nunca... Meu Deus!

Gwyn não fazia ideia de que aquelas sensações maravilhosas existiam! Ela estava perdendo os sentidos. Então Joshua começou a investir com a língua para dentro dela e o coração de Gwyn quase parou. Era *fantástico*. Não havia outra palavra para descrever aquilo.

Segurando a cabeça dele entre as mãos, ela o pressionou contra si para chegar ao êxtase que tanto ansiava. Joshua soltou uma risada de triunfo.

Ela não se importava, contanto que ele continuasse... fazendo... continuasse fazendo, ah, meu Deus, *aquilo*! Exatamente aquilo. Joshua agora estava entrando e saindo dela com a língua em um ritmo íntimo e ao mesmo tempo exótico, levando-a a subir cada vez mais, como o mítico pé de feijão do João, crescendo na direção do céu.

E então a língua de Joshua foi ainda mais fundo, seus dedos acariciando um ponto incrivelmente sensível. Gwyn desejava tudo que ele pudesse dar. Ela mal conseguia respirar, tamanha a excitação que crescia em seu ventre. Sentia-se flutuar até as nuvens e além, para mundos mágicos... cenas que se desenrolavam como em um sonho.

– Joshua... – implorou ela, sem nem saber pelo que implorava.

Então alguma coisa a atingiu feito um raio.

– Joshua! – gritou ela, agarrando-o enquanto se desfazia em um milhão de pedacinhos.

Tomada por ondas de puro prazer, Gwyn caiu sobre o encosto do sofá.

– Ahhh, *Joshua*.

Ele beijou a coxa dela, então usou a anágua para limpar a boca.

– Isso foi maravilhoso – sussurrou ela. – Eu nunca sonhei que poderia sentir alguma coisa parecida com um homem. Foi o final perfeito para o meu baile de debutante.

– Já acabou? – perguntou ele, com a voz rouca. – Que pena, agora que eu estava começando a gostar...

– Não, você tem razão. Não acabou – disse Gwyn, obrigando-se a se

sentar. – Você... ainda... não teve o seu prazer.

Ele abaixou a saia para esconder as pernas dela.

– Eu senti muito prazer dando prazer a você.

Ela arqueou uma sobrancelha. Sabia exatamente como os homens sentiam prazer, e não era assim.

– Além disso, alguém pode ter dado por nossa falta. Se ficarmos aqui por muito tempo, daqui a pouco todos estarão fofocando. Afinal, você *é* uma das convidadas de honra deste baile.

Gwyn recuperou as luvas de debaixo das almofadas.

– Acho que você tem razão.

Gwyn ficou um pouco chateada por Joshua conseguir tão facilmente mudar do homem que lhe dera o maior dos prazeres para aquele que pensava racionalmente sobre esconder o encontro ilícito. Mas aquele era o jeito dele, certo? Fingir que não se importava... Ou talvez ele não estivesse fingindo. Talvez ele fosse uma versão menos óbvia de Lionel, também apenas interessado em se aproveitar dela sem a parte do casamento.

Sentindo uma dor aguda no peito ao pensar nessa possibilidade, ela se levantou e andou pelo lugar, procurando sua bolsinha. Encontrou-a caída perto do sofá. Então escutou a bengala de Joshua batendo no chão de pedra atrás dela.

– Eu não me arrependo nem por um momento do que fizemos – murmurou ele. – Foi...

Como ele não encontrou palavras para descrever o momento, ela disse: – Mágico. Para mim, foi mágico. Obrigada por isso.

Gwyn se esforçou para esconder a mágoa.

– Mas não se preocupe. Eu não vou supor que isso signifique alguma coisa, afinal...

– Então é aqui que vocês dois se esconderam – disse uma voz dura que vinha da porta que levava à casa. – Eu imaginei.

Gwyn encontrou Beatrice parada, encarando Joshua. Seu rosto ficou imediatamente quente. Há quanto tempo ela estava ali? O que ela tinha visto?

Ah, Deus, se ela testemunhara Joshua lhe dando prazer, Gwyn morreria.

– Estão perguntando por você no salão de baile, Gwyn – informou Beatrice, sem desviar o olhar do irmão. – Grey quer fazer um brinde a nós duas, e eu disse que encontraria você.

Gwyn engoliu em seco.

– E... eu vim mostrar sua estufa para Joshua, ele parecia interessado em conhecer.

Beatrice bufou. Gwyn arriscou olhar para Joshua e o encontrou com aquela expressão vazia que assumia quando não queria que ninguém soubesse o que ele estava tentando camuflar.

– Bem – disse Joshua, oferecendo o braço a Gwyn –, suponho que é melhor voltarmos para o salão de baile, então.

– Gwyn – chamou Beatrice –, você poderia ir na frente e me dar alguns minutos a sós com meu irmão? Diga a Grey que logo estarei de volta.

Joshua deixou o braço cair e, meio em transe, Gwyn se apressou para sair. Ah, ela nunca conseguiria fingir que nada aconteceu. Jamais! Torcia para que apenas Beatrice tivesse notado a ausência deles.

Caso contrário, o debute de Gwyn deixaria de ser mágico para se tornar um desastre.

Joshua não disse nada enquanto Gwyn saía. Nem depois. Porque, a julgar pela expressão da irmã, ela seria a única a falar ali, e não seria nada bom.

– Você está querendo arruinar a vida dela? – perguntou Beatrice, sendo direta.

– Arruinar? Nós só viemos aqui para ver a estufa. E lady Gwyn achou que poderia me ensinar a dançar valsa, mas é claro que não deu certo.

– Eu não sou boba, Joshua – disse Beatrice calmamente. – Eu sei o que eu vi.

Viu? Inferno!

Então ele lembrou que a irmã podia ser bem sorrateira quando queria.

– O que você poderia ter visto além de uma conversa?

Beatrice ergueu o queixo.

– Eu vi Gwyn procurando a bolsinha.

– Que ela deixou cair enquanto tentávamos dançar a valsa.

– E ela parecia um tanto... desalinhada.

– Ela estava tentando me ensinar a dançar.

Não adiantava. Como Beatrice dissera, ela não era boba. Ela o encarou.

– Achei que você fosse um cavalheiro, Joshua, mas claramente eu estava errada. Então me escute: se fizer mal a um fio de cabelo da minha amiga...

– Eu nunca faria mal a ela – afirmou ele, com sinceridade. – Não enquanto eu viver.

A irmã dele pareceu surpresa com a declaração. Droga, ele não deveria ter admitido tanto, principalmente para a amiga mais próxima de Gwyn. Mas ele não ia retirar aquelas palavras. Beatrice que pensasse o que quisesse. Era tudo verdade.

Joshua foi arrumar as almofadas do sofá, e ela o seguiu.

– Você fez mal a ela no momento em que saíram juntos pelos jardins e ficaram mais de meia hora desaparecidos.

Ele levantou uma sobrancelha.

– Você estava me espionando? Porque eu realmente duvido que qualquer outra pessoa no salão de baile tenha notado.

– Que a convidada de honra e o único homem fardado desapareceram ao mesmo tempo? Eu garanto que *alguém* notou.

– Quem? – questionou ele.

– Provavelmente só vamos saber quando a fofoca começar a circular amanhã de manhã.

– *Se* isso acontecer, e *se* a fofoca de alguma forma colocar a reputação dela em risco, eu cumpro meu dever de cavalheiro. Juro.

– Você vai se casar com ela?

– Não que ela vá me aceitar, mas sim.

Embora ele fosse exigir saber o que estava acontecendo entre ela e Malet, antes de qualquer coisa.

Beatrice colocou a mão da cintura.

– E por que ela não o *aceitaria*? Você é um homem maravilhoso quando quer. O problema é que sempre que alguém começa a se aproximar, você

afasta a pessoa. E aí, logicamente, você acaba sozinho de novo. Então, você começa a culpar suas feridas em vez de culpar seu medo, e o ciclo se repete.

– Obrigado por essa ótima avaliação do meu caráter tão falho – comentou ele. – Agora, podemos ir?

Ela suspirou.

– *Nós* não vamos a lugar nenhum. Eu vou voltar ao salão, mas *você* vai embora.

– Não mesmo.

Joshua se aproximou, crescendo para cima dela.

– Eu sou o guarda-costas dela. Não sairei do seu lado.

Principalmente com as coisas entre eles tão indefinidas.

– orn contou a Grey tudo sobre o acordo de vocês, e Grey me contou. Mas pode ter certeza de que Gwyn estará segura conosco. orn pode ter ido embora, mas Sheridan e Heywood ainda estão no baile. E Grey irá acompanhar Gwyn e lady Hornsby para casa quando as duas quiserem ir. Se você voltar para lá comigo, as pessoas vão supor que encontrei vocês dois sozinhos e eu acho melhor não arriscarmos. Assim, se alguém perguntar por você, posso dizer que foi embora horas atrás, que detesta bailes e coisas do tipo.

O plano fazia sentido, mas Joshua estava irritado pelo fato de Bea o estar tratando da mesma forma que ele tratara Greycourt no ano anterior, quando encontrara o duque na cama dela. Joshua nem fora tão longe quanto Greycourt, pelo amor de Deus, e Beatrice o estava tratando como um cretino. Ou como um cachorro não treinado que precisava aprender a se comportar de forma adequada.

Como sempre, a irmã conseguia ver quando ele estava furioso, então colocou a mão no braço dele.

– Meu querido, eu não sei exatamente o que existe entre você e Gwyn, mas sei que ela vai sofrer com as fofocas se descobrirem. É melhor assim e você sabe disso – disse Beatrice, dando um sorriso. – E você não gosta mesmo de bailes, admita. Passou a noite toda olhando para todo mundo de cara feia. A família sabe que esse é o seu jeito, mas nossos convidados não.

Ele não podia lhe dizer a verdade: que assistir a Gwyn bancar a sociável

era difícil, sabendo a rapidez com que os pretendentes a procurariam depois do baile, e quão rapidamente fariam propostas. Talvez até já tivessem feito. Gwyn não *lhe* contaria.

– Tudo bem. Eu vou. Amanhã, provavelmente nos veremos.

– Acho que não... Você não se lembra? Logo depois que vocês quatro chegaram hoje, Gwyn mencionou que está planejando levar tia Lydia para fazer compras amanhã, então suponho que você também tenha que ir.

– Ah, sim.

Joshua havia se esquecido, principalmente porque enquanto Gwyn falava sobre o assunto, ele estava ocupado demais escrutinando o salão em busca de Malet. Um passeio para fazer compras. Droga.

– Eu deveria ter interferido no momento em que ela mencionou esse passeio. É muito perigoso.

– Ah, que exagero. O homem não vai tentar sequestrar Gwyn em plena luz do dia na Bond Street.

Era pouco provável.

– Você também vai? – perguntou Joshua.

Segundo Greycourt, até a esposa insolente às vezes apreciava um dia de compras na Bond Street.

– Ou a nova esposa de Heywood? Qual é o nome dela?

– Cassandra. Ela e Heywood fizeram uma longa viagem e estão exaustos. Eu também estou, pretendo dormir. *Gwyn* só vai porque precisa. Na semana que vem tia Lydia faz aniversário e a nossa agenda social está tão cheia que amanhã é o único dia livre em que ela poderia comprar um presente. Gwyn preferia não precisar levar a mãe, mas tia Lydia insistiu dizendo que as duas mal têm tempo juntas.

E as damas gostam de fazer compras. É o equivalente feminino a sair para caçar. Joshua simplesmente precisaria ficar atento o tempo todo enquanto estivessem fora para se certificar de que Malet não apareceria "coincidentemente" em algum dos lugares onde estivessem.

Isso fez com que se lembrasse: ainda precisava trabalhar naquela noite.

– É melhor você ir antes que Greycourt venha atrás de você e se dê conta de que eu estava aqui sozinho com a meia-irmã dele.

Ela piscou.

– Tem razão! Eu nem tinha pensado nisso. Grey é um pouco irracional quando se trata da possibilidade de você e Gwyn juntos.

Ela deu um beijo no rosto dele.

– Obrigada por compreender. Provavelmente nos veremos em vários eventos sociais nas próximas semanas.

Beatrice se virou para sair, mas parou.

– Prometa que vai pensar no que eu disse.

– Em qual parte? – perguntou ele, embora soubesse a resposta.

– Deixa para lá. Você nunca me escuta mesmo.

– Droga, Beatrice...

Mas Beatrice já havia se afastado e, enquanto a observava, Joshua sentiu um nó na garganta. Sua pequena crescera tão bem. E com pouca ajuda sua. Um dia, ele teria que encontrar uma forma de compensá-la por todos os meses que passara cuidando dele após retornar, ferido, da guerra.

Compensá-la por todas as vezes que a magoou.

De cara amarrada, Joshua voltou para verificar o sofá e a área em volta do fogão para ver se ele ou Gwyn não tinham deixado nenhuma pista que os incriminasse. Então encontrou suas luvas meio escondidas embaixo do sofá. Droga. Será que Beatrice as vira ou, pior, percebera que ele não as estava usando? Esperava que não.

Após calçá-las e se certificar de que seu traje estava apresentável, ele saiu andando pelo jardim rumo ao portão de entrada. Com tantas pessoas na festa, havia vários coches de aluguel parados ali e Joshua não teve dificuldade em encontrar um que o levasse ao endereço em Chelsea.

E a verdade era que estava ansioso por uma briga depois da discussão que acabara de ter com a irmã. O melhor candidato era o maldito Malet. Se Gwyn não estava disposta a revelar o que estava acontecendo entre eles, Joshua descobriria junto ao próprio sujeito.

Infelizmente, não seria naquele dia. Quando chegou ao endereço que Fitzgerald lhe dera, Pritchard lhe informou que o "capitão" Malet havia saído para a cidade.

Joshua congelou.

– Para onde?

Pritchard deu de ombros.

– Como eu vou saber? Vocês, oficiais, fazem o que lhes dá na telha.

Joshua pegou um soberano e mostrou.

– O senhor pode ao menos me dizer para qual parte da cidade ele foi?

Porque se fosse Mayfair, Joshua iria esganar o sujeito assim que o encontrasse.

Pritchard arregalou os olhos.

– Covent Garden, é claro. Sem dúvida saiu em busca de alguma mulher da vida para gastar o dinheiro dele. Deus me livre ele não ter dinheiro para pagar pelas acomodações, não é mesmo?

Graças aos céus não era Mayfair.

Quando Pritchard tentou pegar a moeda, Joshua o deteve.

– Só quando responder a todas as minhas perguntas. Há quanto tempo ele está morando aqui?

– Uns cinco meses, e está me devendo o aluguel de dois. Mas ele disse que vai ganhar muito dinheiro logo e vai me pagar.

– Ele disse por que ele ganhará esse dinheiro?

– Não, e eu também não me importo. Só quero que me pague.

Era uma pena o homem não saber de mais nada. Será que Malet estava contando com o dinheiro que ganharia se casando com Gwyn, ou sequestrando-a, ou as duas coisas juntas? A última hipótese fez Joshua cerrar os dentes, mas ele precisava considerá-la.

Ou será que ele estava certo de que receberia algum dinheiro porque estava vendendo informações aos franceses? Joshua gostava mais dessa ideia, porque não envolvia Gwyn. Mas, de novo, se Malet esperava receber dos franceses, isso não explicava por que Gwyn estava se correspondendo com ele, um homem supostamente desconhecido para ela.

– O senhor já viu Malet com algum sujeito francês? – perguntou Joshua para Pritchard.

– Aqui não. Não deixo francês nenhum entrar no meu estabelecimento. Se o capitão está fazendo negócios com eles, é em outro lugar.

Interessante. Onde Malet poderia estar fazendo essas negociações tão

delicadas? Claramente, o senhorio não sabia.

Sem mais perguntas pertinentes a fazer, Joshua deu o guinéu para o senhorio.

– Mais uma coisa: não diga ao capitão Malet que alguém andou perguntando sobre ele.

Os olhos de Pritchard brilharam com ganância.

– Mais um guinéu se quiser que eu fique de bico calado.

– Tudo bem.

Joshua lhe deu mais uma moeda.

Nesse ritmo, logo ficaria sem dinheiro. Mas Fitzgerald lhe reembolsaria por isso, se não, ornstock.

Joshua pensou em ficar mais algum tempo pelos arredores, mas se Malet tivesse mesmo ido para Covent Garden, o cretino só voltaria pela manhã. O passeio de Gwyn seria no dia seguinte e Joshua pretendia acompanhá-la. Era melhor voltar para Armitage House.

Ele não daria a ela a chance de sair sem ele.

CAPÍTULO QUINZE

Infelizmente para Joshua, o dia seguinte amanheceu claro e ensolarado. Depois de voltar de Chelsea na noite anterior, ele tomara uma quantidade abominável de conhaque, o que só fez com que acordasse perto das dez da manhã com a cabeça doendo. Inferno. Exatamente por esse motivo era raro que bebesse assim. Era melhor ficar apresentável antes do passeio das damas, ou antes que elas resolvessem sair sem ele e fosse preciso brigar com elas. Não estava com disposição para isso.

Depois de um banho frio e algumas xícaras de café, ele voltou a se sentir quase humano. Às onze horas, Sheridan entrou na sala de café da manhã e se serviu de torradas.

Seus olhos verdes costumavam estar sombrios de preocupação, e o cabelo castanho claro, sempre despenteado depois de tanto que ele, por nervosismo, passava a mão. Afinal, tinha sobre os ombros o peso do ducado, que ia mal.

Mas naquela manhã Sheridan parecia feliz.

– Você está péssimo.

– Obrigado – murmurou Joshua. – Eu me sinto péssimo.

– Eu deveria ter lhe avisado sobre o nosso conhaque – disse Sheridan, rindo, e se sentou em frente a Joshua e se serviu de chá. – É bem forte.

– Eu diria que isso é um eufemismo – disse Joshua, e então olhou para o primo. – Espere, como sabe que tomei conhaque ontem?

– Temos o mesmo valete, lembra? Infelizmente, ele gosta de uma fofoca.

Com um murmúrio, Joshua fez uma anotação mental para se manter longe do garoto quando estivesse se sentindo mal.

Sheridan começou a ler os jornais, deixando Joshua tomar seu café em paz. Quando acabou de comer sua torrada com manteiga, ele se levantou e se dirigiu para a porta, então parou para sorrir para Joshua.

– Estou indo me encontrar com William Bonham, procurador do papai. Aproveite as compras com as damas.

Enquanto ele saía, Joshua cerrou os dentes.

– Obrigado pelo apoio, primo.

Pelo menos, ele teria um pouco mais de tempo para lutar contra o enjoo.

Por volta do meio-dia, as damas entraram na sala tagarelando sem parar. O som reverberava.

Joshua fez uma careta. Seria bom tomar outra xícara de café. E dormir mais algumas horas.

E arrumar um novo emprego.

Para sua surpresa, foi sua tia quem falou:

– Você não precisa ir conosco, Joshua. Um criado já vai nos acompanhar.

– *Um* criado? – repetiu ele. – Duvido que seja o suficiente. Além disso, estou querendo comprar um chapéu e ainda não tive a oportunidade. Não posso imaginar uma forma mais agradável de fazer isso do que acompanhado por duas damas. E, como poderão comprovar, preciso de vocês para me ajudar a escolher um chapéu que esteja na moda.

Lydia riu.

– Veio ao lugar certo, então. Nós duas somos boas quando o assunto é moda.

A duquesa olhou para Gwyn, que usava um vestido leve em um tom de roxo que lembrava o céu no crepúsculo.

– E sei que minha filha vai gostar da sua companhia.

– Mas só se o senhor quiser – disse Gwyn, aproveitando a chance de zombar dele. – Fiquei sabendo que exagerou no conhaque ontem à noite.

– Gwyn! – exclamou a mãe dela.

– Bem, ele bebeu. Fiquei sabendo pela minha criada, que ficou sabendo pela sua, mamãe, que ficou sabendo pelo valete de Joshua. Então sabemos que é verdade. Sempre podemos confiar nas fofocas dos criados.

– Tudo bem, sua bisbilhoteira.

Droga, a *família inteira* sabia o que ele fizera na noite passada? Joshua terminou de tomar seu café e se levantou. Pelo menos, estava mais firme do que antes.

– Agora, chegou a hora de vocês me fazerem provar que sou capaz de segurar o enjoo.

Gwyn riu. E eles saíram.

Como o dia estava agradável e como Bond Street ficava a apenas três quilômetros de Armitage House, decidiram ir caminhando. Após algum tempo, Joshua começou a se sentir ele mesmo de novo, ainda mais com a mão de Gwyn em seu braço. Quando se aproximaram da esquina do Hyde Park, um som alto soou perto deles, e Joshua logo ficou tenso. Provavelmente teria tido uma reação mais intensa se Gwyn não tivesse segurado o seu braço direito com as duas mãos.

O som não passava de um homem martelando metal, mas tinha sido o bastante para deixá-lo trêmulo e se perguntando como teria reagido se Gwyn não estivesse ali.

– Obrigado – sussurrou ele.

– De nada – respondeu ela baixinho, levando-o a derreter por dentro.

Ou talvez fosse apenas o efeito do enjoo. De toda forma, enquanto caminhavam Joshua ficou atento a qualquer sinal de Malet e assim permaneceu enquanto faziam compras. Sempre que Gwyn se separava da mãe, ele ia atrás dela, deixando o lacaio com tia Lydia.

Por incrível que pareça, o motivo que ele dera para acompanhá-las tinha sido útil e as damas estavam ansiosas para ajudá-lo a escolher um chapéu. Optaram por uma cartola em pele de castor que ele poderia usar quando não estivesse de farda... ou com sua roupa de guarda-caça. Certamente, era mais elegante do que a de coelho que vinha usando.

Além do mais, Gwyn insistiu em colocar a compra na conta de ornstock. Enquanto a mãe experimentava chapéus para senhoras, Gwyn murmurou: – Se não fosse por orn, você não precisaria inventar uma história para vir fazer compras com a gente. Deixe que ele pague. Ele pode.

– Você só quer se vingar gastando o dinheiro dele.

Os olhos dela brilharam.

– Isso também.

– Tudo bem – concordou ele. – Mas vou falar para ele descontar do meu pagamento.

Ela bufou.

– Você é mesmo um estraga-prazer.

– Lembro que ontem eu não fui nem um pouco estraga-prazer.

O rosto dela ficou adoravelmente corado, o que fez com que ele desejasse poder beijá-la no meio da loja de chapéus.

Inferno. Melhor nem pensar nisso.

A próxima loja na qual entraram foi a de luvas.

– Vou perguntar se eles têm luvas para mulheres que praticam arco e flecha – avisou Gwyn. – Você também deveria comprar luvas melhores, Joshua. Aquelas que estava usando naquele dia já estão gastas.

Assentindo, ele se debruçou sobre o balcão de luvas masculinas, mas continuou observando-a furtivamente enquanto fingia olhar as luvas. Gwyn parecia agitada e espiava o relógio de parede a todo instante.

A mãe disse que ia à loja do outro lado da rua para procurar um relógio para orn, e isso pareceu deixar Gwyn aliviada, o que aguçou ainda mais os sentidos de Joshua. Mas ele agiu naturalmente. Se ela estivesse esperando um bilhete de Malet ou, pior ainda, se estivesse esperando o próprio, Joshua queria que ela seguisse com seus planos para que ele pudesse pegá-la no flagra.

Ele tinha acabado de pagar por um par de luvas em um tom de marrom-claro quando notou que Gwyn casualmente deixou seu xale sobre uma cadeira, em um canto onde não seria visto com facilidade pelo vendedor.

Joshua não sabia se era um movimento corriqueiro ou algum tipo de sinal. Na segunda hipótese, ele não compreendia seu significado. Mas quando Gwyn disse que estava pronta para ir e não fez menção de pegar o xale ele *soube* que aquilo significava alguma coisa. Decidiu deixar passar e ver o que acontecia.

Após agradecer ao vendedor, Joshua enfiou as luvas novas em seu sobretudo. Então ele e Gwyn saíram para a rua e encontraram a mãe e o criado à espera. Os quatro já haviam caminhado metade do quarteirão

quando Gwyn disse: – Ah, mamãe, podemos tomar um sorvete no Gunter's? É bem aqui.

– Sorvete, querida? Mesmo? Ainda está frio para isso, não acha?

– Besteira – respondeu Gwyn. – Ouvi falar que agora eles têm um novo sabor de flor de sabugueiro e sei quanto a senhora gosta de vinho de flor de sabugueiro, mamãe.

– Bem – disse a mãe –, agora que você falou...

Mas assim que chegaram ao Gunter's Gwyn disse:

– Ora essa... Acho que deixei meu xale na loja de luvas. Vou voltar correndo lá para pegar enquanto vocês vão pedindo os sorvetes. Não se esqueçam de pedir um para mim também.

Ela se virou para sair e Joshua correu para perto dela.

– Vou com você.

– Por favor, não – sussurrou ela. – Preciso comprar o presente de aniversário da mamãe. É um par de luvas cinza belíssimo, de pele de cabra, que ela vai poder usar nesse período do final do luto. Quero que a mantenha ocupada para que não descubra o que estou fazendo.

– Muito bem – disse Joshua, observando com cautela a reação dela.

Ela pareceu excessivamente aliviada, o que o convenceu de que ele estava certo: isso tinha a ver com o bilhete para Malet, não com o aniversário de Lydia. Joshua a deixou ir e deu um tempo para que chegasse à loja de luvas. Então saiu e observou toda a extensão da rua. Foi bem a tempo de vê-la passar pela loja e desaparecer.

Ele passou o mais rapidamente que conseguiu pela loja de luvas, então escutou vozes alteradas vindo do beco no qual ela tinha entrado. Parou na esquina e se escondeu para escutar a conversa. Gwyn estava definitivamente discutindo com Malet. Joshua reconheceu a voz do cretino. E o que ele escutou o levou a estremecer.

– Você pediu 50 libras, Lionel, e eu concordei – disse Gwyn.

Lionel? Ela estava chamando Malet pelo primeiro nome? Droga, ela já *conhecia* o sujeito desde antes do último encontro! E por que ela estava dando dinheiro para o patife?

– Depois, você dobrou – continuou ela –, então eu trouxe 100 libras.

Agora, você quer *mais*? Sabe o que eu precisei fazer para conseguir isto? Quantas mentiras precisei contar, quantos subterfúgios precisei inventar?

– E para quem você mentiu, querida Gwyn? – questionou Malet, em um tom sarcástico. – Para aquele oficial manco, Wolfe?

Joshua quase mordeu a língua tentando conter a própria raiva.

– Não fale assim dele! – exclamou Gwyn.

– Ora, ora, vejo que já está apaixonada pelo major idiota, não é?

– Não seja ridículo – disse Gwyn, soando desesperada.

Ou ele apenas queria acreditar nisso?

– Fico me perguntando se ele sabe como seus lábios são doces e como seus seios são macios. Fico me perguntando quanto você pagaria para evitar que *ele* soubesse disso...

– Isso não tem nada a ver com ele! – disse ela, mais séria. – Eu já paguei tudo que eu pretendia pagar. Se quiser, vá em frente e diga ao mundo o que bem entender.

Chantagem? Ela estava pagando pelo silêncio de Malet?

Mas por quê?

– Mas lembre que orn vai querer a sua cabeça se você disser uma única palavra – continuou ela. – Dez anos atrás ele lhe deu uma fortuna para me deixar em paz. Se souber que você está descumprindo o acordo, vai vir atrás de você.

Joshua se lembrou da conversa na carruagem a caminho de Londres. Mas ela dissera que o sujeito que ornstock pagara se chamava Hazlehurst.

Não. A *mãe* dela dissera. Gwyn apenas concordou. Só podia ser Malet, a não ser que ornstock tenha pagado *dois* pretendentes. Mas o que Malet sabia sobre Gwyn que a obrigava a lhe dar dinheiro?

Joshua ficou nauseado ao perceber que sabia a resposta.

– Não tenho medo do seu irmão, querida – afirmou Malet. – Aceito um duelo com ele sem problema algum.

– Não! Você não vai fazer isso. Se precisar, denuncio vocês dois ao magistrado para impedir. Você já tem suas 100 libras, então está tudo acabado. Chega! E se você não gostar, vá para o inferno!

– Não estamos nem perto de acabar, docinho.

– Me solta! – gritou ela. – Pare com isso!

Hora de intervir. Joshua tinha pensado em não revelar sua presença para preservar o segredo dela, mas claramente isso tinha se tornado impossível. Quando ele entrou no beco, o sangue ferveu ao ver que Malet a prendera contra o muro e estava tentando beijá-la. Ela o empurrava e tentava bater nele, mas estava claramente perdendo a batalha.

Cretino! Como ele ousava?

Com uma fúria descontrolada, Joshua atingiu Malet com sua bengala. O diabo urrou e a soltou para atacar Joshua. O major apoiou o pé ruim em um barril e começou a golpear Malet com sua bengala diversas vezes: na cabeça, no peito, onde conseguisse acertar. Malet tentou se defender com um ou dois socos, mas nenhum deles foi páreo para a ira de Joshua.

Joshua bateu em Malet até o homem cair de joelhos e começar a se proteger com as mãos. Sangue escorria pelo rosto de Malet, saindo de uma ferida aberta na cabeça, mas nem isso fez com que Joshua parasse.

Então Joshua sentiu Gwyn puxando seu braço e a escutou gritando: – Pare! *Pare!* Você vai matá-lo!

Ele se virou para ela, ainda segurando a bengala como um porrete.

– Você se importa? – questionou ele.

Ele viu o medo brilhar nos olhos dela.

– Com *ele*? Não! Mas me importo com a ideia de você ser enforcado por assassinato. Ainda por cima um assassinato cometido em meu nome.

As palavras foram como um balde de água fria e Joshua tentou recuperar o autocontrole para pensar de forma racional. As palavras esfriaram seu sangue fervente até que ele enfim conseguiu baixar a bengala.

Então se sentiu envergonhado. Mais uma vez, ela o vira se comportar como um estúpido descontrolado. Um animal selvagem. O que Gwyn ia pensar dele? Agora que testemunhara seu pior lado, ela ia temê-lo. E esse era o único arrependimento de Joshua, já que não lamentava nem um pouco ter batido em Malet. Joshua gostaria de ter pensado em puxar a espada da bengala e matar o calhorda.

– Você está bem? – perguntou ele. – Ele machucou você?

Ela balançou a cabeça.

– Ele não teve tempo, graças a você.

Enquanto isso, Malet limpava o sangue dos olhos.

– Seu desgraçado! Qual é o seu problema?

Malet tentou se levantar, se apoiando no muro.

– Gwyn – disse Joshua –, vá encontrar a sua mãe.

– Não vou sair daqui sem você.

Para a surpresa de Joshua, rugas de preocupação apareceram no rosto dela ao pegar um lenço e passar no rosto dele. Aparentemente, o sangue de Malet havia espirrado nele.

Malet tentou alcançá-la e quase caiu de cara no chão, o que deixou o homem ainda mais furioso. Esforçando-se para ficar de joelhos, ele falou, rosnando: – Vejo que tem um protetor, Gwyn. O aleijado deseja você, não é?

A raiva quase sufocou Joshua.

– Era você quem estava tentando agarrá-la. Pelo que parece, é você quem a deseja.

Malet enxugou o sangue do olho com a parte de trás da luva.

– Eu tive Gwyn anos atrás na Prússia. E que doçura ela é... Eu a levaria para a cama de novo com prazer, mas desejá-la? Nunca.

Joshua olhou na direção de Gwyn e viu seu rosto ficar vermelho de humilhação. Foi o suficiente para ele saber que Malet estava falando a verdade, que era por isso que o miserável a estava chantageando: porque a seduzira, talvez até a estuprara.

Malet não devia saber a diferença entre as duas coisas.

Nem ninguém na sociedade, infelizmente. Se um boato se espalhasse sobre os dois, *Gwyn* estaria arruinada, não Malet.

E a ideia de que o patife estava tentando ganhar *dinheiro* às custas do passado dela reacendeu a fúria de Joshua. Fez com que se lembrasse de tio Armie tentando chantagear Beatrice para se tornar amante dele.

– Por favor, Joshua – sussurrou Gwyn –, podemos ir embora?

– Em um momento. Tenho só mais algumas coisas para dizer a esse cafajeste.

Ele se abaixou para pegar a carteira de Malet no bolso do sobretudo dele, então tirou as 100 libras e as entregou a Gwyn.

– Ei! – gritou Malet.

Joshua apertou o botão da bengala, liberando a lâmina da "bainha", então pressionou a ponta na carótida de Malet.

– Chegue perto dela de novo e vou enfiar isto tão fundo em você que você vai sangrar até a morte. Aqui acaba sua chantagem, escutou?

Malet ficou branco como uma vela.

Joshua continuou.

– E é melhor que nunca mais tente adulterar a carruagem de ornstock. Você poderia ter matado todos nós na sua tentativa de... de...

Ele percebeu que não fazia sentido Malet tentar criar uma emboscada para a carruagem deles se estava apenas chantageando Gwyn.

O rosto de Malet mostrou toda sua confusão.

– Eu nunca adulterei a carruagem de ninguém. Procure outra pessoa para culpar por isso. Eu só estava tentando conseguir algum dinheiro, e é um dinheiro que eu mereço, droga. A família de Gwyn está sempre procurando arruinar a minha vida. Entre lorde Heywood e o maldito irmão de Gwyn...

– O "maldito irmão" dela fez a coisa certa, e eu pretendo continuar na sua cola. Então que isto lhe sirva de aviso...

Joshua arrastou a ponta da lâmina pela bochecha de Malet, satisfeito com a linha de sangue que deixou.

– Chegue perto dela de novo e você morre.

Joshua guardou a espada na bengala, então virou-se para acompanhar Gwyn para fora do beco.

Malet gritou:

– Eu vou contar para todo mundo os seus segredos, Gwyn. Não preciso me aproximar para acabar com você, sua vadiazinha!

Ela hesitou, e Joshua sentiu sua raiva ferver.

– Ouse fazer isso – disse ele. – No dia em que cuspir suas mentiras, os jornais vão ficar sabendo a verdade sobre a sua saída do exército... sobre como você seduziu uma órfã de 15 anos e se recusou a se casar com ela. Como ela morreu por conta da sua crueldade. Como você foi expulso da corporação. E nesse mesmo momento vou anunciar meu noivado com

Gwyn, fazendo com que as suas acusações pareçam nada mais do que dor de cotovelo.

Gwyn arfou, mas Joshua não tinha acabado com Malet ainda.

– E aí, assim que os boatos passarem e eu e Gwyn estivermos casados, você vai acordar um dia com a minha espada atravessada na sua garganta. E ninguém vai saber quem o matou, e ninguém vai se importar. Vou me certificar disso.

Não era uma ameaça falsa. Se houvesse alguma forma de tirar Malet da terra sem fazer com que Gwyn passasse por um escândalo, Joshua a encontraria. Na verdade, ele estava torcendo para achar um jeito de provar que Malet era um traidor da pátria. Assim ele seria enforcado e Joshua não precisaria sujar as próprias mãos. Mas talvez o dinheiro que o senhorio disse que estava esperando fosse apenas o da chantagem a Gwyn. Cem libras custeariam suas acomodações por um bom tempo.

Malet ficou no beco gritando impropérios quando os dois saíram. Por sorte, havia poucas pessoas fazendo compras naquele momento, então não houve testemunhas do confronto. Ao menos nenhuma que estivesse disposta a falar.

Joshua começou a caminhar na direção do Gunter's, mas Gwyn o impediu e pegou a mão direita dele.

– Sua luva está destruída.

Joshua viu que sua luva direita tinha descosturado durante a briga com Malet.

Gwyn a tirou.

– Ah, meu Deus... Bem, você vai ter que ficar com a mão no bolso.

– Não posso, preciso usar esta mão para segurar a bengala quando ando.

– É verdade, mas minha mãe vai perguntar...

– Eu acabei de comprar luvas novas – disse ele, tirando-as do bolso. – Vou calçá-las, está bem?

Quando ele tirou as velhas e pegou as novas, ela franziu a testa.

– Mas são de uma cor diferente. Ela vai notar. Minha mãe sempre nota essas coisas. A não ser que a gente diga que as velhas estavam tão surradas que você as jogou fora na loja.

– Vou deixar que você decida o que é melhor dizer a ela, já que tem muito mais experiência com tia Lydia do que eu – disse ele, então algo lhe ocorreu. – Onde está seu xale?

– Ah, meu Deus, deixei na loja de luvas! Vou buscá-lo.

Quando ela saiu da loja com o xale, olhou para a bengala dele.

– Espero que não tenha estragado a sua bengala.

– Eu não me importo. Assim como não me arrependo do que fiz com aquele sujeito.

Ela o fitou e seu rosto corou ao ver como ele a encarava.

– Mais tarde, nós dois vamos conversar, prometo – sussurrou ela. – Mas agora precisamos encontrar mamãe antes que ela venha atrás da gente e acabe vendo Malet jogado no chão ou, pior, saindo do beco todo machucado.

Joshua tinha muitas perguntas, muitas coisas que queria esclarecer. Mas ela estava certa, aquele não era o momento.

– Quando quiser – disse ele. – Vou deixar isso em suas mãos... Até que possamos ficar a sós.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Até que possamos ficar a sós.

Gwyn suspirou. Quando isso acontecesse, eles acertariam as contas, e ela achava que merecia isso, considerando ter sido ela quem colocara Joshua na posição insustentável de entrar em uma briga. E ela era grata pela interferência dele. Quem poderia saber o que teria acontecido se Joshua não tivesse aparecido no momento certo?

Ainda assim, o fato de ele ter escutado as... insinuações de Lionel e tirado as próprias conclusões... Gwyn não conseguia suportar a ideia de revelar a verdade para Joshua. Era pior do que orn saber, ou mesmo sua mãe. Como explicaria aquilo para um homem que era tão severo na maior parte do tempo?

Sem mencionar quão propenso ele era ao uso da violência. O episódio com Lionel ainda lhe causava medo. Era assustador o esforço que Joshua fazia para controlar seus acessos de raiva. O único consolo dela era ter conseguido impedir que ele chegasse ao limite. Ao menos dessa vez.

Quando voltaram para o Gunter's, o nó no estômago de Gwyn estava tão apertado que ela precisou parar do lado de fora para se acalmar.

– Minha mãe jamais pode ficar sabendo o que acabou de acontecer. Ela ficaria extremamente aborrecida e, considerando o atual estado de fragilidade dela...

– A sua mãe não é tão frágil quanto você pensa – disse Joshua, e desviou o olhar. – Mas não, eu não quero contar a ela que eu quase matei Malet. Nem por quê.

Já era ruim o suficiente que Joshua soubesse a razão. Ela certamente não

estava pronta para revelá-la à sua mãe. Não sabia como ela reagiria.

– Obrigada. Minha mãe não precisa de mais esse peso na cabeça dela.

– Ela sabe alguma coisa sobre Malet?

– Ela sabe que ele me cortejou. Lembra quando eu e ela conversamos sobre Hazlehurst na carruagem? Era dele que estávamos falando, na verdade. Como isso aconteceu muito tempo atrás, ela não lembrava o nome dele. Provavelmente porque ela não soube de nada do que aconteceu entre orn e Lionel.

– Ah... E você não a corrigiu porque não queria que eu...

A porta do Gunter's se abriu e Lydia surgiu com duas taças de vidro e colheres na mão, efetivamente colocando fim à conversa.

– Já era hora! Os sorvetes estão derretendo. Eu já terminei o meu. E, Joshua, por que você saiu correndo? Eu estava pedindo sorvete para Gwyn e no instante seguinte estava procurando por vocês dois. Precisei adivinhar o que pedir para você.

– Tenho certeza de que o sabor que a senhora escolheu está ótimo – disse ele, pegando uma das taças e acrescentando: – Vamos tomar aqui na rua ou...

– Vamos tomar lá na praça – sugeriu ela. – É o que todo mundo faz.

Eles caminharam para os jardins da Berkeley Square, onde Gwyn deliberadamente escolheu se sentar em um banco bem longe do beco. Quando a mãe se sentou ao lado dela, Joshua apoiou a bengala e depois o próprio corpo em uma árvore, para conseguir comer. O tempo todo desviava o olhar na direção do beco.

Meu Deus, mas como aquele homem era bonito. Bem, é claro que sua perna parecia um pouco... torta por baixo das calças, mas o peitoral dele forçava os botões do colete *démodé* e os ombros enchiam o casaco azul de forma bem agradável.

Joshua percebeu que Gwyn o observava, e, interpretando equivocadamente a intenção dela, lançou um sorriso tranquilizador que acelerou sua respiração. O sorriso dele era incrível, quando ele se permitia sorrir. E quando Gwyn levou uma colherada de sorvete à boca, o fogo que

surgiu no olhar deles seria capaz de derreter o sorvete dele. E o dela. E de todo mundo por perto.

Infelizmente, Lydia flagrou a troca de olhares cheia de desejo e uma expressão especulativa se formou em seu rosto.

O olhar dela se concentrou em Gwyn.

– Para *onde* vocês dois foram, afinal?

Quando Gwyn tentou falar, sem conseguir responder, Joshua se intrometeu:

– Eu esqueci que precisava de luvas novas – explicou ele com tanta facilidade que era como se tivesse mentido para a tia a vida toda. – Então fui atrás de Gwyn na loja e ela me ajudou a escolher um novo par.

– São essas que você está usando agora? É melhor tirá-las enquanto toma o sorvete, para não manchá-las.

– Não se preocupe, tia. Gwyn escolheu um modelo especificamente à prova de sorvete.

Lydia o fitou boquiaberta, então riu.

– Você me surpreende às vezes, sobrinho. Quando eu acho que não tem senso de humor, você diz uma coisa assim.

Lydia deu um tapinha no braço de Gwyn.

– Mas você está certo sobre Gwyn. Ela é muito boa em escolher acessórios para homens.

Quando Joshua ergueu uma sobrancelha, Gwyn desejou poder desaparecer embaixo do banco.

– Mamãe, você faz parecer que compro coisas para homens o tempo todo.

– Não seja boba – disse a mãe. – Meu sobrinho sabe que estou falando dos seus irmãos, não é, Joshua?

– Claro – respondeu ele, com o olhar fixo no de Gwyn.

– Embora ela tenha ajudado um namorado uma ou duas vezes.

– Não que eu me lembre – disse Gwyn.

A mãe olhou para o outro lado do parque.

– O único que eu me lembro de ela ajudar foi aquele rapaz, Hazlehurst.

Mas ela era tão jovem na época. Quantos anos você tinha, Gwyn? Dezenove?

– Vinte – respondeu Gwyn, distraída, e então se deu conta de que não queria continuar com esse subterfúgio. – A senhora está falando do aspirante Malet, mamãe. Acho que confundiu os dois.

– Malet! Meu Deus, você está certa. Eu deveria me lembrar, é um nome tão estranho... Se bem que Hazlehurst também é um nome estranho.

– Verdade – concordou Joshua.

Gwyn o encarou enquanto tomava seu sorvete.

– Então com qual dos dois orn não foi agradável? – perguntou a mamãe.

– Com os dois, na verdade. orn não foi agradável com nenhum dos meus pretendentes. Ele nunca achou que qualquer um deles estivesse à minha altura. Minha vida social melhorou consideravelmente quando ele voltou para a Inglaterra.

– Foi por isso que você se recusou a voltar com ele? – perguntou a mãe.

Gwyn podia sentir o olhar de Joshua penetrando-a como uma flecha. Ela sorriu para a mãe.

– Em parte, e em parte porque eu não queria deixar a senhora e o papai. E, considerando a morte repentina do papai, fico muito feliz por ter passado aqueles anos com vocês.

Maurice podia ser seu padrasto, mas era o único pai que conhecera.

A mãe sorriu e pegou a mão dela.

– *Eu* fico muito feliz que tenha tomado essa decisão, embora na época eu tivesse achado que seria melhor para você voltar com orn.

Isso a surpreendeu.

– Por quê?

– Você era muito nova. Eu não fazia ideia de que voltaríamos para a Inglaterra e achei que, se voltasse para cá com orn, você teria mais chances de encontrar um marido. Se você se lembra, havia poucos cavalheiros elegíveis em Berlim, a não ser que se casasse com um alemão. Aí, não poderíamos vê-la quando voltássemos para a Inglaterra, o que acabou acontecendo.

Gwyn sabia que deveria contar à mãe a verdade sobre o que acontecera entre ela e orn. Já tinha guardado esse segredo por tempo suficiente. É claro que ela não poderia contar como as ações de orn mais tarde se provaram desastrosas para ela, mas se ao menos ela explicasse *alguns* dos motivos que a deixaram com raiva, a família poderia parar de especular. Porque, independentemente do que ela dissesse à mãe, os outros acabariam sabendo. Lydia nunca fora boa em guardar segredos.

– Na verdade, mamãe, orn não foi apenas desagradável com o aspirante Malet. Ele pagou uma quantia bem alta para que ele fosse embora. orn estava certo de que o aspirante era um caçador de fortunas, e lhe ofereceu dinheiro para ver o que ele faria. Quando o patife aceitou, ficou provado que orn estava certo a respeito do caráter do aspirante Malet.

E que ela estava *errada*. Algo que, mesmo depois de tantos anos, ainda doía. Mesmo depois de Lionel ter se tornado um chantagista. Porque ela realmente odiava o fato de não ter percebido a tempo o canalha que ele era.

– Ora, mas que tratante! Que arrogância! – exclamou a mãe.

Gwyn piscou.

– Quem? Malet? Ou orn?

– Os dois, eu acho, embora eu realmente estivesse me referindo ao seu irmão. Como você mesma disse na carruagem um dia desses, orn não deveria ter afugentado ninguém, afinal você não era mais criança. Era perfeitamente capaz de tomar suas próprias decisões nesse assunto. Eu não culpo você por ter ficado com raiva dele.

– Mesmo quando descobrimos que orn estava certo sobre Malet? – perguntou Joshua.

Lydia fungou.

– Sim, ele poderia ter cuidado do assunto de um jeito melhor. Poderia ter contado a Gwyn os motivos que o faziam achar que Malet era um caçador de fortunas e deixar que ela tirasse as próprias conclusões.

A mãe acertara na mosca. Era esse o motivo que deixara Gwyn tão furiosa com o irmão na época. orn havia decidido que ela era incapaz de escutar argumentos razoáveis sobre qualquer sujeito que a cortejasse, então cuidou do assunto sem que ela soubesse ou consentisse.

Lydia olhou para a filha.

– Suponho que orn tinha provas da intenção de Malet de se casar com uma herdeira...

Gwyn piscou.

– Eu... eu não sei. Nunca pedi provas e ele nunca me mostrou. Apenas supus que orn estava se transformando em um patife insuportável à medida que se aproximava da maioridade.

A mãe riu.

– Ele era bem cheio de si naquela época, não é?

– Ainda é – murmurou ela.

– Não *tanto*, acho. Mas talvez você deva perguntar a ele o que o levou a pagar para que Malet saísse da sua vida. Se a razão dele for consistente, se ele não estivesse apenas sendo tão senhor de si como de costume, você deveria reconsiderar... deixar isso no passado.

– Talvez – respondeu Gwyn.

A mãe a deixara curiosa. Gwyn nunca havia perguntando nada a orn por causa de todas as outras coisas que aconteceram na sua vida depois que Lionel foi embora. Então o irmão também foi embora sem que eles fizessem as pazes, e a relação deles se deteriorou.

Não era a primeira vez que ela se perguntava como sua vida teria sido se tivesse se casado com Lionel. Infeliz, provavelmente, considerando o diabo que ele demonstrara ser. Como isso teria sido terrível para os filhos deles...

O nó em seu estômago era cruel. Não, Gwyn não iria pensar sobre isso. Doía muito, mesmo depois de tanto tempo.

– Um minuto – disse Lydia. – Malet não é o nome do sujeito que tentou sequestrar a esposa de Heywood e a prima dela no Natal?

– É, sim – respondeu ela. – Por incrível que pareça, é o mesmo sujeito.

– Bem, se nada mais provar que ele era um patife desde o início, acho que isso prova, não? – disse a duquesa, respirando fundo. – Agora que vocês dois terminaram seus sorvetes, que tal voltarmos para casa? Você deve querer descansar antes de ir à ópera hoje à noite.

– Nós vamos à ópera? – perguntou Joshua, como se alguém tivesse ameaçado matar os cães de caça de Armitage Hall.

– Você não precisar ir – disse a tia. – Tenho certeza de que Grey não se incomodará em acompanhar Gwyn. E acho que Eliza ficará grata por qualquer noite em que não precise ser dama de companhia.

– *Grey* gosta de ópera? – perguntou Joshua, cético.

– Quem não gosta de ópera? – questionou a mãe.

Joshua bufou.

– Beatrice me disse que a única coisa de que ela não gosta em Londres é ópera. E, pelo que eu sei, Grey não gosta de frequentar a sociedade sem levar minha irmã.

– Sim, esses dois ainda estão completamente apaixonados – comentou Gwyn, tentando esconder a inveja. – Para ser sincera, mamãe, embora eu tenha um vestido maravilhoso, talvez eu também não vá.

Tudo dependeria da conversa dela com Joshua.

Ele a encarou.

– A senhorita iria à ópera apenas para usar um vestido novo?

Gwyn se forçou a usar um tom de voz leve, embora não se sentisse nada leve.

– É claro que não. Eu iria à ópera para ser *vista* usando o meu vestido novo.

Joshua deu risada, e o nó no estômago dela aliviou um pouco pela primeira vez naquele dia. Se ela ainda conseguia levá-lo a rir, talvez ele não estivesse *tão* furioso com ela.

Não era, porém, a raiva dele que a assustava, mas o desprezo por ela não ser uma mulher pura. Não que Gwyn se achasse merecedora disso, mas se Joshua se mostrasse o tipo de homem que acreditava nessa punição, ela não sabia se conseguiria suportar.

Lydia se levantou e pegou as taças, entregou-as ao criado e pediu que ele conseguisse um coche de aluguel para eles. Quando o homem se afastou, ela disse:

– Espero que vocês não se incomodem, mas não gostaria de voltar andando. Se quiserem, podem ir vocês dois e o criado.

– Vamos com a senhora, mamãe – disse Gwyn.

Porque se ela e Joshua voltassem caminhando, ele ia querer falar sobre

Lionel, e ela não queria conversar sobre isso em público.

Quando a mãe assentiu e se encaminhou para a rua, Joshua ofereceu o braço para Gwyn, que o aceitou. Ele desacelerou o passou para que pudessem ficar um pouco atrás da duquesa. Gwyn sabia que era de propósito, porque, mesmo com a perna ruim, ele quase sempre era capaz de acompanhar o ritmo normal de uma caminhada.

– Sabe a suíte que está fechada no terceiro andar? – murmurou ele.

– A Suíte das Tapeçarias? – perguntou ela.

– É assim que a chama?

– Considerando que tem tapeçaria em todas as paredes? Sim.

Ele lançou um olhar escrutinador para ela.

– Precisamos conversar. Em particular, e acho que lá pode ser um bom lugar. Encontre-me lá assim que conseguir se livrar da sua mãe quando chegarmos a Armitage House.

– Certo.

O estômago dela revirou. Seria a hora do acerto de contas. De certa forma, Joshua a tinha pedido em casamento, mas apenas como uma maneira de calar Lionel. Ainda assim, depois de tudo que tinham feito juntos, Gwyn acreditava que ele talvez realmente quisesse...

Ela suspirou. A verdade era que ela não sabia o que esperar dele. Teria que estar preparada para qualquer coisa.

Mas se Joshua a condenasse pelo passado, ela não sabia se seria capaz de perdoá-lo.

CAPÍTULO DEZESSETE

Enquanto andava de um lado para outro no piso coberto de tapetes do quarto da Suíte das Tapeçarias, Joshua começou a se perguntar se Gwyn realmente apareceria. Já estava esperando havia algum tempo, e quanto mais esperava, mais perguntas surgiam. E mais furioso ele ficava.

Ela mentira para ele várias vezes sobre Malet. E, considerando que orn subornara o canalha dez anos antes, ornstock também mentira para ele, tanto sobre a conexão de Gwyn com Malet como sobre a natureza da ameaça que ele representava para ela.

Quanto ornstock sabia sobre o passado deles? Joshua podia acreditar nas acusações de Malet?

Bem, ele precisava acreditar. De outra forma, Malet não teria motivo para chantageá-la.

– Desculpe por ter demorado tanto – disse Gwyn ao entrar e trancar a porta, para a surpresa dele. – Foi difícil me livrar da mamãe. Ela *finalmente* subiu para tirar um cochilo, depois que eu me recusei a conversar sobre... nós.

– E por que se recusou?

– Ela está achando que vamos nos casar – disse Gwyn, sem rodeios. – Mas não se preocupe. Eu dei um basta nessa ideia.

Inferno. Parte dele tinha começado a nutrir esperanças. O que só mostrava o tolo que ele era.

– Porque você jamais se casaria comigo.

– Não seja bobo. Se as coisas fossem diferentes... – Ela soltou um suspiro de cansaço. – Mas não são. Eu não sou tola o suficiente para prender você à

promessa... ameaça... que fez a Lionel. De que se ele tentasse me arruinar publicamente, você salvaria a minha reputação se casando comigo. Para começar, eu sei que você só estava tentando me proteger. Além do mais, você merece ter o tipo de esposa que realmente deseja.

Isso o pegou desprevenido.

– E que tipo de esposa seria essa?

– Você sabe – disse ela, acenando com a mão –, uma esposa acima de qualquer suspeita, que não tenha um... passado maculado.

– Ah, é claro – respondeu ele, com sarcasmo –, porque eu sou acima de qualquer suspeita e por isso preciso de uma esposa assim. Não importa que eu não consiga andar direito, que eu me assuste com barulhos altos e tenha problemas para controlar meu temperamento... Que eu quase tenha espancado um homem até a morte em um ataque de fúria hoje...

– Para me defender!

Quando ele levantou uma sobrancelha, Gwyn foi até a janela e ficou olhando para fora.

– Não pense que não percebi *por que* ficou com tanta raiva dele. Você percebeu que eu... não sou tão inocente quanto acreditava, e colocou a culpa em Lionel – disse ela, muito empertigada. – E, até certo ponto, em *mim*.

– *O quê?* Não foi por isso que eu fiquei com raiva, pelo amor de Deus. Foi porque Malet estava ameaçando você, tentando ganhar dinheiro por causa do que vocês tiveram no passado. Qualquer homem que faça isso não vale o chão em que pisa.

A respiração de Gwyn ficou irregular, como se estivesse à beira das lágrimas, e ela ainda não estava olhando para ele.

– Você não entende...

– Eu entendo perfeitamente. O miserável se aproveitou de você quando era jovem, recebeu dinheiro do seu irmão para colocar fim no assunto e então tentou voltar e se aproveitar de você de novo, mas de outra forma. Ele é um aproveitador de mulheres, Heywood me contou isso. E saber da forma como ele agiu com você, da forma como ele está agindo agora, só confirmou isso.

Gwyn fixou um olhar tão sombrio e hesitante em Joshua que ele sentiu o

coração se partir.

– Parece que você está supondo que ele me forçou a ir para a cama com ele, mas não foi assim. Eu permiti.

Joshua parou por um instante, mas, ao perceber, disse:

– Isso não importa. Ele sabia o que estava fazendo e você não. Ele estava em uma posição de vantagem. Como...

Joshua quase revelou o segredo de Beatrice sobre o tio Armie, mas se deteve a tempo.

– Eu já vi cafajestes como Malet em ação. Inferno, se seu irmão não tivesse se casado com Beatrice, eu teria cortado a cabeça dele por ter ousado se aproveitar dela, sendo duque ou não. E certamente não culparia *ela* por isso.

Gwyn franziu a testa, frustrada.

– Você ainda não entende. Eu realmente me apaixonei por Lionel.

Ele ignorou a dor que as palavras causaram.

– Eu imaginei isso, mas a única coisa que importa é se você ainda está apaixonada por ele *agora*. E eu acho que não.

Ela piscou, como se aquela fosse uma observação boba.

– É claro que não. Quando ele aceitou o dinheiro de orn, a máscara dele caiu e eu vi quem ele realmente é: o pior tipo de canalha que existe. Embora eu só tenha percebido isso muito tempo depois de ele ter ido embora, de ter me abandonado e roubado minha castidade. Na verdade, só fiquei sabendo do esquema de orn e o que ele representava alguns meses depois que Lionel se foi.

– É por isso que você ainda tem raiva do que orn fez?

– Em parte.

Como ela não deu mais nenhuma explicação, Joshua se segurou para não praguejar. Magoava-o saber que ela ainda não confiava todos os seus segredos a ele, mas não podia culpá-la. Malet a ensinara a não confiar nos homens. Em alguns aspectos, orn também.

– Só há uma coisa que eu não entendo em tudo isso – disse ele. – Quando seu irmão pagou para Malet ir embora, ele *sabia* que o sujeito tinha seduzido você?

– Duvido muito, pois ele não teria dado nem um centavo a Lionel se soubesse. E, mesmo depois do desaparecimento misterioso dele, eu não contei nada a orn, temendo que ele desafiasse Lionel para um duelo quando ele voltasse. Eu não sabia que Lionel tinha ido embora para sempre, entende? Simplesmente achei que ele havia sido transferido para outro posto ou... Eu não sabia o que pensar. Fiquei esperando uma carta que nunca chegou, uma visita que nunca aconteceu.

Meu Deus, era pior do que Joshua tinha pensado. Não era de espantar que ela tivesse ficado com raiva de ornstock. O duque deixara a irmã gêmea abandonada. É claro que ele deve ter pensado que estava fazendo a coisa certa, mas...

– Mesmo quando orn me contou tudo, o que ele só fez porque eu estava definhando por causa de Lionel, eu continuei sem contar sobre o meu relacionamento físico com Lionel, porque termia que orn fosse atrás dele para um duelo.

– ornstock provavelmente teria vencido, a julgar pela fama que tem de ser habilidoso com uma pistola.

– Eu não tinha como saber. E, além de não querer que orn morresse, eu não queria que ele arruinasse a própria vida matando Lionel. Afinal, nem mesmo o enteado de um embaixador britânico pode matar um soldado e sair impune. Além disso, não esperávamos que nosso padrasto se tornasse duque, então...

– Isso teria arruinado o futuro *dele* na diplomacia.

– Exatamente.

Outra questão ocorreu a ele.

– Então ornstock *ainda* não sabe que Malet seduziu você?

– Ele não sabe, e prefiro que continue assim.

Joshua se lembrou da ameaça dela de entregar o irmão e Malet se eles marcassem um duelo.

– Então suponho que você também não contou a ele sobre a chantagem.

Ela olhou para Joshua como se ele estivesse louco.

– Eu teria que explicar o motivo.

– E, de novo, você teve medo de que ele quisesse duelar com Malet?

– Sim.

– Então o que você *disse* a ele quando Malet apareceu na propriedade na semana passada?

– Que Lionel me convidou para um encontro para retomarmos nosso relacionamento e que eu fui pessoalmente encontrá-lo para que ele entendesse que eu não estava mais interessada. E que, nessa ocasião, Lionel tinha tentado me sequestrar.

Joshua olhou para ela, boquiaberto.

– E o seu irmão *acreditou* nessa "besteira", para usar sua palavra preferida?

– Acreditou, mas foi nesse momento que ele decidiu que eu precisava de um guarda-costas.

Cruzando os dedos em cima da barriga, ela abriu um sorriso sem graça.

– Acho que ele se sentiu tão culpado por ter afastado Lionel anos atrás que nem pensou muito se eu estava falando a verdade.

Joshua ficou furioso de novo.

– Isso significa que você e seu irmão mentiram para mim sobre o meu propósito aqui. Se pelo menos um de vocês tivesse me contado a verdade sobre a chantagem...

– Eu não contei porque você teria ido direto contar a orn. Afinal, é ele quem está lhe pagando – disse Gwyn, de queixo erguido. – E orn não contou porque ele não confia em ninguém, nem em mim. Provavelmente ele achou que seria melhor nos concentrarmos no que ele acredita ser verdade: que Lionel estava tentando me sequestrar.

– E quando chegamos a Londres? Se você tivesse contado a nós dois sobre a chantagem...

– Vocês dois saberiam que eu sou... aquilo de que Lionel me chamou. – Ela endireitou os ombros. – Uma meretriz.

Joshua bufou.

– Nenhum de nós teria achado isso.

– Não? Confie em mim, às vezes orn pode ser bastante puritano. E você não me parece o tipo de homem que aceita fornicação.

Joshua estava começando a entender qual era a raiz do problema. E

como Malet, esperto do jeito que era, atingira o calcanhar de aquiles de Gwyn, a única coisa que a manteria em silêncio. Assim como os ligamentos e músculos dilacerados da perna de Joshua, que ainda doíam mesmo depois de cinco anos, o ferimento dela estava escondido, e ninguém além de Lionel era capaz de vê-lo. O que era pior, o cretino sabia exatamente onde pressionar para causar dor.

– Você está com medo do que orn vai pensar de você.

Joshua se aproximou, com o coração pulsando alto. Estava quase conseguindo entender os motivos de Gwyn.

– Está com medo de descobrir o que eu penso. Foi por isso que escolheu não contar a verdade a ninguém. Escolheu me rejeitar antes que eu pudesse pedir você em casamento. É por isso que você inventou esse absurdo de que eu mereço outro tipo de esposa.

– Eu realmente acho isso.

– Eu não sei o que mereço, mas sei o que eu quero – disse ele, olhando para aquele rosto encantador. – E não sou idiota para me basear em nada do que Malet tenha dito. Muito antes de ele aparecer em nossas vidas, eu já tinha uma opinião formada sobre você e sobre a sua família, pelo que Beatrice me contava. Eu prestei atenção em cada detalhe, principalmente nos que lhe diziam respeito.

Por um momento, ela arregalou os olhos e sua expressão ficou menos tensa.

– Mesmo? Porque você parecia me ignorar na maior parte do tempo.

– Eu sei, mas isso era uma tentativa de autopreservação. Eu já sabia como você é perigosa.

– Perigosa? Eu não sou perigosa.

– Você é mais perigosa do que pensa, pelo menos para a minha paz de espírito. Porque, embora eu tentasse me enganar, eu sabia que você tem a capacidade de causar estragos na minha vida cuidadosamente fabricada.

Ela ficou tensa.

– Como? Expondo você aos meus caprichos de meretriz?

– Você não é me... – Joshua se interrompeu, e bufou antes de perguntar: – Você sabe o que um major fuzileiro real faz, Gwyn?

– Batalha?

– Lidera homens. Milhares de homens. Para chegar à minha posição, precisei aprender a avaliar as situações. Desenvolver estratégias. Acima de tudo, eu precisava prestar atenção às qualidades dos soldados e dos oficiais subordinados. Eu precisava saber quem tinha provado seu valor, quem poderia assumir papéis de liderança, quem conhecia a arte da guerra. Eu precisava saber julgar um caráter, e eu sabia, por isso cheguei a major ainda tão jovem.

– Exatamente – disse ela, em um tom derrotado. – E é por isso que você é considerado um herói. Também é por isso que merece uma esposa que esteja acima de qualquer suspeita.

– Você quer dizer uma esposa que não seja uma "meretriz".

Ela ergueu o queixo.

– Sim.

A teimosia dela em relação a isso começava a irritá-lo.

– Com toda a minha experiência em julgar pessoas, eu sei muito bem a diferença entre uma mulher que foi desencaminhada e uma "meretriz". Me diga, Gwyn, quantas vezes você foi para a cama com Malet?

– Só uma, eu garanto.

Isso não fazia diferença, embora Joshua tenha ficado surpreso por ter sido apenas uma vez. Mas no fim das contas ele acreditava nela. Gwyn ficava tão linda quando estava nervosa que não poderia ser diferente. Ele queria rir da situação, mas sabia que não seria bem interpretado.

– E com quantos homens, além dele, você foi para a cama?

– Com nenhum. Mas para vocês não importa a quantidade, não é mesmo? Nem para a sociedade como um todo. Uma vez que a mulher perde a virgindade...

– Você não é uma meretriz – interrompeu ele, balançando a cabeça. – Se alguém nessa história merece ser rotulado, esse alguém é Malet.

– Infelizmente, homens não recebem esse tipo de rótulo – afirmou ela.

– Não vejo por que não deveriam. Até onde eu sei, Malet levou várias mulheres para a cama, e recebeu uma boa soma do seu irmão depois de ter seduzido você. Se *isso* não é a definição de meretriz, não sei o que é.

– Bem, alguém deveria dizer isso a *ele*.

Ela cruzou os braços.

– Acredite em mim, querida, se você aceitar todo insulto ou xingamento, vai passar a vida se esquivando deles. A opinião de algumas pessoas não vale nossa preocupação. Confesso que ainda estou aprendendo essa lição, mas estou melhorando.

– Exceto em algumas situações.

Ela abriu um sorriso.

– Verdade.

– A questão é, agora que você sabe que não sou o tipo de mulher com quem você gostaria de se casar...

– Você não faz ideia do tipo de mulher com quem eu gostaria de me casar.

Joshua foi até ela e, quando pareceu que Gwyn recuaria, ele a segurou pela cintura e a puxou para mais perto.

– Eu não me importo com Malet nem com o que você fez com ele. Você acha que fui puro por toda a minha vida? Porque eu posso garantir que não.

Ela o encarou.

– É diferente para os homens, e você sabe disso.

– Pois não deveria.

– Você não acredita nisso.

– Acredito, sim. O mundo seria um lugar melhor se existissem mais cavalheiros que tratassem as mulheres como damas.

Ela apoiou as mãos nos ombros dele.

– Agora você está parecendo um puritano, que sei muito bem que não é.

– Não perto de você – disse Joshua, mas ao notar que ela pareceu magoada acrescentou logo: – E não tem nada a ver com essa sua invenção de ser "meretriz". Tem muito mais a ver com o fato de eu não conseguir resistir a você. Eu me esforcei muito para isso ao longo dos últimos meses, mas tudo que consegui foi desejar você ainda mais.

Ela abriu um sorriso triste para ele.

– Isso é porque você está com essa ideia maluca de se casar comigo para me salvar de Lionel. Porque o seu código de cavalheiro diz que essa é a única

forma de fazer amor comigo, mas não é. Você não precisa mais se preocupar em me deflorar ou em me "arruinar". Você me deseja, não deseja?

Inferno, a simples ideia de possuí-la acabava com o autocontrole dele.

– Gwyn...

Ela colocou um dedo sobre os lábios de Joshua.

– A única forma de satisfazer esse desejo é me levando para a cama. Aqui. Agora.

Ela olhou para trás dele.

– E, de forma muito conveniente, há uma cama neste quarto. Como você foi esperto em marcar nosso encontro aqui.

– *Gwyn*...

– Agora que sabe que não sou inocente como achava, você pode me possuir, Joshua. Alivie o seu desejo por mim e veja como se sente quando acabar. É a única forma de eu levar a sério qualquer proposta de casamento que você fizer.

– Não vou permitir que você se sacrifique em uma tentativa bizarra de provar que sou um canalha, Gwyn. Só porque Malet abandonou você não quer dizer que eu faria o mesmo. Sem falar...

Ele parou antes de destacar que ela poderia acabar engravidando. Se ela *quisesse* se casar com ele, engravidar poderia ajudá-lo a convencê-la a fazer uma coisa que ela já queria.

E a ideia de Gwyn carregando um filho dele só fez com que Joshua quisesse ainda mais levá-la para a cama.

Ela o estava encarando.

– Sem falar o quê?

– Esqueça... Mas se você me deseja...

– Você acha que eu estava *fingindo* meu desejo ontem à noite? Porque você certamente deve saber que não.

Ele gemeu. Ela estava certa. E se ela o desejava, era uma questão totalmente diferente.

– Você não é uma meretriz – afirmou ele, com a voz rouca. – Mas você é, definitivamente, uma sedutora, uma sereia irresistível e encantadora...

Gwyn o beijou. Um beijo doce. Erótico.

Joshua jogou tudo para o alto. Ele a desejava, ela o desejava. E se, no processo de levá-la para a cama, ele conseguisse provar a ela que *realmente* tinha a intenção de torná-la sua esposa, melhor ainda.

CAPÍTULO DEZOITO

Quando ele se afastou para tirar a touca da cabeça dela, Gwyn começou a tirar a gravata dele. Ela sabia que as intenções dele eram boas. Ele realmente achava que não se importava com o que ela fizera com Lionel, mas é claro que se importava.

Ela não queria que um gesto nobre o obrigasse a assumir um compromisso que levasse a um casamento infeliz se tudo que ele queria era apenas tê-la em sua cama. Além do mais, *ela* também queria ir para a cama com ele. Seguindo os desejos de ambos, Gwyn poderia aliviar, de uma vez por todas, a necessidade ardente dele, e também teria a chance de... descobrir como era encontrar o prazer com o único homem de quem gostara nos últimos dez anos.

Então ela tirou a gravata de Joshua e se entregou ao beijo absurdamente sedutor. Ele já provara que beijava muito bem. Em especial aqueles beijos que iam além de sua compreensão, aqueles que ele dera entre as suas coxas na noite anterior.

Só de pensar *naqueles* beijos, sua pulsação acelerou loucamente.

Como se fosse capaz de ler a mente dela – algo que ele parecia fazer com *muita* frequência –, ele afastou os lábios dos dela para murmurar: – Você disse que havia uma cama neste quarto.

Gwyn pegou fogo.

– E há.

Pegando-o pela mão, ela o levou para a cama com dossel e cortina. Aliviada por ver lençóis na cama, Gwyn abriu a cortina. Não gostaria que

sua primeira vez, possivelmente *única*, com Joshua fosse em um colchão descoberto.

Nesse momento, sentiu Joshua abrir seu vestido por trás. Lembrou que Lionel nem se incomodara em despi-la, apenas levantara sua saia e entrara em ação.

Mas Joshua... bem! Ele não estava com pressa, nem apressava Gwyn. Seus movimentos lentos deram tempo para que o corpo dela se preparasse, para que o desejasse ainda mais. Não que isso fosse necessário. Seu corpo mais do que ansiava por ele.

Ele afastou as laterais das costas do vestido dela e soltou as fitas do espartilho. Então beijou sua nuca.

Meu Deus. A sensação da barba por fazer era deliciosa. Quem poderia imaginar que um mero beijo a levaria a desejar arrancar as roupas e se jogar nos braços dele?

– Você tem certeza de que sua mãe não virá procurá-la? – perguntou ele.

– Eu disse que não estava me sentindo bem.

Joshua mordiscou o lóbulo da orelha dela, levando Gwyn a arfar.

– Que... que eu ia me deitar... para me sentir melhor para... ir à ópera hoje à noite. E eu disse... à minha aia... para não me incomodar.

– Será que ela vai escutar? – perguntou ele em um murmúrio. – Ou terei que abafar você?

– Que ideia... intrigante...

O homem sabia como fazê-la se derreter. E desejar. Desejá-lo em *todos* os lugares. Quem teria pensado tal coisa a respeito do major ranzinza?

Joshua enfiou as mãos por dentro do vestido dela até a frente e libertou os seios para receberem suas carícias. Ela estava decididamente quente lá embaixo, embora as carícias tivessem sido por cima do tecido. Quando ele passou o polegar pelos seus mamilos entumecidos ela gemeu alto de prazer.

– Honestamente, não entendo por que algum cavalheiro ainda não a tomou para si – sussurrou ele no ouvido dela. – Acha que eu não vi a pilha de cartões de visita quando cheguei esta tarde? Mas isso não me surpreende. Você parecia uma deusa ontem à noite.

De repente, a voz dele ficou mais rouca.

– Ouso dizer que, até o final da semana, metade dos solteirões elegíveis de Londres estarão cobrindo você de propostas.

Ela prendeu a respiração, sem saber se ficava feliz por ele estar com ciúmes ou se achava ruim a colocação de Joshua, como se ele esperasse que ela aceitasse uma das propostas. Gwyn se preparou para ouvi-lo mencionar a herança dela, como naquele dia em Cambridge, como se ela só tivesse isso a seu favor. Se ele fizesse isso, ela sairia do quarto na mesma hora.

– Eu odiei cada sujeito que dançou com você enquanto eu não podia, que se aproximou para conversar com você e sentir seu perfume – confessou ele, aspirando o perfume do cabelo dela. – Você tem aroma de limão e mel, de chuva de verão... Tenho vontade de me esfregar na sua pele e... Soou estranho, não é? Acho que não fui muito poético.

Talvez não, mas como aquele homem às vezes sabia ser fofo. Embora ela achasse melhor não dizer isso. Homens não gostavam de ser considerados "fofos".

A coisa mais importante é que ele *a* desejava, não o dinheiro dela.

– Eu já tinha ouvido você sendo poético uma ou duas vezes, mas não é poesia o que quero de você agora.

Ela cobriu uma das mãos dele com a sua e a levou até aquele local no meio de suas coxas que ansiava por ele.

– Eu quero *isto*... quero você me tocando das formas mais íntimas. Quero você dentro de mim.

Ele gemeu.

– Ah, Gwyn... Que Deus me ajude... Não diga essas coisas, senão vou acabar antes mesmo de começar. Já estou suficientemente louco só por estar abraçando você desta forma.

Ele pressionou sua carne rija contra ela.

– Consegue sentir o que faz comigo? Estou desesperado para sentir você...

– O que está te impedindo? – perguntou ela, com a voz rouca.

– O fato de que estou determinado a deixar você tão louca por mim quanto eu estou por você. A fazer com que entenda quanto eu quero me casar com você.

Gwyn gemeu quando Joshua roçou o membro entre as pernas dela.

– Casamento... e desejo são duas coisas diferentes.

Uma mulher deveria manter essas coisas separadas, senão acabaria em uma séria enrascada.

– Como você sabe? Você não se casou... Ao menos não ainda.

Joshua afastou a outra mão do seio dela, mas só para poder tirar os grampos de seu cabelo. Quando os cachos longos caíram sobre as costas dela, ele murmurou: – Seu cabelo parece feito de lava... Você não tem ideia de quanto desejei poder passar os dedos nele.

– Então deveria ter tentado antes – sussurrou ela em um tom de implicância, inebriada com a confirmação de que ele não estava atrás de sua fortuna.

– Duvido que sua família tivesse aprovado.

Ele acariciou o cabelo dela com tanto carinho que Gwyn sentiu um nó na garganta.

– Provavelmente ainda não aprovaria.

Ela se virou para encará-lo.

– Então não vamos contar nada a eles.

– Não até que você aceite se casar comigo.

– Exatamente – mentiu ela.

As palavras que ele dissera mais cedo ainda martelavam em sua cabeça: *Só porque Malet abandonou você não quer dizer que eu faria o mesmo*.

Ele estava agindo de maneira nobre, mas não era isso que Gwyn queria. Além do mais, a proposta provavelmente não estaria de pé quando ela terminasse de contar seus outros segredos, mas não havia por que trazer isso à tona agora. Porque, antes de fazer isso, queria tê-lo em sua cama.

Ela puxou o casaco dele, tentando sem sucesso se livrar da peça, até que Joshua assumiu a tarefa e o jogou longe. Passando as mãos pelas mangas dele, ela se deliciou com a sensação dos músculos se contraindo sob seus dedos.

– Como eu *queria* fazer isto... Tocar você, acariciar todo o seu corpo.

– Ah, Gwyn, que inferno... Você sabe seduzir um homem com palavras.

Ele soltou as mangas do vestido dela até que ele formasse uma piscina no

chão.

– É isso que estou fazendo? Seduzindo você?

Ela arfou quando ele desamarrou seu espartilho e então puxou-o com um movimento rápido, deixando-a apenas de cinta-liga, meia-calça e sapatos.

– Porque parece que é *você* que está *me* seduzindo.

– Fico lisonjeado que tenha percebido isso.

Ele deu um passo para trás para fitá-la, e o inchaço já visível em suas calças cresceu ainda mais.

– Você é tão linda. E engraçada, e inteligente, e gentil. Malet só pode ser louco por ter aceitado ficar com dinheiro, não com você.

As palavras estilhaçaram de uma vez por todas o núcleo da indignação que estava dentro dela havia anos, que ela mal sabia ter até que Joshua o destruísse.

Ele parecia determinado a substituir essa sensação por um calor que tomava conta dela. Ele se aproximou para tocar as pernas dela, causando um tremor delicioso, e disse, com a voz rouca: – Eu adoro a sensação dos seus pelos úmidos, da sua carne macia... Isso me deixa louco por você.

Os dois respiravam aceleradamente. Louca para ver Joshua nu, Gwyn abriu o colete dele e alguns botões da camisa, então os arrancou, expondo o peitoral.

Como ela imaginara, era uma visão magnífica. Apesar de algumas cicatrizes aqui e ali, provavelmente causadas por lutas com espada, a glória dos músculos bem trabalhados permanecia intacta. Pelos escuros cobriam a parte de cima do peitoral e iam ficando mais escassos à medida que desciam pelo abdômen até sumirem perto do umbigo.

Ela passou a mão pela deliciosa carne masculina e lhe lançou um olhar atrevido.

– Nossa, major Wolfe, que belos músculos você tem...

– Para abraçar você melhor – sussurrou ele.

Mas quando ela tentou abrir o botão da calça ele a impediu.

– Não – disse ele, com firmeza. – Tenho cicatrizes muito mais feias do que essas no meu peito.

– Eu pareço o tipo de mulher que vai desmaiar ao vê-las?

– Você não seria a primeira.

Quando ela franziu a testa, ele foi até a cama e se sentou para tirar as botas.

– Como eu disse, não fui um santo por todos esses anos. Mas a única vez que eu tentei me deitar com uma mulher depois que me machuquei, ela ficou... assustada o suficiente com as minhas cicatrizes para me implorar que fosse embora.

Gwyn ficou indignada por ele.

– Quem *era* essa mulher?

Ele esticou a perna ferida.

– Uma certa viúva de Leicester.

– Bem, isso é ridículo! Ela certamente não conhecia as suas... habilidades como amante, caso contrário não teria sido tão melindrosa.

Ele abriu um fraco sorriso.

– Não diga isso. Você não viu as cicatrizes.

Ela tirou os sapatos, mas quando ia começar a tirar a cinta-liga ele pediu: – Não tire. Ver você com elas me deixa louco...

– A ideia de deixar você louco *me* deixa louca – disse ela rindo.

Gwyn foi até onde ele ainda estava sentado na cama e ele a puxou para poder sugar seus seios com entusiasmo. Sem levantar da cama, ele desabotoou a calça e a cueca, então abaixou-as apenas o suficiente para expor o membro latejante. Mas, antes que ela conseguisse ter uma visão clara dele, Joshua a puxou para seu colo.

– O que você está fazendo? – perguntou ela. – Eu quero ver o seu...

– Depois.

– Mas sentada aqui certamente vou fazer você sentir dor na perna.

– Eu pareço estar com dor? – perguntou ele, e começou a acariciar os seios dela com grande habilidade.

Gwyn cedeu. Se ele não queria que ela visse sua perna ferida, ela aceitaria. Não queria que Joshua recuasse a cada toque ou interpretasse mal a curiosidade dela. Queria que ele fizesse amor com ela da forma que, instintivamente, ela sabia que faria.

– Monta em mim – ordenou ele, mostrando no rosto toda a sua excitação. – Por favor.

A ideia a seduziu, excitando a parte de Gwyn que certamente era uma meretriz, independentemente do que ele dissesse. Ela não sabia exatamente como seria isso de montar nele, mas queria descobrir.

Joshua a segurou pela cintura e a posicionou até que estivesse ajoelhada na cama, com uma perna de cada lado do quadril dele, e o traseiro sobre suas coxas. Gwyn imediatamente percebeu qual era o objetivo.

Meu Deus... Ela nunca pensara em nada parecido.

– Senta em mim – ordenou ele, com aquela voz rouca que sempre a seduzia. – Eu preciso entrar em você.

– Tem certeza que não vou machucar você?

– Se você não parar de perguntar se vai me machucar, eu juro...

Ele parou quando a viu recuar.

– A perna ruim está esticada, você não está colocando o peso nela. E, honestamente, você vai me machucar mais se *não* me colocar dentro de você.

Gwyn obedeceu e a sensação foi maravilhosa. Ele a completou tão plenamente que ela achou que fosse derreter.

– Ah, Joshua...

Ela se contorceu um pouco para se encaixar melhor nele e ele gemeu.

– Meu Deus do céu... Você é tão apertadinha e quente... não vou sobreviver a isto.

– *Estou* machucando você! – exclamou ela.

– De jeito nenhum – respondeu ele em um grunhido, e a segurou quando ela tentou se levantar. – Mas se você puder se mover assim, para cima e depois para baixo... Isso, querida, exatamente assim... De novo... antes que eu perca a cabeça.

– Ah... *entendi*...

Ela era uma tola. Fazia tantos anos desde que fora para a cama com alguém, mas se lembrava do movimento.

Quando Gwyn começou a subir e descer, Joshua fechou os olhos em uma expressão incomparável de prazer.

– Isso, cavalgue sobre mim – disse ele, rouco. – Isso, assim... Você não imagina há quanto tempo eu sonho com você em cima de mim dessa forma.

Ela abriu um sorriso trêmulo.

– Você certamente escondeu bem.

– Não estou escondendo agora, estou? Meu Deus, é tão... bom.

– Acho que tão bom quanto... para mim – disse ela.

E era verdade. Não havia nada do constrangimento, do desconforto ou do incômodo que sentira em sua primeira vez, apenas uma energia selvagem que tomou conta dela até que estivesse realmente cavalgando nele, se segurando em seus ombros, se contorcendo em cima dele, em busca da mesma explosão física que sentira na noite anterior.

Ele também devia estar em busca disso, a julgar pelos gemidos e pela forma como segurava a cintura dela para incitá-la a continuar. A sensação foi se avolumando lentamente dentro dela de novo, mas dessa vez ela conseguiu controlar, conseguiu segurar um pouco mais, o suficiente para ficar mais gostoso, mais ardente, até levá-la ao...

Paraíso.

– Isso!

Joshua a puxou com força e se derramou dentro dela.

– Isso, querida, isso!

Definitivamente era *isso*. Enquanto o corpo dela estremecia, ela se segurou nos ombros de Joshua como quem segura a própria vida, desfrutando o êxtase, tentando saborear até a última gota.

Quando ela perdeu a força e relaxou, Joshua beijou seu pescoço, seu cabelo, suas orelhas, onde conseguiu alcançar.

Que Deus a ajudasse. Aquilo era melhor do que qualquer coisa que ela já havia sentido. E agora que experimentara com ele, não queria mais abrir mão. Não queria abrir mão *dele*. Talvez ele concordasse em ser seu amante.

No fundo ela duvidava disso. No entanto, se Gwyn contasse tudo a ele e ele se recusasse a se casar com ela...

Ela não sabia se seria capaz de suportar.

CAPÍTULO DEZENOVE

Fazia cinco anos ou mais que ele não se deitava com uma mulher, mas tinha certeza absoluta de que nada que experimentara antes se comparava a isso. Ter Gwyn em seus braços, em seu colo. Estar dentro dela. Por mais estranho que pareça, quando sua ereção diminuiu ele só desejou ainda mais possuí-la de novo.

Ele jamais adivinharia que ela não era inocente. Ela era tão apertada e, em alguns momentos, tão ingênua... Tendo ido para a cama com Malet apenas uma vez, era praticamente virgem.

Ela se contorceu um pouco, e o membro dele deslizou para fora dela.

– Você está bem?

O que ele queria perguntar era o que ela havia achado dele em comparação com Malet, mas não tinha certeza se queria mesmo saber. Afinal, praticamente não se importara com ela em sua ânsia de possuí-la.

Mas ela soltou um suspiro de satisfação.

– Sinceramente, eu não sei. Foi... fantástico.

Graças a Deus.

– Para mim também. Mas, ao contrário de você, eu sabia que seria assim.

Ela beijou a têmpora dele.

– Você tem tanta certeza assim sobre mim? – perguntou ela timidamente.

– Mais ou menos.

Mas ele queria ter, o que significava pedi-la em casamento. Seria a única

forma de provar que levá-la para a cama não mudava em nada o que ele queria.

Ainda assim, agora que era chegada a hora de fazer a proposta, um pânico estranho tomou conta dele. E se Gwyn recusasse? Ela já se mostrara relutante em relação ao casamento antes. Segundo ela, porque ele merecia um tipo diferente de mulher. E se essa não fosse a verdadeira razão?

Talvez ele devesse rezar para ter colocado um bebê na barriga dela. Isso resolveria tudo. Gwyn teria que se casar com ele. Ela não ousaria não aceitar.

Mas esse não era o caminho para o coração de uma mulher, ele tinha certeza disso.

Joshua respirou fundo e absorveu o aroma do pescoço dela, levando-a a suspirar.

– Acho que eu poderia ficar sentada em cima de você por dias.

– Acho que você ficaria desconfortável rapidamente – disse ele.

– Ah, querido, a sua perna! – exclamou ela e saiu do colo dele.

– A minha perna está bem, Gwyn.

Ele estava começando a ficar irritado com a insistência dela em pensar nele quase como um inválido, um homem que era apenas meio homem, digno de pena. Um homem que não a merecia. Talvez fosse por *isso* que ela se recusara a aceitar a ideia de se casar com ele. Talvez não fosse a vergonha dela em relação ao passado, afinal.

E se ela só o quisesse para *isso*?

Ao se levantar da cama, Joshua abotoou a cueca antes que ela conseguisse ver suas piores cicatrizes.

– Espere, eu quero ver...

– O quê? As cicatrizes que me tornam inadequado para me casar com a filha de um duque? Para que você possa sentir pena do pobre aleijado?

O choque no rosto dela fez com que ele se arrependesse imediatamente das palavras.

– Não fale assim de si mesmo! – exclamou ela.

– Por que não? É o que eu sou.

– Você é muito mais do que isso, você é o único que não quer ver.

Gwyn franziu a testa enquanto se levantava para pegar a camisa, e logo

se vestiu.

– Mas, antes que nós possamos nos casar e construir um futuro juntos, achei que você fosse *querer* se mostrar para mim, para que eu possa conhecer você totalmente, todos os aspectos da sua vida.

Em outras palavras, ela queria que ele desnudasse a própria alma, que revivesse todos os momentos de dor. Não, obrigado.

Sempre que alguém começa a se aproximar, você afasta a pessoa. E aí, logicamente, você acaba sozinho de novo.

Maldita Beatrice. Ela estava errada. Ele tinha uma razão muito justa para não deixar que Gwyn visse suas cicatrizes. Afinal, uma mulher já o rejeitara depois de vê-las. A ideia de Gwyn reagir do mesmo modo...

Não, ele não estava pronto para isso.

– Joshua – disse ela, baixinho –, pode confiar em mim.

– Do mesmo jeito que você confiou em *mim*? – respondeu ele. – Saindo às escondidas, ocultando o dinheiro da chantagem, mandando bilhetes para "Lionel" e marcando encontros secretos com ele? Você podia ter confiado em mim em vez de...

– Como você sabe que eu mandei um bilhete para Lionel?

Joshua gemeu ao ver o rosto dela ficar pálido. Ele já devia ter aprendido a não falar nada quando estava de cabeça quente. Porque era isso que acontecia, ele falava demais.

Ele deu de ombros e começou a tentar sair do buraco em que se encontrava.

– Bem... você mandou um bilhete para ele, não mandou?

A expressão dela endureceu.

– Você só teria como saber disso se estivesse me espionando, me seguindo. E aí você vem dizer que *eu* não confio em você? Você é tão mau quanto orn. Nenhum dos dois confia em *mim*.

– Com razão, aparentemente – disse ele, tendo aprendido como fuzileiro que a melhor defesa era o ataque.

Mas talvez não com as damas, a julgar pelo olhar gélido dela.

Rapidamente, ele se agarrou a algo que ela própria dissera antes.

– Você disse "antes que nós possamos nos casar". Isso significa que está

aceitando a minha proposta?

– Que proposta? – Ela baixou a cabeça para amarrar a camisa com dedos furiosos. – Você não me pediu em casamento.

Agora ela estava se concentrando no espartilho, mas era claro que não conseguiria fazer isso sozinha.

Ele foi ajudá-la.

– Não? – questionou ele, embora soubesse que realmente não havia feito o pedido.

Joshua terminou de amarrar o espartilho, então esperou enquanto ela puxava o vestido, que precisava ser abotoado.

– Porque eu podia jurar que sim.

– Você não pediu. Tocamos no assunto, você falou em rodeios.

Quando ele abotoou o vestido dela, ela acrescentou:

– Você disse a Lionel que se ele contasse alguma coisa sobre meu passado, anunciaria o nosso noivado. Mas você não fez um pedido de verdade.

– Talvez não. Mas você entendeu o que eu quis dizer. O que eu quero.

Ela se virou para encará-lo com aqueles olhos verdes como um lago na floresta, olhos nos quais um homem poderia se afogar. *Estava* se afogando.

– Porque agora eu consigo ler a sua mente? – perguntou ela. – Falar que anunciaria o nosso noivado foi apenas uma ameaça por causa do mau comportamento de Lionel. Não envolveu um pedido *real*. Ou você está pensando duas vezes a respeito do casamento agora que me levou para a cama?

Ela pegou a touca e enfiou o cabelo para dentro.

– É por isso que resolveu brigar comigo?

– Eu não resolvi brigar com você. Eu só estou...

– E no caso de você estar na dúvida, Joshua, a única pessoa que sente pena de você é você mesmo.

Gwyn foi na direção da porta. Nervoso, ele a seguiu.

– Mesmo se eu pedisse você em casamento, da forma como você quer, você não aceitaria, aceitaria?

– Você nunca deixaria o orgulho de lado e se arriscaria a receber um não

como resposta, portanto acho que nunca saberemos.

Então Gwyn saiu e fechou a porta.

Joshua ficou ali parado, sem palavras, com os punhos cerrados. Aquela mulher o estava deixando louco! *Resolvi brigar, até parece*, pensou ele. A única pessoa que resolveu brigar tinha sido *ela*. Estava claro que ela o desejava e que gostara de fazer amor com ele. O que mais ela queria?

Sempre que alguém começa a se aproximar, você afasta a pessoa. E aí, logicamente, você acaba sozinho de novo.

– Cale a boca, Beatrice! – gritou ele para as paredes.

O barulho de criados correndo o trouxe para a realidade. Ele gritara alto o suficiente para ser ouvido?

Inferno. Era melhor se vestir antes que o encontrassem. Ele mancou pelo quarto para pegar as peças de roupa, então acabou de se vestir. Quando uma criada e dois lacaios entraram, ele estava se dirigindo para a porta, com a bengala na mão.

– O senhor está bem? – perguntou a criada. – Escutamos gritos.

– Eu estava procurando uma coisa aqui e não consegui encontrar. Por favor, perdoem a minha frustração. Eu... às vezes falo sozinho.

Um dos lacaios deu um passo à frente.

– Se o senhor nos disser o que está procurando, major, talvez nós possamos...

Mas Joshua já tinha passado por eles e ido para o corredor. Deixe que falem. As pessoas sempre falavam dele mesmo. Era bom que tivessem um motivo melhor do que seus ferimentos de guerra.

Joshua, a única pessoa que sente pena de você é você mesmo.

Maravilha. Agora Beatrice *e* Gwyn estavam dentro da sua cabeça. Era hora de calar as duas. E Joshua tinha o lugar perfeito para fazer isso.

Já estava na hora de falar o que pensava ao duque de ornstock.

Gwyn mal chegara ao seu quarto no segundo andar quando escutou Joshua

gritando lá em cima. Droga! Isso faria todos os criados irem para lá correndo.

Ela se apressou para dentro do seu quarto, rezando para que a criada não estivesse lá. Por sorte, o quarto estava vazio, o que era uma coisa boa, pois estava prestes a chorar. E ela nunca chorava. Droga! Não podia deixar que ninguém a visse. Nunca poderia contar o verdadeiro motivo de sua tristeza.

Depois de arrancar a touca, ela se jogou na cama e começou a soluçar. Que covarde ela era! Em vez de querer dar a última palavra na discussão, deveria ter dito a Joshua que se casaria com ele. E se ela aceitasse e ele mudasse de ideia ao ouvir a história com Malet? Ela conhecia Joshua, sabia que ele se casaria com ela de qualquer forma se ela aceitasse a *não* proposta dele. Era o que um cavalheiro faria.

Isso a levou a chorar de novo, tanto que a princípio não escutou quando bateram na sua porta. Depois, ouviu a voz de Beatrice...

Ah, não. Beatrice não podia vê-la daquele jeito! Ela saberia quem teria deixado Gwyn naquele estado e então das duas, uma: ou defenderia o irmão ou daria um sermão nele. Talvez um sermão de outra pessoa fosse útil para ele.

Ela ainda estava tentando decidir o que fazer quando Beatrice disse, mais baixo: – Querida, eu vou entrar, a não ser que me diga para não fazer isso.

Talvez conversar com Beatrice fosse uma boa ideia. Ela devia ser capaz de explicar melhor por que Joshua era tão enlouquecedor. Certamente saberia se Gwyn tinha uma chance com ele, considerando as peculiaridades de sua situação.

Gwyn se sentou e pegou um lenço no bolso, então viu as manchas de quando limpara o sangue de Lionel do rosto de Joshua. Isso fez com que começasse a chorar de novo. A porta se abriu e Beatrice colocou a cabeça para dentro do quarto.

– Ah, minha querida, o que aconteceu? – perguntou ela, entrando e fechando a porta. – Posso ajudar?

Gwyn ainda estava olhando para o lenço ensanguentado através das lágrimas.

Quando Beatrice se aproximou, levou um susto.

– Você se machucou! Melhor eu ir chamar a sua mãe?

– Não! – disse Gwyn. – O sangue não é meu. E mamãe não pode saber.

– Tudo bem.

Beatrice tirou o lenço ensanguentado da mão dela e substituiu pelo seu próprio lenço.

– Aqui. Sei que não quer usar esse lenço sujo de sangue para assoar o nariz.

Gwyn abriu um sorriso agradecido quando enxugou os olhos e assoou o nariz. Então ficou ali sentada, olhando para o lindo lenço bordado de Beatrice.

A amiga sentou-se ao lado dela na cama.

– Posso perguntar de quem é esse sangue?

– Você jura que não vai contar para mamãe nem para Grey?

– Isso não me parece muito bom... – disse Beatrice, avaliando o pedido por um momento. – Eu não me importo de guardar segredo da sua mãe se você acha que isso vai fazê-la sofrer. Mas de Grey...

– Ele possivelmente cometeria um assassinato se soubesse o que vou lhe contar.

Beatrice piscou.

– Ele mataria Joshua?

– Joshua não. Bem, provavelmente não. Mas ele poderia matar Lionel Malet. Na verdade, ele teria que entrar na fila atrás de Joshua e orn, se eles soubessem a história toda.

Beatrice pegou a mão de Gwyn e deu um beijo nela.

– Então parece ser melhor que eles não saibam de nada. Não quero ver nem meu irmão, nem meu cunhado, muito menos meu marido na cadeia.

Gwyn suspirou e apertou a mão de Beatrice.

– Aí é que está a questão. Eu preciso contar a Joshua. Ou melhor, eu não tenho o direito de esconder isso dele se quiser me casar com ele.

Beatrice a fitou, pasma, depois abraçou a amiga.

– Ah, querida, isso é maravilhoso! Eu *sabia* que vocês dois iam acabar se casando. Todo mundo consegue ver que estão apaixonados.

– Bem, quanto a isso, eu não sei – disse Gwyn, aborrecida. – Até agora, ainda não falamos sobre amor.

E por quê? Provavelmente porque ambos se diziam céticos em relação ao amor. E com razão.

Gwyn ficou tensa. Aquelas eram as palavras que Joshua havia usado. E ainda a deixavam exasperada.

– Mal falamos sobre casamento. E não sei se ele se casará comigo quando souber que...

Ela começou a chorar de novo. Deus do céu, quando ela se tornara essa chorona? O que aquele homem estava fazendo com ela!

Beatrice a abraçou forte, dando tapinhas nas suas costas e dizendo palavras reconfortantes.

Quando Gwyn conseguiu parar de chorar, disse:

– É tão bom ter uma irmã, mesmo que você seja apenas minha meia cunhada. É esse o termo? Esse tipo de parentesco conta?

Beatrice sorriu.

– Para mim, conta. Além disso, quando você se casar com Joshua...

– *Se* eu me casar com Joshua. O que parece pouco provável no momento. Uma pena que você não estivesse na minha vida quando conheci Lionel Malet. Você teria me aconselhado e eu não estaria nesta... *enrascada*.

Beatrice se afastou para encará-la.

– Lionel Malet? *Capitão* Malet? Aquele que tentou sequestrar a noiva de Heywood e você?

– Ele mesmo. É uma longa história.

– Tenho bastante tempo. Sua mãe me pediu que subisse para ver como você estava, mas ela está aproveitando tanto a visita de Grey que duvido que vá perceber se eu demorar um pouco.

Gwyn suspirou. Ela precisava contar isso a *alguém* que lhe aconselharia. Ou, pelo menos, a impediria de esganar Joshua. Ou de implorar que ele se casasse com ela.

– Tudo começou dez anos atrás...

Ela então contou toda a vergonhosa história para Beatrice: sobre se

apaixonar por Lionel, ser seduzida por ele e, depois, ser traída por ele... e por orn.

Beatrice foi ficando cada vez mais chocada à medida que o relato avançava e Gwyn começou a se perguntar se deveria mesmo ter revelado tanto à amiga.

Então Beatrice balançou a cabeça.

– Eu juro, os homens podem ser impossíveis! orn pagou para Malet abandonar você? E Malet *chantageou* você? Que miserável! Espero que orn tenha dado o que ele merece!

– Não, Joshua fez isso.

Ela apontou para o lenço ensanguentado que ainda estava no colo de Beatrice.

– Esse sangue é do Lionel.

Beatrice piscou.

– Até que ponto meu irmão sabe?

– Praticamente tudo.

Então Gwyn revelou que havia contado a história a Joshua e qual tinha sido a reação dele, exceto a parte de terem ido para a cama, é claro. Ela não queria que a amiga soubesse a meretriz que ela era.

Você não é uma meretriz!

Uma coisa da qual Joshua parecia determinado a convencê-la e na qual ela estava até começando a acreditar.

Quando Gwyn terminou a história, Beatrice a abraçou.

– Ah, minha amiga, sinto muito que esteja passando por tudo isso. Típico de Joshua dificultar as coisas para você.

– Bem, pelo menos eu acho que Lionel não vai tentar me chantagear de novo. Joshua resolveu esse problema.

Beatrice olhou para ela com atenção.

– E então ele pediu você em casamento.

– Mais ou menos. Não de verdade, porque deixou as coisas meio no ar. Ele perdeu a cabeça, eu perdi a cabeça, e nós dois dissemos coisas que não deveríamos ter dito.

– Se isso ajuda, posso garantir que Joshua é rude com todo mundo, até

comigo. Não é difícil ele perder a cabeça.

Gwyn tentou sorrir.

– Acredite, eu sei muito bem disso. E ao mesmo tempo ele pode ser tão atencioso quando quer.

Amarrando seu vestido, mesmo durante uma discussão, sem que ela pedisse.

– E, às vezes, ele diz as coisas mais lindas.

Beatrice levantou uma sobrancelha.

– Ainda estamos falando *do meu irmão*? O sujeito rabugento que rosna para qualquer um que chegue perto?

– Ele não é tão mau assim. Foi muito gentil quando soube do meu envolvimento com Lionel no passado. Ficou do meu lado. Ora, ele quase matou Lionel quando o canalha estava tentando... reviver nosso relacionamento.

– Esse último parece mais o meu irmão.

– A questão é que tem uma coisa que eu não contei a ele. E não posso nem pensar em casar com ele até saber o que ele pensa a respeito. Então, como você já é casada e é irmã do Joshua... bem, você poderia me ajudar a ter uma ideia de como ele reagiria.

– Você tem o direito de ter seus próprios segredos.

– Mas ele também está envolvido...

Gwyn baixou o olhar e fitou as próprias mãos.

– É que... talvez eu não possa ter filhos.

Beatrice pareceu perplexa.

– Meu Deus, o que a leva a achar isso?

Havia chegado a parte difícil.

– Depois da minha única vez com Lionel, eu acabei engravidando.

– Ah, Gwyn.

Beatrice não pareceu chocada ao pegar a mão de Gwyn.

– E isso fez com que as coisas ficassem piores do que já estavam, acredito.

– Exato. Na verdade, eu só fui descobrir bem depois, com a ajuda da minha aia. Ela havia trabalhado com outra mulher antes de vir para a minha

família, então reconheceu os sinais: meus enjoos matinais, dois meses seguidos sem minhas regras, seios sensíveis. Tivemos discussões infinitas sobre isso, se eu deveria contar aos meus pais, se deveria contar a orn e pedir que ele me levasse para algum lugar até que o bebê nascesse, se deveria ir ao quartel mais próximo para tentar encontrar Lionel. Eu estava desesperada, como você pode imaginar.

– Tenho certeza de que estava muito assustada.

– Lionel já estava desaparecido havia meses, e eu ainda não sabia por quê. Eu... não tive coragem de contar a ninguém até que descobri.

Só de pensar nessa época, Gwyn sentia um nó no estômago.

– Até que, uma manhã, eu comecei a sangrar, e minha criada conseguiu levar uma parteira amiga dela até mim, e a parteira me disse que eu realmente tinha estado grávida e perdera o bebê.

– Considerando que Lionel não tinha voltado – comentou Beatrice, gentilmente –, suponho que isso tenha sido uma bênção.

– Foi o que pensei na época. Mas depois eu comecei a pensar que... talvez a culpa disso tenha sido minha, por todo o meu medo de gerar um bastardo. Talvez, se eu tivesse ficado mais calma ou tomado uma decisão melhor...

– Querida, você não teve culpa.

– Eu não sei.

Ela cruzou os braços, desejando que pudesse, em um passe de mágica, corrigir o que tinha dado errado.

– A parteira que me examinou e viu o sangue que saiu de mim disse que meu ventre não era capaz de segurar um filho. Se isso for verdade, tudo que posso dizer é que eu não fiz nada para provocar o aborto. Embora isso não me console, já que significa que eu não fui feita para gerar um filho.

– Hum – disse Beatrice, soando cética. – Então, até agora, ninguém além da sua aia e da amiga dela sabem sobre o aborto.

Gwyn assentiu, sentindo a garganta seca.

– As duas tiveram uma discussão acalorada sobre o motivo de eu ter perdido o bebê, porque minha aia não concordava com a avaliação da amiga. E se a parteira estivesse certa?

– E se não estivesse? Talvez tenha sido apenas um acidente da natureza e ninguém tenha tido culpa. Não dá para ter certeza. Embora eu não seja a melhor pessoa para saber, já que não tenho filhos ainda.

Beatrice refletiu por um momento.

– Você chegou a ir a algum médico em Londres para perguntar?

– Como? Minha aia ficou na Prússia, então eu teria que encontrar um médico sozinha ou contar à minha mãe. E não sei a que médico eu poderia confiar um segredo como esse – disse Gwyn, lançando um olhar ansioso para a amiga. – Se essa notícia se espalhasse, eu não seria a única a sofrer com o boato. Toda a família enfrentaria as consequências.

Beatrice parecia preocupada.

– É verdade... Bem, eu sei que não é isso que você quer ouvir, mas acho realmente que você *deveria* conversar com sua mãe sobre isso. Ela teve cinco filhos, de três maridos diferentes. Se alguém sabe como isso funciona, esse alguém é ela.

Gwyn sentiu o desespero tomar conta de si.

– Mas aí eu teria que revelar o que fiz com Lionel. Ela vai ficar horrorizada.

– Duvido. Sua mãe me parece ser uma pessoa resiliente e prática.

Interessante, Joshua dissera a mesma coisa.

– Eu não sei...

– Você precisa, pelos menos, conversar com ela antes de falar com Joshua.

Gwyn engoliu o choro.

– Ah, Joshua. Como vou dizer a ele que talvez eu nunca possa lhe dar um filho?

Beatrice abraçou Gwyn.

– Se ele ama você, não vai se importar.

– Ou ele vai dizer que não se importa, mas não vai estar sendo sincero.

Uma expressão cética cruzou o rosto de Beatrice.

– Você já viu meu irmão dizer uma coisa querendo dizer outra? Ele não consegue esconder a opinião dele.

Quando Gwyn lançou a Beatrice um olhar de dúvida, ela disse:

– Eu sei, eu sei, é a maldição da nossa família. Mas Joshua é o exemplo mais claro, ou mais assustador, dependendo de como você vê a questão. Ele fala o que pensa. Então acredite em mim. Se o fato de você não poder ter filhos o incomodar, ele vai falar.

– Espero que você esteja certa.

Embora ela não tivesse mais certeza de nada em relação a Joshua.

– Você o ama? – perguntou Beatrice.

A pergunta pegou Gwyn completamente desprevenida.

– Quero dizer, eu sei que você disse que ainda não falaram sobre isso, mas...

– Sinceramente, não tenho certeza do que sinto. Se querer abraçá-lo em um minuto e estrangulá-lo no minuto seguinte for amor...

– Com certeza faz parte – disse Beatrice, desviando o olhar. – Mas, na maior parte do tempo, tem a ver com confiança... confiar em alguém o suficiente para saber que, não importa o que você disser, essa pessoa estará ao seu lado, e isso não vai mudar o sentimento dela por você. É por isso que você nunca deve entregar seu coração a alguém em quem não confia.

Apesar de tudo, Gwyn *confiava* em Joshua. Ou confiava *agora*. Só tinha medo de perdê-lo se ele descobrisse que ela não poderia ter filhos. Isso se algum dia ela realmente ficasse com ele.

– Eu vou dizer uma coisa que provavelmente não deveria – disse Beatrice. – Não chega a ser uma confidência, mas meu irmão me contou isso em particular. Acontece que eu o amo o bastante para desejar o melhor para ele, e acho que *você* é o melhor para ele.

Gwyn não disse nada, apenas ficou olhando para Beatrice com expectativa.

– Na noite em que eu peguei vocês dois juntos, eu o ameacei caso fizesse mal a você. E ele disse: "Eu nunca faria mal a ela. Não enquanto eu viver." Essas são palavras fortes para Joshua. E, embora eu ache que ele tenha ficado constrangido depois por ter deixado transparecer tanto o que ele estava sentindo, também acho que ele estava sendo sincero.

Gwyn ficou chocada. Eram *realmente* palavras fortes, tão fortes que ela mal podia imaginá-lo dizendo tal coisa. Mas Beatrice não mentiria sobre

algo assim. Gwyn sabia disso, assim como sabia que Joshua nunca a machucaria em um de seus acessos de raiva. Ao menos não fisicamente.

Mas ele a machucaria de outras formas? Da próxima vez que tivessem uma discussão, ele a acusaria de ter tido um homem antes do casamento? E se eles não conseguissem ter um filho, ele jogaria isso na cara nela?

Ela achava que não, mas não tinha certeza.

Beatrice apertou o ombro da amiga.

– Amar é como beber fogo e ter certeza de que não vai se queimar, mesmo sabendo que isso queimaria qualquer um. Significa confiar em alguém quando não deveria. Porque você sabe, bem no fundo do seu coração, que a pessoa em quem está confiando vale a pena.

– Eu confiei em Lionel – confessou ela.

– Confiou? Mesmo? Ou havia uma voz na sua cabeça que dizia que ele ia magoar você no final?

Gwyn tentou se colocar no lugar de si mesma mais jovem. Lembrou-se de como se sentia quando Lionel flertava com outras mulheres em Berlim. Lembrou-se de estar insegura se ele a desejava de fato ou apenas queria sua fortuna. Lionel conseguira amenizar aquele medo com elogios e atenção, mas só um pouco.

Enquanto isso, a Gwyn atual, sem a menor sombra de dúvida, sabia que Joshua nunca quisera a sua fortuna. Era estranho como acreditava totalmente nisso.

– Corremos certos riscos quando nos apaixonamos – afirmou Beatrice. – O que você precisa se perguntar é: ficar com Joshua vale o risco?

Sim.

Gwyn enfrentaria qualquer sofrimento, qualquer escândalo, qualquer risco para ficar com ele.

Só precisava fazer com que *ele* acreditasse nisso.

CAPÍTULO VINTE

Em ornhill, Joshua foi levado até o santuário dentro da mansão: o escritório do duque, que era mais espaçoso do que todo o andar de baixo da casa de contradote que Joshua alugava na propriedade Armitage. Era sóbrio, para dizer o mínimo. Mas não mudava o que ele viera dizer.

Com um sorriso, ornstock se levantou para cumprimentá-lo.

– O que o traz aqui, major?

E então, de forma crítica, olhou as roupas surradas de Joshua de cima a baixo.

– Achei que fosse acompanhar lady Hornsby e Gwyn à ópera esta noite. Mas certamente não vai fazer isso vestido *assim*.

– Não ficou decidido se elas vão ou não. Ou se Grey as acompanharia – disse Joshua, dando de ombros. – Na verdade, não importa. De qualquer forma, elas não precisam temer que Malet estrague a noite delas, porque pretendo pegar o leão em seu próprio covil assim que sair daqui. Por isso estou com estas roupas surradas. Não tem por que estragar um bom terno.

Já estava na hora de Joshua começar a trabalhar para Fitzgerald, e aquela noite parecia perfeita. Manteria sua mente longe da linda mulher que ele conseguira insultar mais cedo.

– Mas, certamente – continuou Joshua –, eu poderia ter feito um trabalho muito melhor em proteger a sua irmã em Londres se o senhor tivesse me contado a verdade em vez de me contratar com um falso pretexto.

A expressão de ornstock não revelou nada.

– O senhor deveria ter me informado que Lionel Malet cortejou sua irmã dez anos atrás. Que ele não começara a persegui-la apenas poucos

meses antes porque queria sequestrá-la, se casar com uma herdeira e se vingar do meio-irmão dela.

O duque se jogou na cadeira.

– Como você descobriu isso?

– Sua irmã me contou.

– Há pouco tempo?

Joshua cruzou os braços.

– Na verdade, hoje. Então tenho total ciência de que o senhor e ela mentiram para mim, impedindo que eu compreendesse totalmente o que estava acontecendo. E, sim, também sei que quando falaram de Hazlehurst estavam se referindo a Lionel Malet.

– Maldição – disse ornstock, socando a cadeira. – É melhor se sentar, Wolfe.

Quando Joshua fez o que ele pediu, o duque perguntou:

– O que minha irmã lhe contou exatamente?

Joshua respirou fundo.

– Que o senhor pagou para Malet deixá-la dez anos atrás, dizendo que a deserdaria se eles fugissem para se casar.

– Ah. Então ela contou praticamente tudo.

– Praticamente? Há mais alguma coisa que eu ainda não sei?

A preocupação na testa franzida de ornstock demonstrava que ele se importava com a irmã.

– Só coisas que ela não sabe.

Isso surpreendeu Joshua.

– Como o quê?

– Como o valor que eu paguei a ele. Eu não queria que Gwyn soubesse a quantia vergonhosamente baixa com a qual consegui comprá-lo.

 orn passou a mão pelo cabelo.

– Na ocasião, eu disse a ela que foi uma quantia alta. Espero que você não... bem... conte a verdade a ela.

– Eu nunca contaria nada que pudesse magoá-la.

Qual era o problema de Malet? Gwyn valia o peso dela em ouro. Como o idiota podia não ver isso?

Joshua bufou. Como *ele* mesmo podia não ver? Ele fugira de Gwyn quando aparentemente tudo o que ela queria era *ele*. O que provava que a mulher era maluca, mas não tão maluca quanto Joshua se não entendia que ela era a melhor coisa que já havia acontecido na vida dele.

– Eu sei que eu e ela mentimos para você – confessou ornstock –, mas...

– Gwyn tinha seus motivos, o primeiro deles vergonha. E você? Quais foram os seus? Por que mentir sobre o verdadeiro propósito de me contratar como guarda-costas? Por que mentir bem na minha cara, como fez ontem, sobre o fato de vocês dois conhecerem Malet há mais tempo? Eu poderia ter realizado a minha tarefa de uma forma melhor se soubesse dessa informação crucial.

– Parece que vem realizando a sua tarefa perfeitamente bem até agora. E, sendo sincero, você teria aceitado o emprego?

Boa pergunta. Joshua não sabia ao certo como responder.

– Talvez sim.

– Ou talvez não. E eu sabia que se Malet tivesse a chance de sequestrar Gwyn, dessa vez ele a arruinaria. Eu não podia correr esse risco.

Se algo podia provar que ornstock não tinha conhecimento do verdadeiro tipo de relacionamento entre Gwyn com Malet, era isso.

– Além disso – acrescentou ornstock –, ela disse que não queria que *eu* fosse atrás dela em todo contato. Achei que ela poderia tolerar a *sua* presença.

Deus, ele esperava que a presença dele não fosse algo que ela meramente "tolerasse".

– Mas por que isso agora? – perguntou ornstock. – Da última vez que falei com ela a sós, antes de sairmos de Lincolnshire, concordamos sobre quanto falaríamos. O que mudou?

Malet e a chantagem dele.

Joshua queria tanto contar a orn, mas sabia que se contasse, estaria provocando exatamente o que Gwyn temera todos esses anos: ornstock desafiar Malet em um duelo. E, embora Joshua realmente acreditasse que o

duque levaria a melhor, Gwyn nunca o perdoaria por arriscar. Ou por colocar o irmão em uma situação em que poderia ser acusado de homicídio.

Se Joshua gostava dela, se queria que ela fosse sua esposa, precisava respeitar seus desejos. Simples assim. E ele a queria como esposa. Disso ele tinha certeza. Nenhuma outra era tão perfeita para ele como Gwyn.

Ele precisava descobrir um jeito de conseguir a mão dela.

ornstock perguntou de novo.

– Major? O que mudou?

– Eu vi Malet rondando enquanto estávamos fazendo compras hoje, e quando o confrontei ele fez alguns comentários sobre o passado com sua irmã. Foi por isso que perguntei a ela sobre esse assunto. Mas não se preocupe, minha intenção é acabar com ele assim que encontrá-lo sozinho. Posso garantir que ele não a incomodará mais depois disso.

Com um pouco de sorte, Malet seria enforcado por traição quando Joshua acabasse com ele.

– Gwyn escutou o que ele disse quando você o confrontou?

– Escutou.

ornstock ficou pálido.

– Ela deu algum sinal de que ainda... sente alguma coisa por aquele demônio?

– Vossa Graça não precisa se preocupar quanto a isso. Ela não escondeu que despreza o sujeito.

– Bom. Foi o que ela me disse, mas eu não sabia se podia acreditar nela. Pelo menos ela viu quem ele realmente é.

O duque pegou um lápis e começou a bater com ele no tampo da escrivaninha.

– Mas... suponho que ela ainda esteja com raiva de mim por ter pagado Malet para ir embora.

– Isso Vossa Graça terá que perguntar a ela. Quaisquer problemas que tenha com a sua irmã, terá que resolver sozinho. – Joshua se levantou. – Eu não vou mais espionar Gwyn.

Aquilo pareceu surpreender ornstock. Então ele estreitou o olhar.

– Você está apaixonada por ela, major? Terei que dar dinheiro a *você*

também?

Essas palavras despertaram a ira de Joshua. Ele se apoiou na mesa e baixou o tom de voz até um sussurro ameaçador:

– Pode tentar, Vossa Graça, mas acho que não vai gostar do resultado.

Joshua colocou a mão no bolso do sobretudo.

– Ah, acabo de me lembrar. Aqui está a sua pistola – disse ele, colocando a arma em cima da escrivaninha.

– Agora tenho minhas próprias armas, então não preciso da sua.

– Como assim? – perguntou ornstock, assustado. – A pistola deveria ser a sua compensação pelo trabalho. Malet ainda está solto por aí!

– E eu pretendo protegê-la dele. Só não quero ser pago para isso. Não pelo senhor.

Deixando o duque boquiaberto, Joshua saiu.

A noite já havia caído quando o coche de aluguel chegou a Chelsea. As palavras de ornstock sobre Malet acompanharam Joshua durante todo o trajeto. Malet ainda estava solto por aí. E agora que ele perdera o dinheiro da chantagem com o qual contava, seria infinitamente mais perigoso. Isso *se* Fitzgerald estivesse correto sobre o que Malet esperava vender.

Só havia uma forma de descobrir: entrar às escondidas no quarto do bandido na hospedaria e procurar por documentos que ele pudesse estar escondendo. Isso se Malet estivesse em Covent Garden lambendo as feridas. Se estivesse na hospedaria, Joshua teria de esperar um pouco.

Mas um Malet desesperado certamente não perderia tempo de molho. Ele precisava de dinheiro e prometera pagar o senhorio. Provavelmente estaria na rua, encontrando-se com algum contato da França para vender o que sabia. Joshua teria de ser flexível em sua missão.

O cocheiro o deixou em frente à hospedaria e Joshua pagou pela corrida, mas, antes mesmo de entrar, viu Dick Ligeirinho na porta.

A princípio o rapaz não o reconheceu sem uniforme. Isso não era surpreendente, uma vez que Joshua estava vestindo seu velho sobretudo e

um chapéu desleixado que comprara de um carvoeiro depois que Fitzgerald lhe contratara para espionar Malet.

Assim que ele chegou um pouco mais perto, no entanto, Dick estreitou o olhar e veio correndo.

– Major? O que está fazendo aqui? E vestido assim!

Joshua puxou o rapaz para o lado.

– Não estou aqui como major, não me chame assim. Uma moeda para você guardar segredo, certo?

Ligeirinho assentiu.

– E dou mais dois xelins se me disser se o capitão Malet está lá dentro.

– Está, sim, senhor. Quer que eu vá chamá-lo?

– Não. Vou me sentar perto da janela daquela taverna do outro lado da rua. Se você ficar lá dentro e vier correndo aqui fora sinalizar para mim quando Malet estiver prestes a sair, lhe dou mais dois xelins.

– Sim, senhor! Vou ficar de olho nele.

– Só não chame atenção para a minha presença, está bem?

Joshua já ia atravessar a rua quando pensou em outra coisa.

– Mais uma coisa, pela qual vou pagar muito melhor se você conseguir. Supondo que seja necessário.

– Ah, senhor, eu posso conseguir qualquer coisa. Já disse, sou o homem em quem pode confiar.

– Bem, então preste atenção no que eu quero. Se eu descer a rua...

Ele explicou tudo enquanto ficava de olho na porta da hospedaria. Quando acabou, Dick garantiu que conseguiria realizar as tarefas exatamente como Joshua mandara.

Joshua entrou na taverna e encontrou um lugar perto da janela. Se planejava realizar esse tipo de trabalho por algum tempo, precisaria de assistentes, rapazes como Dick Ligeirinho. Que oportunidade melhor do que essa para se certificar se podia ou não confiar no rapaz?

Joshua pediu uma cerveja e ficou ali fora esperando por pelo menos uma hora. Até que Dick enfim apareceu na porta da hospedaria e acenou para ele.

Baixando a aba do chapéu, Joshua saiu para a rua a tempo de ver Malet

deixar a hospedaria. Joshua hesitou por um momento. A forma como Malet analisou toda a extensão da rua demonstrou que ele não estava apenas indo a Covent Garden se divertir.

A única razão para Malet tomar o cuidado de não ser seguido seria se fosse cometer algum crime: traição ou sequestro. Qualquer que fosse sua intenção, Joshua não perderia tempo fazendo uma busca no quarto dele e se arriscando a perder o encontro de Malet com o inimigo ou com Gwyn.

Era melhor seguir o desgraçado.

Andando deliberadamente devagar atrás de Malet pela rua, Joshua entregou uma moeda a Dick e disse:

– Aqui está a primeira parte do pagamento, rapaz. Você sabe o que precisa fazer para receber o restante, certo?

Então Joshua continuou.

Foi cuidadoso para não seguir Malet muito de perto. O sujeito estava definitivamente agindo de forma suspeita: parando a cada quarteirão para olhar em volta como se verificando se alguém o estava seguindo. Felizmente, as ruas de Chelsea estavam escuras.

Além disso, Malet tinha um jeito de erguer os ombros, como se fosse parar, que servia como um aviso para Joshua ficar fora da vista dele ou fingir olhar para a vitrine de uma loja quando o miserável olhasse para trás.

Também ajudava o fato de estarem perto do Royal Hospital, onde veteranos feridos e homens mais velhos eram admitidos como internos ou semi-internos. Havia pensionistas por todos os lados em Chelsea, tornando bem comum a visão de um homem de bengala.

Em determinado momento, Malet parou em frente a uma taverna e entrou. Joshua olhou pela janela a tempo de ver o sujeito se sentar perto dela com outro homem. Joshua entrou e viu que a mesa próxima a eles estava vazia. Então acenou para a garçonete, pediu uma cerveja e tomou seu lugar.

Debruçado sobre o tampo, se esforçou para escutar a conversa da mesa ao lado.

– O que aconteceu com você? – perguntou o estranho a Malet.

O sotaque era leve, mas não deixava dúvidas. Francês.

Joshua ficou animado. Fitzgerald estava certo, afinal.

– Eu me envolvi em uma briga hoje – respondeu Malet de forma casual. – Tive que dar uma lição no sujeito.

Joshua bebeu um pouco de cerveja para não rir.

– A julgar pelo seu olho roxo e pelo rosto inchado, foi você quem se saiu mal na briga – comentou o francês.

– Trouxe meu dinheiro? – perguntou Malet com a voz gélida.

– Se você trouxe o que eu pedi...

– Eu trouxe. Mas não foi fácil conseguir o memorando de Wellesley. Tive que subornar criados em duas casas.

Duas casas? De Castlereagh e de Wellesley, sem dúvida. O francês empurrou uma carteira por cima da mesa.

– Aqui tem dinheiro suficiente para compensar quaisquer despesas que tenha tido.

Malet olhou dentro da carteira, depois sorriu enquanto a colocava no bolso do sobretudo. Então pegou um maço fino de papéis no outro bolso e o colocou no centro da mesa.

– Isso é seu, *monsieur*.

O francês deu uma olhada em volta da taverna, então se debruçou sobre a mesa para sussurrar:

– Não me chame assim, seu imbecil. Não preciso de um monte de ingleses furiosos correndo atrás de mim na rua.

Essa era a deixa de Joshua. Ele se levantou e deu alguns passos até a cadeira vazia entre eles. Quando os dois olharam para cima, assustados, Joshua se sentou e disse:

– Espero que um inglês furioso seja suficiente, senhor. Multidões são difíceis de administrar.

Malet olhou para ele, boquiaberto.

– Wolfe? O que...

– Fico feliz em vê-lo também, Malet.

Enquanto ainda contava com o elemento surpresa, Joshua puxou as duas pistolas carregadas dos bolsos do sobretudo, encostou o cano de uma no joelho do francês e o da outra no de Malet. Sorrindo o tempo todo, ele disse:

– Agora, cavalheiros, vocês têm duas opções. A primeira é Malet me

entregar a carteira que está em seu bolso e quanto a você, *monsieur*, trate de me entregar os papéis. A segunda opção é, em questão de segundos, serem ambos transformados em inválidos como todos os pensionistas desta região, e depois disso eu ir embora com o dinheiro e os documentos enquanto vocês dois estarão se contorcendo no chão. Um destino, aliás, que ambos merecem.

O francês olhou para Malet, furioso.

– Você foi seguido, seu imbecil maldito!

– Pessoalmente – acrescentou Joshua –, considerando a natureza traiçoeira dessa transação, eu prefiro a última opção. Mas a bala pode atravessar um de vocês e atingir um inocente, e isso seria um problema para mim. Então vou deixar que vocês escolham.

Malet o encarou.

– Você não ousaria, major.

Joshua fixou o olhar mortal em Malet.

– Acho que hoje cedo já provei ser extremamente ousado.

O francês colocou a mão dentro do casaco. Sem sequer tirar o olhar de Malet, Joshua engatilhou a pistola que estava no joelho do homem.

– Isso não seria sábio, *monsieur*.

Ao escutar o som, o sujeito ficou pálido e tirou a mão do casaco.

– Foi com *ele* que você brigou? Um *major*? – sussurrou o francês para Malet. – Meu Deus! Você deve ser o soldado inglês mais incompetente que eu já conheci. Não é de admirar que tenha sido expulso!

– Tic-tac, cavalheiros – disse Joshua. – Decidam agora ou eu terei que decidir por vocês.

E, para dar ênfase à sua determinação, ele engatilhou a arma que estava apontada para o joelho de Malet.

Joshua estava se coçando para atirar em Malet, e não era no joelho. Mas desconfiava que Fitzgerald não aprovaria esse método e ele realmente queria provar ser digno do cargo que Fitzgerald estava oferecendo a ele.

Então desviou o olhar para o francês.

– O documento, senhor. Entregue-o a mim agora e eu deixarei você ir embora.

Não que isso fizesse diferença. Se Dick Ligeirinho fosse tão rápido quanto seu nome dizia, ele já estaria em algum lugar perto da taverna esperando a situação ser resolvida para que pudesse seguir o francês. Joshua sabia que não seria capaz de controlar dois homens em um lugar público, mas não precisava. Malet era o traidor.

Isso não significava, porém, que ele quisesse deixar o francês livre para espionar. E era aí que Dick entrava. Ele seguiria o homem e diria a Joshua exatamente onde ele morava. Depois Joshua passaria a informação para Fitzgerald.

O francês suspirou, então empurrou os papéis para Joshua.

– Pode ir – disse o major, mas não moveu a pistola enquanto o espião se levantava e se dirigia para a porta.

Então ele enfiou os papéis no bolso do sobretudo e apontou a outra pistola para o ponto entre as pernas de Malet.

– Eu sugiro, senhor, que me entregue a carteira e venha comigo. Ou terá um futuro muito infeliz.

Malet parecia furioso, mas entregou a carteira, que Joshua colocou no bolso do sobretudo. Quando Joshua se levantou e parou atrás dele com a arma contra a sua nuca, Malet soube que não tinha opção a não ser se levantar e acompanhá-lo.

Ninguém conseguia ver a arma que Joshua apontava para Malet, e mesmo se vissem não se importariam. Era óbvio que Malet escolhera uma taverna bem barata para que ninguém notasse que ele estava negociando com um francês. Isso favorecia Joshua. Ele poderia usar a bengala para se apoiar em uma das mãos enquanto com a outra segurava a pistola contra as costas de Malet.

– Para onde você está me levando? – perguntou Malet.

– Até um amigo meu que ficará encantado ao saber que eu peguei um traidor.

– Você nem sabe o que são os papéis – disse Malet enquanto saíam para a noite.

– Na verdade, eu sei, sim. E, de qualquer forma, não importa. Eu peguei

você vendendo informação a um francês. Isso já é suficiente. Você será enforcado por traição, que não é nada menos do que merece.

Malet ficou quieto enquanto Joshua o guiava para o ponto de coches mais próximo. Estavam quase lá quando Malet chutou a bengala de Joshua, empurrou-o para cima de um homem que limpava a rua e saiu correndo.

Praguejando, Joshua rapidamente endireitou a postura, mas as ruas estavam cheias e Malet havia desaparecido.

– Maldição! – exclamou Joshua.

Era um milagre que as pistolas não tivessem disparado, mas eram novas e o gatilho havia impedido. Antes que alguém pudesse vê-las, Joshua enfiou as armas no bolso do sobretudo.

– O senhor está bem? – perguntou o homem, que se levantou e se limpou. – Aquele miserável estava com pressa.

– Estava, sim. E eu estou bem, obrigado.

Joshua vasculhou a rua, sentindo-se um completo idiota e desajeitado. Não conseguiu avistar o canalha em lugar nenhum.

Não deveria ter provocado Malet dizendo que ele seria enforcado por traição. Devia ter esperado que o cretino entrasse no coche de aluguel.

– Parece que o senhor está sangrando – informou o homem da limpeza. – Provavelmente, bateu com a cabeça no balde.

– O quê?

Joshua tocou a sua testa. Realmente, estava sangrando, mas não se importava. Perdera Malet. Durante a hora seguinte, perambulou em vão pelas ruas de Chelsea em um coche alugado. O desgraçado tinha conseguido fugir. Ao menos Joshua ainda tinha os papéis que Malet tentara vender e o dinheiro que ele esperava ganhar. Deveria estar contente com isso.

Estava pensando em ir até Fitzgerald quando algo lhe ocorreu. Malet era vingativo. Em sua ira, poderia tentar sequestrar Gwyn, por vingança, por um resgate ou em troca dos papéis.

Joshua fez uma careta. Isso *não* aconteceria enquanto ele estivesse no comando da situação. Aquele homem nunca mais chegaria perto de Gwyn outra vez. Joshua poderia se reportar a Fitzgerald de manhã. Esta noite, precisava se certificar de que Gwyn estaria a salvo.

Então pediu ao cocheiro que o levasse de volta para Armitage House. Mesmo se Joshua soubesse para qual ópera Gwyn e a família estavam pensando em ir, ele não poderia segui-la com aqueles trajes.

No caminho, Joshua teve o cuidado de desengatilhar as duas pistolas e já estava prestes a guardá-las no bolso quando pensou que se, por um acaso, encontrasse Malet na casa, deveria estar preparado.

Guardou apenas uma, pois tinha um esconderijo perfeito para a outra. Tirou o pano que costumava usar para encher a bota de sua perna ruim. Sem o tecido, infelizmente sobrava bastante espaço dentro dela. Bom saber que poderia guardar objetos ali se precisasse.

Enquanto escondia a pistola dentro da bota, um medo se formou em seu estômago. E se Gwyn e os outros não tivessem ido para a ópera ou já tivessem voltado? Quanto mais pensava na possibilidade de Malet machucar Gwyn, mais provável isso lhe parecia. Inferno, não deveria ter demorado tanto procurando o desgraçado.

Porque se ele perdesse Gwyn...

Bem, isso não podia acontecer. Simples assim. Ele precisava acertar as coisas entre eles. Se Gwyn não quisesse se casar com ele, tudo bem, mas Joshua precisava *tentar*. A ideia de não ter aquela mulher em sua vida era... era...

Impensável.

Ele teria de fazer tudo que fosse possível para tê-la.

CAPÍTULO VINTE E UM

Impaciente, Joshua esperou chegarem a Armitage House. Quando o coche parou, ele praticamente jogou o dinheiro em cima do cocheiro antes de descer do veículo o mais rápido que um homem de bengala e com uma perna ruim conseguia.

Tinha acabado de entrar e estava tentando evitar que o lacaio pegasse seu sobretudo, ainda guardando a pistola, quando Gwyn desceu a escada correndo, parecendo ansiosa.

– Onde você estava? E por que está vestido assim?

– Eu explico depois. Mas primeiro me diga, Malet esteve aqui?

– Malet?! Por que ele viria aqui?

Ela parecia genuinamente confusa. Graças a Deus estava a salvo. Por enquanto, ao menos, porque Malet ainda podia estar a caminho da casa.

Joshua esforçou-se para aparentar uma calma que não sentia.

– Achei que você estivesse na ópera.

– Lady Hornsby e eu esperávamos que você nos acompanhasse, mas como o tempo foi passando e você não apareceu, percebemos que não iria conosco. Ela foi para casa. Até mamãe desistiu e se recolheu. Mas eu continuei esperando por você, achando que alguma coisa horrível devia ter acontecido!

Ela estava preocupada com *ele*? Era até um pouco cômico.

E gratificante, principalmente porque ela estava vestida como uma rainha em seu novo vestido para a ópera, do qual falara mais cedo. O vestido de um branco puríssimo tinha um corte ousado para a noite, e apenas uma renda azul evitava que fosse escandaloso.

Inferno. Mostrava mais dos seios dela do que deveria. Não que ele não estivesse achando lindo.

– Me desculpe, não tive a intenção de preocupar você. Pensei que lady Hornsby não fosse à ópera, e que Grey e Beatrice fossem com você.

Fazendo com que se lembrasse um pouco de sua irmã, ela tentou tirar o sobretudo de Joshua.

– Como você disse para mim e para mamãe mais cedo, Beatrice não gosta de ópera e Grey não quis ir sem ela. Aparentemente, mamãe estava errada sobre lady Hornsby, porque ela estava bem animada para ir e ficou muito decepcionada por você não ter aparecido.

Ele afastou as mãos de Gwyn e tirou o casaco sozinho, pendurando-o no braço.

– E você? Estava ansiosa para ir?

– Isso não importa agora.

– Importa para *mim*. Para ser honesto, não ligo para como lady Hornsby se sentiu. Mas eu não me perdoaria por não ter levado você a uma atividade que aprecia.

A declaração pareceu pegá-la de surpresa. Droga, por que ele sempre a chocava quando a elogiava? Ele era realmente tão ruim em demonstrar seus sentimentos?

Aparentemente, sim.

Ansioso para ficar a sós com ela, ele tirou o chapéu sem pensar e entregou ao lacaio.

Gwyn deu um gritinho.

– Meu Deus, aconteceu, sim, alguma coisa horrível! – disse Gwyn, e estendeu a mão para tocar na testa dele, cuja ferida já estava seca. – Está doendo?

– Não. Na verdade, eu já tinha me esquecido disso.

Mas seu pulso estava acelerado só de pensar que ela estava preocupada com ele.

– Lionel fez isso? – sussurrou ela, de olho no lacaio.

– Podemos dizer que sim.

Ela arregalou os olhos.

– Bem, vamos passar uma pomada para curar mais rápido. Deixe seu sobretudo com John e venha comigo até a cozinha.

– Prefiro eu mesmo segurar o casaco.

– Não seja bobo – disse ela, e pegou o casaco do braço dele. – Nossa, está pesado!

Ele tomou o casaco dela e puxou-a para longe dos olhos curiosos do lacaio.

– Meu Deus, o que há nos seus bolsos? – perguntou ela.

– Uma pistola, para começar. Como eu disse, é uma longa história. Mas, primeiro, vamos procurar a pomada.

Mas não na cozinha, porque Joshua queria privacidade. Felizmente, no caminho, passaram pela sala dos fundos, que serviria. Depois de olhar para trás para se certificar de que o lacaio não podia vê-los, Joshua puxou Gwyn para dentro do cômodo. Assim que entraram, ele fechou e trancou a porta.

– Você não pode fazer isso! – exclamou ela. – Não se quiser preservar a minha reputação.

– Primeiro, ninguém sabe que estamos aqui – disse ele, colocando o sobretudo em cima da cadeira mais próxima. – Segundo, ainda espero que se case comigo, então duvido que alguém irá protestar por muito tempo. Exceto, talvez, seu irmão.

– O que orn tem a ver com isso?

– Na minha opinião, nada.

Pegando-a de surpresa, Joshua a encostou na porta. Então se apoiou no braço e lhe deu um beijo. Ardente. Intenso. Fazia apenas meio dia desde que a vira pela última vez? Porque parecia uma eternidade.

Gwyn também devia se sentir assim, porque jogou os braços em volta do pescoço dele e correspondeu ao beijo com ardor. Deixou que ele explorasse sua boca por vários segundos maravilhosos.

Até que retomou o bom senso, empurrou Joshua e se afastou apenas o suficiente para encará-lo.

– O que foi?

– Eu deveria ir buscar a pomada.

– Eu não preciso de pomada – disse ele, beijando a testa dela, a têmpora,

a bochecha. – Eu só preciso de *você*.

Ela pegou o rosto dele entre as mãos e o empurrou para trás. Joshua ficou chocado ao ver que ela estava chorando.

– Eu também preciso de você. Preciso que não fique correndo por Londres atrás daquele maldito. Preciso que não morra só por orgulho masculino.

– Não é o que você pensa. Confie em mim, eu não corri nenhum risco real esta noite. Estava tudo sob controle.

Na maior parte do tempo.

Mas, tratando-se de Gwyn, é claro que ela se concentrou na pior parte.

– Você não correu nenhum "risco real esta noite"? Eu não sabia nem que você estava correndo risco! E conseguiu um machucado na testa.

– Verdade, você está certa.

Afastando-se da porta, ele pegou a bengala em uma das mãos e a mão dela na outra, levando-a até o sofá.

Deveria contar a ela *alguma* coisa. Fitzgerald não proibira, embora Joshua acreditasse que o homem não fosse querer que ele abrisse todo o jogo. Mas se eles iam se casar, Gwyn tinha o direito de saber o que o marido havia decidido fazer com o futuro dele. O futuro *deles*.

Ela se sentou com cautela.

– Isso tem a ver com a pistola no seu sobretudo?

– Tem, sim.

Joshua coçou o queixo, tentando decidir quanto falar.

– É o seguinte: recebi uma proposta para trabalhar no Gabinete de Guerra que não envolve voltar para o campo de batalha.

– Isso é maravilhoso! – exclamou ela. – Quero dizer, é maravilhoso, não é?

– É, sim.

– Mas como... quando...

E aí vinha a parte complicada.

– Eu sei que deveria ter contado antes, mas o fato é que eu não vim a Londres apenas para ser seu guarda-costas.

Ele contou a ela quais eram seus planos, e como o secretário de Guerra o

tratara. Para sua surpresa, ela ficou furiosa pelo tratamento que ele recebeu.

– Não que você quisesse voltar para a guerra, mas ele está errado sobre as suas capacidades. Você é tão capaz quanto qualquer homem que eu conheço. Talvez até mais.

Ele sorriu. Qual fora a última vez que alguma mulher, sem ser Beatrice, o elogiara, *acreditara* nele?

– Acontece que o subsecretário concorda com você. O Sr. Fitzgerald me ofereceu um cargo que... bem... precisa mais do meu cérebro do que da minha aptidão física.

Ela ficou cética.

– Então como você se machucou?

– Bem, acabei precisando justamente da minha aptidão física para me tirar de uma situação em que meu cérebro me colocou – respondeu ele, andando pela sala. – Mas, seja como for, aceitar esse cargo significa que vou ficar em Londres na maior parte do tempo a partir de agora. O que você acha? Se nós nos casássemos, claro.

– Eu acharia ótimo. A maior parte da família está aqui, e mamãe em algum momento deve se mudar para cá também. Eu cresci em Berlim, me sinto mais à vontade na cidade do que no campo, sabe? Mas Londres não seria difícil para você, com todos os barulhos e confusões?

– Acredite se quiser, não.

Joshua se esforçou para colocar tudo em palavras.

– Eu sei que é estranho. Eu mesmo sempre achei que barulhos altos atiçassem as minhas... lembranças da guerra, e que eu deveria morar em algum lugar tranquilo e afastado, sem esses barulhos.

– Sanforth, por exemplo.

– Exatamente. Mas acho que eu estava errado. O barulho constante de Londres, na verdade, *mascara* os tipos de sons aos quais eu costumo reagir.

Ela sorriu.

– Como hoje à tarde. O barulho do martelo não fez com que reagisse de forma tão drástica quanto em Cambridge.

– Hoje foi diferente. Quem me ajudou ali foi você, querida. Você me acalmou.

– Sim, mas eu suponho que esse novo cargo significa que nem sempre poderei estar com você – disse ela, ansiosa.

– É verdade, mas fico mais calmo só de saber que você estará me esperando no final do dia. E tenho esperança de que minhas reações tendam a ficar cada vez mais raras agora que vou morar em um lugar, bem, na falta de uma palavra melhor, barulhento. Só me resta tentar.

– Certo – disse Gwyn, olhando para as próprias mãos. – Então esse cargo tem alguma coisa a ver com você ter sido ferido hoje?

– Tem.

– Então por que você disse que envolvia Lionel?

– Porque envolvia. Envolve – disse Joshua, e respirou fundo. – Ele está disposto a cometer mais crimes do que imaginávamos. Meu chefe percebeu e me mandou atrás dele, mas não posso revelar mais do que isso.

Levantando o olhar, ela suspirou.

– Esse cargo vai exigir confidencialidade, suponho.

– Infelizmente, sim. Mas saiba que vai permitir que eu trabalhe para o país. Vou contar a você o que o Gabinete de Guerra autorizar, mas nem sempre poderei revelar tudo. Você não vai poder contar a ninguém para quem trabalho. Eu provavelmente nem deveria estar falando isso a você, mas acredito que uma mulher que guardou os próprios segredos por tantos anos não terá problema em guardar os meus. A melhor parte, porém, é que assim eu receberei meu salário integral e isso vai me permitir, *nos* permitir, viver com mais conforto do que teríamos em Armitage.

Ela o fitou de soslaio.

– Espero que o meu *dote* permita que a nossa vida seja confortável.

Quando Joshua estreitou os olhos, ela acrescentou:

– Supondo que *vamos* acabar nos casando.

– Certo – respondeu ele, notando que Gwyn referira-se ao fato como se pudesse mesmo acontecer. – Por mim, você pode fazer o que quiser com o seu dote. Pode dizer como quer negociá-lo. Se preferir, pode guardar o dinheiro para nossos filhos...

– E se nós não tivermos filhos? – sussurrou ela.

– Aí você poderá gastar como bem entender.

Ela assentiu, e sua mente vagou para longe. Após um momento, ela percebeu que ele a estava observando com atenção e forçou um sorriso.

– Então... quão perigoso é esse cargo, exatamente?

– Para ser sincero, eu ainda não sei – respondeu ele, pegando as mãos dela. – Mas posso dizer com certeza que não chega nem perto do que passei nos campos de batalha.

– Como eu poderia saber? – perguntou ela.

Nesse momento, Joshua percebeu que nunca teria Gwyn em sua vida se não a deixasse *entrar* na sua vida. Talvez não pudesse falar sobre a espionagem, mas havia coisas que ela queria saber e que ele *poderia* contar.

– Você não *saberia*. E é por isso que vou contar como me feri na guerra. E vou *mostrar* quanto me feri. Se você tiver estômago.

Ela ficou surpresa, depois séria, e então pegou a mão dele e a beijou.

– Eu tenho, eu juro. Pode confiar em mim.

Mais cedo, Joshua fora incapaz de acreditar nessas mesmas palavras. Mas agora, encarando-a com o coração na garganta, ele disse: – Eu sei que posso.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Ele sabia? Porque, se sabia, então Gwyn tinha de ser igualmente honesta com ele. Confiar *nele*. E isso a assustou.

Ele se sentou ao lado dela e esticou a perna ruim.

– Eu fui ferido a bordo do *Amphion* durante a Batalha do Cabo de Santa Maria, em outubro de 1804.

Ela se virou um pouco para poder olhar para o rosto dele.

– Nunca ouvi falar nessa batalha.

– Talvez porque não tenha sido exatamente uma batalha. A Espanha ainda não tinha declarado guerra à Grã-Bretanha.

– Ah, espere, eu *lembro*! Essa foi a batalha em que três navios espanhóis foram capturados e trazidos para a Inglaterra antes que conseguissem chegar à França, não é? E então a Espanha declarou guerra a nós.

– Exatamente.

– Mas eu achei que nenhum inglês tivesse se ferido naquela batalha.

– Não foram muitos: quatro no *Lively*, dois mortos também. E apenas três feridos no *Amphion*. Eu fui o pior – disse Joshua, contraindo o maxilar.

– Pode me contar – disse ela ao pegar a mão dele e colocá-la em seu colo.

Joshua parecia atormentado.

– Eu nunca contei a ninguém o que aconteceu. Nem a Beatrice, e foi ela quem lutou para me manter vivo.

– Pode confiar em mim – repetiu ela.

Foi a única coisa que pensou em dizer. Era verdade, mas ela gostaria que houvesse alguma forma de aliviar a dor dele.

– Mas se for muito doloroso falar sobre isso...

– Não. Eu *quero* contar a você. Eu *preciso*. Eu fiquei inconsciente durante quase todo o primeiro ano depois do acidente, eu vivia em um constante torpor de láudano. Quando estava bem o suficiente para contar, eu não *queria*. Mas acho que eu preciso fazer isso agora. Afinal, de que outra forma vou conseguir parar de reviver esse momento?

Gwyn sentia as lágrimas contidas arranhando sua garganta.

– Não tenho certeza se algum dia você vai deixar de reviver – disse ela. – Isso faz parte de quem você é. Mas talvez compartilhar isso alivie um pouco o peso que você carrega. É o que eu espero.

Joshua segurou o rosto dela entre as mãos.

– Sempre otimista, não é?

– Pelos outros, sim. Por mim, não tanto quanto eu gostaria – disse ela, apertando a mão dele. – Mas eu pretendo ser otimista por você.

– Que bom. Seria bom se alguém assumisse o posto de Beatrice. Embora, para ser honesto, eu nunca tenha sido um homem alegre, mesmo antes de me ferir.

– Jura? – disse ela, com sarcasmo. – Estou chocada.

Ele sorriu e acariciou o queixo dela.

– Você sempre me leva a rir.

– Eu tento. Mas ainda estou esperando a história...

Ele assentiu.

– Não é uma história muito interessante, para ser sincero. Sem entrar em muitos detalhes sobre estratégias e afins, nossos quatro navios interceptaram quatro navios espanhóis. Um deles, o *Mercedes*, atacou o *Amphion* e nós contra-atacamos. Acabamos atingindo o paiol do *Mercedes*, que explodiu enquanto estávamos muito próximos. Eu estava no convés superior, perto demais da explosão. Os estilhaços pegaram toda a parte inferior da minha lateral direita. Queimaram minha coxa direita e danificaram vários músculos da minha panturrilha.

Joshua parecia um homem assombrado enquanto relatava.

– E não foi só isso. A hora seguinte foi um inferno na terra. Eu já tinha visto coisas terríveis nos meus anos de batalha, mas a maioria era resultado

de combates corpo a corpo ou de conflitos com canhão. Mas aquilo foi o pior. Na explosão do *Mercedes*, dos 280 tripulantes deles, apenas quarenta sobreviveram; 240 homens gritando, se afogando, partes de seus corpos sendo levadas... – Ele parou. – Desculpe. Você não precisa escutar esses detalhes pavorosos. Basta dizer que a batalha acabou muito rápido. O *Mercedes* afundou. Dois dos outros navios se renderam. O último tentou fugir, mas foi capturado.

– E eu imagino que você não estivesse consciente na maior parte do tempo.

– Na verdade, eu passei a maior parte do tempo sentindo muita dor, mas tive sorte porque fui socorrido mais rápido do que os outros homens em virtude da patente. Minha perna não foi amputada por pouco. Por sorte, o cirurgião do nosso navio não acreditava em amputação como primeira opção.

– Isso é raro?

– Infelizmente, sim. Muitos marinheiros tiveram membros amputados, querendo ou não.

Joshua apertou a mão dela com tanta força que ela achou que fosse quebrar, mas ela não o soltou.

– Tive delírios por causa da dor, mas ainda consegui protestar. E, graças ao ponto de vista do cirurgião sobre esse assunto, fui poupado.

– Por favor, me mostre – disse ela, baixinho. – Hoje à tarde, você me disse que eu não estava machucando você, mas não consigo acreditar sem ter visto o dano.

Quando o rosto dele ficou sombrio, ela acrescentou:

– Mas só se você quiser.

– Eu quero.

Enquanto ele tirava as botas, ela se levantou para acender uma vela na lareira, então andou pela sala, acendendo mais velas para que pudesse enxergar. Joshua se levantou para tirar a calça e a cueca. A camisa era suficiente para cobrir as partes íntimas, e ela notou ao voltar para o sofá que ele continuava de meias.

Mas havia muito para ver.

Ela passou os dedos por uma longa extensão na coxa dele onde a pele parecia ter sido pulverizada. Por cima, a cicatriz se formara em uma massa elevada de carne. Quando ela passou os dedos, de leve, ele prendeu a respiração.

– Eu avisei – disse ele com uma voz tensa e uma expressão apreensiva que quase partiram o coração dela.

– Sim, você avisou – concordou ela, procurando empregar um tom de voz natural.

Embora sofresse por dentro pelo que ele tinha passado, Gwyn percebeu que precisava esconder isso. Quando, sem querer, ela deixara sua pena transparecer naquela tarde, Joshua não lidou bem com a situação. Talvez em algum momento ele viesse a não se importar tanto, mas por enquanto ela precisava ter cuidado. Então voltou a atenção para a coxa dele.

– Suponho que esta tenha sido a parte queimada.

– Isso.

Ela não podia olhar para ele, não podia deixar que ele visse quanto as feridas dele a afetavam.

– Parece bem sério. Ainda dói?

– Não – respondeu ele, com a voz tensa.

Apontando para a liga que ficava na perna machucada, ela olhou para ele: – Posso?

Ele assentiu, nervoso. Enquanto ela desamarrava a liga e abaixava as meias, ele começou a falar, como se para afastar a mente do que ela estava fazendo.

– Além da mulher sobre quem eu contei, aquela que recuou quando viu isso, as únicas pessoas que viram foram Beatrice e alguns médicos.

Ela olhou para a perna murcha enquanto a revelava e percebeu que ele não estava colocando o peso sobre ela, que era por isso que ele conseguia ficar de pé ali sem precisar da bengala.

– Você não prefere se sentar?

– Sim, obrigado.

Ele se sentou e levantou a perna para que ela pudesse tirar a meia.

O que ela viu era realmente sério. Havia longas marcas na pele onde o

músculo havia definhado, cicatrizes por cima de cicatrizes, a carne lustrosa e disforme.

– Como você sobreviveu a isso? – perguntou ela, engolindo o choro. – Você deve ser um homem de muita força de vontade. Caso contrário, teria morrido no hospital.

– Eu ouso dizer que só sobrevivi porque fiquei apenas uma semana no hospital. Quando nosso navio aportou em Gosport, enviaram uma carta para Armitage Hall avisando a respeito do meu acidente e Beatrice e MacTilly, o treinador de cães de caça, foram até lá e me levaram para casa. Beatrice disse que não havia a menor chance de me deixar em um hospital. E, na verdade, os médicos já tinham feito tudo que podiam.

– Eu sempre gostei da sua irmã – disse Gwyn, e sorriu para ele. – E agora, gosto ainda mais.

– Ela foi destemida. Cuidou de mim quando tive infecção, febre e só Deus sabe mais o quê. Eu passei a maior parte daquele ano após o acidente em semiconsciência, não me lembro de muita coisa. Entre o láudano e o uísque que ela me aplicava, por fora e por dentro, Beatrice fez tudo que podia por mim. E tudo que ela fazia funcionava. Embora seja um milagre eu não ter ficado dependente de ópio depois de tudo que passei.

– Por que não ficou?

– Eu não podia deixar que todo o sacrifício dela fosse em vão. Não que ela fosse permitir. Beatrice estava determinada a me ver sobreviver da melhor forma que ela conseguisse.

Gwyn se esforçou para conter as lágrimas.

– Então eu tenho uma dívida de gratidão com ela.

– Eu também – disse ele, rouco. – Porque sem ela eu não teria vivido para conhecer você.

Ele se inclinou para beijá-la. Foi um beijo tão doce que quase partiu o coração dela de novo. Então Joshua se afastou e a olhou com ansiedade.

– Gwyn, eu sei que provavelmente não sou o que você quer, e sei que você provavelmente preferiria um marido sem as minhas deficiências, mas... Você quer se casar comigo? Você me aceita como seu marido, com todos os meus defeitos? Aceita ser mãe dos meus filhos?

As últimas palavras foram como uma espada cortando a felicidade dela.

– O problema, Joshua... é que... bem... eu não sei se posso ter filhos.

Ela não ficou totalmente surpresa quando ele a fitou, espantado.

– Por que, em nome de Deus, você acha isso?

Ah, Deus, isso era tão difícil. Tinha sido mais fácil contar a Beatrice.

– Porque, além de me seduzir anos atrás, Lionel também me engravidou.

– Você deu um filho àquele canalha? – perguntou Joshua, incrédulo.

O estômago dela se revirou ao pensar em contar tudo a ele. Mas ela precisava. Se ele realmente queria se casar com ela, precisava saber.

– Eu não *tive* o bebê, perdi no quarto mês. E a parteira que cuidou de mim depois, em segredo, disse que achava que eu não seria capaz de ter mais filhos e essa é a outra razão pela qual eu não me casei. Porque todo homem quer um filho para carregar o seu nome. E eu não sei se posso oferecer isso.

Ele contraiu um músculo no maxilar.

– Eu não entendo. Por que você acha que não pode?

Com um suspiro, ela começou a contar a ele tudo o que dissera a Beatrice. Ele fez algumas perguntas e fez alguns comentários que mostraram que desconhecia completamente o funcionamento do corpo feminino.

– Então – concluiu ele – você acha que não pode ter filhos por causa do que essa parteira falou sobre o seu útero.

– E porque eu perdi meu primeiro bebê. E *único*, até agora.

– Isso não quer dizer muita coisa, já que você só foi para a cama com um homem duas vezes. E ainda é cedo para saber sobre a segunda vez – disse ele, erguendo uma sobrancelha. – Ouvi falar que o sujeito que levou você para a cama tem seus problemas também.

– Joshua, fale sério... – repreendeu ela.

– Estou tentando, de verdade. Mas... você disse que a sua aia não concordou com a avaliação da amiga, certo? Isso significa que existe uma chance de essa parteira estar errada.

– E uma chance igual de ela estar certa.

– Verdade. Mas, pessoalmente, concordo com a minha irmã. Antes que

você decida o seu futuro nesse sentido, acho que deve conversar com a sua mãe. Ela tem uma vasta experiência em ter filhos.

– Sim, mas aí eu teria que contar a ela que entreguei minha inocência a Lionel. E isso não é algo que eu queira revelar.

Ele coçou o queixo.

– Tudo bem. Então diga que está perguntando para uma amiga. Talvez Beatrice. Diga que quer saber se um aborto espontâneo é sinal de que outros virão.

– Beatrice pode não gostar que eu a coloque nessa história.

– Muito bem – disse ele, obviamente ficando mais irritado a cada instante. – Então talvez você deva ir a um médico que possa examinar você e avaliar se o que a parteira disse estava certo. Ou talvez outra parteira.

Era o que ela temia: saber sobre a possível incapacidade de gerar estava mudando tudo em Joshua.

– Ou talvez você simplesmente tenha que aceitar que é possível que eu nunca tenha filhos... A culpa não é minha. Meu corpo foi feito assim.

– Eu nunca a culparia por isso. Só que...

– Você quer ter filhos.

O olhar dele se fixou nela.

– Eu quero ter filhos com *você* – disse ele, pegando a mão dela. – E não estou totalmente convencido de que seja impossível.

– Eu não disse que era. Mas eu poderia ficar grávida e, meses depois, *ainda* perder o bebê.

Ela desviou o olhar, não querendo que ele visse quanto a lembrança da primeira perda ainda a levava a sofrer, mesmo que não fosse conveniente ter sido mãe de um filho de Lionel, mesmo que a perda tenha sido providencial em muitos aspectos.

– Considerando o que eu passei da primeira vez, não sei se quero passar por isso de novo.

– *Essa* é a verdadeira razão pela qual você não se casou até hoje, então?

Ela deixou os ombros caíram.

– É. Perder um bebê... você não imagina como é difícil. Já foi bastante

ruim não saber o que tinha acontecido com o pai e se o veria de novo. Mas se isso acontecer com um filho que eu *quis*...

– Se você preferir não ter filhos, tudo bem. – Ele fixou o olhar nela e respirou fundo. – Não teremos filhos. Tomaremos medidas para isso.

Ela sabia que existiam certas medidas, mas duvidava que os homens gostassem de alguma delas.

– Você não está falando sério.

– Estou, sim. Eu faço qualquer coisa para ter você na minha vida. Porque você é a parte mais importante dessa equação. Eu e você. Nós.

Joshua deu um beijo nela.

– Além disso, existem outras possibilidades. Podemos adotar uma criança abandonada. Ouvi dizer que há um hospital aqui em Londres cheio delas. Certamente conseguiríamos encontrar *uma* para nós.

Isso fez com que ela sorrisse, o que provavelmente era o objetivo dele.

– Eu não me importo com o que vamos fazer, contanto que façamos juntos – afirmou ele. – Se você não quer se arriscar a ter um filho nosso, fico feliz em concordar. E posso assegurar isso também.

– Você não pode garantir como estará se sentindo daqui a cinco ou dez anos.

Ela foi até a porta e a destrancou. Mas, antes que pudesse abrir, Joshua se aproximou dela por trás. Ela escutou o estalo da bengala e se virou para encará-lo, impotente. Pegando-a pela cintura, Joshua a levantou com um dos braços incrivelmente fortes e a colocou em cima do aparador que ficava ao lado da porta.

– Eu posso provar como ficaria perdido sem você...

– Joshua...

Ele a beijou com um desespero que Gwyn entendia muito bem, porque sentia o mesmo. Ela também ficaria perdida sem ele.

E que mal haveria em estar com ele mais uma vez? Já estivera com ele hoje, já se arriscara a engravidar de um filho dele e o perder. O que era mais uma vez? Deixe que ele prove para si mesmo, se puder.

Porque, depois dessa, não haveria outra.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Joshua *não* deixaria que ela desistisse deles. O destino dos dois era ficarem juntos. Gwyn só precisava ter certeza de que ele faria tudo que fosse preciso para impedi-la de sofrer. E ele faria isso.

Ou esperava fazer. Porque só de abraçá-la, de tocá-la de novo, estava se tornando aquela fera incontrolável que ele tentava domar. A fera que a desejava mais do que a própria vida.

Aparentemente, ela também estava incontrolável, pois pegou a mão dele e a pressionou contra um de seus seios, incitando-o a acariciá-lo.

Ele parou de beijá-la para sussurrar:

– Calma, querida. Temos todo o tempo do mundo.

– Você não acha que alguém vai vir atrás de nós? Porque minha aia já deve estar se perguntando onde eu estou.

– Nesse caso...

Ele levantou a saia dela e ficou sem fôlego quando ela ergueu os quadris para que pudesse levantá-la até a cintura. Só de vê-la com aquelas meias de seda, aquela pele acetinada, Joshua ficou mais duro que pedra.

Ele precisava ver os lindos seios dela, com mamilos da cor de pêssego maduro. Ansiava por se deliciar com eles, que ficariam entumecidos no minuto em que os colocasse na boca. E, graças ao ousado vestido de noite dela, que já deixava metade dos seios à mostra, foi fácil conseguir o que queria.

– Isso... – sussurrou ela enquanto ele desnudava seus seios.

Gwyn estremeceu quando ele se inclinou para lamber um mamilo.

– Ah, Joshua, isso... Hoje não, mas um dia eu juro que vou ver suas duas

pernas nuas.

– Não, hoje não.

Ele colocou um seio de cada vez na boca, já prestes a explodir de desejo por ela. Conforme os mamilos dela ficavam rijos, ele sentia sua própria rigidez aumentar.

– Gwyn – sussurrou ele, com a voz rouca. – Você me faz perder o controle, juro.

– Não parece – disse ela, abrindo as pernas e apertando os braços dele para trazê-lo para mais perto. – Você está bem controlado...

Ele caiu na gargalhada.

– E você, querida, é uma moça bem provocante.

Uma moça com quem ele poderia passar o resto da vida.

Puxando os quadris dela até a beirada da mesa, ele encontrou a pérola entre os lábios inferiores dela e roçou em sua carne, determinado a mostrar sua capacidade de conter as próprias necessidades para excitá-la, por mais rijo que estivesse ou por mais que desejasse fazer amor com ela.

– Veja só! – exclamou ela. – Quem está provocando agora?

As palavras fizeram crescer ainda mais sua ânsia por possuí-la. Passou a língua mais uma vez pelo mamilo dela, então se endireitou. O prazer era simplesmente absurdo. Ele precisava entrar nela. Não podia esperar.

– Venha, meu amor – implorou ela, puxando os braços dele. – *Por favor*.

O fato de ela desejá-lo tanto quanto ele quase fez com que Joshua gozasse ali mesmo. Mas isso não provaria o ponto que ele desejava.

Que era qual, mesmo? Ah, que ele podia tomar medidas para evitar que ela ficasse grávida. Ele podia fazer isso. *Podia*. Se isso fosse o que precisava fazer para que Gwyn fosse sua esposa, ele abriria mão de qualquer coisa.

Ele a penetrou devagar, ficando ainda mais rijo ao sentir seu interior apertado, quente e aveludado.

– Não estou machucando você, estou?

– Não. Ah... é tão... tão...

– Maravilhoso? – perguntou ele, rouco. – Porque para mim é.

– Eu ia... dizer... fantástico, mas... maravilhoso também está bom.

– Graças a Deus.

Ele a estava levando ao limite, seu corpo tenso por tentar não gozar logo. Queria senti-la estremecer primeiro, pulsando e se contraindo ao redor de seu membro ao chegar ao êxtase. Só então ele pretendia tirá-lo.

Buscando mais uma vez sua pérola com o dedos, ele a pressionou e ficou encantado com a resposta dela. Ela era dele... Se tivesse que passar o resto de seus dias sem filhos, passaria. Porque a queria como sua esposa.

Como seu amor.

Ela se mexeu e ele quase perdeu a cabeça.

– Querida – murmurou ao estocar cada vez mais fundo. – Minha querida... meu amor...

– Meu *amor* – repetiu ela, os olhos verdes duas piscinas de prazer.

As palavras atingiram o coração dele, fazendo com que chegasse ao limite. Ele a amava. Muito. E faria qualquer coisa por ela.

E havia chegado a sua chance de provar isso. Ele a colocou em uma posição em que cada estocada sua atingia o ponto de prazer dela. E assim ele a levou ao clímax. Podia ver nos olhos dela, podia sentir no membro que estava dentro dela.

E quando ela gritou "Ah . . . meu *Deus... Joshua*!", no auge do prazer, foi o que bastou para ele não aguentar mais. Rapidamente ele tirou o membro lá de dentro, o que quase o matou, e derramou sua semente nas coxas dela.

– O que você está fazendo? – perguntou ela, rouca.

Ele a segurou com força enquanto gozava. Meu Deus, como a amava. Amava o prazer sem pudores que ela sentia ao fazer amor, o senso de humor dela, a lealdade àqueles que amava. Ele podia fazer isso. Precisava fazer. Porque perdê-la por causa da incapacidade dela de ter filhos era intolerável.

Beijando a cabeça dela, a testa, a têmpora, Joshua esperou até que ambos parassem de tremer. Agora, Gwyn era dele. Ele se certificaria disso.

– Joshua. – Ela o fitou. – Por que você...?

– Para provar a você que estou disposto a evitar que fique grávida. O que eu acabei de fazer é a parte que está sob meu controle.

Ela ficou boquiaberta.

– Mas você não...

– Ah, pode confiar em mim. Eu cheguei lá. Só não dentro de você.

Ela engoliu seco.

– E isso não o deixa frustrado?

– Um pouco – disse ele, beijando a ponta do lindo nariz dela. – Mas vale a pena para ter você. Gwyn, eu amo você. Quero que seja minha esposa. E se o que fiz for necessário para tal, é o que continuarei fazendo.

– Você está falando sério?

– Estou. Não posso viver sem você, querida.

Lágrimas escorreram pelo rosto dela.

– Essa é coisa mais linda que um homem já me disse, que já *fez* por mim.

– Então você aceita se casar comigo?

– Sim – sussurrou ela e o beijou intensamente. – Sim.

– Que bom – disse ele. – Porque acho que escutei alguém no saguão, então provavelmente está na hora de nos vestirmos.

– Joshua! Por que você não disse?!

– E estragar nosso momento especial? De jeito nenhum.

Ele a soltou para ir até o sofá para colocar as meias. Depois que prendeu as ligas, vestiu e abotoou a cueca, tentou não olhar enquanto ela levantava o corpete do vestido.

Gwyn ainda não dissera que o amava, mas o chamara de amor, e para ele era suficiente por enquanto. Principalmente porque ela aceitara o pedido de casamento.

Ele a observou quando ela estava descendo do aparador e endireitando a saia.

– Nossa, mulher – sussurrou ele. – Você nem parece desarrumada.

– Não pareço, mas por baixo estou totalmente bagunçada...

– Não fale desse jeito... Ainda preciso vestir a calça e as botas.

– Posso ajudar? – perguntou ela, se aproximando timidamente dele.

– Não – disse ele, abotoando a calça. – Só de olhar os seus quadris se mexendo vou ficar excitado de novo.

– Que pena que não podemos fazer nada em relação a isso – disse ela, de forma provocante e um pouco alto demais.

Dessa vez, ele realmente escutou passos no saguão. Percebeu que ela também, pois arregalou os olhos. Apressado, Joshua calçou uma bota,

quando os passos pararam e vieram na direção da porta. Era provavelmente a aia dela, mas não gostava de não estar preparado.

Inferno. Gwyn arfou quando ele tirou a pistola de dentro da outra bota e pôs a arma na parte de trás do cós da calça. Colocando um dedo sobre os lábios, ele fez um gesto para que ela pegasse sua bengala onde ele a deixara, perto do aparador. Gwyn o fez na ponta de pés.

Ela havia acabado de pegar a bengala quando a porta se abriu.

Joshua esquecera que ela destrancara a porta.

Um homem apareceu, com o rosto à meia luz das velas.

– Lionel?

Antes mesmo que Joshua pudesse se levantar, Malet agarrou Gwyn e colocou uma faca contra o pescoço dela.

– Ah, ah, major. Nem tente se aproximar, senão ela morre. Posso cortar um pedaço da orelha dela antes que você consiga dar um desses seus passos de manco.

O coração de Joshua quase parou. Esse momento era a materialização de seu pior pesadelo. Não ousaria pegar a pistola, porque Malet veria. E não tinha outra arma à mão, nada que pudesse usar. Seu olhar pousou em Gwyn, que estava pálida como a morte sob a luz das velas.

Mas ela conseguiu mostrar para ele que ainda segurava a bengala na mão direita, embora estivesse escondida nas dobras da saia. O que, no momento, não servia de consolo. Poderia haver mais adversários, o francês poderia estar acompanhando Malet naquela empreitada. Antes de entrar em ação, Joshua precisava descobrir o que Malet estava disposto a fazer.

– Você sabe muito bem que eu não vou deixar que saia desta casa com ela – disse Joshua, tentando não deixar o medo transparecer na voz. – Não sei nem como você passou pelo lacaio.

– Não precisei. Entrei pela janela da cozinha no andar de baixo e subi. Seu criado estava sonolento quando eu o peguei pela garganta e ameacei matá-lo se não me dissesse onde vocês estavam. Ele disse que estavam na cozinha, mas eu sabia que não estavam.

– É melhor que você não tenha machucado John! – exclamou Gwyn. – Ele não fez nada a você!

– Ele está amarrado e amordaçado em um armário, meu docinho – disse Malet. – Eu não quero machucar ninguém. Contanto que eu consiga o que quero, tudo vai acabar bem.

Por alguma razão, Joshua duvidava disso, mas precisava manter Malet falando, precisava distraí-lo até conseguir pegar a arma. Pelo menos agora sabia que Malet estava sozinho.

Joshua se apoiou no braço do sofá para conseguir se levantar.

– O que você quer, Lionel?

O olhar de Malet se estreitou.

– Onde está a sua bengala?

– Em algum lugar embaixo do sofá – disse Joshua, fazendo menção de se abaixar. – Se você me der um minuto...

– Pare! Não sou tolo para permitir que pegue sua arma favorita.

Joshua se endireitou e deu de ombros.

– Não sei se é minha favorita, mas me ajuda quando preciso.

Malet fez uma cara feia.

– É por isso que não vou deixar que você pegue essa maldita bengala. – Ele escrutinou a sala. – Onde você colocou o dinheiro?

– A carteira ainda está no bolso do meu sobretudo – disse Joshua, apontando para onde colocara seu sobretudo sobre a cadeira. – Fique à vontade para procurar.

Precisava afastar Malet de Gwyn, de alguma forma.

– Acha que sou idiota? No momento em que eu fizer isso você vai me atacar.

Joshua deu de ombros.

– Valeu a tentativa.

– Felizmente, eu sou muito esperto para você – disse ele, assentindo para o sobretudo. – Pegue a carteira e jogue para mim. Pensando bem, me jogue os documentos que eu vendi para o francês também. Aposto que ele me pagará de novo por eles.

– Lionel! – exclamou Gwyn. – Quer dizer que você está... espionando para os franceses?

– Isso não é da sua conta, Gwyn. É assunto meu e do seu herói manco

ali.

Joshua se esforçou para controlar a vontade de reagir. Mas não ousava arriscar a integridade de Gwyn.

– Falando em manco, como vou andar sem a minha bengala?

– Não me importa, só quero meu dinheiro.

– Muito bem.

Joshua foi mancando na direção do seu sobretudo.

– Espere! – gritou Malet. – As suas pistolas também estão no casaco, não estão? Por isso você estava tão afável.

– Lionel, como você pode *pensar* em me machucar? – perguntou Gwyn, começando a bajulá-lo. – Depois de tudo que nós fomos um para o outro.

– Cale a boca, Gwyn! Preciso pensar.

Gwyn lançou um olhar para Joshua e fechou os dedos em volta do punho da bengala. Inferno, ela estava pensando em fazer alguma coisa. Era melhor ele estar pronto.

A faca de Malet vacilou no pescoço dela.

– Preste atenção no que vai fazer, major. Você vai pegar seu sobretudo pela gola e jogá-lo aqui para que caia nos meus pés, entendido?

– Há duas pistolas engatilhadas nos bolsos do meu sobretudo – mentiu Joshua, calmamente. – Aposto que nenhum de nós quer correr o risco de que elas dispararem.

O desgraçado lançou um olhar de pura maldade.

– Basta jogar com cuidado, não?

– Certo – concordou Joshua, com um tom de voz irritado que ele esperava ser convincente, considerando o medo que sentia por Gwyn.

Ele foi mancando na direção na cadeira onde o sobretudo estava jogado, mas se colocou em um ângulo no qual pudesse se apoiar na mesa ao lado da cadeira. Então pegou o sobretudo com a mão esquerda e o jogou para cima.

Com Malet distraído pela ação, Joshua enfiou a mão no cós da calça e puxou sua pistola. Enquanto o casaco caía, Gwyn apertou o botão para soltar a espada da bengala de Joshua e a enfiou na canela de Malet.

O sujeito urrou e afastou a faca de seu pescoço por uma fração de

segundo, apenas o suficiente para ela passar por baixo do braço dele e Joshua atirar.

Fazendo com que Malet caísse.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Gwyn olhou para Lionel caído e percebeu que ele não se movia. Além disso, havia muito sangue no colete dele e no chão. Joshua afastou a faca de Lionel com a ponta da bota, por precaução.

– Você acha que ele está morto? – perguntou ela.

– Provavelmente. Eu mirei para matar.

Joshua enfiou a pistola no cós da calça, por trás, e foi até o aparador. Se segurou ali para que pudesse se abaixar e verificar a pulsação de Lionel.

– Com certeza está morto.

– Graças a Deus – sussurrou ela, ao mesmo tempo que sentia um arrepio na espinha.

Ela e Joshua tinham visto a morte de perto.

Joshua ergueu uma sobrancelha.

– Comentário um tanto sanguinário, não?

– Não acho – disse ela, erguendo o queixo. – Eu estava com tanto medo que ele pegasse uma dessas pistolas e atirasse em você!

– Você sabe como acabar com o orgulho de um homem – comentou ele secamente enquanto a puxava para si.

Foi quando ela percebeu o que acabara de dizer.

– Não, não foi isso que eu quis dizer. Só fiquei com medo de que você estivesse tão preocupado comigo que fizesse algo imprudente.

– Tipo enfiar uma espada na perna de um sujeito que está com uma faca no seu pescoço?

– Sim, suponho que isso *foi* imprudente. Eu deveria ter deixado o

assunto nas suas mãos claramente muito mais habilidosas. Mas eu precisava fazer *alguma* coisa. Não podia deixar Lionel levar o plano dele adiante.

– Quase tive um infarto. Se ele tivesse machucado você...

O som de pessoas descendo a escada correndo trouxe os dois para a realidade. Obviamente, todo mundo na casa tinha escutado o tiro. Ela e Joshua teriam que se explicar.

Ele a guiou para passar pelo corpo de Lionel e a levou para o saguão quando a mãe dela, de camisola, penhoar e touca, deu a volta no balaústre da escada e os viu juntos.

– O que aconteceu? – perguntou Lydia.

Sheridan veio logo atrás, de camisola e chinelos.

– Escutamos um tiro.

Então Heywood apareceu.

– Um tiro de arma de fogo – disse ele, como se fosse necessário explicar. – Alto o suficiente para me acordar no terceiro andar, embora, por um milagre, Cass continue dormindo.

– Sim, foi realmente o disparo de uma de arma de fogo.

Joshua apertou a cintura de Gwyn para que todos ficassem em silêncio.

– Malet conseguiu entrar na casa e tentou sequestrar Gwyn com uma faca. Fui obrigado a atirar nele.

– Graças a Deus você estava aqui! – exclamou Lydia. – Devo mandar chamar um médico para ele?

– Não precisa – esclareceu Gwyn. – O Sr. Malet está morto.

Ela teve medo que ele revelasse alguma coisa sobre seu passado para todo mundo e causasse um escândalo.

Gwyn percebeu que não precisava mais se preocupar. Até aquele instante, não percebera como seu passado com Malet a perseguira por toda a vida. A morte dele tirava um peso das suas costas!

Àquela altura, meia dúzia de criados estavam reunidos atrás da mãe dela e de Sheridan, e começaram a murmurar entre eles.

Imediatamente, Joshua se tornou o major Wolfe e assumiu o comando da situação, apontando para cada criado e dando ordens.

– Você, tire John do armário onde o Sr. Malet o trancou e desamarre-o.

Você, traga um lençol ou qualquer outra coisa para cobrir o corpo do Sr. Malet. E você aí, venha comigo. Quero que leve um recado para Lucius Fitzgerald, subsecretário de Guerra.

Ah, certo. O novo patrão secreto de Joshua.

Sheridan ergueu uma sobrancelha para o tom de voz de Joshua ao dar ordens.

– O que o subsecretário do Gabinete de Guerra tem a ver com Malet?

Droga. O *que* Joshua responderia?

– Malet foi expulso do exército, mas ainda estava usando sua patente como se não tivesse sido – explicou Joshua. – O subsecretário comentou a situação comigo quando eu estive no Gabinete para conversar sobre a minha pensão. Eu disse a Fitzgerald que, se encontrasse o sujeito, avisaria o Gabinete. E, bem, encontrei. Ele tentou sequestrar Gwyn, eu atirei nele, e agora vou avisar o Gabinete de Guerra.

Embora Heywood, que era um oficial da reserva, parecesse um pouco cético, Sheridan pareceu aceitar a versão de Joshua, pois assentiu para que os criados obedecessem às ordens dele.

– Poderíamos mandar uma mensagem a orn também – sugeriu Heywood. – Ele vai querer saber o que está acontecendo, já que isso envolve Gwyn.

– Claro – concordou Joshua. – Fique à vontade para mandar alguém. Tia Lydia – prosseguiu, virando-se para a condessa –, por que não pede que sirvam chá na sala de estar? Imagino que Gwyn também esteja precisando de uma xícara.

– Certamente – respondeu ela, então pegou Gwyn pelo braço e a levou.

Normalmente, Gwyn teria ficado no meio de toda a agitação, mas o dia tinha sido muito longo, e neste momento ela bem que gostaria de uns minutos tranquilos junto da mãe. Ela sabia que, provavelmente, não era a hora nem era o local para conversarem sobre gestações, mas, desde que Beatrice e Joshua plantaram dúvidas em sua cabeça sobre o aborto espontâneo, ela estava ansiosa para falar com a mãe. Só teria de encontrar uma brecha para tocar no assunto. Assim que elas entraram na sala de estar,

com um bule de chá fervendo, e a porta foi fechada, a mãe se sentou ao lado de Gwyn no sofá.

– Você está bem, minha querida? Não deve ser fácil ver um homem morrer bem na sua frente.

Foi bem mais fácil do que teria sido ver Joshua levar um tiro, então ela não conseguia ficar triste por Lionel.

– Eu estou bem, mamãe. Ou vou ficar. Malet provou ser um sujeito desprezível em mais aspectos do que a senhora possa imaginar. Acredite quando digo que Joshua não teve alternativa a não ser atirar nele.

– Não tenho dúvida, meu sobrinho não seria tão imprudente. Mas você tem certeza de que não está machucada?

– Não estou, mamãe – disse ela, dando um tapinha na mão da mãe. – Mas preciso conversar com a senhora sobre um assunto importante.

Lydia ficou pálida.

– Eu juro, Gwyn, não falei uma palavra para Sheridan. Ele devia estar com as mesmas esperanças que eu, pois foi *ele* quem tocou no assunto *comigo*.

– Do que você está falando?

Lydia piscou.

– Ora, o que mais você poderia querer discutir a não ser a possibilidade de você e Joshua se casarem?

– Espere... Sheridan quer que eu me case com Joshua?

– Eu disse a ele para nem tocar no assunto com você, porque a deixaria irritada, mas ele insistiu...

– Isso não tem a ver comigo e com Joshua! – disse Gwyn, e então fez uma pausa por um momento. – Bem, nós *vamos* nos casar, mas...

– Eu *sabia*! – disse Lydia, juntando as mãos. – Estou tão feliz!

– Mamãe! Quero que preste atenção por um momento. Preciso fazer uma pergunta que prometi para uma amiga, e isso está sendo um peso para mim.

A mãe estreitou os olhos, desconfiada.

– Qual amiga?

– Não importa. Prometi não revelar o nome dela.

– Tudo bem – concordou a mãe, com uma voz cansada. – O que é?

– A senhora já perdeu um bebê?

– Como assim? Enquanto o estava levando para passear no parque ou algo parecido?

Gwyn suspirou.

– Não. Quero dizer um aborto espontâneo.

– Ah.

A mãe ponderou por um momento, então fitou Gwyn, preocupada.

– Você e Joshua não...

– Mamãe! – exclamou ela com o máximo de ultraje que conseguiu, sabendo que seria difícil mentir para a mãe.

– Um minuto, um minuto... Bea perdeu um filho de Grey? – perguntou a mãe, com sofrimento na voz.

– Não, mamãe – respondeu Gwyn logo.

– Ah, espero que não sejam Cass e Heywood – comentou a mãe, preocupada.

– Eles só estão casados há um mês – destacou Gwyn. – Ainda não tiveram tempo para isso.

A mãe arqueou uma sobrancelha.

– Não? Eles ficaram noivos no Natal, e já estamos na Páscoa. Além disso, você não acha estranho que ela não tenha despertado com o tiro que acordou a casa toda?

– Não estou falando de ninguém da família, mamãe.

Aquilo levaria a noite toda...

– É apenas uma amiga casada que teve um aborto espontâneo e está muito preocupada com a hipótese de nunca mais conseguir ter filhos. *Por favor*, responda à pergunta, para que eu possa falar com ela.

– Tudo bem. Eu perdi um bebê – disse a condessa, com o olhar distante. – Eu havia acabado de descobrir a gravidez e estava muito animada porque era do seu pai. Dos meus três maridos, ele foi o único que amei, você sabe.

– Eu sei – disse Gwyn, emocionada.

Há muito tempo, orn e Gwyn sabiam que o duque de ornstock tinha sido o amor da vida da mãe deles. O pai de Grey praticamente

comprara Lydia, e o casamento dela com Maurice, que acabou se tornando duque de Armitage, era mais uma amizade.

– Não que meu casamento com o pai de Sheridan e Heywood não tenha sido bom – continuou ela –, mas não era a mesma coisa. De qualquer forma, foi por isso que perder o nosso bebê foi tão difícil para mim.

Como Gwyn nunca soubera sobre o aborto que a mãe sofrera? Só de pensar, ela voltou a ter esperanças.

– A senhora está dizendo que orn e eu poderíamos ter um irmão mais velho? Ou irmã?

Sua mãe assentiu com tristeza.

– Eu e seu pai ficamos devastados quando perdi o bebê. E quando seu pai morreu, antes mesmo de vocês dois terem nascido, eu achei que nunca me recuperaria.

Lydia enxugou uma lágrima, então abriu um sorriso.

– Mas depois que vocês nasceram, quando eu ainda estava de luto pelo seu pai, uma amiga me convenceu de que eu ganhara dois bebês para compensar aquele que eu tinha perdido, e desde então eu penso nisso dessa maneira.

– Bem, essa era uma amiga muito boa, de verdade.

Gwyn acariciou a mão da mãe, pensando em como fazer a pergunta sem levantar suspeitas.

– Então é possível perder um bebê e depois ter outro sem maiores problemas?

– Possível? Isso acontece com mais frequência do que você imagina. Tenho amigas que perderam duas ou três vezes e depois tiveram filhos saudáveis. Nada é certo quando se trata da Mãe Natureza.

– Parece que não – disse Gwyn, tentando controlar a felicidade.

E por tantos anos ela convivera com esse medo. Achando que não poderia conceber. Bem, agora ela ao menos sabia que era possível e isso era o bastante. Neste caso, Gwyn estava disposta a arriscar.

– Então – disse a mãe –, quem é essa sua amiga casada...

A porta se abriu e orn veio correndo para o lado de Gwyn.

– Você está bem? Aquele miserável machucou você?

– Não – respondeu ela, tocada com a preocupação dele. – Estou bem. Joshua o matou.

orn passou os dedos pelo cabelo.

– Não posso acreditar que Malet invadiu a casa. Eu nunca esperaria uma coisa dessas.

– Nem eu – disse Gwyn, então olhou para a mãe e pediu: – Mamãe, você poderia nos deixar a sós por um momento?

– Claro, querida. Conversamos mais tarde.

O olhar que a mãe lançou disse para Gwyn que ela ia querer saber de tudo. E talvez estivesse na hora de Gwyn contar a ela. Talvez também estivesse na hora de contar a verdade a orn.

Assim que a mãe passou pela porta, Gwyn disse:

– Felizmente, Joshua estava preparado para isso e cuidou do assunto de forma brilhante.

– E você pensou que não precisava de um guarda-costas – disse ele, cruzando os braços. – Eu estava certo. Rá!

– Sim, você estava – concordou Gwyn. – Sobre *isso*.

orn olhou para ela desconfiado.

– Do que você está falando?

– Dez anos atrás, quando você pagou Malet para deixar Berlim sem mim, o que o levou a tomar essa decisão? Ele fez alguma coisa que tenha mostrado que isso era necessário?

O olhar dele ficou sombrio quando se jogou no sofá ao lado dela.

– Isso foi há muito tempo, *liebchen*. E você não acha que foi bom eu interferir? Era óbvio que ele era um canalha.

– Sim, ele era. Mas ainda quero que você responda à minha pergunta. O que Lionel fez para alertar você sobre o mau caráter dele? Ou você foi apenas o arrogante de sempre?

orn suspirou.

– Um amigo meu me avisou que Malet havia seduzido a prima dele. Ele arruinou a reputação dela e se recusou a se casar. Diferentemente de você, a moça não tinha dote, então não tinha utilidade para Malet, exceto ir para a

cama com ele. Pelo que fiquei sabendo, foi exatamente esse comportamento que fez com que ele fosse expulso do exército anos depois.

Isso não a surpreendia.

– Por que você não me contou seus motivos? Se tivesse esclarecido tudo que ele tinha feito de errado, talvez eu tivesse ouvido e terminado meu relacionamento com ele. Em vez disso, você supôs que eu era estúpida demais para reconhecer que a sua lógica era razoável.

Puro choque tomou conta do rosto de orn.

– Eu nunca, nem por um momento, achei que você fosse estúpida. Como pode pensar isso?

– Porque você simplesmente agiu sem me consultar. E isso mostra que não me considera tão racional e lógica quanto você.

– Você estava apaixonada, Gwyn. E até eu sei que ninguém é racional e lógico quando está apaixonado. Eu esperava que se comportasse como qualquer outra pessoa na mesma situação – disse ele, soltando o ar em um sinal de frustração. – E o que eu fiz foi tão errado assim? Eu estava tentando proteger você.

Agora era a chance dela. Gwyn podia contar a ele que Lionel a seduzira, que as ações de orn fizeram com que ela passasse meses assustadores com medo de descobrirem a gravidez com que não contara. Que ela passara anos odiando a si mesma por ter permitido que Lionel fizesse aquilo com ela.

Mas tudo isso já havia acontecido quando orn pagou para Lionel, então o resultado teria sido o mesmo. Ou pior. Ela teria sido arruinada e forçada a se casar com Lionel. Poderia ter perdido o bebê de qualquer forma. E Lionel teria tornado a vida dela muito infeliz.

Quanto à chantagem, bem, se não fosse por isso, não teria encontrado Joshua, o verdadeiro amor da sua vida.

Então talvez mamãe estivesse certa, era melhor deixar o passado para trás. Contar a orn como ela sofrera só aumentaria a culpa dele. Não mudaria o passado. Ela sorriu para o irmão gêmeo.

– Seu único erro foi não confiar em mim e não deixar que eu tomasse a minha decisão sobre Malet. Mas você está certo. Eu estava apaixonada. Talvez tivesse ignorado tudo. Então eu perdoo você.

orn a encarou.

– Perdoa? Você realmente me perdoa?

– Perdoo, só queria não ter demorado tanto.

Para sua surpresa, ele a agarrou em um abraço tão forte que quase a deixou sufocada.

– Eu senti sua falta – sussurrou ele no ouvido dela. – Não faz ideia de quanto. Você me entende melhor do que qualquer pessoa.

– Eu também senti sua falta – confessou ela.

Nesse momento, Gwyn percebeu que era verdade. Ela se afastou um pouco do irmão para que pudesse pegar o rosto dele entre suas mãos.

– Mas se você voltar a tentar subornar um pretendente meu, vou esganar você. Estou falando sério.

Ele riu e pegou as mãos dela.

– Duvido que essa situação volte a acontecer. Ou está na dúvida se aceita o pedido do major?

Ela o fitou, pasma.

– Como você sabe disso?

– Acho que esqueci de falar que ele foi me ver mais cedo hoje. Estava furiosíssimo por eu não ter lhe contado sua história com Malet no passado. Usando as palavras do próprio Wolfe: "Eu poderia ter realizado a minha tarefa de uma forma melhor se soubesse dessa informação crucial."

– Isso provavelmente é verdade, mas não explica como você sabia que ele tinha me pedido em casamento.

Ele se levantou do sofá.

– Lembre-se, você disse que me perdoava.

Ela fez uma cara feia ao se levantar também.

– orn, o que você fez?

– Eu perguntei se teria que comprá-lo também.

– Você não fez isso!

O rosto de orn ficou sombrio.

– Por quê? Você acha que ele teria aceitado?

– É claro que não. Só me surpreende que ele não tenha enfiado a sua oferta goela abaixo.

Abrindo um sorriso, orn caminhou até a porta.

– Ele disse que eu poderia tentar, mas não gostaria do resultado. Agora vamos, maninha. Vamos ver o que aconteceu com seu futuro marido.

– Como você sabe que eu aceitei?

– Porque qualquer irmã minha seria capaz de ver que Wolfe é um bom partido.

– Fico feliz por você reconhecer isso.

– Não me entenda mal, ainda assim vou insistir em um acordo bem rígido.

– Pode insistir quanto quiser. Ele já disse que não quer nada do meu dinheiro – disse ela, sorrindo.

Isso fez com que orn parasse.

– Nada?

– Nada – confirmou Joshua, que vinha por trás e deu um susto em orn. – Só se tivermos filhos, aí o dinheiro poderá ser guardado para eles.

Joshua olhou para além de orn, onde Gwyn ainda estava parada, sorrindo.

– Venha, querida. Há alguém que gostaria de conhecê-la.

Quando Gwyn se aproximou, ele disse baixinho:

– Essa provavelmente será a única vez que você terá algum contato com Fitzgerald, a não ser socialmente, então pergunte o que precisa saber.

– Como ele chegou aqui tão rápido? – perguntou ela enquanto se aproximavam da sala dos fundos.

– Eu quis dizer para você perguntar a *ele*, não a mim.

– Eu entendi o que quis dizer. Eu só... quando você disse que tinha um cargo, eu não percebi...

– Que era tão importante? Nem eu. Mas havia um cadáver na sala dos fundos da casa da sua família que era muito proeminente, cujo falecido patriarca era um famoso embaixador antes de se tornar duque.

Havia um cadáver?

Eles chegaram à sala e ela ficou chocada ao perceber que o corpo de Lionel desaparecera. Havia respingos de sangue no papel de parede, mas o sangue do chão e do aparador tinham sido limpos.

– Sr. Fitzgerald – disse Joshua –, permita-me apresentar-lhe a minha noiva, lady Gwyn Drake. Gwyn, este é o Sr. Lucius Fitzgerald, subsecretário do Gabinete de Guerra.

Noiva. Que palavra adorável.

O Sr. Fitzgerald fez uma reverência e pegou a mão que ela ofereceu.

– Meus parabéns ao casal. Já escolheram a data e o local do casamento?

Ela riu.

– Major Wolfe acabou de me pedir em casamento e eu acabei de aceitar, então não. Perdoe por mandarmos chamá-lo tão tarde da noite.

– Estou acostumado – disse ele. – Meu cargo exige que eu esteja disponível a qualquer hora.

Seguindo o conselho de Joshua sobre perguntas, ela disse:

– Isso se aplicará ao meu marido também?

– Infelizmente, sim. Isso é um problema, milady?

– Claro que não. Tenho muito orgulho de que ele sirva ao país.

Gwyn fechou a porta da sala.

– Suponho que o senhor não possa me dizer o que ele vai fazer.

– Não – respondeu Fitzgerald. – Nem ele.

– Entendo. Então não posso dizer que ele trabalha para o Gabinete de Guerra?

– Não. Ele é apenas um oficial condecorado da reserva, neto de um duque e casado com a filha de um duque. Embora, em algumas situações, nenhum desses venha a ser o papel dele.

– Então Joshua será um espião – concluiu ela.

– Eu não disse isso.

Ela ouviu Joshua rindo baixinho ao seu lado.

Quando ela o olhou, ele disse:

– Acho que você encontrou alguém à sua altura para guardar segredos e dar respostas enigmáticas, hein?

– Já encontrei esse alguém faz tempo e estou prestes a me casar com ele – disse Gwyn, e se virou para Fitzgerald. – Então me diga, milorde, esse trabalho é perigoso?

– Não tão perigoso quanto voltar para a guerra, que era a sugestão

anterior do seu noivo.

– Essa resposta não ajuda muito – reclamou ela. – E o que aconteceu com o corpo do Sr. Malet? Preciso explicar à minha família a sua presença aqui.

Ela viu um brilho desconfiado no olhar do Sr. Fitzgerald e percebeu que ele estava gostando disso.

– Diga a eles que o Gabinete de Guerra é responsável pela investigação sobre quaisquer mortes que envolvam oficiais. O que é justamente o caso aqui.

– Eu não tinha me dado conta disso. Então *não* devo dizer a eles que o Sr. Malet vendeu documentos importantes do governo aos franceses e que o senhor veio aqui para pegá-los?

Quando o Sr. Fitzgerald olhou para Joshua, alarmado, ela acrescentou: – O Sr. Malet estava muito tagarela enquanto segurava a faca no meu pescoço.

– Ah – disse o Sr. Fitzgerald. – Agora, lady Gwyn, se não se incomoda, preciso ir. Ainda tenho alguns assuntos para resolver sobre a morte desse indivíduo.

– E a espionagem dele para os franceses.

Joshua se inclinou para sussurrar:

– Você já se fez clara, querida. Não precisa pressionar.

O Sr. Fitzgerald riu.

– Posso ver que vocês dois vão formar um casal formidável. Fico feliz por você estar do nosso lado.

Quando ele saiu, Joshua fechou a porta e ofereceu o braço a ela.

– Acho que você conquistou Fitzgerald. Não que eu esteja surpreso. Onde quer que você vá, os homens ficam apaixonados.

– O senhor sabe exatamente o que dizer a uma mulher, não é mesmo?

– Tive um ótimo professor.

Joshua lhe deu um beijo carinhoso, mas breve.

– Suponho que não podemos nos demorar aqui com a porta fechada, caso contrário a sua família não vai ficar muito feliz. Acho que devemos anunciar o nosso noivado.

– Já está muito tarde, e eu já contei à minha mãe, então aposto que a

notícia já está no *Diário*.

Ele riu.

– E sobre o que mais você conversou com a sua mãe enquanto estávamos nos livrando de um cadáver?

– Eu perguntei a ela sobre abortos espontâneos. Ela contou que teve um antes de engravidar de mim e de orn. Disse que não é raro que isso aconteça e que depois a mulher pode gerar um filho perfeitamente saudável.

Ele examinou o rosto dela.

– Então posso ter esperanças de que talvez você esteja disposta a arriscar ter um filho comigo?

– Depois de temer pela sua vida e pela minha, não tenho mais medo de arriscar. Na verdade, eu estava pensando se eu não poderia lhe ajudar com o seu trabalho.

– Não – respondeu ele com firmeza ao abrir a porta.

– Você poderia me ensinar a atirar, com uma pistola dessa vez, e eu poderia acertar os seus inimigos à distância.

– Meu Deus, não.

– Tudo bem. Eu aceito atirar neles com flechas.

– Nada de tiros, de nenhum tipo. Não para você.

Ela fingiu fazer um beicinho.

– Você é um estraga-prazer, major.

Joshua a fitou com olhos apaixonados.

– Felizmente, minha querida, você traz o prazer de volta. Portanto, formamos um casal perfeito.

Gwyn deu um beijo carinhoso no rosto dele.

– Finalmente algo em que concordamos.

EPÍLOGO

Setembro de 1809

Joshua não conseguia imaginar o que ele e a esposa estavam fazendo do lado de fora da casa de um estranho na cidade. Gwyn dissera que queria mostrar algo, então ele concordara de bom grado, mas precisava confessar que estava um pouco receoso de ser uma competição de tiro com pistola.

Joshua desconfiava que orn a estivesse ensinando a atirar, apesar de suas objeções. E precisava confessar que suas objeções tinham se tornado menos vigorosas quando pensava em como Malet chegara perto de matá-la cinco meses antes. E sempre que ele colocava essas objeções em palavras na frente da família, Beatrice dizia que ele era um hipócrita, porque havia ensinado *ela* a atirar.

Mas o que tinham diante de si parecia uma casa aleatória em Mayfair.

Então ele percebeu.

– Ah, viemos para admirar a arquitetura? Este é outro *daqueles* passeios.

Gwyn colocou as mãos nos quadris.

– Como assim "outro *daqueles* passeios"?

– Você sabe, quando você me leva a algum lugar da cidade para poder admirar a "estrutura" de uma casa, como você diz. Mas confesso que esta é parecida com as outras da região, só um pouco maior.

– Mas você gosta? – perguntou Gwyn, tentando disfarçar.

– Já falamos sobre isso, querida. Você sabe que não consigo diferenciar o caixilho de uma janela de duas abas do de uma aba só. Posso olhar para um navio e, na mesma hora, dizer a velocidade dele, quantas armas carrega e o peso, mas aposto que isso não é útil para você.

– Não muito, mas eu ainda quero saber se você acha esta casa bonita. Genericamente falando.

– É bastante bonita, eu acho. Por quê? O que você está admirando nela?

– Tudo – respondeu ela de forma enigmática.

Ela subiu os degraus da frente e bateu na porta de forma audaciosa.

– Gwyn! – sussurrou ele. – O que você está fazendo?

– Eu conheço o dono – revelou ela, e acenou para que ele a seguisse.

Ele subiu os degraus, segurando a bengala.

– Certo, mas preciso dizer que olhar a arquitetura por dentro para mim é tão tedioso quanto olhar por fora.

Joshua estava no meio da escada quando a porta se abriu e um cavalheiro a convidou para entrar, então esperou que Joshua a seguisse.

– Por aqui, major – disse o homem.

Parecia que estavam sendo esperados. Afinal, de que outra forma o sujeito saberia sua patente? Mas quando Joshua cruzou a soleira viu que não estava entrando na casa de um estranho. O lugar estava vazio: nada de móveis, quadros, vasos. Nada.

– O que você acha? – perguntou Gwyn de novo.

Ele percebeu que o cavalheiro os observava com expectativa.

Basta. Joshua ia esclarecer aquilo agora.

– O senhor poderia nos dar licença? – pediu ele ao cavalheiro.

O homem fez uma reverência e subiu uma escadaria um tanto impressionante.

– Certo, Gwyn. Do que se trata tudo isso?

Ela engoliu em seco.

– Bem, eu sei que você disse que não queria o meu dote, que eu poderia guardá-lo para nossos filhos, e que, se não tivéssemos filhos, eu poderia gastar como quisesse. Mas eu estava pensando que seria uma boa forma de investirmos no futuro deles. E...

– O quê? – perguntou ele.

– Também seria um bom lugar para morarmos.

Ele levou um minuto para compreender o que ela estava tentando lhe dizer.

– Você *comprou* esta casa para nós morarmos?

– Ainda não – respondeu ela. – Deus do céu, eu jamais compraria uma casa sem consultá-lo, não sou tão inconsequente assim. Mas sei que você não está confortável em Armitage House desde que descobriu que um dos criados deu informações a Malet sobre os nossos passeios.

– Eu deveria ter atirado nesse sujeito também – resmungou ele –, principalmente porque foi ele quem deixou Malet entrar pela cozinha na noite em que o maldito quase a matou.

– Que bom que você *não* fez isso, porque aposto que Fitzy não teria aprovado. Nem tirado o corpo de forma tão conveniente.

Joshua a fitou, sério, embora estivesse tentando não rir.

– Um dia você vai chamar o meu patrão de "Fitzy" na frente dele e eu vou perder meu cargo.

– Não seja ridículo – disse ela, acenando com a adorável mão. – Fitzy já aumentou o seu salário "secreto" duas vezes. Você é valioso. Mas... você está mudando de assunto. O que eu...

– O que você quer é comprar esta casa para que tenhamos o nosso lar.

– Bem, sim. Está com um bom preço agora, mas não vai durar para sempre.

– E eu suponho que o seu dote irá pagar pelos móveis, etc.?

Um sorriso de quem está escondendo alguma coisa cruzou os lábios dela.

– Sim. E também irá pagar por umas outras coisinhas, como uma carruagem e criados – disse ela, se aproximando para pegar a mão dele. – Mas se você detestou a casa, é só falar e voltaremos a ser, como você disse, "hóspedes" do seu primo.

– Bem, colocando as coisas nesses termos, como eu posso resistir?

Ela arregalou os olhos.

– Você está falando sério? Jura?

– Quero dizer que vou pensar seriamente no assunto. Mas, primeiro, quero examinar todos os detalhes financeiros, para ver se você não está exagerando os números para conseguir o que quer.

– Eu? Exagerando os números? Nunca!

– Ah, é claro, que ideia a minha...

Joshua balançou a cabeça, arrependido, sabendo que não iria ganhar aquela discussão.

– E eu também quero ver a casa toda, de cima a baixo, antes de pensarmos em fazer uma oferta.

– Claro! É por isso que estamos aqui, afinal!

Pelas duas horas seguintes, ela o levou para conhecer tudo, mostrando cada cômodo e a impressionante cozinha, com seu novo fogão, e o jardim nos fundos. O único lugar que não viram foi a área de serviço, pois Gwyn disse que eram sempre iguais.

Joshua fez perguntas ao cavalheiro que ele inicialmente julgara ser o dono da casa, mas que, na verdade, era corretor de imóveis. Então ele fez várias perguntas a Gwyn para entender por que *ela* gostava do lugar.

Quando acabaram a visita, ela perguntou, ansiosa:

– O que você acha?

– Acho que esta casa combina perfeitamente conosco.

Ela deu um gritinho e se atirou sobre ele, então cobriu o rosto dele de beijos.

– Eu esperava que você dissesse isso.

Ela acenou para o corretor e ele desapareceu no saguão.

Joshua estava pensando em beijá-la mais intensamente quando a família inteira apareceu atrás dela.

– Meu Deus, o que vocês estão fazendo aqui? – perguntou ele.

– Duas horas – disse a mãe de Gwyn enquanto endireitava as mangas do vestido. – Passamos duas *horas* na área de serviço. Quanto tempo *leva* para uma pessoa decidir onde quer morar?

– Devo dizer – comentou Beatrice – que concordo com tia Lydia. Estava cheio de aranhas lá, e eu odeio aranhas.

– Havia *uma* aranha e eu a matei – afirmou Greycourt. – Eu não imaginava que uma mulher corajosa como você tivesse medo de uma simples aranha.

– Pelo menos, vocês tinham um lugar para se sentar – reclamou

ornstock, ao passar a mão na calça para tirar o pó. – Duas horas é muito tempo para ficar encostado em uma parede.

– Você estava tomando champanhe, orn – disse Sheridan. – Não sei por que foi tão ruim para vocês. Eu gostei bastante da bebida.

Gwyn fez uma cara feia.

– O champanhe era para nós comemorarmos!

– Você tinha tanta certeza assim que eu iria concordar? – perguntou Joshua, achando engraçado quando a esposa corou.

– É claro que não – respondeu ela. – Mas eu queria estar preparada caso você concordasse.

ornstock se aproximou e deu um tapinha nas costas de Joshua.

– Fale comigo quando quiser dar uma olhada na parte financeira. Como eu disse a Gwyn, vocês podem alugar ou comprar. Não me importo, contanto que decidam logo. Há duas pessoas na fila para alugar se vocês não quiserem.

– Espere um minuto!

Joshua se virou para olhar para a esposa.

– Esta casa é *dele*?

Ela abriu um sorriso sem graça.

– Eu queria que você visse sem ser influenciado. E eu disse que conhecia o dono.

– Me deixa ver se entendi, maninha – disse Greycourt. – O major Wolfe disse que não queria o seu dote, a não ser que fosse para os seus filhos. Então você está usando o seu dote para comprar a casa como investimento para os seus filhos, e está comprando a casa do seu irmão, que é a pessoa responsável pelo seu dote e que o receberá, ao mesmo tempo.

Gwyn parou para pensar e assentiu.

– É isso mesmo, supondo que a nossa opção seja comprar em vez de alugar.

Quando todos riram, Joshua balançou a cabeça.

– Vocês são todos loucos – resmungou ele. – E é melhor não tentarem se esconder de novo na área de serviço. Se eu bem conheço Gwyn, ela vai querer colocar criados lá.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo dando suas opiniões a Gwyn e parabenizando Joshua. Ele só não sabia por quê, já que não fora ele quem escolhera a casa. Embora precisasse admitir que era ideal. Era fácil sair pelos fundos e chegar às estrebarias sem ser visto, nem mesmo pelos criados. Tinha quartos suficientes para criarem uma família, mas não era grande a ponto de ser difícil de manter.

– A propósito, Wolfe – disse orn –, você conseguiu descobrir se foi Malet quem pagou aquele estranho em Cambridge para desaparafusar o assento da carruagem?

– Ele disse que não foi ele – respondeu Joshua.

– E acho que ele disse a verdade – comentou Gwyn. – Ele realmente pareceu não entender a acusação de Joshua.

 ornstock e Sheridan trocaram olhares com Greycourt. Joshua se aproximou de Beatrice e sussurrou em seu ouvido.

Assentindo, ela foi até Lydia.

– Preciso lhe mostrar o jardim, tia. Acho que a senhora ainda não viu.

– Verdade! – respondeu ela. – Seria adorável. Obrigada, Bea.

Depois que as duas desapareceram, ornstock olhou para Gwyn, mas antes que ele pudesse dizer alguma coisa ela falou: – Você não vai me dispensar junto com as outras damas. Eu estava *lá* quando o sujeito adulterou a carruagem. Estou tão preocupada quanto vocês.

– Certo – concordou o irmão, e se virou para os outros. – O negócio é o seguinte: estamos considerando a hipótese de que todos os nossos pais foram assassinados, e isso tem algo a ver com a nossa mãe. Mas se alguém tentou matá-la, a mim e Gwyn, sem falar em Joshua, isso muda um pouco o cenário.

– Ou o bandido não se importa com quem ele machucaria – opinou Joshua. – Então ainda pode estar relacionado com minha tia. A pergunta que devem se fazer é: quem teria ela ou a família toda como alvo de sua fúria?

– Wolfe está certo – concordou Greycourt. – E não só esta família como também a família de Wolfe e Beatrice. Quem quer que seja o assassino, essa pessoa armou para culpar Wolfe pelo assassinato de Maurice.

– Ah, mas isso pode ter sido apenas para desviar a atenção dele – concluiu Joshua.

– Ou dela – acrescentou Gwyn.

Quando todos os irmãos lançaram um olhar cético, ela disse:

– O que foi? Mulheres também podem ser criminosas.

– Ela tem razão – concordou Joshua. – E não podemos descartar a possibilidade de ter sido algum ladrão de beira de estrada querendo nos assaltar quando a carruagem quebrasse.

Os outros pareciam tão céticos quanto ele. Então perceberam que a mãe de Gwyn e Beatrice estavam voltando.

– Vou investigar em Londres – disse Joshua –, ver o que consigo descobrir depois que vocês voltarem para o campo. Depois conto o que eu descobri.

ornstock estendeu a mão para Joshua, que a apertou.

– Parece bom. Obrigado.

Nesse momento, a mãe deles já tinha voltado.

– Estou tão feliz de ver vocês dois ficando amigos. Tenho certeza de que esta casa vai aproximá-los ainda mais.

Joshua certamente esperava que sim. ornstock provara não ser o que parecia, e Joshua achava isso muito bom. Além disso, Gwyn amava o irmão; Joshua devia pelo menos tentar *gostar* dele.

Um por um, os outros disseram que estavam prontos para irem embora. Beatrice parou para dar um beijo no rosto de Joshua e enfiou alguma coisa no bolso do sobretudo dele.

Assim que todos foram embora, Gwyn se aproximou de Joshua e deu o braço a ele.

– Venha comigo, quero lhe mostrar uma coisa lá em cima.

Eles subiram a escada juntos, os dois lances, e quando chegaram ao topo ela seguiu para a porta mais próxima.

– Eu já vi a área infantil, querida.

– Eu sei, mas eu não queria falar na presença do corretor.

– Ah.

Ele entrou com ela no cômodo que tinha um outro cômodo anexo.

Podia ser uma sala de estudos ou o quarto da governanta.

Ela colocou as duas mãos na barriga.

– Talvez você não tenha percebido, mas eu...

– Você está esperando o nosso filho.

Ela olhou para ele, surpresa.

– Você *percebeu*.

– Claro que sim. Você acha que não notei os seus seios maiores ou o enjoo no café da manhã? Eu sou um homem atento, meu amor. A tudo, em particular a tudo que envolva *você*.

Isso trouxe um sorriso aos lábios dela.

– Por que você não disse nada?

– Sinceramente? Eu não sabia o que dizer. Estava dando tempo para você contar. Não sabia como estava se sentindo em relação a isso.

– Eufórica, na verdade. Fui a uma parteira recomendada por lady Hornsby. Ela me examinou e disse que não vê nenhuma razão para que eu não tenha um bebê perfeitamente normal. E ela também disse que ter perdido um bebê não significa necessariamente que não poderei ter outro.

– Ela disse com quanto tempo você está?

– Ela acha que estou com cerca de cinco meses. Parece que a primeira vez costuma ser certeira para mim...

O coração dele deu um pulo.

– Por que você não me contou?

– Primeiro porque eu queria ter certeza. Depois porque precisava vê-la. Eu já havia falado com orn sobre comprar ou alugar esta casa, então esperei até ter certeza do que iria acontecer. Eu queria fazer uma surpresa a você.

Então Gwyn segurou o rosto dele com as duas mãos.

– Parece que cheguei atrasada desta vez.

– Ficou maluca? Você me surpreende todos os dias. Foi uma surpresa quando me escolheu como seu guarda-costas, foi uma surpresa quando correspondeu ao meu primeiro beijo, e foi uma surpresa enorme quando aceitou se casar comigo. Eu é que deveria estar tentando surpreender você.

Ele pegou a rosa que Beatrice arrancara do jardim para ele e ofereceu a

ela.

– Quando estávamos conhecendo a casa, percebi que todos os botões de rosa lá fora estavam abertos... exceto um. É uma rosa de setembro. Como você, ela é resiliente e suporta a estação até desabrochar, triunfante, no final.

– Ora, Joshua – disse ela em um tom de voz suave –, eu acho que você está ficando muito bom em fazer declarações poéticas. É uma descrição perfeita de mim.

Gwyn enfiou a rosa na fita de seu chapéu, então o puxou para mais perto.

– Mas também é uma ótima descrição de *você*. Portanto eu acho que, enquanto estivermos entrelaçados, floresceremos juntos para sempre.

Joshua a beijou. Um beijo exigente, longo e intenso. Ele estava certo desde o início: ela definitivamente escolhera seu homem em Londres. E ela *o* escolhera, graças a Deus.

Ele não era mais um homem solteiro.

SOBRE A AUTORA

Nascida na Carolina do Norte, a premiada escritora Sabrina Jeffries tem mais de 50 romances e contos publicados, e vários de seus títulos chegaram à lista de mais vendidos do *e New York Times*.

Com mais de 9 milhões de livros vendidos em mais de 20 idiomas e um ph.D. em Literatura Inglesa, Sabrina nunca se arrependeu de ter trocado uma carreira promissora na área acadêmica pelo prazer de escrever suas histórias divertidas e espera que um dia um romance seu consiga salvar o mundo. Ela sem pre sonha grande.

CONHEÇA OS LIVROS DE SABRINA JEFFRIES

DINASTIA DOS DUQUES Projeto duquesa Um par perfeito (e-book) O duque solteiro

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site e siga as nossas redes sociais. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br